

P *uros*



JULIANNA BAGGOTT

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

intrinseca

Puros



JULIANNA BAGGOTT

Para Phoebe, que fez um pássaro de arame.

Prólogo

Um zunido permanecia no ar mais ou menos uma semana após as Explosões; era difícil precisar o tempo. O céu estava carregado com massas de nuvens escuras, e o ar, turvo com cinza e poeira. Nunca soubemos se foi um avião ou outro tipo de aeronave, pois o céu estava muito fechado. Mas talvez eu tenha visto uma superfície metálica, o brilho opaco da parte de baixo de um casco mergulhando por um instante e desaparecendo em seguida. Também ainda não conseguíamos ver o Domo. Agora resplandecente na colina, ele era apenas um vislumbre fraco ao longe. Parecia pairar sobre a Terra, esférico, pendendo iluminado, solto.

O zunido foi algum tipo de missão aérea, e ficamos imaginando se mais bombas viriam. Mas por quê? Tudo havia desaparecido, fora aniquilado ou consumido pelo fogo; a chuva negra formou poças escuras. Alguns beberam a água e morreram. Nossas cicatrizes estavam recentes, nossas feridas e deformidades, em carne viva. Os sobreviventes mancavam e se arrastavam, numa procissão fúnebre, na esperança de encontrar um lugar que tivesse sido poupado. Nós desistimos. Fomos negligentes. Não buscamos abrigo. Talvez alguns estivessem torcendo para que aquilo fosse algum tipo de iniciativa de socorro. Talvez eu também.

Aqueles que ainda conseguiam, se ergueram nos escombros. Eu não consegui — havia perdido parte da perna direita, do joelho para baixo, a mão estava cheia de bolhas por usar um cano como bengala. Você, Pressia, tinha apenas sete anos, era pequena para a idade, e ainda sentia as dores da ferida aberta no pulso e das queimaduras que marcavam seu rosto. Mas você foi rápida. Subiu nos escombros para chegar mais perto do som, atraída por sua imponência e por vir do céu.

Foi aí que o ar tomou forma, uma nuvem de movimento inconstante e agitado... um céu de asas peculiares, sem corpo.

Tiras de papel.

Elas tocaram a terra, assentando ao seu redor como gigantes flocos de neve, do tipo que as crianças faziam com papel dobrado e colavam nas janelas das salas de aula, mas já enegrecidas pela cinza e pelo vento.

Você pegou uma tira, assim como as outras pessoas que conseguiram, até que todas se esgotaram. Você me entregou o papel e eu li em voz alta.

***Sabemos que vocês estão aqui,
nossos irmãos e irmãs.
Um dia sairemos do Domo
e nos juntaremos a vocês em paz.
Por enquanto, observamos de longe,
com benevolência.***



Como Deus, sussurrei, eles estão nos observando como o olho benevolente de Deus. Eu não era a única pessoa que pensava isso. Alguns ficaram admirados.

Outros, enfurecidos. Nós todos ainda estávamos atordoados, confusos. Será que pediriam a alguns de nós que entrassem pelos portões do Domo? Será que nos aceitariam?

Anos se passariam. Eles nos esqueceriam.

Mas, a princípio, as tiras de papel tornaram-se preciosas — uma unidade monetária. Não durou. O sofrimento era muito grande.

Depois que li o papel, dobrei-o e disse:

— Vou guardar isto para você, está bem?

Não sei se você me entendeu. Ainda estava distante e muda, tão inexpressiva e de olhos tão arregalados quanto sua boneca. Em vez de assentir com a própria cabeça, balançou a dela — agora, parte de você para sempre. Quando os olhos dela piscavam, você piscava.

Foi assim por muito tempo.

PRESSIA

Armários

Pressia está deitada dentro do armário. É onde ela dormirá quando completar dezesseis anos, dali a duas semanas — a pressão firme do compensado escurecido apertando seus ombros, o ar abafado, as partículas suspensas de cinzas.

Ela terá que ser boa para sobreviver a isso... Ser boa e silenciosa, e, enquanto a OBR patrulha as ruas à noite, ficar escondida.

Ela abre o armário com o cotovelo e lá está o avô, acomodado na cadeira perto da porta que dá para o beco. A ventoinha alojada no pescoço dele zune baixinho; as pequenas pás de plástico giram para um lado quando ele inspira e para o outro quando expira. Pressia está tão acostumada com a ventoinha que passa meses sem notá-la, mas aí chega um momento como este, em que ela se sente desligada da vida e tudo a surpreende.

— E, então, acha que consegue dormir aí dentro? — pergunta ele. — Você gostou?

Ela odeia o armário, mas não quer magoá-lo.

— Pareço um pente em uma caixa — diz.

Eles moram em um depósito nos fundos de uma barbearia incendiada. É um cômodo pequeno com uma mesa, duas cadeiras, dois catres velhos no chão — um onde agora dorme o avô e outro onde ela costumava dormir — e uma gaiola feita à mão pendendo de um gancho no teto. Eles entram e saem pela porta dos fundos do depósito, que dá para um beco. No Antes, o armário guardava os suprimentos da barbearia — caixas de pentes pretos, vidros de loção

azul pós-barba, frascos de creme de barbear, toalhas de mão cuidadosamente dobradas, aventais brancos de pendurar no pescoço. Pressia tem certeza de que sonhará que é uma loção azul pós-barba presa em um vidro.

O avô começa a tossir; a ventoinha gira loucamente. Seu rosto fica com um tom roxo-avermelhado. Pressia sai do armário, corre até o avô e lhe dá um tapa nas costas, nas costelas. Por causa da tosse, as pessoas pararam de procurar os serviços dele — ele era agente funerário no Antes, e depois ficou conhecido como alfaiate de corpos, aplicando nos vivos sua perícia com os mortos. Ela costumava ajudá-lo a limpar os ferimentos com álcool, arrumar os instrumentos e, às vezes, segurar uma criança que estivesse esperneando. Agora as pessoas acham que ele está contaminado.

— Você está bem? — pergunta Pressia.

Devagar, ele recobra o fôlego. Faz um gesto positivo com a cabeça.

— Sim. — Ele pega seu tijolo do chão e o apoia no cotoco da perna, bem acima do emaranhado de arames cauterizados. O tijolo é sua única proteção contra a OBR. — Esse armário de dormir é o melhor que temos — diz o avô. — Você só precisa de tempo para se acostumar.

Pressia sabe que deveria ser mais agradecida. Ele construiu o esconderijo havia alguns meses. Os armários se estendem ao longo da parede dos fundos, que eles compartilham com a barbearia propriamente dita. A maior parte do que sobrou da loja destruída está a céu aberto, falta um pedaço grande do teto, que foi arrancado. O avô tirou as gavetas e prateleiras dos armários. No fundo deles, colocou um painel falso que serve de alçapão, levando à barbearia, um painel que Pressia pode abrir se precisar fugir. E depois, para onde ela iria? Seu avô lhe mostrou um antigo tubo de irrigação no qual ela pode se esconder enquanto a OBR vasculha o depósito, encontra um armário vazio e ouve dele que a menina foi embora semanas antes, provavelmente para sempre, e talvez já esteja morta. Ele tenta se convencer de que acreditarão em sua palavra, que ela poderá voltar e que a OBR os deixará em paz depois disso. Mas, é claro, ambos sabem que isso é improvável.

Ela conhecia algumas crianças mais velhas que fugiram — um menino sem maxilar, outros dois que disseram que se casariam bem longe dali, e um garoto chamado Gorse e sua irmã mais nova, Fandra, que era uma boa amiga de Pressia antes de os dois irem embora, alguns anos atrás. Dizem que há uma rede subterrânea que leva garotos da cidade até depois da Terra Derretida e da Terra Morta, onde pode haver outro sobreviventes — civilizações inteiras. Quem sabe?

Mas são apenas boatos, mentiras bem-intencionadas com o intuito de consolar.

Aqueles garotos desapareceram. Nunca mais foram vistos.

— Acho que terei tempo para me acostumar, todo o tempo do mundo, começando daqui a duas semanas — diz ela.

Assim que completar dezesseis anos, Pressia ficará confinada no depósito e dormirá no armário. O avô a obrigou a prometer diversas vezes que não ficaria vagando por aí. É perigoso demais sair, diz ele. Meu coração não aguentará.

Pressia e o avô conhecem os boatos a respeito do que acontece com as pessoas que não se entregam na sede da OBR quando completam dezesseis anos.

Eles vão buscá-las na cama, no meio do sono. Eles vão buscá-las se estiverem andando sozinhas entre os escombros. Eles vão buscá-las não importa quem for subornado ou quanto for pago — não que o avô de Pressia pudesse pagar alguma coisa a alguém.

Se a pessoa não se entregar, eles vão buscá-la. Isso não é apenas um boato.

É a verdade. Dizem que eles levam a pessoa para a periferia, onde ela é desensinada a ler — se tiver aprendido, como Pressia. Seu avô lhe ensinou as letras e lhe mostrou a Mensagem: Sabemos que vocês estão aqui, nossos irmãos e irmãs... (Ninguém mais fala da Mensagem. O avô a escondeu em algum lugar.) Há boatos de que eles, então, ensinam a pessoa a matar usando alvos vivos. E há boatos de que a pessoa aprende ou, se for muito deformada por causa das Explosões, é usada como alvo vivo, e esse será seu fim.

O que acontece com os jovens no Domo quando completam dezesseis anos?

Pressia imagina que seja como no Antes — bolo, presentes embrulhados com papel colorido e piñatas em formato de animais, recheadas de doces, penduradas e arrebitadas por bastões.

— Posso correr até o mercado? Estamos quase sem raízes.

Pressia é boa em cozinhar certos tipos de raiz; é praticamente tudo o que eles comem. E ela quer sair para pegar um ar livre.

O avô olha para ela, ansioso.

— Meu nome ainda nem está na lista publicada — ela diz.

A lista oficial daqueles que devem se entregar à OBR é publicada em toda a cidade: nomes e datas de nascimento em duas colunas bem claras, informações reunidas pela OBR. O grupo surgiu pouco após as Explosões, quando se chamava Operação Busca e Resgate, organizando unidades de atendimento médico que acabaram dando errado, fazendo listas dos sobreviventes e dos mortos, e depois formando uma pequena milícia para manter a ordem. Mas aqueles líderes foram derrubados. A OBR tornou-se Operação Bendita Revolução; os novos líderes governam pelo medo e pretendem derrubar o Domo um dia.

Agora a OBR determina que todos os recém-nascidos sejam registrados, ou os pais serão punidos. A OBR também faz incursões domiciliares aleatórias. As pessoas se mudam com tanta frequência que eles nunca foram capazes de rastrear as famílias. De qualquer modo, não existem mais endereços — o que sobrou está destruído, acabado, os nomes das ruas desapareceram. Como ainda não está na lista, a situação ainda não parece muito real para Pressia. Ela espera que seu nome nunca apareça. Talvez tenham esquecido que ela existe, tenham perdido uma pilha de arquivos e o dela estivesse no meio.

— Além disso — diz ela —, temos que nos abastecer.

Pressia precisa garantir o máximo possível de comida antes que o avô assuma as idas ao mercado. Ela barganha melhor, sempre foi assim. E fica preocupada com o que acontecerá assim que ele for o responsável.

— Certo, está bem — diz ele. — Kepperness ainda nos deve pelos pontos que dei no pescoço do filho dele.

— Kepperness — repete ela.

Kepperness já pagou faz tempo. O avô, às vezes, só se lembra do que quer.

Ela vai até o peitoril da janela quebrada, onde há uma fileira de pequenas criaturas que Pressia fez com pedaços de metal, moedas antigas, botões, dobradiças e engrenagens que junta — seus pequenos brinquedos de corda: pintinhos que pulam, lagartas que correm, uma tartaruga que abre e fecha a boca. Seu favorito é a borboleta. Pressia já fez meia dúzia delas. O esqueleto é feito com dentes de pentes de barbeiro, pretos e velhos, e as asas são pedaços de avental branco. As borboletas batem as asas quando se dá corda, mas Pressia nunca conseguiu fazê-las voar.

Ela pega uma das borboletas e dá corda. As asas estremecem, levantando cinzas, que rodopiam. Cinzas rodopiantes — não é tão ruim. Na verdade, pode ser bonita, a espiral iluminada. Ela não quer ver beleza nisso, mas vê. Encontra pequenos momentos de beleza em todo lugar — mesmo na feiura. O peso das nuvens estendidas pelo céu, às vezes manchadas de azul-escuro. E o orvalho, que forma gotas nos pedaços de vidro escuro.

O avô de Pressia está olhando pela porta que dá para o beco, então ela enfia a borboleta no saco. Ela as tem usado nas barganhas desde que as pessoas deixaram de recorrer ao avô para levar pontos.

— Sabe, é uma sorte termos este lugar, e agora uma rota de fuga — diz ele. — Demos sorte desde o início. Foi sorte eu ter ido cedo para o aeroporto pegar você e sua mãe na Entrega de Bagagem. E se eu não tivesse ouvido falar que havia trânsito? E se eu não tivesse saído cedo? E sua mãe, ela era tão bonita — lembra ele —, tão jovem...

— Eu sei, eu sei — diz Pressia, tentando não parecer impaciente, mas essa história é antiga. Ele está falando do dia das Explosões, há pouco mais de nove anos, quando ela tinha seis anos. O pai de Pressia estava fora da cidade a trabalho.

Era contador, tinha cabelos claros e os pés tortos, como seu avô gostava de contar, mas era um bom quarterback. Futebol americano: era um esporte organizado, praticado em um campo gramado, com

capacetes afivelados e árbitros que sopravam apitos e jogavam lenços coloridos.

— Mas o que adianta, afinal, meu pai ter sido um quarterback de pés tortos se eu não me lembro dele? De que vale uma mãe bonita se não dá para ver o rosto dela na nossa cabeça?

— Não diga isso — corrige ele. — É claro que você lembra!

Ela não consegue diferenciar suas lembranças das histórias que o avô lhe contou. Entrega de Bagagem, por exemplo. O avô já explicou várias vezes — malas com rodinhas, uma grande esteira rolante, guardas circulando como cães pastores adestrados. Mas seria isso uma lembrança? Sua mãe foi atingida em cheio por uma janela de vidro e morreu na hora, contara o avô. Será que Pressia realmente se lembrava disso ou apenas imaginava? A mãe era japonesa, o que explica Pressia ter cabelos pretos e brilhosos, olhos amendoados e a pele lisa, exceto pela queimadura rosada em forma de meia-lua em volta do olho esquerdo. Ela é ligeiramente sardenta por conta do lado paterno da família. Seu avô se diz meio escocês, meio irlandês, mas nada disso significa muito para ela. Japonês, escocês, irlandês? A cidade aonde o pai dela fora a trabalho — o resto do mundo, até onde todos sabiam — fora dizimada, destruída. Japonês, escocês, irlandês — nada disso existia mais.

— BWI — diz o avô, com ênfase. — Esse era o nome do aeroporto. E nós conseguimos sair de lá, seguindo os que ainda estavam vivos. Saímos cambaleando, à procura de um lugar seguro. Paramos nesta cidade, praticamente arruinada, mas que ainda existe por ser perto do Domo. Nós moramos um pouco a oeste de Baltimore, ao norte de DC.

Mais uma vez, essas coisas não significam nada. BWI, DC... não passam de letras.

Não há como ela conhecer os pais, é isso o que mata Pressia, e se é impossível conhecê-los, como pode conhecer a si mesma? Pressia, às vezes, se sente isolada do mundo, como se estivesse flutuando — uma pequena partícula de cinza incandescente rodopiante.

— O Mickey — diz o avô. — Não se lembra dele? — Parece que é isso que mais o intriga, que ela não se lembre do Mickey, da viagem

para a Disney da qual estavam voltando. — Ele tinha orelhas grandes e usava luvas brancas.

Ela vai até a gaiola de Frido, feita de velhos raios de bicicleta, com uma chapa fina servindo de piso e uma portinha de metal que sobe e desce. Lá dentro, no poleiro, está o bichinho, uma cigarra de asas mecânicas. Pressia passa o dedo por entre as grades finas e acaricia as delicadas asas. Ele está com a menina e o avô desde sempre. Velho e enferrujado, suas asas, às vezes, ainda se agitam. É o único bicho de estimação de Pressia, que o chamou de Frido quando era pequena porque, sempre que o deixavam voar pelo cômodo, ele emitia um ruído esganiçado que soava como “Frido! Frido!”. Ela manteve suas peças funcionando todos esses anos com o óleo que os barbeiros usavam para lubrificar as tesouras.

— Eu me lembro de Frido — diz ela. — Mas não de um rato gigante com uma queda por luvas brancas.

Ela jura que um dia mentirá para o avô sobre isso, nem que seja apenas para encerrar o assunto.

O que ela lembra acerca das Explosões? A luz forte — como o sol em cima do sol em cima do sol. E se lembra de estar segurando a boneca. Não era crescida demais para ter uma boneca? A cabeça da boneca ficava presa ao corpo de tecido bege e a braços e pernas de borracha. As Explosões causaram um clarão no aeroporto que inundou a visão de Pressia antes de o mundo estourar e, em alguns casos, derreter. Houve um emaranhado de vidas, e a cabeça da boneca se transformou na mão dela. E agora, é claro, Pressia conhece a cabeça de boneca porque é parte dela — seus olhos que piscam quando ela se move, as linhas definidas de cílios pretos de plástico, o buraco nos lábios de plástico onde a mamadeira também de plástico deve se encaixar, a cabeça de borracha no lugar do próprio punho.

Pressia passa a mão na cabeça da boneca. Consegue sentir o ondulado dos ossos de seus dedos ali dentro, os pequenos sulcos e as protuberâncias dos nós, a mão que perdeu fundida na borracha do brinquedo. E a própria mão perdida? Ela consegue sentir, fraco e amortecido, o toque da mão boa. É assim que Pressia se sente a respeito do Antes — está lá, ela pode sentir, uma sensação leve nos

nervos, quase nada. Os olhos artificiais se fecham; o buraco nos lábios cerrados está sujo de cinzas, como se a boneca estivesse respirando aquele ar. Pressia tira do bolso uma meia de lã e cobre a cabeça da boneca. Sempre a cobre quando sai.

Se ela se demorar, o avô começará a contar histórias sobre o que aconteceu com os sobreviventes depois das Explosões — brigas sangrentas dentro de hipermercados, gente queimada e deformada lutando por fogareiros e facas de pesca.

— Preciso ir antes que as barracas fechem — diz ela. Antes das patrulhas noturnas.

Ela vai até onde o avô está sentado e dá um beijo em seu rosto áspero.

— Apenas ao mercado. Nada de catar detritos — diz ele, e então abaixa a cabeça e tosse na manga da camisa.

Ela pretende catar detritos. É o que mais gosta de fazer: pegar restos de coisas para construir suas criaturas.

— Pode deixar — diz ela.

Ele ainda está segurando o tijolo, mas para Pressia isso agora parece triste e desesperado, uma confissão de fraqueza. Ele poderia conseguir derrubar o primeiro soldado da OBR com aquilo, mas não o segundo, nem o terceiro. Eles sempre vêm em bando. Ela quer dizer em voz alta o que ambos já sabem: não vai funcionar. Ela pode se esconder naquele cômodo, dormir nos armários. Pode abrir o painel falso sempre que ouvir o barulho de uma caminhonete da OBR no beco dos fundos e correr. Mas não há para onde ir.

— Não demore muito para voltar.

— Não vou demorar. — E, então, para que ele se sinta melhor, ela acrescenta: — Você tem razão sobre nós. Temos sorte.

Mas ela não sente isso de verdade. As pessoas do Domo têm sorte, praticam seus esportes com capacetes, comem bolo, todas conectadas, e nunca se sentem como partículas incandescentes de cinza rodopiante.

— Lembre-se disso, minha menina.

A ventoinha no pescoço gira. Ele estava segurando um pequeno ventilador elétrico de mão no momento das Explosões — aconteceram no verão — e agora leva aquilo para sempre. Às vezes,

ele se esforça para respirar. O mecanismo rotatório fica grudado com as cinzas e a saliva. Isso o matará algum dia, de cinzas acumuladas nos pulmões, a ventoinha travada.

Ela vai até a porta do beco e a abre. Ouve um apito que quase parece vindo de um pássaro; depois, algo escuro e peludo corre até algumas pedras próximas.

Ela vê um dos olhos úmidos a encarando. A criatura rosna, abre asas pesadas e grosseiras e se lança para o alto, na direção do céu cinzento.

Às vezes, Pressia acha que ouve o zumbido do motor de uma aeronave lá em cima. Ela se dá conta de que fica procurando no céu os pedaços de papel que uma vez o preencheram... Ah, o modo como seu avô descreveu, todas aquelas asas! Talvez algum dia haja uma nova Mensagem.

Nada vai durar, pensa Pressia. Tudo está prestes a mudar para sempre. Ela pode sentir.

Ela olha para trás antes de sair para o beco e vê que o avô a observa como costuma fazer às vezes — como se ela já tivesse partido, como se ele estivesse treinando seu luto.

PARTRIDGE

Múmias

Partridge está na aula de história geral do professor Glassings, tentando se concentrar. A ventilação da sala deveria aumentar de acordo com a quantidade de pessoas presentes, e os garotos da academia — esses agitados motores de energia — podem deixar uma sala abafada e quente se não forem mantidos sob controle.

Por sorte, a carteira de Partridge não fica muito longe de um pequeno respiradouro no teto, e é como se ele estivesse sentado em uma coluna de ar frio.

Glassings está falando de culturas antigas. Permanece nesse assunto há exatamente um mês. A parede da frente está coberta com imagens de Bryn Celli Ddu, Newgrange, Dowth e Knowth, o Muro de Durrington e Maeshowe — todos dólmenes neolíticos que datam de mais ou menos 3000 a.C. Os primeiros protótipos de Domo, nas palavras de Glassings.

— Acha que fomos os primeiros a pensar em um Domo?

Já entendi, pensa Partridge, povos antigos, dólmenes, tumbas, blá-blá-blá.

Glassings está na frente da turma. Ele usa seu paletó impecável com o emblema da academia bordado no devido lugar e uma gravata azul-marinho, sempre com o nó muito apertado. Partridge preferia ouvir a opinião de Glassings sobre a história recente, mas isso nunca seria permitido. Eles sabem apenas o que lhes disseram — os Estados Unidos não atacaram primeiro, mas agiram em legítima defesa. As Explosões se intensificaram, levando à destruição

quase total. Devido às precauções experimentais tomadas pelo Domo como protótipo para sustentar a vida no caso de explosões, ataques virais e desastres ambientais, essa área, provavelmente, é o único lugar do mundo com sobreviventes — o Domo e os miseráveis no exterior, atualmente governados por um regime militar instável.

O Domo observa os miseráveis e, um dia, quando a Terra tiver rejuvenescido, eles voltarão para cuidar dos miseráveis e começar do zero. O que contam é simples, mas Partridge sabe que há muito mais por trás disso, e ele tem bastante certeza de que o próprio Glassings teria muito a dizer a esse respeito.

Às vezes Glassings se deixa levar durante a aula, desabotoa o paletó, afasta-se de suas anotações e olha para a turma — com o olhar fixo em cada garoto só por um instante, como se quisesse que eles entendessem suas palavras de forma mais profunda, que pegassem alguma lição antiga e a aplicassem aos dias de hoje.

Partridge quer fazer isso. Ele sente que poderia, quase, se pelo menos tivesse um pouco mais de informação.

Partridge ergue o queixo e deixa o ar esfriar seu rosto, e se lembra, de repente, da mãe preparando uma refeição para ele e seu irmão, copos de leite com bolhas nas bordas, molhos gordurosos, o miolo aerado e macio de pães. Comida que enchia a boca, que soltava nuvens de vapor. Agora ele toma pílulas, perfeitamente formuladas para ter máxima saúde. Partridge, às vezes, fica rodando as pílulas na boca, lembrando que até as que ele e o irmão tomavam antes eram doces e azedas, grudavam nos dentes e tinham formas de animais. E então a lembrança se esvai.

Essas lembranças rápidas e viscerais são agudas. Têm vindo a ele nos últimos dias como golpes repentinos, a colisão entre o agora e o passado, incontroláveis. Só piorou desde que o pai adiantou suas sessões de codificação — a mistura estranha de drogas circulando pela corrente sanguínea, a radiação e, o pior de tudo, ficar preso dentro de uma couraça para que apenas certas partes do corpo e do cérebro sejam expostas durante uma sessão. Moldes de múmia. É assim que alguns amigos de Partridge começaram a chamar as couraças depois de uma das aulas recentes de Glassings sobre culturas antigas que enfaixavam seus mortos.

Para as sessões de codificação, os meninos da academia são enfileirados, levados ao centro médico e colocados em quartos particulares. Lá, cada um se despe, entra em um molde de múmia — confinado no traje quente — e então, depois, todos voltam ao uniforme para que sejam levados de volta. Os técnicos alertam os meninos da academia de que, à medida que o corpo vai se acostumando com os novos conjuntos de habilidades, pode-se esperar um pouco de vertigem, perdas repentinas de equilíbrio que diminuirão enquanto a força e a velocidade se estabelecem. Os meninos da academia estão acostumados — ficam alguns meses afastados dos esportes por estarem temporariamente desajeitados. Eles tropeçam e caem esparramados na grama. O cérebro fica igualmente descoordenado, o que explica as súbitas lembranças estranhas.

— Bela barbárie — diz Glassings agora sobre uma das culturas antigas. — Reverência pelos mortos. — É um daqueles momentos em que ele não está lendo suas anotações de aula. Ele olha para as próprias mãos abertas na mesa. Não devia se desviar do tema; bela barbárie, esse tipo de coisa podia ser interpretado de forma equivocada. Ele podia perder o emprego. Mas Glassings logo se recupera.

Pede à turma para ler em voz alta o texto da tela, todos juntos:

— As formas permitidas de descartar os mortos e reunir seus pertences no Arquivo de Perdas Pessoais... — Partridge se junta ao coro.

Alguns minutos depois, Glassings está falando da importância do milho para as culturas antigas. Milho?, pensa Partridge. Sério? Milho?

Nesse momento alguém bate à porta. Glassings olha para a frente, surpreso.

Todos os garotos ficam tensos. Ouve-se novamente a batida.

— Com licença, turma — diz Glassings.

Ele ajeita as anotações e olha para o pequeno olho escuro de uma das câmeras fixadas no canto superior da sala. Partridge se pergunta se as autoridades do Domo sabem do comentário dele sobre a bela barbárie. Dá para acontecer com tanta rapidez? Aquilo

vai acabar com ele? Vão levá-lo, neste exato momento, diante da turma?

Glassings sai no corredor. Partridge ouve vozes, murmúrios.

Arvin Weed, o gênio da turma, que se senta na frente de Partridge, vira-se e lança um olhar questionador a ele, como se o colega com certeza soubesse o que está acontecendo. Ele dá de ombros. As pessoas costumam pensar que Partridge sabe mais do que os outros. Ele é filho de Ellery Willux. Até mesmo alguém num cargo tão alto deve deixar algumas informações escaparem de vez em quando, é o que acham. Mas não. O pai de Partridge nunca deixa escapar nada. É um dos motivos de ter conseguido um cargo tão alto. E, desde que Partridge se tornou interno aqui na academia, eles mal se falam, mesmo por telefone, muito menos se veem. Partridge é um dos garotos que ficam na escola o ano todo, como seu irmão, Sedge, que passou pela academia antes.

Glassings volta para a sala.

— Partridge — diz —, reúna suas coisas.

— O quê? — pergunta Partridge. — Eu?

— Agora — responde Glassings.

O estômago de Partridge se revira. Ele enfia o caderno na mochila e se levanta. À sua volta, os outros garotos começam a cochichar. Vic Wellingsly, Algrin Firth, os gêmeos Elmsford. Um deles faz piada. Partridge ouve seu nome, mas não consegue entender o resto, e todos riem. Esses garotos tendem a ficar juntos, “o rebanho”, é como são chamados. São os que passarão por todo o treinamento para a nova tropa de elite, as Forças Especiais. Estão destinados. Não está escrito em lugar algum, mas todo mundo sabe.

Glassings pede que a turma faça silêncio.

Arvin Weed acena com a cabeça para Partridge, como se dissesse Boa sorte.

Partridge vai até a porta.

— Posso pegar as anotações depois? — pergunta ele a Glassings.

— Claro — responde Glassings, e dá um tapinha nas costas do aluno. — Ficaré tudo bem. — Ele está falando das anotações, é claro, e prossegue com a aula, mas olha para Partridge daquele seu jeito peculiar, com um sentido mais profundo, e Partridge sabe que

ele está tentando me acalmar. O que quer que aconteça: ficará tudo bem.

No corredor, Partridge é recebido por dois guardas.

— Para onde? — pergunta ele.

Ambos são altos e musculosos, mas um é pouco mais largo que o outro.

— Seu pai deseja vê-lo — diz o mais largo.

Partridge de repente sente frio. Suas palmas estão úmidas, então ele esfrega as mãos uma na outra. Ele não quer ver o pai; nunca quer.

— O velho? — pergunta ele, tentando parecer despreocupado. — Um pouco de tempo com o filho?

Eles o acompanham pelos corredores iluminados, passam pelas pinturas a óleo de dois diretores — um demitido, um novo —, ambos com aparência pálida, austeros e um tanto ou quanto mortos, depois descem para o porão da academia, que fica na linha do monotrilho. Eles esperam em silêncio no subsolo arejado. Esse é o monotrilho que leva os meninos ao centro médico, onde o pai de Partridge trabalha três vezes por semana. Ali há andares reservados para os doentes. Eles ficam isolados. Doenças são tratadas com muita seriedade no Domo. O contágio poderia causar um extermínio, então a menor febre pode resultar em quarentena de curto prazo. Ele já esteve algumas vezes nesses andares — um cômodo estéril, pequeno e tedioso.

Os moribundos? Ninguém os visita. Eles são levados a um andar exclusivo.

Partridge se pergunta o que seu pai deseja. Ele não faz parte do rebanho, não está destinado a nada de elite. Essa era a função de Sedge. Quando Partridge entrou na academia, não sabia se era mais conhecido por causa do pai ou do irmão.

Não importava. Ele não estava à altura da reputação dos dois. Jamais ganhou uma disputa física e ficava no banco durante a maioria dos jogos, qualquer que fosse o esporte. E ele não era inteligente o bastante para entrar no outro programa de treinamento — incremento cerebral. Isso era reservado aos espertos, como Arvin Weed, Heath Winston, Gar Dreslin. Suas notas sempre foram

medianas. Como a maioria dos garotos em processo de codificação, era evidente que ele não tinha nada de especial, que seu aprimoramento para melhorar a espécie era básico.

Será que o pai só queria notícias do filho nada especial? Talvez tenha sido tomado por um desejo repentino de estreitar laços? Será que eles sequer vão ter assunto? Partridge tenta se lembrar da última vez em que os dois fizeram algo juntos por diversão. Certa ocasião, após a morte de Sedge, o pai o levou para nadar na piscina coberta da academia. Ele só lembra que o pai era excelente nadador, que deslizava na água como uma lontra-marinha, e quando emergiu para respirar, Partridge estava se secando com a toalha e viu seu peito nu pela primeira vez em muito tempo. Será que já o havia visto sem estar completamente vestido? O peito de seu pai tinha seis pequenas cicatrizes, do lado esquerdo, na altura do coração.

Não eram de um acidente. As cicatrizes eram bem simétricas e uniformes.

O monotrilha para e Partridge sente um desejo passageiro de sair correndo.

Os guardas disparariam uma descarga elétrica em suas costas. Ele sabe disso.

Ficaria com uma queimadura vermelha nas costas e nos braços. Seu pai seria informado, é claro. Isso só pioraria tudo. Por que fugir? Para onde iria? Correria em círculos? Afinal de contas, é um Domo.

O monotrilha os deixa na entrada do centro médico. Os guardas mostram seus distintivos. Eles registram Partridge, exibem suas retinas, passam pelos detectores e, em seguida, entram no centro propriamente dito. Seguem pelos corredores até chegarem à porta do pai dele. Ela se abre antes que o guarda tenha tempo de bater.

Uma técnica está parada ali. Partridge consegue ver o pai atrás dela, falando para meia dúzia de técnicos. Todos estão olhando para um conjunto de telas na parede que mostra cadeias de códigos de DNA, imagens ampliadas de uma dupla hélice.

A técnica agradece aos guardas e faz Partridge se acomodar em uma pequena cadeira de couro ao lado da mesa enorme do pai dele, do outro lado da sala onde ele e os técnicos estão trabalhando.

— Ali — está dizendo o pai. — A variação na codificação comportamental. Resistência.

Os técnicos trocam olhares ansiosos, morrendo de medo do pai de Partridge, que ainda o ignora. Não é novidade. Partridge está acostumado a ser ignorado pelo pai.

Ele observa o escritório, repara em um conjunto de plantas originais do Domo, agora emolduradas e presas à parede, acima da mesa paterna.

Partridge se pergunta de novo por que está ali. Seu pai está se exibindo, tentando provar algo para o filho? Partridge já sabe que o pai é inteligente, que impõe respeito e até mesmo medo.

— Todos os outros tipos de codificação dele foram tão bem. Por que não a comportamental? — pergunta seu pai aos técnicos. — Alguém? Respostas?

Partridge tamborila nos braços da cadeira, olhando para os traços grisalhos dos cabelos do pai. Ele parece estar bravo. Na verdade, a cabeça dele parece tremer de raiva. O menino vem percebendo esse tipo de raiva emanar do pai assim desde o funeral de seu irmão. Sedge morreu após completar sua codificação e ingressar nas Forças Especiais, a nova tropa de elite composta por apenas seis recém-formados da academia. Seu pai diz que foi “uma tragédia”, como se dar um nome adequado fizesse aquilo ser, de alguma forma, aceitável.

— Não, senhor — dizem os técnicos, e se entreolham. — Ainda não, senhor.

Seu pai encara, furioso, a tela, a testa franzida, o nariz grande vermelho, e então olha para Partridge, como se pela primeira vez o estivesse vendo. Ele dispensa os técnicos com um aceno. Todos passam pela porta apressadamente.

Partridge se pergunta se eles também sentem alívio quando saem de perto de seu pai. Será que todos odeiam secretamente o velho? Partridge não os criticaria.

— Então... — diz Partridge, mexendo em uma alça da mochila. — Como estão as coisas?

— Sei que você deve estar se perguntando por que o chamei. Partridge dá de ombros.

— Feliz aniversário atrasado?

Seu aniversário de dezessete anos foi há quase dez meses.

— Seu aniversário? — pergunta o pai. — Você não recebeu o presente que eu mandei?

— O que era mesmo? — indaga Partridge, batendo os dedos no queixo.

Ele se lembra. O presente foi uma caneta muito cara com uma lâmpada na parte superior. Para que você possa estudar até tarde, escreveu o pai em um pequeno bilhete anexado ao presente, e fique em vantagem em relação a seus colegas. O pai se lembra do presente? Provavelmente, não. Será que ele sequer escreveu o bilhete? Partridge não conhece a letra do pai. Quando ele era criança, sua mãe costumava escrever charadas para ajudá-los a descobrir onde ela havia escondido os presentes. Ela disse ao filho que aquilo era uma tradição iniciada pelo pai dele quando começaram a namorar —, charadinhas rimadas e presentes.

Partridge se lembra porque se deu conta de que os dois haviam sido apaixonados em algum momento, mas não estavam mais. Ele não tem memórias da presença do pai nem em seus aniversários.

— O motivo pelo qual o chamei aqui nada tem a ver com aniversário — diz o pai.

— Então acho que meu próximo palpite é um interesse paterno em minha educação. Você vai perguntar: Está aprendendo algo importante?

O pai suspira. Será que mais alguém fala com ele dessa maneira? Provavelmente, não.

— Está aprendendo algo importante? — pergunta ele.

— Não fomos os primeiros a inventar Doms, eu acho. Ele são pré-históricos... Newgrange, Knowth, Maeshowe *etc.*

O pai se recosta na cadeira. O couro do assento range.

— Eu me recordo da primeira vez em que vi uma imagem de Maeshowe. Tinha uns quatorze anos. Foi em um livro de sítios pré-históricos. — Ele para de falar e leva a mão à têmpora, massageando-a com um pequeno movimento circular. — Era um meio de viver para sempre, de construir algo que durasse. Um legado. Ficou gravado em minha mente.

— Achei que ter filhos fosse o legado de um homem.

Ele olha para Partridge com severidade.

— Sim, você tem razão. E esse é um dos motivos por que chamei você aqui. Há alguma resistência a certos aspectos de sua codificação.

Os moldes de múmia. Algo está errado.

— Quais aspectos da codificação?

— O corpo e a mente de Sedge aceitaram a codificação com tanta naturalidade — assinala o pai. — E você é parecido com ele geneticamente, mas...

— Quais aspectos? — repete Partridge.

— Curiosamente, a codificação comportamental. Força, velocidade, agilidade, todos os aspectos físicos vão bem. Você está sentindo os efeitos Mentais e/ou físicos? Falta de equilíbrio? Pensamentos ou lembranças fora do comum?

As lembranças, sim, ele anda pensando mais na mãe, mas não quer contar isso ao pai.

— Eu senti muito frio — responde ele —, bem na hora que ouvi que você tinha me chamado. No corpo todo, muito frio.

— Interessante — murmura o pai, e talvez por uma fração de segundo ele tenha ficado magoado com o comentário.

Partridge aponta para uma moldura na parede.

— Plantas originais? São novas.

— Foi um presente — esclarece o pai. — Vinte anos de serviço.

— Muito bom — diz Partridge. — Gosto de seu trabalho arquitetônico.

— Ele nos salvou.

— Nos? — diz Partridge baixinho.

Eles são os únicos que sobraram, uma família reduzida a uma dupla em conflito.

E então, mudando de assunto sem fazer intervalo, seu pai pergunta sobre a mãe de Partridge antes das Explosões, as semanas que precederam a morte dela, uma viagem específica à praia que ela e o rapaz fizeram juntos, só os dois.

— Sua mãe obrigou você a engolir comprimidos? — pergunta o pai.

É bem provável que haja pessoas do outro lado da tela de computador na parede. Ela tem o aspecto neutro de um espelho falso. Ou talvez não haja ninguém.

Talvez seu pai as tenha dispensado também. Mas eles estão sendo filmados. Têm que ser. Há uma câmera de olho pequeno em cada canto.

— Eu não me lembro. Era um menino.

Mas Partridge se lembra de comprimidos azuis. Eles deveriam curar a gripe, mas pareceram piorá-la. A febre o fazia tremer debaixo das cobertas.

— Ela levou você para a praia. Você se lembra disso, não lembra? Um pouco antes. Seu irmão não quis ir. Ele tinha um jogo. Estavam disputando o campeonato.

— Sedge adorava beisebol. Ele adorava muitas coisas.

— Não estamos falando de seu irmão.

O pai mal consegue pronunciar o nome do irmão de Partridge. Desde a morte de Sedge, o garoto consegue contar nos dedos quantas vezes o pai tocou no assunto. A mãe morreu enquanto tentava ajudar sobreviventes a chegar ao Domo, no dia das Explosões, e o pai costumava chamá-la de santa, de mártir, e então, aos poucos, parou quase completamente de falar dela. Partridge se lembra do pai dizendo: “Eles não a mereciam. Levaram-na para baixo junto consigo.” Houve um tempo em que seu pai falava dos sobreviventes como “nossos irmãos e irmãs inferiores”. Costumava chamar os líderes do Domo, inclusive a si próprio, de “observadores benevolentes”. Esse tipo de expressão ainda aparece de tempos em tempos em discursos públicos, mas nas conversas do dia a dia os sobreviventes do lado de fora do Domo são chamados de “miseráveis”. Partridge já ouviu o pai usar esse termo muitas vezes. E ele tem que admitir que passou boa parte da vida odiando os miseráveis por terem levado sua mãe para baixo junto. Mas nos últimos tempos, nas aulas de história geral de Glassings, ele não consegue deixar de se perguntar o que realmente aconteceu. Glassings dá a entender que a história é flexível. Ela pode ser alterada. Por quê? Para se ter um relato mais agradável.

— Estamos falando de sua mãe ter lhe dado comprimidos, ter obrigado você a engolir algo durante os dias em que estiveram ausentes — insiste o pai.

— Não me lembro. Eu tinha oito anos. Meu Deus! O que você quer de mim?

Enquanto diz isso, Partridge se lembra das queimaduras de sol que os dois sofreram, apesar do céu nublado, e de que, quando eles estavam doentes, a mãe lhe contou uma história na hora de dormir, sobre uma mulher-cisne de pés pretos.

A mãe, ele a vê com frequência na própria mente: cabelos cacheados, mãos suaves com ossos finos, como os de um passarinho. A história da mulher-cisne era uma canção também. Tinha uma melodia. Tinha rimas e movimentos com as mãos. A mãe disse: “Quando eu lhe contar a versão cantada dessa história, segure este colar.” Ele o segurou com força. A borda das asas eriçadas era pontuda, mas ele não soltou.

Uma vez ele contou a história a Sedge. Foi no Domo, um dia em que Partridge sentia muita falta da mãe. Sedge disse que era história de menina. Era para crianças que acreditavam em fadas. “Cresça, Partridge. Ela está morta, já se foi. Não consegue ver? Está cego?”

— Teremos que fazer mais testes em você — pressiona seu pai agora. — Baterias de testes. Você será espetado com tantas agulhas que vai se sentir uma almofada de alfinetes. — Almofada de alfinetes; esse é um daqueles termos que não significam mais nada. Uma almofada para alfinetes? É algum tipo de ameaça? Parece ser. — Ajudaria muito se você pudesse nos dizer o que aconteceu.

— Eu não posso. Gostaria, mas não me lembro.

— Ouça, filho. — Partridge não gosta do tom do pai ao dizer a palavra filho, como se fosse uma crítica. — Você precisa colocar a cabeça no lugar. Sua mãe... — Seu pai está com os olhos cansados. Os lábios estão ressecados. Ele parece estar falando com outra pessoa. Está com uma voz que usa ao telefone. Alô, Willux falando. Ele cruza os braços diante do peito. Aí está o tremor da cabeça de novo.

Até a mão parece vibrar de raiva. O pai continua:

— Sua mãe sempre é problemática.

Eles trocam um olhar. Partridge não diz nada, mas sua mente repete várias vezes. Sempre é. Problemática. Sempre é. Ele não está usando o verbo no pretérito. Não é assim que se fala dos mortos.

O pai se recupera.

— Ela não era boa da cabeça. — Ele esfrega as mãos nas coxas e se inclina para a frente. — Eu chateei você — diz ele.

Isso também é estranho. Ele nunca fala de emoções.

— Estou bem.

Seu pai se levanta.

— Vamos chamar alguém aqui para tirar uma foto nossa. Quando foi a última vez? — Deve ter sido no funeral de Sedge, pensa Partridge. — Uma coisa para você deixar no dormitório e não sentir saudades de casa.

— Não tenho saudades de casa — corrige o jovem.

Ele nunca se sentiu em casa, não aqui no Domo, então como pode sentir saudades?

Seu pai chama uma técnica assim mesmo, uma mulher de nariz redondo e franja, e pede para que ela consiga uma câmera.

Partridge e o pai ficam diante das plantas recém-penduradas, lado a lado, tensos como soldados. Vem um flash.

PRESSIA

CATANDO DETRITOS

Mesmo a uma quadra de distância, Pressia sente o cheiro do mercado — carne e peixe estragados, frutas podres, carvão e fumaça. Ela consegue distinguir as sombras inquietas dos ambulantes e os reconhece pela tosse. É assim que a morte é medida às vezes. Há diferentes tipos de tosse. Curtas e secas. Que começam e terminam com um chiado. Que começam e não param. Que puxam catarro. Que terminam com um grunhido — esse é o pior tipo, diz seu avô. Significa que os pulmões estão cheios de fluido: morte por infecção, afogamento por dentro. A tosse de seu avô é seca durante o dia, mas à noite, enquanto dorme, ele tosse com o grunhido.

Pressia permanece no meio do beco. Ao passar pelas barracas, ouve uma família brigando, o grito de um homem, algo de metal batendo na parede. Uma mulher berra e uma criança começa a chorar.

Ao chegar ao mercado, ela vê que os ambulantes estão mais próximos. Eles arrastaram placas de metal da rodovia para usar como telhados enferrujados. Estão tampando as barracas com papelão encharcado, carregando suas mercadorias em carrinhos de mão bambos, cobrindo as barracas com lonas esfarrapadas.

Ela passa por um grupo que cochicha — um círculo de costas encurvadas, chiados, uma exclamação de vez em quando, depois mais cochichos. Ela avista o rosto deles, marcados com metal, vidro

cintilante e cicatrizes enrugadas. O braço de uma mulher parece envolvido em couro, que se une à pele no pulso.

Pressia avista um grupo de crianças não muito mais novas do que ela. Duas — gêmeas, ambas com as pernas mutiladas e enferrujadas, à mostra um pouco abaixo das saias — estão girando uma corda para uma terceira, com um braço retalhado, que pula no meio. Elas cantam:

*Queime um Puro e respire as cinzas.
De suas entranhas, faça umas cintas.
Com seus cabelos, teça um cordão.
E de seus ossos faça um Puro sabão.
Lava, lava, lava. Pula, pula, pula.
Lava, lava, lava. Eu sou Pura.*

Puro é como são chamados os que moram no Domo. As crianças são obcecadas pelos Puros. Eles são mencionados em todas as cantigas infantis, normalmente mortos. Pressia conhece essa cantiga de cor. Pulava corda com ela quando era pequena. Estúpida, desejou ter esse sabão. Ela se pergunta se essas crianças também desejam. Ser Puras — como ela ficaria, como se sentiria? Apagar as cicatrizes, ter a mão de volta, e não uma boneca.

Um garotinho com os olhos muito separados, alojados quase nas laterais da cabeça, como um cavalo, está cuidando do fogo dentro de um latão de metal, no qual estão equilibrados dois espetos de carne queimada. As criaturas no espeto são pequenas, do tamanho de um roedor. Essas crianças eram bebês quando aconteceram as Explosões, eram fortes. Os nascidos antes das Explosões são chamados de Pré e os nascidos depois delas são chamados de Pós. Os Pós deveriam ser Puros, mas não funciona assim. As mutações causadas pelas Explosões se entranharam fundo nos genes dos sobreviventes. Os bebês não nascem Puros. São mutantes, nascidos com traços das deformidades de seus pais. Os animais também.

Em vez de começarem de novo, as raças apenas parecem ficar mais complexas, uma mistura de humano, animal, terra, objetos.

Mas há uma distinção importante entre as pessoas da idade de Pressia — aquelas que se lembram da vida antes das Explosões e aquelas que não se lembram. Às vezes, assim que são apresentados, os garotos da idade dela brincam de Eu Me Lembro, trocando memórias como se fosse dinheiro. Quanto mais íntima é a lembrança, significa que maior é a abertura daquela pessoa em relação a alguém — uma moeda de confiança. Quem é muito novo para se lembrar torna-se alvo de pena e também de inveja — uma mistura detestável. Pressia se dá conta de que finge lembrar mais do que realmente lembra, pois aproveita lembranças de outras pessoas e as mistura com as suas. Mas isso a preocupa; ela tem medo de usar tanto as lembranças alheias a ponto de que as suas pareçam duvidosas. Ela precisa se apegar ao máximo às poucas que tem.

Ela vai olhando cada pessoa, o fogo produzindo sombras estranhas, refletindo nos pedaços de metal e de vidro no rosto, ressaltando cicatrizes, queimaduras e nódulos de queloides. Uma menina olha para Pressia, que a reconhece mas não consegue lembrar seu nome, e oferece:

— Quer pedaços de um Puro? Tostados e crocantes?

— Não — responde Pressia, mais alto do que pretendia.

As crianças riem, exceto o menino que cuida do fogo. Ele vira o espeto, com dedos pequenos e delicados, como se ele estivesse segurando um objeto de corda, algum tipo de instrumento ou motor. Ele se chama Mikel. Não é como as outras crianças. Há certa dureza nele. Pressia percebe que ele já viu muita morte, que perdeu os pais há tempos.

— Tem certeza, Pressia? — pergunta ele, com muita seriedade.

— Só um pouco antes de você ser levada para sempre?

Mikel tem um quê de crueldade, mas normalmente não é dirigido a ela, por ser mais velha. Então o comentário a surpreende.

— Obrigada por me oferecer — diz ela —, mas não quero.

Mikel olha para ela com tristeza. Talvez ele quisesse ouvi-la gritar que jamais seria levada. Em todo caso, Pressia sente pena dele. Sua crueldade sempre o fez parecer vulnerável, o que é o oposto da impressão que o menino gostaria de passar.

Mais adiante ela vê Kepperness, o homem que seu avô mencionou. Ela não o via havia algum tempo. Ele tem a idade que Pressia imagina que seu pai teria.

Está arremessando caixas vazias em um carrinho de mão, com as mangas arregaçadas, expondo braços, finos e musculosos, incrustados de vidros. Ele a vê e desvia o olhar. Em sua cesta ainda restam alguns tubérculos escuros. Pressia inclina a cabeça para a frente, a fim de esconder as cicatrizes na lateral de seu rosto.

— Como vai seu filho? O pescoço já está curado? — indaga ela, na esperança de que ele sinta que ainda lhe deve algo.

Ele endireita o corpo e estira as costas, fazendo uma careta. Em um de seus olhos há uma película dourado-alaranjada, uma catarata da queimadura por radiação, o que não é incomum.

— Você é a menina do alfaiate de corpos, certo? Neta? Você não deveria estar circulando mais. Muito velha, certo?

— Não — diz ela, na defensiva. — Tenho apenas quinze anos.

Ela finge se encolher por causa do vento, mas na verdade está tentando parecer menor e mais nova.

— Ah, é? — Ele para e a observa. Pressia se concentra no olho bom, o único com o qual ele consegue enxergar. — Arrisquei a vida por esses tubérculos. Eu os desenterrei bem perto do bosque da OBR. Sobraram alguns.

— Bem, o que eu tenho é um item exclusivo. Algo que só alguém com grande riqueza poderia ter. Sabe, não é para qualquer um.

— O que é?

— Uma borboleta — afirma ela.

— Borboleta? — Ele bufa. — Não sobraram muitas borboletas.

É verdade. Elas são muito raras. Mais ou menos ao longo do último ano, Pressia viu mais exemplares da espécie, pequenos sinais de renovação.

— É um brinquedo.

— Um brinquedo? — As crianças não têm mais brinquedos. Elas brincam com bexigas de porco e bonecas de pano retorcidas. — Deixe eu dar uma olhada.

Ela balança a cabeça.

— Não adianta nada olhar se você não pode pagar por ela.

— Deixe-me ver.

Ela suspira e finge relutar. Tira a borboleta do saco e a exhibe.

— Mais perto — pede o homem.

Agora Pressia vê que os dois olhos dele foram queimados pelas Explosões, um muito mais que o outro.

— Aposto que você tinha brinquedos de verdade quando era criança — ela diz.

Ele confirma com a cabeça e responde:

— O que isso faz?

Pressia dá corda e coloca a borboleta no carrinho dele. Ela bate as asas.

— Fico me perguntando como deve ter sido crescer em sua época. Natais e aniversários — diz ela.

— Quando eu era criança, acreditava em magia. Consegue imaginar algo assim? — pergunta ele, inclinando a cabeça e olhando o brinquedo. — Quanto é?

— Normalmente cobro caro. É uma lembrança do passado. Mas para você... Bem, só o restante das suas raízes, essas sobras — responde ela. — É tudo de que precisamos.

Ele lhe entrega a cesta, e Pressia joga as raízes no saco e depois pega a borboleta e lhe dá.

— Vou dar para meu filho — Kepperness diz. — Ele não vai durar muito. — Pressia já se virou para ir embora. Ela ouve o som do mecanismo de corda, e depois as asas se agitando. — Isso o alegrará um pouco.

Não, pensa ela. Continue andando. Não pergunte. Mas ela se lembra do filho dele. Era um garoto bonzinho. E forte. Não chorou quando o avô dela suturou seu pescoço, mesmo sem nada que atenuasse a dor.

— Aconteceu mais alguma coisa com ele?

— Foi atacado por um Poeira. Ele estava caçando depois dos campos, perto do deserto. Viu o olho dele piscar na terra, e então o Poeira o puxou para dentro da areia. A mãe estava com ele e o salvou. Mas ele foi mordido de algum jeito. Seu sangue foi contaminado.

Poeiras são aqueles que se fundiram com a terra; na cidade, eles se fundiram com prédios destruídos. A maioria morreu pouco depois das Explosões — sem meios de se sustentar, ou sem boca, ou com boca mas sem aparelho digestivo.

Mas alguns sobreviveram, porque se tornaram mais pedra que humanos, e outros porque provaram que podiam ser úteis, trabalhando em conjunto com os Feras, aqueles que se fundiram com animais. Quando Pressia revira os escombros, toma cuidado com Poeiras que possam alcançá-la, agarrar uma perna e puxá-la para baixo. Ela nunca saiu da cidade para o local onde o menino foi agarrado. Ouviu dizer que a terra está cheia de Poeiras e que muitos sobrevivencialistas que acreditavam que o Fim estava próximo — antes das Explosões — fugiram para as matas e acabaram fundidos com as árvores.

Ela ouviu dizer que uma mordida leva a uma morte terrível. A criança, às vezes, espuma pela boca e tem convulsões. Pressia põe a mão no saco para pegar os tubérculos.

— Eu não sabia — diz ela. — Olhe, fique com os tubérculos e com a borboleta.

— Não — diz Kepperness, colocando a borboleta em um bolso interno do casaco. — Vi seu avô há pouco tempo. Ele também não está muito bem, não é? Todos nós temos alguém. Acordo é acordo.

Ela não sabe muito bem o que dizer. O homem tem razão. Todos têm alguém que morreu ou está morrendo. Pressia concorda com a cabeça.

— Está bem — diz ela. — Sinto muito.

Ele volta a carregar o carrinho e balança a cabeça.

— Todos nós sentimos.

Kepperness desdobra um pedaço pesado de tecido e cobre suas mercadorias. Enquanto ele não está olhando, Pressia vira o saco, e alguns tubérculos rolam de volta para dentro da cesta.

Ela se vira rapidamente e começa a andar. Sabe que não teria sido capaz de comer todos eles, não com o filho de Kepperness morrendo, e tendo cobrado mais dele do que costuma conseguir por seu trabalho.

Mas, ainda assim, ela agora precisa catar detritos. Kepperness tinha razão.

O avô de Pressia não está bem. Ele não vai durar. E se ela for levada ou tiver que fugir em breve? Ela precisa fazer o máximo de criaturas possível para que ele possa barganhar com elas e sobreviver. Ela se apressa.

Quando chega ao fim do mercado, ela para. Ali, colada em um muro baixo de tijolos, há uma nova lista da OBR. O papel se agita no vento frio. Alguns ambulantes empurram carrinhos pelas ruas, um eco metálico alto. Pressia espera eles irem embora, depois se aproxima da lista. Estica o papel. As letras são pequenas. Ela precisa chegar perto. Seus olhos correm pela folha.

E então ela vê.

O nome PRESSIA BELZE e sua data de nascimento.

Ela passa a ponta dos dedos pelas letras.

Não há mais como negar. Não existe nenhum arquivo perdido contendo suas informações. Aqui está. Real.

Ela se afasta e tropeça em alguns tijolos espalhados. Entra na primeira rua que encontra.

Está morrendo de frio. O ar está úmido. Ela puxa o suéter forrado para cobrir o pescoço, depois estica a manga para cima do punho de cabeça de boneca, ainda coberto pela meia, enfia-o sob a outra axila e cruza os braços. É um hábito, na verdade, algo que ela faz quando está em público, quando está nervosa. Quase um conforto.

Em meio às ruínas, existem prédios cuja estrutura não foi comprometida, e as pessoas fizeram lares improvisados dentro deles. Ela então passa por um prédio totalmente destruído. Esses são os melhores para cavar. Ela já encontrou coisas bonitas no entulho — arame, moedas, fechos de metal, chaves —, mas o entulho é perigoso. Os Poeiras mais humanos e algumas das Feras mais humanas que cavaram seus abrigos no entulho fazem fogueiras para se aquecer, cozinhar o que caçam, criando fiapos de fumaça. Ela imagina o filho de Kepperness na Terra Morta, um olho na areia a seus pés — e então uma mão sobe do nada, puxando-o para

baixo. Ela está sozinha. Se for agarrada e puxada para baixo, eles se alimentarão dela até que não sobre nada.

Pressia não vê nenhuma fumaça, então sobe em uma amontoado de pedras soltas, explorando o caminho com cuidado, à procura de brilhos de metal, pedaços pequenos de arame. Ela sabe que praticamente tudo já foi explorado, mas consegue encontrar o que pode ter sido uma corda de violão, uns pedaços de plástico derretido que parecem peças de um jogo velho de tabuleiro e um tubo metálico fino.

Talvez Pressia também possa fazer algo especial para o avô — um presente que valha a pena guardar. Ela não gosta de pensar na palavra recordação porque a faz pensar que talvez em breve ela irá embora, mas aí está em sua cabeça.

Recordação.

Quando ela passa pelo mercado na volta para casa, todas as barracas estão fechadas. Ela está atrasada. Deveria se apressar agora. Seu avô vai começar a se preocupar. Do outro lado do mercado, ela vê de novo o menino com os olhos afastados, Mikel. Ele agora está cozinhando outra criatura no tambor. Esta é minúscula, quase do tamanho de um camundongo, praticamente sem carne.

Um menino pequeno está ao lado de Mikel. Ele levanta a mão para encostar na carne.

— Não! — Mikel diz. — Você vai se queimar!

Ele empurra o menino, que cai no chão. O garotinho está descalço. Os dedos do pé não passam de tocos. Ele arranha o joelho, grita ao ver o sangue e sai correndo na direção de um pórtico escuro. Três mulheres saem — fundidas —, com um tecido embolado escondendo o miolo volumoso. Partes do rosto de cada uma parecem brilhantes e rígidas, como se fossem fundidas com plástico. Coletivas, é assim que são chamadas. Uma das mulheres tem ombros caídos, a coluna torta. Há muitos braços, alguns pálidos e sardentos, outros, escuros. A mulher do meio agarra o braço do menino e diz:

— Cale a boca. Fique quieto. Cale a boca.

A mulher com a coluna torta, que parece ter sido a menos fundida às outras, praticamente solta, grita para Pressia:

— Você fez isso com o menino? Foi você?

— Eu não toquei nele — defende-se Pressia e puxa a manga.

— Hora de entrar — diz a mulher ao menino. Ela dá uma olhada nos arredores, como se sentisse algo no ar. — Agora mesmo.

O menino se solta e sai correndo pela rua, na direção do mercado vazio, chorando mais alto.

A mulher de coluna torta olha para trás, ergue um punho ossudo e o agita para Pressia.

— Viu o que você fez?

Então, atrás de si, Pressia ouve Mikel gritar:

— Fera! Fera!

Pressia se vira e vê um Fera que parece um lobo, mais animal que humano.

É peludo, mas tem vidro incrustado nas costelas. O Fera corre nas quatro patas, mancando, depois para e se ergue nas traseiras, quase da altura de um homem adulto. Os dedos têm garras, mas o Fera não tem focinho — em vez disso, um rosto humano rosado e quase sem pelos, com uma mandíbula longa e estreita e dentes compridos. As costelas sobem e descem rapidamente. Ao longo do peito dele está entranhada uma trama de arame.

Mikel sobe em seu tambor e corre para cima de um telhado de metal. As Coletivas no pórtico entram e cobrem a porta com uma placa de madeira. Elas nem chamam a criança perdida, que ainda corre sozinha pela rua.

Pressia sabe que o Fera pegará a criança primeiro. Ele é menor do que a menina, um alvo perfeito. Mas, é claro, ele talvez ataque os dois. Certamente, tem tamanho para isso.

Pressia segura bem o saco e começa a correr, agitando os braços e movendo as pernas com rapidez. Ela é veloz, sempre teve pés ligeiros. Talvez seu pai, o quarterback, fosse rápido. Os sapatos de Pressia estão com a sola gasta, então ela sente o chão abaixo das meias finas.

Com o mercado fechado, essa rua parece desconhecida. O Fera está vindo na direção de Pressia. Ela e o menininho são os únicos

desabrigados agora. Ele deve ter sentido que algo mudou, perigo no ar. Vira-se, e seus olhos se arregalam de medo. Tropeça e, apavorado, não consegue se levantar. Agora mais perto, Pressia pode ver que o rosto dele está queimado perto de um dos olhos, que tem um tom esbranquiçado de azul, como uma bola de gude.

Pressia corre até ele.

— Vamos! — diz, pegando-o pelo braço e levantando-o. Com apenas uma das mãos capaz de agarrar, ela precisa da ajuda do garoto. — Segure firme!

Pressia está olhando loucamente em todas as direções à procura de algum lugar por onde possa subir. Atrás deles, o Fera se aproxima. De ambos os lados há somente entulho, mas ela vê adiante um edifício apenas parcialmente destruído.

Sua porta de metal tem uma grade — a porta de uma loja que antes tinha vitrine, como a barbearia. Ela se lembra do avô dizendo que aquela era uma casa de penhores e explicando que as pessoas a saquearam primeiro porque lá havia armas e ouro, embora o ouro, com o tempo, tenha se tornado inútil.

A porta está ligeiramente aberta.

O menino agora está gritando, um berro alto e estridente, e ele é mais pesado do que Pressia esperava. Seus braços estão apertando o pescoço dela, sufocando-a. O Fera está tão perto que Pressia consegue ouvi-lo ofegar.

Ela corre para a porta com grades de metal, abre-a, entra e a fecha com força, a criança ainda se segurando. A porta se tranca automaticamente.

Eles estão em um cômodo pequeno vazio, apenas alguns catres no chão.

Pressia tapa a boca estridente da criança com sua mão.

— Quietos — diz ela. — Fique quieto!

E então recua até a parede do outro lado. Senta-se no canto escuro do cômodo, com o menino no colo.

O Fera chega à porta em um instante, latindo e batendo as garras contra as grades. Esse Fera não fala, não tem mãos, apesar do rosto e dos olhos humanos. A porta faz um estrondo. Frustrada, a

criatura se agacha e rosna. Depois vira a cabeça, fareja o ar. Distraí-se e vai embora.

O menino morde a mão de Pressia com toda a força.

— Ai! — reclama Pressia, esfregando a mão nas calças. — Por que você fez isso?

O menino a encara de olhos arregalados, como se também estivesse surpreso.

— Eu meio que esperava um obrigado — diz ela.

Um barulho alto vem do outro lado do cômodo.

Pressia arqueja e se vira. O menino também olha.

Um alçapão foi aberto e a cabeça e os ombros de um sujeito apareceram de um cômodo abaixo. Seus cabelos estão desgrenhados e os olhos são escuros, sérios. Ele é um pouco mais velho que Pressia.

— Vocês estão aqui para a reunião ou o quê? — pergunta ele.

O menino grita de novo, como se só soubesse fazer isso. Não é de se estranhar que a mulher o tenha mandado se calar, pensa Pressia. Ele é um gritalhão. E então o menino corre para a grade da porta.

— Não vá lá para fora! — diz Pressia.

Mas o menino é muito rápido. Ele destranca a porta, sai correndo e vai embora.

— Quem era aquele? — pergunta o sujeito.

— Nem imagino — diz Pressia, levantando-se.

Ela agora vê que o sujeito está em uma escada articulada instável que sai de um porão. O cômodo abaixo está cheio de gente.

— Eu conheço você — diz ele. — Você é a neta do alfaiate de corpos.

Pressia repara em duas cicatrizes na lateral do rosto dele, talvez suturas de seu avô. Ela percebe que a sutura não é muito antiga, tem apenas um ou dois anos.

— Eu não me lembro de você.

— Nós não nos conhecemos — diz ele. — Além disso, eu estava bem machucado. — Ele aponta para o rosto. — Você talvez não me reconheça. Mas eu me lembro de ter visto você lá.

O modo como ele encara Pressia faz a jovem corar. Talvez haja algo familiar, só pelo brilho sombrio de seus olhos. Pressia gosta do rosto dele, o rosto de um sobrevivente, maxilar reto, cicatrizes longas e irregulares. Os olhos... têm algo que o faz parecer bravo e gentil ao mesmo tempo.

— Você está aqui para a reunião? Sério, já vamos começar. Tem comida.

Esta é a última vez que ela sai antes de completar dezesseis anos. Seu nome está na lista. O coração ainda bate forte. Ela salvou o menino. Está se sentindo corajosa. E faminta. Gosta da ideia da comida. Talvez ali tenha o bastante para que ela possa roubar um pouco para o avô sem que ninguém perceba.

Ouve-se um uivo não muito distante. O Fera ainda está por perto.

— Sim — diz Pressia. — Estou aqui para a reunião.

Ele quase sorri, mas se contém. Não é do tipo de pessoa que sorri muito prontamente. Ele se vira e grita para os que estão lá embaixo:

— Mais uma! Abram espaço!

E Pressia percebe uma movimentação agitada sob a parte de trás da camisa azul dele, ondulando como água.

Ela agora se lembra dele: o garoto com pássaros nas costas.

PARTRIDGE

CAIXA DE METAL

Todos os meninos da aula de história geral de Glassings estão quietos, o que é estranho, porque excursões costumam estimular o que há de pior neles. Ouvem-se seus passos ecoando pelos corredores em ordem alfabética com caixas de metal.

Até Glassings, que sempre tem algo a dizer, ficou mudo. Seu rosto está tenso e ruborizado, como se ele estivesse engasgado: com pesar ou esperança? Partridge não tem certeza. Glassings se afasta e desaparece por um dos corredores.

O ar no Domo sempre é seco e estéril, uma presença estática. Mas no Arquivo de Perdas Pessoais o ar parece ligeiramente carregado, quase elétrico.

Partridge não consegue definir. É claro, diz a si mesmo, que não é possível que os itens armazenados aqui dos mortos sejam diferentes da disposição molecular de quaisquer outros itens, no entanto, ainda assim, quase parece que eles têm.

Ou talvez não sejam os itens pessoais dos mortos, nem o ar. Talvez a carga esteja nos meninos da academia, cada qual procurando um nome específico. Todos eles perderam alguém nas Explosões, assim como Partridge. Se algum artefato da existência dessa pessoa resistiu, foi colocado em uma caixa de metal, rotulada e posta em ordem alfabética, e ficou preso aqui para sempre — para ser honrado? E há também aqueles garotos que conhecem alguém que morreu depois das Explosões, dentro do próprio Domo. Partridge também tem alguém assim. Mas, quando se perde alguém

no Domo, não se dá muita importância à perda. Essas perdas devem ser encaradas sem drama. Diante de perdas globais tão extensas, como alguém pode levar perdas pessoais para o lado pessoal? E doenças graves são raras, ou talvez, para ser mais preciso, omitidas.

Glassings encaminhou o pedido para essa excursão no campo muitas vezes ao longo dos anos. Finalmente conseguiu permissão, e aqui estão eles. Uma narração gravada, incorpórea, começa a soar do alto, a voz de uma mulher saindo de alto-falantes ocultos:

— Cada pessoa que morre tem direito a uma pequena caixa de metal para os itens pessoais. Os corpos são cremados, porque há escassez de espaço. Devemos reduzir qualquer vestígio. Isso é o permitido até que a Terra volte a ser habitável e nós recuperemos nosso lugar de direito como participantes e recriadores plenos da paisagem natural.

— Podemos abrir as caixas? — pergunta Arvin Weed. — Encontrei uma tia.

— Titia Weed! — grita um dos outros garotos, debochado.

— Sim — responde Glassings, sem dúvida distraído com sua própria busca.

— Não é todo dia que se tem esse tipo de acesso. Tenham respeito. Não toquem em nada.

Isso significa que, se Glassings encontrar a caixa de metal que está procurando, irá abri-la. Partridge imaginou que não teriam permissão para abrir nada, que ele apenas veria fileiras de caixas de metal. O garoto sente o coração bater mais forte. Ele aperta o passo, antes que Glassings mude de ideia, antes que um dos docentes entre e lhes diga que não podem. Ele está quase correndo. Sente-se tonto. Parece que todos os garotos estão quase correndo, derrapando nas curvas, balançando devido ao efeito da codificação no equilíbrio deles.

Partridge percorre as longas fileiras até o fim do alfabeto — Willux. Encontra o nome de seu irmão mais velho — SEDGE WATSON WILLUX — e as datas dele, definitivas e determinadas, impressas com clareza. Ele passa os dedos pelo relevo das letras. A tinta não está apagada como a de algumas outras. Sedge se foi há apenas um ano. Em alguns aspectos, parece uma eternidade, mas,

quase ao mesmo tempo, é como se ele ainda estivesse aqui e houvesse ocorrido algum erro administrativo. Ele se lembra da última vez que o viu. Estavam no jantar de iniciação. Sedge e os outros cinco recém-formados da academia foram os primeiros da nova tropa de elite. Sedge estava de uniforme. A codificação havia sido completada. Ele estava mais alto, mais largo, e seu maxilar, mais forte. Ele falou que Partridge era muito magro. “Dobre a porção de barras de proteína”, disse ele, e houve um momento em que ele olhou para Partridge e perguntou: “Você se lembra das histórias que costumava contar? Contos de fadas?” Partridge confirmou com a cabeça. “Eu ainda penso nelas de vez em quando.” Sedge riu. E então, pouco antes de partir, ele abraçou Partridge e sussurrou em seu ouvido: “Talvez isto não aconteça com você.” Na época, Partridge achou aquilo uma crueldade, como se o menino não fosse homem o suficiente para completar o treinamento. Mas, depois que encontraram Sedge morto, Partridge ficou se perguntando se aquilo tinha sido um desejo sincero, uma esperança.

Partridge não sabe o que aconteceu com os outros cinco meninos iniciados naquele dia. Ouviu boatos de que eles estavam em treinamento intensivo, e a família só recebe cartas deles. Partridge imagina que as famílias não reclamam; elas devem se sentir aliviadas por seus filhos ainda estarem vivos.

Partridge toca na alça, mas por algum motivo não suporta abrir a caixa.

Sedge se foi. Nas letras miúdas abaixo de seu nome há uma linha com a inscrição CAUSA: FERIMENTO A BALA, AUTOINFLIGIDO. Diferentemente de como era a vida antes do Domo, o suicídio não tem uma conotação tão sombria. Os recursos deveriam ir para os saudáveis e para aqueles com grande vontade de viver. Os moribundos não recebem muitos recursos; isso não seria prático. Um dia, tomara que não muito distante, todos voltarão para o mundo exterior, o Novo Éden, como alguns chamam, e precisarão ser firmes. O suicídio de Sedge foi trágico porque ele era jovem e forte, mas o próprio ato de tirar a própria vida foi um sinal de deficiência, e há algo admirável nesse ato — ou pelo menos essa foi a retórica apresentada a Partridge: o fato de Sedge ter visto esse

defeito em si mesmo e saído de cena em prol do bem geral. Partridge odeia esse tipo de conversa. Meu irmão está morto, ele quer dizer a todos. Ele foi o assassino e a vítima. Nunca o teremos de volta.

Partridge não quer ver a que seu irmão se reduziu. O conteúdo de uma caixa de metal. Ele não aguenta.

A caixa de sua mãe é a seguinte — ARIBELLE CORDING WILLUX —, e Partridge se surpreende por ela ter permissão para existir aqui. Ao contrário de Sedge, o menino aceita qualquer lembrança que puder encontrar dela, dentro de uma caixa ou não. Partridge puxa a pequena alça de metal, desengancha a caixa e a leva para a mesa estreita no meio do corredor. Abre a tampa. Ele não perguntou ao pai muitas coisas sobre a mãe. Percebe que o pai fica pouco à vontade com o assunto. Dentro da caixa Partridge encontra um cartão de aniversário com balões na parte da frente, sem envelope, escrito pela mãe para seu aniversário de nove anos — que ainda não tinha chegado —, uma caixinha metálica e uma fotografia antiga dele com a mãe na praia. O que o impressiona é o quanto isso tudo parece real. Ela deve ter levado tudo para o Domo antes das Explosões. Cada pessoa podia trazer alguns itens pequenos que considerasse especiais. Claro, seu pai afirmou que era apenas para o caso de uma emergência — uma emergência que ele disse que provavelmente nunca aconteceria. Esses objetos eram da caixa que a mãe de Partridge deve ter trazido.

Ela existiu. O menino pensa no tema das perguntas do pai. Será que sua mãe interferiu em sua codificação? Ela lhe deu comprimidos? Ela sabia mais do que o pai imaginava?

Ele abre o cartão e lê a mensagem escrita na letra dela.

Sempre ande na luz. Siga sua alma. Que ela tenha asas. Você é minha estrela guia, como aquela que ascendeu no leste e guiou os Reis Magos. Feliz aniversário de nove anos, Partridge!

Com amor, mamãe.

Ela sabia que não estaria com ele para seus nove anos? Será que ela estava se antecipando? Partridge tenta ouvir as palavras na voz

de sua mãe. Era assim que ela falava de aniversários? Ele era a estrela guia dela? O menino toca nos traços dela, escritos com tanta força que ele consegue sentir as ranhuras feitas pela caneta.

Partridge pega a caixinha metálica e vê na parte de trás uma pequena chave de dar corda, perto das dobradiças da tampa. Ele abre a tampa. Ouvem-se algumas notas — uma caixa de música. Ele fecha a tampa rapidamente, torcendo para que todos estejam muito entretidos com as próprias descobertas para ter percebido.

Escondida sob a caixa de música, Partridge encontra a corrente fina de um colar com pingente — um cisne de ouro com uma pedra bem azul como olho. Ele pega a corrente, e o pingente de cisne gira. Ele ouve a voz do pai de novo: “Sua mãe sempre é problemática.” Sempre é.

Partridge sabe que precisa ir para o lado de fora. Se ela existe — se há a mínima esperança —, o garoto precisa tentar encontrá-la.

Ele olha de um lado para o outro no corredor — vazio. Pega cada um dos pequenos objetos e os enfia, às pressas, um por um, nos bolsos do paletó, e depois coloca a caixa de volta no lugar, o som de metal contra metal e um estalo surdo.

PRESSIA

REUNIÃO

O cômodo da reunião é pequeno e está lotado. Há apenas uma dúzia de pessoas, todas de pé, e quando Pressia desce as escadas eles se deslocam e suspiram, irritados por ela estar ali, ocupando espaço. Ela imagina que eles estejam bravos por terem que dividir a comida com mais uma pessoa. A sala cheira a vinagre. Pressia nunca comeu chucrute, mas seu avô descreveu o prato, e a menina se pergunta se é isso o que eles vão comer. O avô lhe ensinou que isso é um prato alemão.

O sujeito que apareceu no alçapão vai até a parede dos fundos. Pressia precisa avançar lentamente em volta do grupo para conseguir vê-lo direito. Ele é largo e musculoso. Sua camisa azul tem alguns rasgos. Os cotovelos estão esburacados. Onde havia botões, ele furou o tecido e os amarrou com barbante.

Ela se lembra da primeira vez em que o viu. Estava indo para casa pelo beco depois de um dia de catação e ouviu vozes na janela. Ela parou e olhou para dentro. Viu um garoto — dois anos mais novo do que ele é hoje, mas ainda forte, magro — deitado de lado na mesa enquanto o avô dela trabalhava em seu rosto. A imagem estava embaçada por causa da janela estilhaçada, mas ainda assim ela teve certeza de ter visto asinhas agitadas de pássaros — penas cinzentas dobradas, um ligeiro vislumbre de um par de pequenas garras alaranjadas sob uma barriga emplumada — alojadas nas costas dele. O garoto se sentou, vestiu a camisa.

Pressia foi até a porta e ficou escondida. Ele disse que poderia trazer uma arma como pagamento para seu avô. Ele respondeu que o garoto deveria guardá-la para si.

“Você precisa se proteger. Além disso”, disse ele “um dia você ficará mais forte, e eu só vou ficar mais velho, mais fraco. Prefiro que você fique me devendo um favor.”

“Não gosto de dever favores”, respondeu o garoto.

“Que pena”, lamentou o avô. “É disso que eu preciso.”

O garoto então saiu apressado e, quando passou pela porta, deu de cara com Pressia ali parada. Ela pulou para trás, e ele agarrou seu braço para que ela não caísse. Estava segurando o braço com punho de cabeça de boneca. Percebeu e disse: “Sinto muito.”

Por se chocar com ela ou pela deformidade? Pressia afastou o braço dele.

“Estou bem”, disse ela. Mas se sentia constrangida porque ele deve ter percebido que ela o estivera espionando.

Aqui está ele agora, o garoto que não gosta de ter dívidas, mas que deve ao avô dela. O garoto com pássaros nas costas.

Ele dá início à reunião.

— Temos uma pessoa nova aqui conosco.

Ele aponta para Pressia. Todos se viram e olham para ela. Como todo mundo, eles têm cicatrizes, queimaduras, manchas grandes, vermelhas e rugosas, quase com textura de corda. A mandíbula de um dos rostos tem uma área de pele retorcida tão marcada que quase parece casca de árvore. Pressia reconhece apenas um — Gorse, que desapareceu há alguns anos com a irmãzinha Fandra. Ela olha à volta, à procura de Fandra, que tinha cabelos dourados bonitos e o braço esquerdo enrugado. Elas costumavam brincar que eram perfeitas uma para a outra — Fandra tinha a mão direita boa, enquanto Pressia tinha a esquerda. Mas ela não a vê.

Gorse cruza olhares com ela e se vira para outro lado. Vê-lo deixa Pressia ansiosa. A rede subterrânea — talvez ela não apenas existe, mas também de fato funciona.

Agora a menina sabe que pelo menos um sobreviveu, e todas as pessoas aqui dentro parecem mais velhas que ela. Será que esta é a rede subterrânea? O menino com pássaros nas costas é o líder?

E o que eles veem quando olham para ela? Pressia abaixa a cabeça, ocultando a cicatriz em forma de meia-lua, e puxa a manga do suéter, para cobrir a cabeça de boneca. Ela acena com a cabeça para o grupo, querendo que parem logo de encará-la.

— Como você se chama? — pergunta o garoto com pássaros nas costas.

— Pressia — responde ela, e se arrepende imediatamente. Ela queria ter usado um nome falso. Não sabe quem são aquelas pessoas. Isso é um erro. Agora ela percebe claramente. Quer ir embora, mas se sente presa.

— Pressia — repete ele em voz baixa, como se estivesse praticando. — Certo — diz ao grupo —, vamos começar.

Outro garoto na sala levanta a mão. Seu rosto está parcialmente desintegrado por infecções onde o metal toca sua bochecha — algo que já foi cromado, mas que agora tem manchas de ferrugem, encontra-se com a pele enrugada. Há uma faixa de pele muito inflamada. Se ele não conseguir alguma pomada antibiótica, pode morrer daquilo. Pressia já viu pessoas morrerem de infecções simples como aquela. O remédio, às vezes, é vendido em algumas barracas do mercado, mas nem sempre há, e é caro.

— Quando vai nos deixar olhar dentro do baú? — pergunta ele.

— Depois que eu terminar, como sempre, Halpern. Você já sabe.

Halpern olha à volta, constrangido, e cutuca uma casca de ferida na bochecha.

Pressia agora vê o baú pela primeira vez. Está encostado em uma parede.

Ela se pergunta se é lá que a comida está guardada.

Ela olha as meninas no grupo. Uma delas tem fios de arame expostos no pescoço. Outra tem a mão trançada firmemente com um guidão de bicicleta, com o metal serrado se projetando do pulso como um osso saliente. Pressia acha surpreendente que elas não escondam essas coisas. Uma poderia usar um cachecol e a outra, uma meia, como ela própria. Mas a expressão das duas é dura, controlada, quase orgulhosa.

— Para os que nunca vieram à reunião — diz o indivíduo com pássaros nas costas, olhando para Pressia —, eu sou um dos

mortos. — Isso significa que ele está listado entre os que morreram nas Explosões. A OBR não está à procura dele. De modo geral, isso é bom. — Meus pais eram professores e morreram antes das Explosões. Eles tinham ideias perigosas. Eu tenho os restos de um livro em que eles estavam trabalhando, e é daí que tiro boa parte das minhas informações. Depois que eles morreram, fui morar com um casal de tios. É lá que eu estava quando houve as Explosões. Eles não sobreviveram. Estou sozinho desde então, quando tinha acabado de fazer nove anos. Meu nome é Bradwell, e isto é história sombria.

Bradwell. Agora ela se lembra de ter ouvido boatos sobre ele, um partidário da teoria da conspiração que prega nos Campos de Escombros. Ela ouviu dizer que ele questionava muitas das ideias sobre as Explosões e o Domo, especialmente aquelas que idolatram o Domo, tomando-o por uma divindade, um deus benevolente porém distante. Mesmo sem ser uma idólatra do Domo, Pressia na mesma hora detestou a existência de Bradwell. Para que teorias da conspiração? Já foi. Acabou. Aqui estamos. Para que chover no molhado?

Enquanto ele começa a palestra, andando de um lado para o outro com as mãos nos bolsos, ela começa a odiar a presença dele também. Ele é arrogante e paranoico. Anuncia suas teorias sobre as autoridades do Domo e afirma ter provas de que elas causaram a destruição total para exterminar a população inteira do mundo, exceto por uma pequena parcela, protegida dentro do Domo, e que o Domo foi projetado para esse propósito — não como protótipo para uma pandemia viral, um desastre ambiental ou o ataque de outros países. Eles queriam que apenas a elite sobrevivesse no Domo enquanto esperavam a Terra se renovar, quando então retornariam. Um novo começo.

— Vocês já se perguntaram por que não estamos passando por um inverno nuclear total? Bem, é porque tudo foi organizado de modo a evitá-lo. Eles usaram um coquetel de bombas: satélites do Sistema de Nêutrons em Órbita Baixa com Radiação Incrementada Dirigida, conhecidos como SiNOBRID, e do Sistema de Nêutrons em

Órbita Alta com Radiação Incrementada Dirigida, ou SiNOARID, com ampliação dos pulsos eletromagnéticos, os PEM.

Ele discute a diferença entre bombas atômicas e nucleares que também foram usadas no coquetel, e os pulsos projetados para derrubar todas as comunicações. E continua:

— E como foi que os Poeiras surgiram? As bombas dissolviam estruturas moleculares. Os coquetéis incluíam a distribuição de nanotecnologia para ajudar a acelerar a recuperação da Terra, nanotecnologia que promove a auto-organização de moléculas. A nanotecnologia, acelerada pelo DNA, que é matéria informacional mas também é excelente na auto-organização de células, intensificou nossa fusão. E a nanotecnologia que atingiu os humanos soterrados nos escombros ou na terra devastada os ajudou a se regenerar. Embora não conseguissem se libertar por completo, as células humanas dos Poeiras ficaram poderosas e aprenderam a sobreviver.

Ele explica uma conspiração após outra, associando-as com tanta rapidez que Pressia mal consegue entendê-lo. Mas ela não tem certeza de que sequer deveria entender as teorias. A palestra não é pensada para novatos. Esse grupo é dos já convertidos. Todos vão acenando com a cabeça, como se isso fosse uma história de ninar e eles a tivessem decorado para passar adiante.

Pressia recita mentalmente a Mensagem: Sabemos que vocês estão aqui, nossos irmãos e irmãs. Um dia sairemos do Domo e nos juntaremos a vocês em paz. Por enquanto, observamos de longe, com benevolência. E depois a cruz antiga, que seu pai chamava de cruz irlandesa. Pode não ter vindo do benevolente olho de Deus, como muitos consideram o Domo, mas certamente não é a Mensagem de uma força perversa. O pecado deles foi ter sobrevivido. Ela não pode criticá-los por isso. Ela é igualmente culpada.

Pressia se dá conta de que, se ela ouviu falar de Bradwell, a OBR deve saber que ele existe. O pânico lança arrepios por sua pele. É um perigo para ela até mesmo estar ali. Bradwell tem quase dezoito anos e, embora esteja listado entre os mortos, deve ser um alvo prioritário para a OBR. Enquanto ele fala, algumas coisas ficam

claras. Ele odeia a OBR e a considera decadente, enfraquecida por sua própria ambição e maldade, incapaz de derrubar o Domo ou realizar qualquer mudança real.

— Apenas mais um tirano corrupto — acusa Bradwell.

Ele despreza especialmente o fato de não haver transparência. Não se conhece o nome dos oficiais de posto mais elevado da OBR. Eles deixam os soldados rasos fazerem o trabalho sujo nas ruas.

Se alguém o ouvisse falando desse jeito, ele levaria um tiro — provavelmente em público. Todos ali seriam considerados inimigos da OBR, passíveis de punição com a morte. Ela quer ir embora, mas como? A escada para o alçapão no teto está recolhida. Ela teria que chamar a atenção. Teria que se explicar. Mas o que é pior? E se houver uma incursão e ela estiver presa aqui embaixo com essas pessoas?

Ao mesmo tempo, ela está desesperada para saber o que há no baú. É óbvio que o cara chamado Halpern quer abri-lo. Deve ter objetos de valor. Onde está a comida? Sobretudo, ela quer que Bradwell pare. Ele está falando de assuntos em que ninguém toca, as Explosões e seus efeitos: as correntes de vento arrancando casas do chão, os ciclones de fogo, a pele ressecada dos moribundos, os corpos carbonizados, a chuva preta e oleosa, as piras para queimar os mortos, aqueles que morreram dias depois, começando com um sangramento no nariz e depois se deteriorando por dentro. Ela tenta mentalizar para que ele pare. Por favor, pare! Pare! Agora!

Bradwell começa a lhe lançar olhares enquanto fala e se aproxima da área da sala onde ela está. Ele estreita os olhos como se fosse forte, mas, à medida que vai ficando mais bravo — falando que todo o movimento político Retorno da Civilidade, supervisionado pelo ramo militar nacional Onda Vermelha da Justiça, foi parte dos prenúncios das Explosões, com a dominação de tudo em nome do medo, as prisões em massa, sanatórios para os enfermos, refúgio para os dissidentes, os remanescentes estendendo-se em todas as direções do lado de fora dos bairros fechados —, seus olhos ficam marejados. Pressia percebe que ele jamais choraria, mas ele é complicado.

— Tudo aquilo era doentio — diz ele. E então toca uma covinha sarcástica em sua bochecha e continua: — Você sabe que Deus o ama se você for rico!

Era mesmo assim antes? O pai dela era contador. A mãe a havia levado para a Disney. Eles moravam em um bairro fechado. Tinham um pequeno quintal. Seu avô fez desenhos disso tudo para ela. Os pais de Pressia não eram professores com ideias perigosas. Então, de que lado estavam? Ela se afasta de novo na direção da escada.

— Precisamos nos lembrar daquilo que não queremos — diz ele ao grupo. — Precisamos passar nossas histórias adiante. Meus pais já estavam mortos, assassinados a tiros enquanto dormiam. Disseram-me que foram invasores, mas eu sabia que não era verdade, já naquela época.

E agora Bradwell fala como se estivesse se dirigindo apenas a ela, como se ela fosse a única pessoa na sala. Fixa o olhar nos dela e a prende ali. É uma sensação estranha, como ser amarrada à Terra — nenhum sinal de cinzas. Ele conta sua história — seu Eu Me Lembro.

Depois que os pais foram mortos, ele foi mandado para a casa dos tios em um bairro fechado. Prometeram a seu tio três lugares no Domo, ensinaram-lhe uma rota para chegar lá quando soasse o alarme, um caminho particular que dava a volta nos bloqueios. O tio tinha até ingressos. Havia pago muito dinheiro. Eles carregaram o carro com água mineral e dinheiro.

Aconteceu em uma tarde de sábado. Bradwell estava longe de casa. Ele costumava perambular muito naquela época. Não se lembra de muita coisa — apenas de uma luz forte, do calor percorrendo seu corpo, como se seu sangue estivesse pegando fogo. A sombra dos pássaros levantando voo atrás de si... Então foi isso mesmo o que ela viu há dois anos, quando ele estava na mesa sendo suturado. O que se vê agitando-se sob sua camisa são asas.

O corpo de Bradwell estava queimado, cheio de bolhas, em carne viva. Os bicos dos pássaros pareciam adagas.

Ele conseguiu voltar para a casa dos tios, em meio a áreas incendiadas e o ar cheio de cinzas, pessoas gritando nos escombros. Outros vagavam, cobertos de sangue, a pele derretida. Seu tio

estava consertando o carro, para que estivesse em ótimas condições de percorrer a rota especial fugindo dos bloqueios. Ele estava embaixo do carro na hora das Explosões e fundiu-se com o motor, que se alojou em seu peito. A tia estava queimada, sofrendo, e com medo do corpo de Bradwell, de seus pássaros. Mas ela disse: “Não nos deixe.” O cheiro de morte, de cabelos e pele queimados estava em toda parte. O céu estava cinzento, cheio de fuligem.

— Havia sol, mas o céu estava tão encoberto com a poeira que o dia parecia crepúsculo — Bradwell diz.

Pressia se lembra desse detalhe? Ela quer. Depois de sol em cima do sol em cima do sol, foi crepúsculo, dia após dia.

Bradwell ficou com sua tia na garagem, que estava queimada, instável, mas estranhamente sem danos — cheia de caixas carbonizadas, a árvore artificial de Natal, as pás, as ferramentas. Seu tio estava quase morto, mas tentou explicar à esposa como soltá-lo. Disse coisas sobre alicates e uma roldana suspensa que eles poderiam prender no teto. Mas a quem sua esposa poderia pedir ajuda? Todo mundo havia desaparecido, ou estava morto, morrendo ou preso. Ela tentava alimentar o marido, mas ele se recusava a comer.

Bradwell encontrou um gato morto no quintal queimado, colocou-o em uma caixa e tentou reanimá-lo, em vão. Sua tia estava rouca e sem ar — um pouco louca àquela altura, provavelmente. Estava atordoada, fraca, cuidando das próprias queimaduras e feridas, vendo o marido morrer aos poucos.

Bradwell para de falar por um instante, olha para o chão e depois de novo para Pressia.

— Então — diz ele —, um dia, ele implorou a ela. Ele sussurrou: “Ligue o motor. Ligue.”

A sala está quieta e imóvel.

— Ela segurou as chaves e gritou para eu sair da garagem — acrescenta Bradwell. — E eu obedeci.

Pressia se sente tonta. Apóia a mão na parede de cimento para se firmar.

Olha para Bradwell. Por que ele está lhes contando essa história? É doentio. Eu Me Lembro devia ser um modo de presentearmos as

peessoas com pequenas lembranças boas, do tipo que Pressia gosta de colecionar, nas quais precisa acreditar. Por que isto? Que bem isto faz para alguém? Ela olha para os outros na sala. Eles não parecem bravos como ela. Na verdade, seus rostos parecem calmos.

Alguns estão de olhos fechados, como se quisessem imaginar a cena. É a última coisa que Pressia quer, mas ela vê tudo — o bando de pássaros, o gato morto, o homem preso debaixo do carro.

— Ela virou a chave — continua Bradwell. — Por alguns instantes, o motor engasgou. Como ela não saiu para me buscar, eu entrei. Vi o sangue e o azul pálido no rosto de meu tio. Minha tia encolhida no canto da garagem. Peguei a água mineral, coloquei dinheiro em um saco e o prendi com fita em minha barriga. E voltei para casa, para a casa dos meus pais, totalmente incendiada, e encontrei o baú que eles haviam escondido em um quarto protegido. Arrastei-o comigo para o mundo sombrio e aprendi a sobreviver.

Seus olhos escuros percorrem o grupo.

— Cada um de nós tem uma história — diz ele. — Eles fizeram isso conosco. Não houve agressor externo. Eles queriam um apocalipse. Eles queriam o fim. E o provocaram. Foi tudo planejado, quem entrava, quem não entrava. Havia uma lista principal. Nós não estávamos nela. Fomos deixados aqui para morrer. Eles querem nos apagar, apagar o passado, mas não podemos permitir.

É o fim. Ninguém aplaude. Bradwell simplesmente se vira e abre o fecho do baú.

Em silêncio, todos formam uma fila e, um a um, com reverência, se aproximam para olhar lá dentro. Alguns estendem a mão e tiram papéis — uns coloridos, outros em preto e branco. Pressia não consegue identificar o que são. Ela quer ver o que há no baú, mas seu coração está batendo acelerado. Ela precisa sair.

Vê Gorse falando com pessoas no canto. É ótimo que ele esteja vivo, mas Pressia não quer descobrir o que aconteceu com Fandra. Ela precisa sair dali. Vai até o fundo da sala e puxa a escada bamba. Ela se desdobra do teto. Pressia começa a subir. Mas Bradwell está embaixo dela:

— Você não veio para a reunião, não é?

— É claro que vim.

— Você não tinha ideia do que se tratava.

— Preciso ir — diz Pressia. — Já é mais tarde do que eu pensava.

Eu fiz uma promessa e...

— Se sabia da reunião, então o que há no baú?

— Papéis — responde ela. — Você sabe.

Ele pega na bainha esfarrapada das calças dela e dá um pequeno puxão.

— Venha dar uma olhada.

Ela olha para o alçapão.

— A tranca trava automaticamente, por dentro e por fora, depois que é fechada — explica ele. — De qualquer modo, você precisa esperar Halpern destrancar. Só ele tem a chave.

Bradwell estende a mão e oferece ajuda, mas Pressia o ignora e desce sozinha.

— Não tenho muito tempo — diz ela.

— Tudo bem.

Não há mais fila. Todos, inclusive Gorse, estão em pequenos grupos, segurando os papéis e conversando a respeito. Ele olha para Pressia. Ela lhe faz um aceno com a cabeça, e ele retribui. Ela precisa falar com ele. Gorse está perto do baú. Pressia quer olhar lá dentro. Vai até ele.

— Pressia — diz ele.

Bradwell está atrás dela.

— Vocês se conhecem?

— Nós nos conhecíamos — responde Gorse.

— Vocês desapareceram e você ainda está vivo — observa Pressia.

Ela não consegue disfarçar a admiração.

— Pressia — chama ele. — Não fale de mim para ninguém. Não fale.

— Não vou falar — responde ela. — E...

Ele a interrompe.

— Não — diz ele, e Pressia compreende que Fandra realmente morreu.

Ela achou que Fandra estava morta desde o dia em que os dois desapareceram, mas não imaginou que sentiria tamanha esperança,

após ver Gorse, de que a menina talvez estivesse viva, de que talvez pudesse vê-la de novo.

— Sinto muito — diz ela.

Ele balança a cabeça e muda de assunto.

— O baú — fala ele. — Dê uma olhada.

Ela se aproxima, cercada de gente, esbarrando em ombros. Ela se sente balançada. Olha o interior do baú. Há um monte de pastas cobertas de fuligem.

Uma delas tem a etiqueta MAPAS. Outra, ORIGINAL. A pasta de cima está aberta, e dentro há embrulhos e recortes de revistas e jornais e embrulhos. Pressia não estende a mão. Ela não consegue tocar naquilo, a princípio. Ajoelha-se e segura na borda do baú. Há imagens de pessoas tão felizes por terem perdido peso que passaram uma fita métrica em volta da barriga; cães usando óculos escuros e chapéus de festa; carros envolvidos em enormes laços vermelhos. Há abelhas sorridentes, “garantias de dinheiro de volta”, pequenas caixas felpudas contendo joias. As figuras estão um pouco desgastadas e rasgadas. Algumas têm buracos de queimado, bordas escurecidas. Algumas estão acinzentadas, com a fuligem. Mas ainda assim são bonitas. Era assim antes, pensa Pressia. Não aquilo tudo que Bradwell acabou de lhes contar. Era assim. Essas são as imagens. Provas. Reais.

Ela estende a mão e toca uma. Uma foto de pessoas usando óculos com lentes coloridas no cinema. Eles observam a tela, rindo, e pegam comida de baldes coloridos de papelão.

— Isso se chamava 3-D — diz Bradwell. — Eles olhavam para telas planas do cinema, usando os óculos, e o mundo saltava para fora, como na vida real.

Ele pega a foto e entrega a ela.

Quando Pressia a segura, sua mão começa a tremer.

— Eu só não me lembro assim com tantos detalhes. É incrível. Quer dizer. — Ela olha para ele. — Por que você fala todas aquelas outras coisas quando tem estas imagens bem aqui? Quer dizer, olhe para elas.

— Porque o que eu disse foi a verdade. História sombria. Isto não é.

Ela balança a cabeça

— Pode dizer o que quiser. Eu sei como era. Tenho em minha cabeça. Era mais assim. Tenho certeza.

Bradwell ri.

— Não ria de mim!

— Conheço seu tipo.

— O quê? — pergunta Pressia. — Você não sabe nada de mim.

— Você é do tipo que quer que tudo volte a ser como era no Antes. Não pode olhar para trás desse jeito. Você, provavelmente, até adora a ideia do Domo. Todo confortável e gostoso.

Pressia se sente sendo repreendida.

— Não estou olhando para trás. Você é o professor de história!

— Só olho para trás para não cometermos os mesmos erros.

— Como se algum dia fôssemos ter essa chance — diz ela. — Ou é isso que você pretende com suas liçõezinhas? Uma forma de se infiltrar na OBR, de derrubar o Domo? — Ela empurra a foto no peito dele e vai até Halpern. — Destranque o alçapão.

Halpern olha para ela.

— O quê? Ele tem uma tranca?

Ela olha para Bradwell.

— Você acha que é engraçado?

— Eu não queria que você fosse embora — diz Bradwell. — É tão errado assim?

Ela caminha apressada até a escada, e Bradwell vai atrás.

— Aqui, leve isto — ele sugere.

Ele estende um pequeno pedaço dobrado de papel.

— O que é isso?

— Você já fez dezesseis anos?

— Ainda não.

— Você pode me encontrar aqui — diz ele. — Pegue. Você talvez precise.

— O quê? Caso eu precise de mais sermões? — ironiza ela. — E onde está a comida, afinal?

— Halpern! — chama Bradwell. — Onde está a comida?

— Esqueça — diz Pressia.

Ela puxa a escada para baixo.

Mas, enquanto ela pisa no primeiro degrau, ele estende o braço e coloca o papel dobrado no bolso dela.

— Não custa nada.

— Sabe, você também não passa de um tipo — diz ela.

— Qual?

Ela não sabe o que dizer. Nunca conheceu ninguém como ele. Os pássaros em suas costas parecem agitados. As asas estremecem sob a camisa. Os olhos são melancólicos, intensos.

— Você é um garoto esperto — declara ela. — Pode descobrir sozinho.

— Você acabou de dizer algo gentil a meu respeito — diz ele enquanto ela sobe as escadas. — Percebeu? Foi um elogio. Está me provocando, não é?

Isso só a deixa mais irritada.

— Espero nunca mais ver você — diz ela. — Isso é bastante provocativo para seu gosto?

Ela sobe o suficiente para empurrar o alçapão. Ele abre com força e bate na madeira. Todos na sala param e se viram para Pressia.

E por alguma razão estranha ela espera olhar para o cômodo acima e ver uma casa com um sofá bordado com flores, janelas iluminadas com cortinas esvoaçantes, uma família usando cintos de fitas métricas e comendo um peru suculento, um cachorro de óculos escuros sorrindo para ela e, do lado de fora, um carro envolvido em um laço — talvez até Fandra, viva, penteando seus belos cabelos dourados.

Pressia sabe que nunca se esquecerá das imagens que viu. Ficarão em sua mente para sempre. De Bradwell também, com seus cabelos desgrenhados, a cicatriz dupla e tudo aquilo que saiu da boca dele. Provocando-o? Foi disso que ele a acusou? E isso tem alguma importância agora que ela ouviu que as Explosões foram planejadas, que eles foram deixados para morrer?

Não há sofá, cortinas, família, cão nem laço.

Há apenas um cômodo com catres empoeirados e grades na porta.

PARTRIDGE

CONTADOR

Silas Hastings, colega de quarto de Partridge, vai até o espelho afixado atrás da porta do guarda-roupa e passa loção pós-barba nas bochechas.

— Não encare isso como algo que você precisa estudar até o último minuto. É um baile, cacete.

Hastings é um garoto bem-apessoado. É magro e muito alto, o que o torna meio sem jeito, sempre parecendo estranhamente desengonçado. Partridge gosta dele. É um bom colega de quarto — razoavelmente organizado, estudioso —, mas seu único defeito é que ele leva tudo para o lado pessoal. Além disso, às vezes é um mala.

A situação está tensa porque Partridge tem evitado Hastings, dizendo que precisa estudar mais, reclamando da pressão que o pai está fazendo. Mas, na verdade, ele tem procurado arranjar tempo para ficar sozinho — quando Hastings está treinando lances livres na quadra de basquete ou à toa na sala coletiva, coisas que Partridge costumava fazer com ele — de modo que possa estudar as plantas na fotografia que o pai mandou tirar em sua sala e depois enviou para a caixa postal do filho na academia. Às vezes, o menino dá corda na caixa de música e a deixa tocar até o fim. A melodia é uma musiquinha que a mãe costumava cantar sobre a mulher-cisne, a que ela lhe ensinou naquele passeio à praia. Será que é apenas uma coincidência? Partridge tem a impressão de que significa algo mais. É isso que ele pretende fazer por alguns minutos depois que

Hastings sair, ouvir a música e estudar as plantas enquanto todos os outros garotos estão indo ao baile.

Nesse momento Partridge está enrolando. Ainda está envolvido em uma toalha, os cabelos molhados após o banho. Suas roupas estão separadas. Ele ampliou sua foto com o pai para poder ver os detalhes da planta. Encontrou o sistema de filtragem de ar, hélices embutidas em túneis em intervalos de mais ou menos seis metros. Depois da hora que se apagam as luzes, ele ilumina as plantas com a pequena lâmpada no topo da caneta especial que seu pai lhe deu de aniversário. Acabou sendo útil, no fim das contas.

Partridge também tem evitado Hastings porque seu pai cumpriu a ameaça.

Tem havido muitos exames, baterias de exames, exatamente como seu pai disse. O menino foi transformado em uma almofada de alfinetes. A ideia adquiriu um novo significado para Partridge — ele se sente perfurado. Seu sangue, suas células, seu DNA. O pai agendou um exame tão invasivo que Partridge terá que ser sedado — mais uma agulha grudada em seu braço, como um apêndice, ligada a uma bolsa transparente de algo que o deixaria inconsciente.

— Depois eu vou para lá — diz Partridge. — Pode ir.

— Você viu a área de convivência? — pergunta Hastings, inclinando-se na direção da janela que dá para o gramado entre os dormitórios femininos e os masculinos. — Weed está usando uma caneta laser para enviar mensagens a uma garota. Você imagina aquele mané cantando uma menina por mensagens de caneta laser?

Partridge olha para o gramado. Vê os pequenos zigue-zagues acelerados de um ponto vermelho movendo-se pelo chão. Olha para as janelas iluminadas dos dormitórios femininos. Alguém lá sabe ler aquilo. É incrível como eles precisam ser criativos para conseguir falar com as meninas.

— Todo mundo precisa dar um jeito, eu acho — diz Partridge.

Hastings não tem jeito com garotas, então, não está em posição de julgar Weed a esse respeito, e ele sabe disso.

— Sabe — diz Hastings —, fico arrasado por você não poder sequer fazer companhia a mim, seu camarada, no caminho até o baile. Pouco a pouco você está me matando.

— O quê? — pergunta Partridge, tentando se fazer de desentendido.

— Por que você não me fala a verdade, hein?

— Que verdade?

— Você está me evitando porque me odeia. Fale de uma vez. Eu não vou levar para o lado pessoal.

Hastings é famoso por dizer que não vai levar insultos pessoais para o lado pessoal, mas sempre levar.

Partridge decide lhe contar parte da verdade, apenas parte, para acalmá-lo.

— Olhe, a situação está muito pesada para mim. Meu pai vai me levar para uma sessão especial nos moldes de múmia. Pacote completo.

Hastings toca no encosto da cadeira de sua escrivaninha. Seu rosto fica um pouco pálido.

— Hastings — diz Partridge. — Sou eu. Não você. Não leve tão a sério.

— Não, não. — Ele tira o cabelos dos olhos, um tique nervoso. — É que, você sabe. Ouvi boatos sobre esse tipo de sessão. Alguns dos garotos dizem que é assim que grampeiam as pessoas.

— Eu sei — responde Partridge. — Eles podem colocar lentes nos olhos e dispositivos de gravação nos ouvidos, transformando a pessoa em um espião completo, quer ela tenha consciência disso ou não.

— Não são apenas aqueles dispositivos típicos para alguns pais ansiosos saberem onde os filhos estão sempre. São de alta tecnologia. Tudo o que se vê e se ouve é monitorado em telas coloridas de alta definição.

— Bem, não vai ser assim, Hastings. Ninguém vai transformar o filho de Willux em um espião.

— E se for pior? — pergunta Hastings. — E se eles colocarem um contador?

Um contador, supostamente, é uma bomba que eles podem implantar na cabeça de qualquer um. É ativado por controle remoto. Se a pessoa de repente passa a representar mais risco do que

benefício, eles apertam um botão. Partridge não acredita no contador.

— É só um mito, Hastings. Isso não existe.

— Então, o que eles querem fazer com você?

— Só querem os dados biológicos.

— Eles não precisam sedá-lo para colher dados. DNA, sangue, urina. O que mais poderiam querer?

Partridge sabe o que querem dele. Querem alterar sua codificação comportamental e, por algum motivo, não conseguem. E isso tem a ver com sua mãe. Ele falou para Hastings mais do que gostaria. Sobretudo, não pode falar para ninguém que planeja sair. Ele sabe como sair do Domo. Pesquisou, fez os cálculos.

Sairá pelo sistema de filtragem de ar. Só precisa de mais um item, uma faca, e vai consegui-la hoje à noite.

— Não há necessidade de pânico, Hastings. Eu ficarei bem. Sempre fico, não é?

— Um contador não é legal, cara. Isso não é legal.

— Você já está todo arrumado. Não se preocupe com isso. Vá se divertir. Como você disse, é um baile, cacete!

— Está bem, está bem — concorda Hastings, e corre para a porta com suas pernas compridas. — Não me deixe sozinho lá para sempre, está bem?

— Se você parar de me pentelhar, eu posso ir mais rápido.

Hastings faz uma saudação e fecha a porta.

Partridge se deixa cair sentado no colchão. Hastings, que idiota, o menino diz a si mesmo, mas isso não ajuda. Ele o deixou assustado ao falar do contador; por que as autoridades iriam querer apagar os próprios soldados? Partridge poderia ter dito para Hastings tomar cuidado. Provavelmente, o código comportamental dele já foi um pouco alterado. Talvez seja um dos motivos pelos quais ele não quer se atrasar para o baile. A pontualidade é uma virtude do Domo.

Partridge não consegue imaginar a sensação de começar a agir de forma diferente, mesmo que muito sutilmente. “É como crescer. Um amadurecimento.” É isso que os pais acham da codificação comportamental — pelo menos para os meninos. As meninas não

são codificadas, algo a ver com seus delicados órgãos reprodutores, a menos que elas não sejam aprovadas para a reprodução. Se não vão se reproduzir, então o aprimoramento cerebral pode começar.

Partridge não quer mudar em nada. Ele quer saber que o que faz vem de si mesmo — ainda que seja errado. De qualquer modo, ele precisa sair antes que encontrem um meio de mexer em sua codificação comportamental, senão ele não sairá nunca. Impedirá a si mesmo. Pode não ter mais sequer o impulso de sair.

Mas o que há fora do Domo? Tudo o que Partridge sabe é que se trata de uma terra cheia de miseráveis, a maioria gente burra ou teimosa demais para ir para o Domo. Ou eram doentes da cabeça, criminosos insanos, comprometidos viralmente — já internados. Era ruim naqueles tempos; a sociedade estava enferma. O mundo fora mudado para sempre. Agora, a maioria dos miseráveis sobreviventes é monstruosa, deformada a ponto de nem parecer mais um ser humano, uma distorção da forma de vida anterior. Na aula eles viram imagens, fotogramas de vídeos escurecidos por causa das cinzas. Será que Partridge vai conseguir sobreviver lá naquele ambiente mortífero, no meio dos miseráveis violentos? E é possível que, depois que ele sair, ninguém vá procurá-lo. Ninguém tem permissão para sair do Domo por motivo algum — nem mesmo para exploração. Será que esta é uma missão suicida?

Tarde demais. Partridge já está decidido. Não pode se permitir qualquer distração no momento — vinda de Hastings ou de si mesmo. Ele ouve o estalo do sistema de ventilação sendo ativado e olha para o relógio. Fica de pé e sobe a escada pequena até seu beliche. Tira um pequeno caderno enfiado entre o colchão e o estrado. Abre o caderno, anota o horário, fecha-o e coloca de volta no lugar.

Onde quer que esteja, seja deitado usando seu molde de múmia enquanto recebe radiação, ou esperando a coleta de outro frasco, ou durante as aulas, ou no dormitório à noite, ele estuda o zunido ritmado das hélices de filtragem — o ruído surdo que vibra pelo Domo em intervalos constantes. Faz anotações em um caderno que deveria ser usado para registrar suas tarefas e sessões de codificação.

Partridge mal se deu conta dos sons antes. Mas, agora que começou, às vezes ele consegue prever o clique sutil pouco antes de os motores serem ligados. Ele agora sabe que o sistema de filtragem de ar leva para fora do Domo e que as hélices param algumas vezes por um período de três minutos e quarenta e dois segundos.

Ele vai sair porque sua mãe pode estar viva. "Sua mãe sempre é problemática." Foi o que seu pai disse, e, desde que Partridge roubou os itens dela do Arquivo de Perdas Pessoais, ela parece ainda mais real. Se há alguma chance de que ela esteja lá fora, ele precisa encontrá-la.

Partridge se veste rapidamente, coloca a calça e a camisa, passa a gravata e aperta o nó. Seu cabelo está tão curto que dispensa o pente. Nesse momento, ele precisa se concentrar em uma coisa: Lyda Mertz.

LYDA

CUPCAKE

Quando Lyda ajudou a decorar o refeitório com fitas e estrelas de papel-laminado dourado coladas no teto, ainda não tinha par. Havia algumas pessoas com quem estaria disposta a ir, mas Partridge era o único que ela queria que a convidasse. Quando ele fez o convite, perto da pequena arquibancada de metal no campo de atletismo num raro momento em que ela não estava sendo conduzida por um professor, Lyda pensara: "Não seria ótimo se estivesse um pouco frio, o vento soprasse e o céu estivesse nublado, como um verdadeiro dia de outono?"

Mas é claro que ela não disse isso. Apenas respondeu "Sim, eu adoraria ir com você! Parece ótimo!" e colocou as mãos nos bolsos porque teve medo de que Partridge talvez tentasse pegar nelas, que estavam agora suadas.

Ele olhou para os lados depois que ela concordou, como se tivesse esperança de que ninguém os houvesse escutado, como se, caso tivessem ouvido, ele fosse desistir. Mas falou:

— Então está bem. Podemos nos encontrar lá.

E agora aqui estão eles, sentados lado a lado às mesas forradas. Partridge está perfeito. Seus olhos são de um cinza tão lindo que, sempre que ele olha para Lyda, ela acha que seu coração pode explodir. Ainda assim, ele mal olhou para ela, mesmo estando sentados um ao lado do outro.

Tem música tocando no ambiente, todas as canções mais antigas da lista autorizada. Esta agora é uma canção melancólica, e um

pouco assustadora, sobre alguém que observa cada passo e cada suspiro de outra pessoa. Ela deixa Lyda um pouco paranoica, sentindo-se analisada demais, e a menina já está preocupada o bastante com o tamanho do decote de seu vestido.

O colega de quarto de Partridge está encostado na parede do outro lado do salão, conversando com uma menina. Ele olha na direção dos dois e vê Partridge, que o cumprimenta com um aceno de cabeça. Hastings dá um sorriso bobo e volta a falar com a menina.

— O nome dele é Hastings, não é? — pergunta Lyda.

Ela está tentando puxar assunto, mas também não se importa em falar de Hastings, talvez uma dica de que ela e Partridge poderiam estar sentados mais próximos, cochichando.

— Aquilo é um pequeno milagre — declara Partridge. — Ele não leva muito jeito com as meninas.

Lyda se pergunta se Partridge leva jeito com as meninas, mas, por algum motivo, não está jogando seu charme nela.

Por ser uma ocasião especial, as pílulas alimentares — balas, como os garotos da academia costumam dizer — foram substituídas por cupcakes dispostos em pequenos pratos azuis em todas as mesas. Ela vê Partridge enfiar grandes garfadas na boca. Imagina que a sensação deve ser quase como a de sufocamento por comida — uma raridade. Lyda mordisca seu cupcake, saboreando-o, fazendo-o durar.

Ela tenta puxar assunto de novo. Dessa vez, fala da aula de artes, sua favorita.

— Meu pássaro de arame foi escolhido para participar da próxima exposição no Salão dos Fundadores, uma mostra de arte dos alunos. Você faz aula de artes? Ouvei dizer que não deixam os meninos cursarem artes, apenas matérias que têm aplicação na vida real, como ciências. É isso mesmo?

— Fiz história da arte. Temos permissão para um pouco de cultura. Mas, sério, de que nos adianta saber fazer um pássaro de arame? — diz ele, com grosseria.

Ele se recosta na cadeira e cruza os braços.

— Qual o problema? — pergunta Lyda — Eu disse algo errado?

Partridge parece estar irritado com ela, então, por que a convidou para o baile, afinal?

— Agora não importa — responde ele, como se Lyda tivesse mesmo dito algo errado e ele a estivesse punindo.

Ela cutuca o cupcake com o garfo.

— Olhe — diz ela —, eu não sei qual é seu problema. Se há algo errado, fale.

— É isso o que você faz? Procura os problemas das pessoas? Tenta recrutar novos pacientes para sua mãe?

A mãe de Lyda trabalha no centro de reabilitação, para onde alguns alunos são levados quando têm problemas de adaptabilidade mental. De vez em quando algum volta, mas normalmente eles desaparecem para sempre.

Lyda fica magoada com a acusação.

— Não sei por que você está agindo assim. Achei que fosse um cara decente.

Ela não quer sair pisando duro, mas agora sabe que precisa fazer isso. Disse que ele não é decente. O que mais se pode falar depois disso? Ela joga o guardanapo, sai na direção da poncheira e recusa-se a olhar para ele.

PARTRIDGE

FACA

Partridge se sente culpado antes de Lyda se afastar, mas fica aliviado depois que ela sai. Faz parte do plano. Ele quer a chave na bolsa dela. Agiu como um idiota na esperança de que ela saísse de perto e deixasse a bolsa para trás. Mas em certos momentos ele quase se desculpou. Foi mais difícil do que havia pensado. Lyda é mais bonita do que ele se lembrava — nariz pequeno, afilado, sardas, olhos azuis — , e isso o surpreendeu. Sua aparência não foi o motivo pelo qual Partridge a convidou para o baile.

Ele se mexe para deixar as mãos mais para trás das costas, tira o molho de chaves da alça da bolsa e o coloca no bolso do paletó. Empurra a cadeira para trás com raiva, fingindo que é parte da briga, e sai como se fosse ao banheiro, passando rapidamente para o corredor.

— Partridge!

É Glassings. Ele está usando uma gravata-borboleta.

— Você está elegante — diz Partridge, agindo com a maior naturalidade possível. Ele gosta de Glassings.

— Eu trouxe uma acompanhante — conta ele.

— Sério?

— É tão difícil assim de acreditar? — diz Glassings, fazendo um bico irônico.

— Com essa gravata-borboleta, tudo é possível — afirma Partridge.

Glassings é o único professor com quem ele pode brincar assim — talvez até mesmo o único adulto. Partridge, com certeza, não pode brincar com o pai. E se Glassings fosse o pai de Partridge? O pensamento passa por sua cabeça. Ele lhe diria a verdade. O fato é que ele quer lhe contar tudo. Amanhã, a esta hora, Partridge já terá ido embora.

— Você vai dançar hoje à noite? — pergunta Partridge, incapaz de fitar os olhos de Glassings.

— É claro — responde ele. — Você está bem?

— Estou! — afirma Partridge, sem saber o que fez para deixar Glassings desconfiado. — Só um pouco nervoso. Eu não sei dançar direito.

— Não posso ajudá-lo. Fui agraciado com dois pés esquerdos — diz Glassings, e aqui a conversa recai em um silêncio incômodo por um instante. E então Glassings finge ajeitar a gravata e o colarinho de Partridge. Ele sussurra: — Sei o que está acontecendo, e está tudo bem.

— Você sabe o que está acontecendo? — indaga Partridge, tentando parecer inocente.

Glassings o encara.

— Ora, Partridge. Eu não nasci ontem.

Partridge fica enjoado. Será que está tão óbvio assim? Quem mais sabe de seus planos?

— Você roubou o conteúdo da caixa de metal de sua mãe no Arquivo de Perdas Pessoais. — A expressão de Glassings suaviza. Ele abre um sorriso gentil. — É natural. Você quer recuperar parte dela. Eu também peguei algo de uma das caixas.

Partridge olha para os próprios pés. Os pertences de sua mãe. É disso que ele está falando. O menino transfere o peso de uma perna para a outra e diz:

— Sinto muito. Não tive intenção. Foi um impulso.

— Olhe, não vou contar para ninguém — diz Glassings em voz baixa. — Se algum dia quiser conversar, venha me procurar.

Partridge concorda com a cabeça.

— Você não está sozinho — sussurra Glassings.

— Obrigado — responde Partridge.

Então Glassings se aproxima mais e diz:

— Seria uma boa ideia você fazer amizade com Arvin Weed. Ele está inspirado naquele laboratório, dando grandes passos, sabe? Garoto esperto, vai longe. Não quero escolher as amizades para você, mas ele é dos bons.

— Vou me lembrar disso.

Glassings dá um soquinho fraco no ombro dele e vai embora. Partridge fica ali parado por um instante. Sente-se fracassado, mas não deveria. Foi um alarme falso. Ele diz a si mesmo para se concentrar. Finge que perdeu alguma coisa. Passa as mãos nos bolsos do paletó — onde está escondida a chave — e nos das calças, e depois balança a cabeça. Será que alguém está olhando? Depois ele vira no primeiro corredor escuro, o caminho de volta para os dormitórios. Mas, assim que dobra a esquina, ele se vira para as portas do Salão dos Fundadores. Pega as chaves de Lyda, separa a maior e enfia na fechadura.

O Salão dos Fundadores é o principal espaço de exposições e agora abriga uma Mostra de Domesticidade. Partridge pega sua caneta com lâmpada e passa a luz por colheres metálicas de medida encaixadas uma na outra, um pequeno timer branco e pratos com desenhos caprichosos nas bordas. Lyda é a responsável pela Mostra de Domesticidade. Foi por isso que ele a escolheu, um ato calculado do menino para pegar as chaves, o que parece pior do que realmente é. Partridge lembra a si mesmo que ninguém é perfeito. Nem Lyda. Por que ela aceitou?

Provavelmente porque ele é filho de Willux. E esse fato foi uma sombra para todos os relacionamentos dele. Por ter crescido no Domo, Partridge nunca tem certeza se as pessoas gostam realmente dele ou de seu sobrenome.

A luz de sua caneta cria uma fileira de reflexos metálicos — o mostruário de facas. Ele se aproxima rapidamente. Passa os dedos pela fechadura, levanta o molho com as chaves de Lyda tilintando no escuro. Devido à codificação, o barulho das chaves soa muito forte na cabeça dele, como sinos estridentes. Partridge tenta uma chave após a outra até que uma encaixa. Ele a gira. Ouve um estalo baixo.

Ergue a tampa de vidro.

E então ouve a voz de Lyda:

— O que você está fazendo aqui?

Partridge olha para trás e vê o contorno suave do vestido dela, uma silhueta.

— Nada — responde.

Ela toca no interruptor e acende as arandelas elétricas da parede, ajustadas para meia-luz. As lâmpadas se refletem em seus olhos.

— Eu vou querer saber?

— Acho que não.

Ela olha para trás, na direção da porta.

— Eu vou olhar para o outro lado e contar até vinte — diz.

Ela fita os olhos de Partridge, como se estivesse confessando algo. De repente, ele também quer confessar. Ela está linda neste momento — o vestido justo em volta da cintura estreita, o brilho nos olhos, o pequeno laço vermelho que são seus lábios. Ele confia nela com uma urgência que não consegue explicar.

Partridge concorda com a cabeça e então ela se vira e começa a contar.

O mostruário é coberto de material aveludado macio. A faca tem cabo de madeira. Ele passa o dedo pela lâmina... Menos afiada do que ele gostaria. Mas vai servir.

Ele enfia a faca no cinto, escondida sob o paletó. Tranca o mostruário e caminha até a porta.

— Vamos — diz ele a Lyda.

Lyda olha para Partridge por um segundo na penumbra, e ele se questiona se ela fará perguntas. Não faz. Ela estende o braço e aperta o interruptor. A sala fica escura. Ele lhe dá as chaves, encostando na mão dela. Eles saem juntos e ela tranca a porta.

— Vamos fazer o que pessoas normais fazem — diz Partridge enquanto andam juntos pelo corredor —, para que ninguém suspeite.

Ela faz um gesto com a cabeça.

— Tudo bem.

Ele pega na mão dela. É isso que pessoas normais fazem, ficam de mãos dadas.

Quando Partridge volta para o refeitório decorado, sente-se como se fosse outra pessoa. Está apenas de passagem. Está partindo. Isso não vai durar. Sua vida mudará.

Ele e Lyda vão até o meio da pista de dança, sob as estrelas douradas de mentira coladas no teto, onde os outros casais estão se movendo. Ela levanta os braços e entrelaça os dedos atrás do pescoço dele. Ele envolve a cintura dela. A seda do vestido de Lyda é macia. Partridge é mais alto que ela e abaixa a cabeça para ficar mais perto. Os cabelos dela têm cheiro de mel, e a pele é quente, talvez corada. Quando uma música termina, ele começa a se afastar, mas para ao ficarem com o rosto colado. Ela fica na ponta dos pés e o beija. Os lábios dela são macios.

Partridge sente o perfume floral. Ele retribui o beijo, sobe um pouco as mãos pelas costelas dela.

E, então, como se tivesse acabado de perceber que eles estão em um salão lotado, Lyda se afasta e olha à volta.

Glassings está comendo um prato de bolo, abastecendo-se. A srta. Pearl está parada perto da entrada.

— Está tarde — diz Lyda.

— Mais uma música? — pede Partridge.

Ela concorda.

Dessa vez Partridge segura a mão dela, coloca-a em seu ombro e inclina a cabeça, de modo a encostar na dela. Ele fecha os olhos porque não quer se lembrar do que está vendo, apenas do que está sentindo.

PRESSIA

PRESENTES

Na manhã de seu aniversário de dezesseis anos, Pressia acorda depois de um sono inquieto no armário. Ela pode ouvir a voz de Bradwell perguntando-lhe se já fez dezesseis anos. E agora a resposta é sim. Ela ainda se lembra do toque de seus dedos no relevo de seu nome na lista oficial.

Ela poderia ficar dentro do armário escuro o dia todo. Poderia fechar os olhos e fingir que é uma partícula de fuligem que subiu aos céus e está apenas olhando para baixo e vendo uma menina dentro de um armário. Ela tenta imaginar a cena, mas logo é distraída pela tosse seca de seu avô, e retorna ao corpo, com a coluna vertebral pressionando a madeira, os ombros travados, o punho de cabeça de boneca acomodado embaixo do queixo.

É aniversário dela. Não há como escapar.

Ela sai do armário.

Seu avô está sentado à mesa.

— Bom dia!

Diante dele há dois pacotes. Um é um simples quadrado de papel sobre um montinho, com uma flor em cima. A flor é uma alamanda amarela coberta de cinzas. O outro pacote é algo enrolado e embrulhado em tecido, fechado com barbante amarrado em um laço.

Pressia passa pelos presentes, vai até a gaiola de Frido e passa os dedos entre as grades. A cigarra agita suas asas metálicas, que batem nas grades.

— Você não devia ter me trazido presentes.

— É claro que devia — diz o avô.

Ela não quer um aniversário, nem presentes.

— Não preciso de nada — diz ela.

— Pressia — sussurra ele —, devemos celebrar o que temos.

— Não desta vez — diz ela. — Não este aniversário.

— Este aqui é meu — diz o avô, apontando para o presente com a flor em cima. — E eu encontrei este outro ao lado da porta hoje de manhã.

— Ao lado da porta?

Qualquer um podia descobrir a data do aniversário dela, se quisesse. Está escrito nas listas publicadas pela cidade. Mas Pressia não tem muitos amigos.

Quando os sobreviventes se aproximam dos dezesseis anos, as alianças se desfazem. Todos sabem que é cada um por si. Nas semanas que antecederam o desaparecimento de Gorse e Fandra, a menina foi fria com Pressia, rompendo laços antes que precisasse dizer adeus. Pressia não havia entendido na época, mas agora entende.

Seu avô rola o presente na direção dela e revela rabiscos no tecido.

Ela vai até a mesa e se senta na cadeira em frente ao avô. Lê o tecido: Para você, Pressia. E está assinado Bradwell.

— Bradwell? — pergunta seu avô. — Eu o conheço. Dei pontos nele uma vez. Como ele sabe quem é você?

— Ele não sabe — responde.

Por que ele me daria um presente?, Pressia se pergunta. Ele acha que não passo de um tipo — o tipo que quer que tudo volte a ser como era no Antes, e que até adora a ideia do Domo. E o que há de tão errado nisso? Não é o que qualquer pessoa normal iria querer? Ela sente um estranho calor intenso se espalhar sob suas costelas. Pensa no rosto de Bradwell, nas duas cicatrizes, na queimadura, no modo como os olhos se enchem de lágrimas e então ele os estreita para parecer forte de novo.

Pressia ignora o presente dele e puxa para si o do avô, colocando-o bem à sua frente.

— Quero dizer — diz o senhor — que gostaria que fosse algo bonito. Você merece algo bonito.

— Tudo bem — responde ela.

— Vá em frente, abra.

Pressia se inclina por cima da mesa, pega no papel e o levanta com um pequeno floreio. Ela adora presentes, embora tenha vergonha de admitir isso.

Na mesa repousa um par de sapatos, couro grosso esticado sobre madeira alisada.

— Tamancos — revela o avô. — Eles foram inventados pelos holandeses, como os moinhos de vento.

— Achei que existissem moinhos para grãos — diz ela. — E papel. Moinhos para vento?

— Eles tinham forma de farol — diz o avô. Ele já explicou o que eram faróis. Foi criado perto de navios. — Mas, em vez de luzes em cima, eles tinham pás para transformar vento em força. Houve uma época em que pensávamos em usar muitos deles para gerar energia.

Quem moeria vento?, ela se pergunta. E quem chamaria um sapato de tamanco? Como se alguém fosse começar a mancar ao usá-lo.

— Experimente-os — diz o avô.

Pressia coloca os tamancos no chão e encaixa os pés nos sulcos de madeira.

O couro ainda está duro, e, quando ela se levanta, nota que as solas de madeira a deixam mais alta. Ela não quer ser mais alta. Quer ser pequena e jovem. Seu avô está substituindo seus sapatos antigos por novos que parecem que nunca vão ficar gastos. Será que ele acha que virão buscá-la logo? Será que acha que ela fugirá com estes sapatos? Para onde? Para os Campos de Escombros? Para a Terra Derretida?

Para a Terra Morta? O que há depois disso? Há boatos de vagões de trem tombados, trilhos, túneis desmoronados, grandes fábricas abandonadas, parques de diversão — não existia apenas a Disney —, zoológicos, museus e estádios. Havia pontes; uma delas cruzava um rio que devia existir a oeste daqui. Tudo desapareceu?

— Quando você fez dois anos, teve uma festa de aniversário com um pônei — conta o avô.

— Um pônei? — pergunta ela, pisando com os sapatos pesados, sentindo como se também tivesse cascos.

Pressia está usando calças e meias de lã e um suéter. A lã de suas roupas vem de ovelhas arrebanhadas fora da cidade, onde há pequenos pedaços de terra com capim pontiagudo brotando da terra e conjuntos de árvores que se estendem até as terras da OBR. Ali alguns sobreviventes caçam novas raças, bichos alados e feras peludas que desenterram bulbos e raízes e se alimentam uns dos outros.

Algumas das ovelhas mal são ovelhas. No entanto, mesmo deformadas, com os chifres retorcidos e eriçados, inadequadas para a alimentação, têm lã boa. Alguns sobreviventes passaram a viver disso.

— Por que um pônei? — pergunta ela. — Onde colocariam um pônei?

— Ele andava em círculos no quintal, cavalgado por crianças.

Essa é a primeira vez que ela ouve falar de um pônei. Seu avô já lhe contou histórias de aniversários. Bolo de sorvete, pinhatas, bexigas d'água. De onde veio isso?

— Meus pais alugaram um pônei para andar em círculos?

Eles são desconhecidos para Pressia. O menor dos vislumbres desperta algum tipo de avidez insaciável.

O avô faz que sim com a cabeça. De repente, parece cansado, muito velho.

— Às vezes fico feliz porque eles nunca tiveram que ver isto.

Pressia não diz nada, mas as palavras dele queimam profundamente. A menina quer seus pais ali. Ela tenta preservar na cabeça certos momentos de sua vida para poder contar tudo isso a eles um dia, só por via das dúvidas. Mesmo sabendo que eles estão mortos, Pressia não consegue evitar. Mesmo agora ela pensa em lhes contar sobre esse dia, falar de tamancos e conversas sobre moinhos.

E se um dia os vir de novo, embora saiba que não os verá, Pressia fará perguntas.

Eles lhe contarão histórias. Ela perguntará do pônei. Ela quer que eles a estejam observando de algum modo, vendo tudo isto, do jeito que algumas religiões acreditam em paraíso e na permanência da alma. De vez em quando, ela quase consegue senti-los observando-a — sua mãe ou seu pai? Ela não tem certeza. E não pode confessar isso a ninguém, mas é algo reconfortante.

— E este outro presente? De Bradwell?

Seu avô está falando em um tom que é ao mesmo tempo provocação e desconfiança, um tom que ela nunca ouviu antes.

— Deve ser algo idiota ou cruel. Ele consegue ser cruel.

— Bem, você vai abrir?

Parte dela não quer abrir, mas isso só faria o presente parecer mais ameaçador. Para resolver logo o problema, Pressia puxa rapidamente o barbante do laço, que se desfaz e cai na mesa. Ela leva o barbante para a gaiola de Frido e o passa por entre as grades. Ele gosta de brincar com coisas pequenas de vez em quando, ou pelo menos gostava, quando era mais jovem.

— Pode atacar — diz Pressia.

Frido logo avista o barbante. Ele bate as asas.

Pressia volta para a mesa, senta-se e desenrola o tecido.

É um recorte de revista — aquele que ela encontrou no baú de Bradwell e adorou, aquele com as pessoas usando óculos de lentes coloridas no cinema, pegando comida de pequenos baldes de papelão, aquele que fez as mãos de Pressia tremerem por razões que ela não conseguia explicar, aquele que ela estava olhando quando Bradwell disse que conhecia seu tipo. O coração de Pressia acelera no peito. Ela perde um pouco o fôlego. Será que se trata apenas de um presente cruel? Será que ele está zombando dela?

Pressia tem que se acalmar. É só papel, diz a si mesma.

Mas não é só papel. Isso existia há muito tempo, quando a menina tinha mãe e pai e montava um pônei que andava em círculos no quintal de sua casa.

Pressia toca o rosto de alguém rindo no cinema. Bradwell tinha razão, afinal. Ela é um tipo. Era isso o que ele queria provar ao lhe dar este presente? Então está bem.

Isso é o que ela quer e nunca terá. O Antes de volta. Por que não invejar as pessoas no Domo? Por que não desejar estar em qualquer lugar além dali? Ela adoraria usar óculos 3-D em um cinema e comer coisas em caixas com sua bela mãe e seu pai contador. Adoraria ter um cachorro usando chapéu de festa, e um carro com laço, e um cinto de fita métrica. É tão errado assim?

— O cinema — diz seu avô. — Veja só, óculos 3-D. Eu me lembro de ter visto filmes assim quando era jovem.

— É tão real — diz Pressia. — Não seria bom se...

— Este é o mundo em que vivemos — interrompe-a o avô.

— Eu sei — concorda ela, e olha para Frido na gaiola, o enferrujado Frido.

Ela se levanta e se afasta da imagem. Olha para sua fileira de pequenas criaturas no peitoril da janela. Pela primeira vez, elas lhe parecem infantis. Ela tem dezesseis anos agora. Para que quer brinquedos? Pressia olha para eles ali, parados. Depois olha para a foto da revista — óculos 3-D, assentos de veludo.

Comparadas àquele mundo reluzente, suas borboletas pequenas parecem sem graça. Arremedos patéticos de brinquedos. Ela pega uma das mais novas e segura na palma da mão. Dá corda e deixa as asas estalarem, batendo ruidosamente.

Coloca a borboleta de volta no peitoril e ergue a mão boa, pressionando levemente o vidro estilhaçado da janela.

PARTRIDGE

TRÊS MINUTOS E QUARENTA E DOIS SEGUNDOS

Durante algum tempo após a visita da turma de Glassings ao Arquivo de Perdas Pessoais, Partridge não sabia como chegar ao sistema de filtragem de ar.

Mas então se deu conta de que um dos pontos de acesso estava ligado ao centro de codificação, aonde todos os garotos da academia de seu nível iam para sessões semanais nos moldes de múmia.

Então foi assim que ele decidiu fazer.

Partridge entra na fila depois do sinal da manhã, levando sua mochila; nela estão os pertences de sua mãe, um pote de pílulas soytex, algumas garrafas d'água e a faca que ele roubou da Mostra de Domesticidade. Está usando uma jaqueta com capuz e um cachecol, embora esteja um pouco quente.

Como sempre, os meninos são transportados pelo monotrilho. Partridge evita o rebanho. Nunca teve muitos amigos na academia. Hastings é exceção, não regra. Partridge era famoso demais quando chegou — por causa do pai e do irmão mais velho. Mas então Sedge se matou, e Partridge ficou famoso por um motivo bem diferente.

Agora ele passa pelo rebanho e senta-se entre Hastings, que costuma dormir a viagem toda, e Arvin Weed, que está sempre lendo grandes arquivos científicos em seu dispositivo portátil — assuntos que o professor de ciências ainda não abordou e provavelmente não abordará: nanotecnologia, biomedicina, neurociência. Se alguém conseguir fazê-lo conversar, ele vai resmungar algo sobre células autônomas, disparos sinápticos e placa

cerebral. Como Arvin passa a maior parte do tempo no laboratório de ciências da escola — está inspirado, dando grandes passos, como disse Glassings, garoto esperto, vai longe —, ele é quase invisível até mesmo quando está bem à vista. Enquanto Arvin está clicando em documentos, Hastings já enrolou a jaqueta para servir de travesseiro.

Mas Partridge não passou despercebido. Vic Wellingsly, um integrante do rebanho, grita no vagão:

— E aí, Partridge, ouvi dizer que você será sedado hoje. Vai receber um contador ou o quê?

Partridge olha para Hastings, que devolve o olhar com uma expressão arregalada. Depois ele olha feio para Wellingsly.

— O que foi? — pergunta Wellingsly. — Eu não devia ter dito nada? Todo mundo não sabe?

— Desculpe — murmura Hastings para Partridge, afastando os cabelos dos olhos.

Hastings quer ser aceito no rebanho. Não surpreende que ele tenha passado essa informação para ter um pouco de reconhecimento. Ainda assim, Partridge fica irritado.

— E então? — pergunta Wellingsly. — Tique, tique, tique?

Partridge balança a cabeça.

— Só o de sempre — responde. — Nada importante.

— Imaginem Partridge com um contador — diz um dos gêmeos Elmsford. — Apertariam o botão só para acabar com o sofrimento dele. Um tiro de misericórdia!

O rebanho ri.

Arvin tira os olhos do livro como se, por um instante, estivesse pensando em defender Partridge, mas então se curva de novo e continua lendo. Hastings fecha os olhos e finge dormir.

— A cabeça de Partridge vai explodir como um melão! — ironiza o outro gêmeo Elmsford.

— Sujando todo o vestido de Lyda Mertz — acrescenta Vic. — Sinto muito, Lyda. O Partridge aqui deve ter ficado empolgado.

— Deixe Lyda fora disto! — avisa Partridge, parecendo mais irritado do que gostaria.

— Ou vai fazer o quê? — pergunta Vic. — Você sabe que eu adoraria acabar com a sua raça.

— É sério? — diz Partridge, e todos sabem o que ele quer dizer: Você vai acabar com a raça do filho de Willux? Seria uma escolha inteligente?

Partridge se odeia por dizer isso. Só que saiu rápido. Ele odeia ser filho de Willux. Isso ao mesmo tempo o transforma em um alvo e o protege.

Vic não respondeu. O vagão fica em silêncio. Partridge se pergunta se eles pensarão nesse momento depois que ele tiver partido ou morrido — dependendo de como tudo se desenrolar. Ele precisa passar por hélices imensas. Pode morrer retalhado, um melão retalhado. O que pensarão dele, então? Que ele foi um covarde que morreu tentando fugir? Que era defeituoso, como Sedge?

Ele olha pela janela. A paisagem se alterna ao longo do caminho — os campos de jogos, os muros de pedra da academia, as residências empilhadas em torres altas, complexos comerciais, prédios com escritórios e, mais ao longe, trilhadoras automáticas trabalhando nos campos — e então entram no túnel escuro. Partridge imagina os miseráveis doentes tentando agarrá-lo, a terra e a água envenenadas, as ruínas. Ele não vai morrer lá fora, vai? É um risco que está disposto a correr. Não pode ficar aqui, sabendo que sua mãe pode estar viva lá fora, sabendo que se ficar será alterado profundamente, de um modo que ele nunca sequer se lembrará de fato.

Como se alguém tivesse acionado um interruptor, o vagão deles fica escuro antes que as luzes automáticas se acendam, enquanto o trem segue diretamente para o coração do centro de codificação. Os freios chiam, e os garotos são sacudidos de leve, depois se estabilizam, depois se levantam.

Eles percorrem os corredores em silêncio. Alguns dizem “até logos” desanimados.

Partridge segura Hastings antes que ele saia.

— Ei — diz ele —, você não pode fazer aquilo.

— Sinto muito — desculpa-se Hastings. — Eu não devia ter contado a ele. Ele é fofoqueiro.

— Não — diz Partridge. — Não estou falando de mim. É de você. Você terá que enfrentá-los um dia.

— Talvez — concorda Hastings.

— Vai sim, e você é capaz. Eu sei que é. — Partridge sente-se mal por deixar Hastings para trás. O garoto se sentirá um pouco perdido sem ele. Partridge não quer que ele caia no rebanho por acidente, onde será maltratado para a diversão dos outros. — Talvez eu não vá jantar hoje à noite, para estudar — diz Partridge. — Vá com Arvin Weed. Fique na mesa dele, está bem?

— Você está organizando meus círculos sociais agora?

— Faça isso. Está bem? Lembre que eu disse isso.

— Você está estranho — responde Hastings.

— Não, não estou.

Dois acompanhantes se aproximam e os levam em direções opostas.

— Até mais tarde, esquisitão — despede-se Hastings.

— Tchau — responde Partridge.

Ele é levado para uma pequena sala branca, sem janelas. O molde de múmia está na mesa de exames. É uma couraça perfeitamente lisa, com uma dobradiça na parte de trás para que Partridge possa vesti-la. Nas partes superior e lateral há equipamentos — braços robóticos, pinças, válvulas termiônicas —, tudo cromado, recém-polido. Em um dos cantos há uma escrivaninha com computador e uma cadeira com rodinhas. Na escrivaninha há um vaso com uma flor de plástico curvada acima da borda. Uma recordação de casa ou da natureza?, Partridge se pergunta. O Domo não costuma ter esse tipo de toque suave.

E de repente Partridge começa a hesitar. Ele não precisa seguir com isso.

Ninguém precisa saber. Ele poderia jantar com Hastings e pedir que Lyda o ajudasse a devolver a faca. Lembra-se da sensação da cintura fina e das costelas dela quando passou as mãos por seu vestido de seda enquanto a beijava. Partridge adoraria sentir o cheiro de mel de seus cabelos de novo.

Alguém deve ter se dado conta do desaparecimento da faca — um professor ou um zelador. Lyda poderia estar na sala de um dos diretores neste exato momento, sendo interrogada. Se Partridge for pego, seu pai ficará furioso. Ele pode ser expulso da academia. Pode ser mandado ao centro de reabilitação para conversar com alguém como a mãe de Lyda, a sra. Mertz. E Lyda? Ela também terá problemas se ele for pego. Partridge teria que contar como obteve acesso ao mostruário.

O menino poderia fazer confidências a Glassings. Mas o que Glassings faria?

Ele o levaria para o meio das estantes da biblioteca para uma conversa em voz baixa, talvez usando pedacinhos de papel de rascunho e lápis minúsculos. Glassings iria suar do jeito que às vezes acontece, pequenas gotas na testa que ele empurra para as entradas do cabelo. Aconselharia Partridge a ficar quieto, com certeza. Ele seria legal em relação ao problema.

A couraça está ali, à espera de Partridge, um molde perfeito de seu corpo.

Ele fica surpreso por ser tão grande. Há apenas alguns anos o menino era o mais baixo da turma, e rechonchudo também. Mas a couraça é tão longa e esguia que parece pertencer a outra pessoa, alguém mais velho, mais parecido com Sedge. Se Sedge ainda estivesse vivo, Partridge estaria mais alto que ele agora? Ele nunca saberá.

Partridge quer voltar, mas já é tarde demais.

Tem apenas alguns minutos antes que o técnico chegue. Uma corrente fria de ar está passando pela saída da ventilação. Ele afasta a cadeira com rodinhas da escrivaninha e a coloca embaixo do duto. Fica em pé na cadeira, na esperança de manter o equilíbrio. Desparafusa a tampa do duto acima de si e a empurra. Ergue as mãos rapidamente, passa os dedos na estrutura de metal e então chuta a cadeira de volta para perto da escrivaninha e se lança para dentro do duto escuro.

Ajoelhado, ele recoloca a tampa no lugar. Isso não vai enganar ninguém por muito tempo, mas pode lhe dar alguns minutos de vantagem.

O interior dos dutos é mais escuro do que ele esperava, e também mais barulhento. O sistema está ligado, vibrando loucamente. Partridge engatinha o mais rápido que consegue. Precisa chegar ao primeiro conjunto de filtros quando o sistema parar. Nesse ponto, terá apenas três minutos e quarenta e dois segundos para passar pelo primeiro filtro, os túneis e a sequência de hélices, e, ao fim disso, pela segunda barreira de filtros. Ele terá que abrir caminho a faca para sair ao mundo. Isto é, se ele conseguir passar a tempo e as lâminas não o retalharem antes.

Como indicavam as plantas, Partridge pode engatinhar pela rede de dutos até sair no imenso túnel de purificação de ar. Ele fica em pé, quase encostando a cabeça no teto. A superfície de metal é perfeitamente arredondada — e ele pensa na palavra tímpano. Mas não sabe muito bem por que ela se refere a um tambor e a uma parte do ouvido. O que uma coisa tem a ver com a outra?

Logo adiante ele avista o primeiro conjunto de filtros cor-de-rosa, bem esticados, como um cortina grossa fixa, bloqueando sua passagem. Partridge se surpreende com a cor dos filtros, rosados como um língua, e por tudo ali estar agora tão iluminado. Ele se pergunta o motivo. Para manutenção?

Pega a faca de cozinha e pensa em Lyda, em sua voz contando lentamente até vinte na sala pouco iluminada, em seus próprios dedos percorrendo a lâmina.

Ele começa a cortar os filtros. As fibras são duras, com filamentos grossos, como músculos em carne. Elas começam a se soltar. As partículas rodopiam e sobem, lembrando Partridge novamente algo de sua infância, mas ele não consegue definir o que é — algo como neve?

Partridge ouviu dizer que as fibras são ásperas e podem se alojar nos pulmões, provocando infecção. Ele não sabe se isso é verdade. Passou a duvidar de tudo o que é apresentado como fato. Ainda assim, não quer correr riscos desnecessários. Pega o cachecol e o amarra sobre a boca.

Perfura uma quantidade suficiente de filtros e abre caminho para passar.

Com a jaqueta de capuz agora coberta de poeira cor-de-rosa, Partridge vê a série de hélices enormes à sua frente, as pás afiadas e imóveis.

O menino corre até o primeiro grupo de hélices e, sem tocar nelas, encontra um triângulo baixo entre as pás e se deita para passar. Suas botas escorregam na superfície lisa, e ele cai de lado em cima do quadril, com um baque ecoando pelo túnel, desajeitado devido à codificação. Partridge se levanta às pressas e passa pela próxima hélice, e pela seguinte, e entra no ritmo. Será que o técnico já se deu conta de que a couraça do menino está vazia? Alguém soou um alarme estridente?

As Forças Especiais foram alertadas? Partridge sabe que, quando se espalhar a notícia de que o filho de Willux — seu único filho vivo — está desaparecido, a busca não terá fim.

Ele passa mais rápido pela série de túneis e hélices, como se fosse uma pista de obstáculos. Lembra-se de um quintal, talvez o próprio quintal de sua infância, ou talvez o de outra pessoa. Havia um gramado verde com folhas que podiam ser arrancadas do chão, e árvores com casca que não era lisa nem polida. Havia até um cachorro. O irmão mais velho de Partridge e mais alguém, uma menina alta, haviam preparado uma pista com cordas nas quais eles deveriam se pendurar, aros para pular e uma bola para arremessar em um balde no final. Havia bebidas em caixinhas com canudos miúdos. A haste dos canudos parecia um acordeão pequeno e se dobrava para encaixar na boca.

De repente ele sente a cabeça pesada, e seu corpo se desequilibra. Segura-se em uma das pás para se firmar. É tão afiada que corta sua mão. O sangue pinga no chão. Partridge só viu o próprio sangue algumas vezes, como no consultório do dentista, quando os aparelhos apertavam muito forte e sua saliva ficava rosada.

Sua visão se reduz até virar um ponto branco de luz e depois volta com tudo.

Ele olha o relógio. Restam trinta e dois segundos. De repente se dá conta de que talvez não consiga. Ele pode morrer ali, feito em pedacinhos, e agora, como ele rasgou os filtros, seu corpo será

carregado, o sangue levado junto com as outras fibras menores pela forte corrente de ar. Elas ficarão vermelhas com o sangue. Os operadores terão que desligar tudo. Algumas pessoas terão que ser realocadas para residências temporárias. Os boatos irão se espalhar. A história verdadeira será enterrada. Não dirão uma palavra sobre um problema com a filtragem de ar, porque todos presumiriam que os miseráveis se rebelaram, organizaram técnicas de guerra biológica. Podem até achar que foi um ataque da OBR, aquele regime militar instável. Haveria pânico em massa. Surgiria alguma outra explicação, e, quanto a Partridge, inventariam uma história, de preferência algo nobre. Pobre Willux, seu pai receberia cartões de condolências. Não haveria um enterro de verdade. Exatamente como da outra vez, com seu irmão. Ninguém quer ver um cadáver, nada de bela barbárie aqui. Pobre velho Willux, sua esposa e os dois filhos mortos, três caixas no Arquivo de Perdas Pessoais.

Partridge avança cambaleante, arrastando-se pela superfície, jogando-se entre as pás. Há outro corte em seu rosto. Ele ouve um estalo distante. O motor.

Ele pula, passa pela penúltima hélice e corre. Pode ver o conjunto final de filtros cor-de-rosa no fim do túnel. Ele quer sair. Quer sentir tudo de novo, vento e sol.

Quer encontrar sua antiga rua, sua velha casa — não existem mais, ele sabe, foram destruídas, mas ainda assim. Há resistência em sua codificação comportamental.

Por quê? O que isso tem a ver com sua mãe? Ele encontrou os itens dela na caixa, e tudo mudou. Está com o envelope contendo os pertences da mãe — a corrente dourada com pingente de cisne, o cartão de aniversário, a caixinha de música de metal e a foto — fechados em um saco plástico. Ele sente tudo isso em suas costas.

A última hélice estala e se mexe, apenas um centímetro para trás, e Partridge passa pelo último conjunto de pás ao mesmo tempo que as hélices começam a rugir atrás de si, e o vento é sugado como uma inspiração profunda e infinita vindo do último conjunto de filtros. A corrente está puxando Partridge para trás. É assim que sua memória tem se sentido, uma inalação longa puxando-o para trás. Ele cai no chão, mas firma o calcanhar das botas e, lentamente,

afasta-se das pás. A força de sua codificação está surtindo efeito. Ele sente uma onda de energia.

Quando está perto o bastante, Partridge estende a mão, finca a faca de cozinha nos filtros e puxa o corpo para a frente, contra o vento. As fibras rosadas se soltam e passam pelo menino e pelas hélices, e ele pensa na palavra confete.

PRESSIA

BATIDA

É tarde da noite enquanto Pressia trabalha em suas pequenas criaturas. Seu avô está dormindo perto da porta que dá para o beco, sentado na cadeira, com o tijolo em cima da coxa. Ele passou a se encarregar das barganhas, e desde então ela tem precisado fazer mais criaturas para vender por um valor menor. Às vezes, ele está muito fraco para sequer chegar ao mercado, e os dois se sentem inúteis, algo que ambos odeiam. Ela agora marca o tempo pela fome. Nesses últimos serões à noite, Pressia começou a se dar conta de que poderia morrer ali lentamente, apodrecendo dentro de um armário sujo de cinzas em um cômodo apertado. Ela olha para o avô, para seu cotoco cheio de arames, os olhos fechados, o reflexo das queimaduras, o movimento difícil de seu peito, o chiado baixo de cinzas nos pulmões, a ventoinha que gira no pescoço. O rosto dele fica tenso até durante os sonhos.

Pressia deixa o presente de Bradwell, a fotografia da revista, na mesa. Às vezes, ela odeia as pessoas com óculos 3-D — uma lembrança desagradável do que ela nunca vai ter —, mas não consegue guardar a foto.

Desde que ela abriu o presente, surgiram mais lembranças, rápidos vislumbres: um pequeno aquário com peixes nadando de um lado para o outro, o toque das franjas de lã da bolsa de sua mãe, aqueles fios macios na mão dela, um duto de calefação embaixo de uma mesa que parecia ronronar. Pressia se lembra de ficar sentada no que deviam ser os ombros de seu pai enquanto ele andava sob

árvores floridas, de ser envolvida no casaco dele enquanto dormia e carregada do carro para a cama. Lembra-se de pentear os cabelos da mãe com uma escova de cerdas metálicas enquanto uma música tocava no computador de mão — a imagem de uma mulher entoando uma canção de ninar sobre uma menina na varanda, e alguém implorando para pegar sua mão e levá-la à Terra Prometida. Só a voz dela, nenhum instrumento. Devia ser a canção de ninar preferida da mãe da menina. Ela tocava a gravação todas as noites antes de Pressia pegar no sono. Na época, Pressia se cansou da música, mas hoje sacrificaria quase qualquer coisa para ouvi-la novamente. Sua mãe tinha um perfume que parecia sabonete feito de grama — puro e doce. Seu pai tinha um cheiro mais intenso, mais parecido com café. A imagem das pessoas no cinema, por alguma razão, sacudiu a memória de Pressia, e ela sente tanta falta de seus pais que às vezes não consegue respirar.

Embora não tenha nenhuma lembrança completa deles, ela se recorda da sensação de ser abraçada pela mãe — da suavidade de seu corpo, da maciez de seus cabelos, da doçura de seu perfume, do calor. Quando seu pai a envolvia com o casaco, ela se sentia protegida.

É nisso que Pressia está pensando enquanto seus dedos prendem rapidamente asas na estrutura de uma borboleta, quando alguém bate à porta. A batida é brusca, a pancada característica de um punho. Não há barulho do motor de uma caminhonete da OBR. Quem pode ser?

O avô dela está dormindo profundamente, com um ronco árido e grave. Ela se levanta e se aproxima na ponta dos pés, tarefa difícil quando se está usando tamancos inventados por holandeses; será que esses holandeses nunca tiveram motivo para andar na ponta dos pés?

— Tem alguém aqui — sussurra ela.

Ele acorda assustado na mesma hora assim que se ouve outra batida no pequeno cômodo.

— Para dentro do armário — ordena ele.

Eles combinaram que ela se esconderia ali se alguém aparecesse na porta, e se ele batesse a bengala — pam-pananam-pam, pam-

pam — ela deveria fugir pelo painel falso. Pressia presume que seja um ritmo da época de seu avô, e por isso ele o escolheu. É o sinal deles.

Ela volta rapidamente ao armário e entra. Deixa uma fresta muito pequena na porta para poder ver.

O avô manca com a bengala até a porta do beco e espia por um buraco que ele furou na madeira.

— Quem é? — pergunta ele.

Ouve-se uma voz do outro lado, uma voz de mulher. Pressia não consegue entender o que ela está dizendo, mas deve acalmar seu avô de algum modo. Ele abre a porta e a mulher entra rapidamente, ofegante. Ele fecha a porta.

Pressia vê a mulher em breves relances — a ferrugem das engrenagens incrustadas no rosto, o reflexo metálico acima de um dos olhos. Ela é magra, baixa e tem os ombros caídos. Está apertando um trapo ensanguentado no cotovelo.

— Onda de Morte! — diz ela ao avô de Pressia. — De surpresa! Teve uma há menos de um mês! Eu quase não escapei.

Uma Onda de Morte? Não faz sentido. A OBR anuncia Ondas de Morte — eles deixam os soldados formarem tribos por períodos de vinte e quatro horas para eles matarem gente e carregarem os corpos para um círculo marcado no campo de um inimigo, ganhando pontos pelo número de mortos. Quem acumular mais pontos vence. A OBR vê isso como um modo de separar os fracos do restante da população. Eles anunciam Ondas de Morte umas duas vezes ao ano, mas haviam acabado de fazer uma. Foi o momento que o avô de Pressia escolheu para esvaziar os armários e fazer o painel falso, de modo que seu trabalho não fosse ouvido no meio da selvageria de gritos e corre-corre. Nunca aconteceram duas Ondas de Morte tão próximas, e nunca foi de surpresa. Ela presume que a mulher esteja louca ou talvez em estado de choque.

— Tem certeza de que é Onda de Morte? — pergunta o avô de Pressia. — Não ouvi nenhuma cantoria.

— Onde mais eu teria arrumado este talho? Foi para lá dos Campos de Escombros, indo para oeste, ainda é forte. Corri para cá em vez de ir para casa.

A mulher veio para levar pontos, mas faz tanto tempo que seu avô não sutura ninguém que precisa procurar o kit no fundo do armário e tirar o pó.

— Meu Deus, que dia! — a mulher exclama. — Primeiro aquele monte de boatos, agora uma Onda de Morte! — Ela se senta à mesa e olha para as criaturas de Pressia. Vê a fotografia e a toca de leve com um dedo. Pressia fica imaginando se ela fará perguntas. Queria ter pensado em tirá-la da mesa antes de entrar no armário. — Você ouviu os boatos novos. Não?

— Não saí hoje.

Ele se senta de frente para a mulher e olha para a pele aberta.

— Não ficou sabendo?

O avô de Pressia faz que não com a cabeça e começa a limpar os instrumentos com álcool. O cômodo fica impregnado com cheiro de antisséptico.

— Um Puro — diz ela, diminuindo o tom de voz. — Um garoto sem cicatrizes, sem marcas, sem fusões. Dizem que já estava crescido, esse garoto: alto e magro e com o cabelo aparado bem rente.

— Não é possível — afirma o avô.

Pressia pensa a mesma coisa. As pessoas gostam de inventar histórias sobre os Puros. Não é a primeira vez que ela ouve essa conversa. E os boatos nunca resultaram em nada.

— Ele foi visto na Terra Seca — acrescenta a mulher. — E depois desapareceu.

O avô de Pressia dá uma risada, que se torna uma tosse. Ele vira a cabeça e tosse até ofegar.

— Você tá bem pra fazer isso? — pergunta ela. — Tá com o mal dos pulmões?

— Estou bem. É a ventoinha do pescoço. Acumulo muita poeira e tenho que botar para fora.

— Ainda assim, é falta de educação rir — diz ela.

O avô agora começa a dar os pontos. A mulher faz uma careta.

— Mas quantas vezes já não ouvimos essa história antes?

— Desta vez é diferente — responde ela. — Não foram Grupais bêbados. Ele foi visto por três pessoas diferentes. Cada uma viu e

depois relatou. Dizem que ele não os viu, e também não se aproximaram porque sentiram que ele era sagrado.

— É influência da boataria. Só isso.

Eles ficam em silêncio por um instante enquanto o avô dá pontos no ferimento. O rosto da mulher fica tenso e as engrenagens travam. O avô de Pressia estanca o sangramento. Ele trabalha com rapidez, embebendo o ferimento com álcool, e depois cobrindo-o.

— Prontinho — diz ele.

A mulher então desenrola a manga da camisa por cima do curativo. Ela lhe entrega uma latinha de carne e depois tira uma fruta da bolsa dela. É bem vermelha, mas tem casca grossa, quase como uma laranja.

— É uma beleza. Não é?

A mulher a entrega a ele, como pagamento.

— Foi bom fazer negócios com você — diz o avô de Pressia.

A mulher então hesita:

— Você pode acreditar ou não no que eu falei. Mas, ouça, se um Puro saiu, então você já sabe.

— Não — responde ele. — O quê? Diga.

— Se tem como sair, significa que também tem como entrar. — Pressia sente um calafrio súbito. Então a mulher leva o dedo ao ouvido. — Tá ouvindo? — pergunta ela.

E agora Pressia ouve mesmo alguma coisa, a cantoria distante de uma Onda de Morte. E se a mulher não estiver louca? Pressia quer que esses boatos sobre o Puro sejam verdadeiros. Ela sabe que boatos podem ser úteis. Às vezes, podem conter informações concretas. Mas normalmente não passam de contos de fadas e mentiras. Esse é o pior tipo de boato, o tipo que atrai, que dá esperanças.

— Se tem como sair — diz a mulher mais uma vez, agora bem devagar e com muita calma —, significa que também tem como entrar.

— Nós nunca entraremos — declara o avô de Pressia, sem paciência.

— Um Puro — diz a mulher —, um Puro aqui entre nós!

E nesse momento eles ouvem uma caminhonete roncando pelo beco. Estão os dois imóveis e em silêncio.

Um latido furioso de um cão do lado de fora, um tiro, e então mais nenhum latido. Pressia sabe qual era o cachorro. Ela reconheceu o latido — um cão que havia apanhado tanto que só sabia se encolher ou atacar. Pressia sempre teve pena dele, e às vezes lhe dava pedacinhos de comida — mas não na boca, porque ele não era totalmente confiável.

Ela prende a respiração. Tudo fica em silêncio, exceto pelo ruído baixo da caminhonete parada no beco. Pela manhã, alguém terá desaparecido.

O avô de Pressia bate no chão — pam-pananam-pam, pam-pam — com a bengala. A menina não está pronta para ir. Não quer deixar o avô. Ele vai rapidamente até a cadeira. Pega o tijolo e o segura.

A mulher põe a mão no ferimento e vai até a janela, de onde olha para fora.

— OBR — sussurra ela, apavorada.

O avô olha para Pressia, os olhares se cruzam pela pequena fresta na porta do armário. A respiração dele está rápida e os olhos, arregalados. Perdido. Ele parece perdido.

Tomada de medo, Pressia fica imaginando o que acontecerá com seu avô sem ela. Talvez a OBR tenha vindo buscar outra pessoa, pensa ela. Talvez o menino chamado Arturo, ou as gêmeas que moram no alpendre. Não que ela queira que sejam as gêmeas do alpendre ou Arturo. Como ela pode desejar que a OBR esteja atrás de outra pessoa?

Ela não consegue se mexer.

No beco, Pressia ouve um grito abafado, botas pisando o asfalto. Aqui não, ela sussurra para si mesma. Por favor, aqui não! Ela está esperando o motor da caminhonete dar partida, a embreagem ser engatada, mas ela ainda está ali, um murmúrio constante no beco.

O avô dela bate a ponteira de borracha da bengala no chão de novo — com mais força — pam-pananam-pam, pam-pam!

Pressia precisa ir. Mas antes ela desenha com o dedo um círculo, dois olhos e uma boca sorridente nas cinzas da porta do armário. Ela quer que signifique Volto logo. Será que ele vai ver e entender? E se

ela não voltar logo para casa? E se ela não estiver bem e nunca mais ficar?

Pressia respira fundo e empurra o painel falso com o punho de cabeça de boneca. Ele cede um pouco, depois se solta e desaba no chão empoeirado da barbearia. A luz invade o armário.

O coração de Pressia bate forte. Ela olha para a estrutura sombria da barbearia. A maior parte do telhado foi arrancada e agora deixa ver o céu escuro da noite. Pressia se sente vulnerável ao sair do abrigo apertado dos armários para esse espaço aberto.

Só resta uma cadeira na barbearia, uma cadeira giratória com um pedal que faz o assento subir ou descer. O balcão diante dessa única cadeira também continua perfeitamente intacto. Três pentes boiam dentro de um jarro empoeirado cheio de água azul turva velha, como se estivessem suspensos no tempo.

Pressia vai rapidamente para a sombra dessa parede e desliza por ela, passando pela pilha de espelhos estilhaçados. Ouve o barulho de outra caminhonete. É estranho haver mais de uma. Ela se agacha e prende a respiração.

Fica imóvel. Ouve um rádio tocando na caminhonete, uma versão esganiçada de uma canção antiga com uma guitarra estridente e um baixo pulsante, uma melodia que Pressia não conhece. Ela ouviu dizer que quando eles pegam as pessoas, amarram as mãos delas nas costas e cobrem a boca com fita adesiva. Mas ligam o rádio quando estão indo embora? Por algum motivo, essa parece a pior parte.

Pressia se abaixa o máximo possível. Tenta não respirar. Será que vieram só atrás dela, com uma caminhonete bloqueando o beco e outra na rua paralela?

Todos os espelhos estão quebrados, exceto um, de mão, que está em cima daquele balcão. Uma vez ela perguntou ao avô sobre os espelhos de mão, e ele disse que eram usados para mostrar aos clientes a parte de trás da cabeça. Pressia não sabe quem iria querer ver a parte de trás da cabeça. Quem precisaria disso?

De onde ela está, consegue ver o Domo de novo, na colina ao norte. É uma esfera — clara e brilhante, coberta de grandes armas pretas, uma fortaleza cintilante encimada por uma cruz que reluz

mesmo através do ar fuliginoso. Ela pensa no Puro, o que supostamente foi visto na Terra Seca, alto e esguio, de cabelos curtos. Tem de ser apenas um boato. Não pode ser verdade. Quem deixaria o Domo para vir aqui e ser caçado?

A caminhonete se move lentamente. Um holofote inunda o cômodo. Pressia não se mexe.

A luz atinge um caco triangular, e por um segundo Pressia vê seus próprios olhos olhando para si mesma, amendoados como os de sua mãe japonesa — tão bonita, tão nova. E as sardas de seu pai acima da ponte do nariz. E tem também a queimadura em forma de meia-lua contornando seu olho esquerdo.

Se ela for, o que acontecerá com Frido? Frido vai morrer algum dia.

O holofote se desloca e então a caminhonete passa com a inscrição OBR e uma garra preta pintada na lateral. Pressia continua completamente imóvel enquanto o rugido do motor e a música do rádio desaparecem na noite. A primeira caminhonete ainda está no beco. Pressia ouve gritos, mas não é a voz de seu avô.

Ela espia pelos buracos grandes onde antes ficavam as vidraças das janelas.

Está escuro e frio. Não há ninguém na rua. Ela se esgueira de novo pela sombra da parede até o vão destruído da porta da frente. Há ali um tubo estranho grande e enferrujado, pintado com listras desbotadas em espiral vermelhas e azuis. Está quebrado e torto. O avô de Pressia diz que era algo que existia em todas as barbearias dos Estados Unidos, um símbolo que costumava significar algo. Ela sai pela porta e permanece perto da parede desmoronada.

Qual era o plano? Esconder-se. O antigo tubo enorme de irrigação que seu avô lhe mostrou uma vez fica a três quadras de distância. Ele achou que Pressia ficaria em segurança ali. Mas existe algum lugar seguro?

Bradwell, pensa ela. O subterrâneo. O mapa que ele colocou no bolso dela com a localização ainda está lá, dobrado. Ele pode estar em casa, preparando-se para a próxima aula de História Sombria. E se ela aparecer e agradecer o presente, fingindo que foi uma delicadeza, e não uma crueldade? Ele a receberia? Bradwell deve ao

avô dela pelos pontos que ele deu, mas Pressia nunca iria lá para pedir um favor. Nunca. Ainda assim, ela decide tentar chegar lá. Fandra não sobreviveu, mas seu irmão sim.

No chão, perto da porta, há um pequeno sino queimado. Pressia fica surpresa. Pega-o, mas o sino está sem o badalo, então não emite som algum. Ele pode ter alguma utilidade um dia.

Pressia segura o sino com tanta força que as bordas machucam a carne de sua mão.

PARTRIDGE

CASCO

Partridge escuta as ovelhas antes de vê-las, farfalhando atrás dos arbustos escuros no bosque à sua frente, balidos irregulares. Uma gagueja de um jeito que lembra Vic Wellingsly rindo dele no vagão do monotrilho. Mas isso foi em outro mundo. O sol já se pôs, e todo o calor se esvaiu do ar. Partridge está na periferia da cidade, em seus destroços carbonizados. Ele sente o cheiro de fumaça das fogueiras, ouve vozes ao longe, um grito de vez em quando. Um agitar de asas no céu.

Ele conseguiu passar pelos campos arenosos de poeira, onde o menino bebeu toda sua água e duas vezes achou ter visto um olho na terra, um único olho piscando que logo se perdeu na poeira. Uma alucinação? Partridge não tem certeza.

Está contornando os limites do bosque. Se a terra pode estar tão viva, o bosque é perigoso demais. Ele presume que é ali que alguns dos miseráveis devem viver. Pensa em sua mãe, a santa, como seu pai costumava chamá-la, e nos miseráveis que ela supostamente salvou. Se ela ainda está viva, eles também estão?

Um grande pássaro lustroso preto passa perto de sua cabeça. Partridge vê o bico afiado com uma articulação torta, as garras se abrindo e fechando com um estalo durante o voo. Impressionado, ele observa a ave até perdê-la de vista no bosque. Pensa no pássaro de arame engaiolado de Lyda e é tomado por culpa e medo. Onde Lyda está neste momento? Ele não consegue evitar a sensação de que ela está em perigo, de que sua vida mudou. Será que eles

apenas fariam perguntas e depois a deixariam retomar sua vida normal? Na verdade, Lyda não tem nada a dizer. Ela sabe que Partridge pegou a faca, mas depois disso parecerá que ela está escondendo algo, que sabe mais do que está dizendo. Será que alguém os viu se beijarem? Em caso positivo, ela parecerá culpada. Ele se lembra do beijo. A memória lhe vem à mente várias vezes — doce e suave. Lyda cheirava a flores e mel.

Então as ovelhas surgem por entre as árvores, mancando com cascos frágeis e mutilados. Partridge se agacha nos arbustos para observá-las. Presume que sejam selvagens. Elas vagam até uma fenda rasgada na terra cheia de água de chuva. A língua delas é ágil, com um aspecto quase afiado, algumas brilhando como navalhas. O pelo está molhado, embolado em nós. Os olhos se movem descoordenados, e os chifres — às vezes mais numerosos do que dá para contar, às vezes uma fileira, uma cordilheira eriçada percorrendo as costas da criatura — são grotescos. Alguns chifres crescem como videiras, espiralando-se uns nos outros e depois desviando para um lado. Em um caso, os chifres cresceram para trás, como uma crina, e fundiram-se com a coluna, deixando a cabeça fixa na mesma posição.

Por mais atemorizantes que as criaturas pareçam, Partridge fica feliz de saber que a água é potável. Ele está com uma tosse rouca — por respirar as fibras ásperas? Pela fuligem arenosa? Ele vai esperar as ovelhas irem embora e encher suas garrafas.

Mas as ovelhas não são selvagens. Um pastor com um braço amputado e as pernas arqueadas sai do bosque a passos pesados, gritando com a voz rouca e brandindo uma vara pontiaguda. Seu rosto está desfigurado por queimaduras, e um olho parece ter escorregado e se alojado na maçã do rosto. Suas botas são pesadas, cobertas de lama. Ele arrebanha as ovelhas, açoitando-as e cutucando-as brutalmente, emitindo sons guturais. O homem solta a vara sem querer, inclina-se para pegá-la. Seu rosto — repuxado pelas queimaduras e pelos vergões — se vira e ele avista Partridge. Faz uma careta.

— Você — diz ele. — Tá roubando? Carne ou lã?

Partridge enrola o cachecol no rosto, puxa o capuz e balança a cabeça.

— Só preciso de água.

Ele aponta para a poça.

— Beba isso e seu estômago vai apodrecer — adverte o homem. Seus dentes brilham, pérolas escuras. — Venha. Eu tenho água.

As ovelhas — seus traseiros cinzentos — voltam para o bosque conduzidas pelo pastor. Partridge os segue. O bosque ainda está enegrecido, mas brotam pequenos focos de verde. Eles logo chegam a um alpendre e a um cercado feito de rede e estacas. O homem leva as ovelhas para dentro. Algumas resistem e ele lhes dá uma chicotada no focinho. Elas balem. O cercado é tão pequeno que as ovelhas se amontoam, lotando o espaço de lã.

— Que cheiro é esse? — pergunta Partridge.

— Estrume, urina, podridão, lã velha. Um pouco de morte. Tenho bebida — diz ele. — Feita em casa. Você vai ter que pagar.

— Só água — responde Partridge, deixando o cachecol úmido com sua respiração.

Ele tira uma garrafa da mochila e a entrega.

O homem fica olhando para a garrafa por um instante e Partridge se preocupa com a possibilidade de que a garrafa tenha algo que o denuncie ao pastor, mas então o sujeito entra mancando no alpendre. Partridge olha o interior por um momento, a porta distorcida escorada pela lama. O brilho rosado de animais despelados pendurados nas paredes. Eles estão sem cabeça, então Partridge não consegue identificá-los. Não que as cabeças tivessem ajudado necessariamente.

Partridge sente uma picada no braço. Dá um tapa e vê um tipo de besouro encouraçado com pinças grossas. Ele dá um peteleco, mas o besouro parece fincado. Então ele o envolve com o dedos e o arranca da pele.

O homem volta com a garrafa, agora cheia d'água.

— De onde você tá vindo?

— Da cidade — responde Partridge. — É melhor eu voltar.

— De que parte da cidade? — pergunta o homem.

O olho caído dele pisca mais devagar que o outro. Partridge olha de um para o outro.

— Da periferia — esclarece Partridge, e começa a voltar pelo caminho por onde veio. — Obrigado pela água.

— Sofri uma perda recente — diz o homem. — Minha esposa, doente. Está morta, acabou de morrer. Preciso de um corpo quente aqui. O trabalho é pra mais de um.

Partridge olha para as ovelhas no cercado. Uma delas tem um casco no formato de pá, enferrujado e amassado. Ele se afunda no canto do cercado.

— Não posso.

— Você não é natural. É?

Partridge não se mexe.

— Preciso voltar.

— Cadê as suas marcas? Com o que você tá fundido? Não vejo nada.

O homem pega a vara e a aponta para Partridge. O menino agora vê claramente as cicatrizes no rosto dele, uma confusão de talhos.

— Não se mexa — diz o homem lentamente, encurvando-se.

Partridge se vira e corre de volta pelo caminho de onde veio. Sua velocidade engrena, seus braços e pernas tão rápidos e firmes como pistões. Ele sai do bosque pelo lugar por onde passaram, e então tropeça em um tronco macio. Cai no chão.

Ali também há aquela poça d'água de chuva da qual as ovelhas estavam bebendo.

Ele olha para o tronco e vê que não é mesmo um tronco. É um emaranhado de juncos — alguns verdes e alguns cor de ferrugem. Partridge pensa nas trilhadoras vistas da academia. Ele tenta escutar sinais do pastor, não ouve nada. Vai até o emaranhado de juncos, vê o brilho do arame que os prende. Fica encarando até que vê um leve reflexo, algo úmido e imóvel. Ele estende a mão, tremendo. Sente um cheiro adocicado enjoativo. Separa os juncos — são úmidos, quase borrachentos — e expõe um rosto humano, uma bochecha cinza pálida e a outra vermelho-escura, a carne aparentemente

queimada, a boca roxa por falta de ar e sangue. É a esposa do pastor — doente, acabou de morrer. Foi assim que ele a enterrou.

Que parte dela é úmida e imóvel? O olho — que é de um tom escuro e luminoso de verde.

REABILITAÇÃO

O quarto branco acolchoado está frio. Isso lembra Lyda de que havia um compartimento dentro da geladeira grande antes das Explosões. Só existem geladeiras pequenas agora que as pessoas praticamente só se alimentam de pílulas soytex. Mas era no pequeno compartimento dentro da geladeira grande que sua mãe guardava as cabeças redondas de alface. Será que eram muito delicadas para resistir à área comum da geladeira? Lyda pensa nas bordas abertas e onduladas das folhas externas como a bainha de uma saia rodada.

Sua mãe veio visitá-la duas vezes, extraoficialmente. Durante essas visitas, ficou relativamente quieta, mas Lyda pôde perceber sua raiva. A mãe conversou sobre os vizinhos e sua horta, e uma vez, com a voz muito baixa, disse:

— Tem alguma ideia de quanto suas ações vão nos custar? Ninguém consegue me olhar nos olhos.

Mas ela também a abraçava no fim de cada visita, um abraço ríspido e breve.

Hoje sua mãe virá como administradora para uma avaliação. Ela entrará como todos os outros, usando jaleco e trazendo seu pequeno computador de mão — uma barreira na frente do peito, escondendo o busto firmemente preso.

Debaixo da pressão do sutiã e da carne gordurosa dos seios dela existe um coração.

Lyda sabe que ele está lá e bate furiosamente.

O quarto é pequeno, quadrado, equipado com uma cama, um vaso sanitário e uma pia minúscula. Uma imitação de janela cintila em uma das paredes. A menina se lembra da mãe lutando por essa melhoria no tratamento alguns anos atrás. Ela liderou a discussão diante da comissão. Alguém havia realizado uma pesquisa indicando que a luz do sol ajuda pessoas com deficiências mentais. Mas, é claro, janelas iluminadas de verdade estavam fora de questão. Esta era uma concessão. A janela mostra mudanças de luz sincronizadas com um relógio na parede. Lyda não confia no relógio nem na imagem da janela. Acha que o tempo é manipulado quando ela dorme. Passa rápido demais. Talvez sejam os soníferos.

Quanto mais tempo ela fica confinada, sua deficiência mental passa para uma categoria mais grave, e as chances de ela ser liberada diminuem. Pela manhã, a menina também toma remédios para acordar, e outros para acalmar os nervos, embora diga a eles que seus nervos estão bem. Estão? Nessas circunstâncias, ela imagina que não estejam tão ruins. Pelo menos ainda não.

Quer ela saia ou não, está manchada. Que família a aceitaria em casamento agora? Nenhuma. Mesmo que alguém aceitasse, ela não teria permissão para gerar filhos. Inadequada para o repovoamento genético — fim.

A falsa imagem de luz do sol na janela tremeluz como se pássaros tivessem passado. Isso faz parte do programa? Por que ela sequer pensaria em pássaros passando por uma janela? Há tão poucos pássaros no Domo. De vez em quando, um escapa do aviário. Mas isso é raro. Será que os pássaros foram imaginação dela? Saídos de algum recôndito profundo da memória?

O mais difícil até agora, além do pânico torturante, é seu cabelo. Ele foi raspado quando Lyda chegou. Ela estimou que levará três anos, pelo menos, até voltar ao comprimento antigo. As poucas meninas que Lyda sabe terem voltado da reabilitação usaram perucas no início. A expressão tensa de medo de uma eventual recaída e o brilho falso do cabelo as fazem parecer estranhas — mais uma razão para temê-las. Lyda agora usa um lenço branco na cabeça; branco para combinar com o enorme macacão leve de algodão com botões na frente — tamanho único. O lenço está

amarrado na nuca, onde a menina sente coçar. Ela passa os dedos por baixo do nó e coça.

Pensa em Partridge, segurando sua mão enquanto eles andavam pelo corredor de volta para o baile. Às vezes, ele aparece tão de repente na cabeça de Lyda que ela sente o estômago se revirar. A menina está ali por causa dele. Todas as perguntas que lhe fazem remetem àquela noite. A verdade é que ela mal o conhece. Pode afirmar isso várias vezes, e ninguém acredita. Ela repete agora no espaço silencioso de sua cela: Eu mal o conheço. Nem ela acredita em si mesma.

Será que ele está vivo? Lyda sente que seu corpo saberia, de algum modo, lá no fundo, se ele estivesse morto.

Às três horas, ouve uma batida e, antes que tenha tempo de responder, a porta se abre. A equipe entra — duas médicas e sua mãe. Lyda olha para a mãe, à espera de alguma demonstração de familiaridade. Mas o rosto dela está inerte como o reservatório de esgoto da academia. Ela olha para Lyda, mas não de verdade. Seu foco repousa na parede do lado da menina, vai até o chão, a pia, e volta para a parede.

— Como se sente? — pergunta a médica mais alta e esbelta.

— Bem — responde Lyda. — A janela é legal.

Sua mãe se retrai de modo quase imperceptível.

— Você gosta? — indaga a médica esbelta. — Foi uma melhoria muito importante para nós.

— Vamos fazer mais algumas perguntas rápidas — começa a outra médica. Ela é atarracada e mede suas palavras. — Fomos orientadas a investigar a natureza de seu relacionamento com Ripkard Willux.

— Seu namorado, Partridge — acrescenta a médica esbelta, como se Lyda não fosse reconhecer o nome dele.

— Apenas algumas perguntas — adiciona sua mãe. — Seremos breves.

Sua mãe estaria lhe dizendo para dar respostas breves também?

— Não sei onde Partridge está — declara Lyda. — Já disse isso várias vezes para todo mundo.

Já houve vários interrogatórios, cada um ligeiramente mais agressivo que o anterior.

— O próprio Ellery Willux está, é claro, muito empenhado, como você pode imaginar — diz a médica esbelta. Lyda percebe que ela fica empolgada só de pronunciar o nome. — É do filho dele que estamos falando.

— Você pode ajudar a encontrar o garoto — acrescenta sua mãe, com um tom animado, como se dissesse que isso poderia redimir sua família.

A imagem falsa da janela tremeluz de novo como se tivessem passado asas — ou será que o programa está com um bug? Está travando? Você pode ajudar a encontrar o garoto. Ele está perdido? Está desaparecido? Como um pássaro do aviário? Como o pássaro de arame dela, que agora pode estar exposto no Salão dos Fundadores no lugar de timers, aventais e facas antigos. Ou será que o pássaro de arame de Lyda foi desclassificado porque ela não é mais aluna da academia?

— Você declarou que apresentou a ele a Mostra de Domesticidade à noite da mesma maneira que teria feito ao conduzir uma visita durante o dia — afirma a médica atarracada.

— Mas essa informação é completamente correta? Um menino e uma menina em uma sala escura, depois de saírem de um baile, ao som de música — acrescenta a médica esbelta. — Todas nós fomos jovens um dia.

Ela pisca.

Lyda não responde. Ela aprendeu a responder a perguntas com perguntas.

— O que você quer dizer?

— Ele a beijou? — pergunta a médica esbelta.

Lyda sente o calor subir a seu rosto. Ele não a beijou. Ela o beijou.

— Vocês se abraçaram?

Ela se lembra da mão dele na curva de sua cintura, tocando levemente suas costelas, o tecido roçando em sua barriga. Eles dançaram duas músicas. Havia muitas testemunhas. O sr. Glassings e a srta. Pearl eram os adultos responsáveis.

Partridge abaixou a cabeça durante a dança, e ela o sentiu respirar em seu pescoço.

Havia uma faca no cinto dele, escondida dentro do paletó. Sim. O beijo? As pessoas perceberam? Eles andaram de mãos dadas até o dormitório dela. Muitas pessoas os viram. Havia alguém olhando por uma janela? Ou outros casais andando pelo caminho?

— Gostando ou não dele — diz a médica atarracada —, acha que ele pode ter sentido algo sério por você?

Os olhos de Lyda se enchem de lágrimas. Não, pensa ela. Não, ele não sentia nada por mim. Eu fui apenas um par conveniente. Ele estava rabugento desde o início. Só foi gentil com a menina porque ela o deixara roubar algo do mostruário — uma faca. Uma faca que ele usou para quê? Ninguém quer lhe dizer. E ele dançou com ela porque queria que parecessem um casal normal, que se misturassem aos demais e não chamassem a atenção. Será que estão preocupados com a possibilidade de ele estar morto? Achem que ele se enfiou em algum lugar e se matou como o irmão? Lyda olha para a mãe agora, com uma expressão de súplica. O que devo fazer?

— Ele amava você? — insiste a médica esbelta.

A mãe de Lyda acena com a cabeça. Nem chega a ser um aceno. É mais uma leve repuxada, como se ela estivesse tentando não tossir. Lyda esfrega os olhos.

Sua mãe está lhe dizendo para responder que sim, para afirmar que Partridge a amava. Aquilo a tornaria mais valiosa? Se ela tem qualquer valor que seja, seria apenas porque ele está vivo. Se acharem que ele a ama, então talvez a usem — como uma mensageira? Uma intermediária? Uma isca?

Ela agarra os joelhos, acumulando tecido entre os dedos, e então alisa o pano.

— Sim — diz, com os olhos baixos. — Ele me amava. — E por um instante Lyda finge que é verdade e repete, mais alto. — Ele disse. Falou que me amava naquela noite.

A janela tremeluz de novo. Ou é a visão dela?

PRESSIA

SAPATO

Para chegar à casa de Bradwell, Pressia atravessa a rua e segue pelo beco paralelo ao mercado. Ao longe, ouve a cantoria da Onda de Morte. Ela, às vezes, finge que a cantoria faz parte de uma festa de casamento. Por que não? As vozes sobem e descem e parecem uma celebração — por que não de amor? O avô dela lhe falou do casamento de seus pais — tendas brancas, toalhas de mesa, um bolo de andares.

Mas ela não pode pensar nisso agora. Tenta estimar a posição das equipes da Onda de Morte e conclui que elas devem estar na Terra Derretida, onde antes ficavam os bairros fechados. Ela conhece gente que cresceu lá. Ouviu falar daquele lugar em jogos de Eu Me Lembro — casas idênticas, irrigadores automáticos, brinquedos de plástico em todos os quintais. É por isso que a região é chamada de Terra Derretida — cada quintal é marcado por um bolo grande e colorido de plástico que antes era escorregador, balanço e tanquinho de areia em forma de tartaruga.

Pressia tenta identificar a equipe de acordo com a cantoria. Algumas são mais cruéis que outras. Mas ela nunca aprendeu direito a distingui-las. Seu avô se refere às cantorias diferentes como cantos de pássaros, cada um supostamente característico. Ela não sabe se a cantoria está começando ou chegando ao fim no último campo do inimigo. Felizmente, está distante, na parte sul da Terra Derretida, que não é para onde Pressia se dirige. Agora que ela está ouvindo com mais atenção, a cantoria pode estar ainda mais longe.

Talvez esteja para o lado das prisões, dos asilos e dos sanatórios, em suas estruturas queimadas de aço, escombros de pedras e aparas de arame farpado. As crianças têm uma cantiga sobre as prisões.

*As casas da morte caídas estão
As casas da morte caídas estão
Almas vagueiam em profunda aflição
Cuidado! Arrastam você para baixo do chão
Pressia nunca viu as estruturas demolidas. Nunca foi tão longe.*

Não há ninguém nas ruas. Está frio, escuro, úmido. Ela puxa o suéter grosso para cobrir o pescoço, enfia debaixo do braço o punho de boneca enrolado na meia e anda rapidamente até outro beco. Ela ficou com o sino vazio. Está enfiado no fundo do bolso do suéter.

Além da cantoria da Onda de Morte, Pressia está atenta à escuta de Grupais.

O fato de eles nunca conseguirem se livrar uns dos outros provoca uma inquietação que os faz sair para as ruas à noite. Alguns Grupais usam sua força coletiva para perseguir pessoas e assaltá-las — não que ela e o avô tivessem muito para ser roubado. Ela também fica atenta às caminhonetes da OBR. É por causa deles que Pressia preferiu andar nos becos mais estreitos a caminhar nas ruas.

Ela vai para outro beco e então, sentindo-se cheia de adrenalina, começa a correr. Não consegue evitar. As ruas estão tão silenciosas, apenas com a cantoria distante, que Pressia quer abafar o som com seu coração batendo. Ela entra em um beco, mas ouve um motor da OBR. Dá meia-volta e segue na direção oposta à cantoria. Vai de um beco para outro e mais outro — duas vezes ela vislumbra uma caminhonete da OBR e precisa mudar de direção.

Quando chega aos Campos de Escombros, está desorientada. Fica parada na sombra de um prédio de tijolos destruído, em um corredor em ruínas. Precisa decidir se contorna os Campos de Escombros, o que vai levar no mínimo mais uma hora, ou se os atravessa. Os Campos de Escombros eram o centro da cidade, bem cheio de prédios altos, caminhonetes e carros, um sistema

subterrâneo de metrô e multidões atravessando as ruas na superfície.

Agora, há montanhas de pedras, nas quais Feras cavam tocas e pequenas cavernas. Pressia vê fiapos de fumaça saindo de aberturas aqui e ali. As Feras acenderam fogueiras para se aquecer.

Ela não tem muito tempo para se preocupar com o que fazer em seguida, porque uma caminhonete da OBR avança pela rua e para de repente diante do prédio mais próximo de Pressia. Ela se esgueira pela esquina, as costas contra o tijolo.

A porta do passageiro se abre. Um homem com o uniforme verde da OBR sai. Ele não tem pé. Uma das pernas de sua calça está dobrada. E em vez de joelho, há o pescoço de um cachorro, o crânio peludo, olhos esbugalhados, mandíbula, dentes. Será que a perna do homem é parte da coluna vertebral do cachorro? É impossível dizer onde antes ficava a perna. O cão está sem uma pata traseira e sem o rabo, mas corre no lugar do pé do homem. Eles aprenderam a andar mancando de forma ligeira e irregular. Ele contorna o edifício e abre a porta de trás. Mais dois soldados da OBR saltam para a rua com suas botas pretas. Estão armados com fuzis.

— É a última parada — grita o motorista.

Pressia não consegue ver o rosto dele pelo vidro, mas parece que há dois homens ali, uma cabeça perto da outra — ou talvez atrás. Será que o motorista é um Grupal? Ela ouve outra voz repetir o que disse o motorista:

— Última parada.

Será que veio da outra cabeça?

O coração de Pressia dispara. Ela respira ligeiramente.

Os três homens invadem o prédio.

— OBR! — berra um deles.

E então ela ouve as botas pela casa.

O soldado motorista liga o rádio, e Pressia se pergunta se é a mesma caminhonete que estava em seu beco antes.

Mais adiante na rua ela ouve várias vozes. Há uma figura, alguém usando um casaco com capuz, o rosto coberto por um cachecol. Está muito escuro para distinguir algo mais. A figura grita:

— Parem! Deixem-me em paz!

É uma voz de menino, abafada pelo cachecol. Ele parece ter mais de dezesseis anos. A OBR vai pegá-lo se o vir.

Então ela vê os Grupais saírem de uma esquina. O que antes talvez fossem sete ou oito pessoas agora é um único corpo enorme, uma variedade de braços e pernas e alguns traços cromados, olhares maliciosos — rostos queimados, presos com arames, às vezes fundidos, dois rostos em um. Estão bêbados — dá para perceber pela forma como cambaleiam, como gritam com uma fala enrolada.

O soldado ao volante olha pelo retrovisor, mas então, desinteressado, pega um canivete e começa a limpar as unhas.

— Passe o que você tem! — diz um dos Grupais.

— Entregue tudo! — acrescenta outro.

— Não posso — retruca a voz sob o capuz. — Não é nada mesmo. Não vai ter valor nenhum para vocês.

— Então passe logo! — repete um dos Grupais.

E uma mão se projeta e empurra a figura encapuzada. O menino cai e sua mão solta a mochila, que vai parar perto dele no chão. É aquilo que eles querem.

Se não é importante, ele devia dar. Grupais podem ser cruéis, especialmente quando estão embriagados.

A figura encapuzada pega a mochila com um gesto tão rápido e certo que sua mão parece uma flecha disparada do corpo dele e voltando em seguida. Os Grupais ficam confusos pela ação repentina. Alguns tentam recuar, mas os outros não permitem.

Então o menino encapuzado levanta de um modo tão anormalmente rápido que tropeça para trás, como se seu corpo estivesse desajustado. Enquanto ele está desequilibrado, um dos Grupais lhe dá um chute na barriga, e então todos avançam — um único corpo enorme.

Eles podem matá-lo, e Pressia odeia a figura encapuzada por não ter simplesmente entregado a mochila. Ela fecha os olhos com força. Diz a si mesma para não se envolver. Deixe-o morrer, fala para si mesma. O que você tem a ver com isso?

Mas ela abre os olhos e observa a rua. Vê um tambor de óleo do outro lado.

O soldado ao volante está assobiando ao som da música no rádio, ainda cutucando as unhas com o canivete. Então ela tira o sapato pesado — o tamanco com sola de madeira — e o arremessa no tambor com toda a força. Sua mira é boa, ela acerta em cheio. O tambor solta um ruído grave e alto.

Os Grupais levantam os olhos, suas expressões embotadas marcadas por medo e confusão. Será que é uma Fera dos Campos de Escombros? Uma equipe da Onda de Morte da OBR esperando de tocaia? Pressia percebe que eles já caíram em emboscadas antes, pelo modo como ficam virando a cabeça de um lado para o outro. E, é claro, eles próprios armam emboscadas.

A distração dá tempo suficiente para a figura encapuzada se levantar, agora mais lentamente e com mais cuidado, e fugir deles, correndo pela rua. Ele é rápido, com uma velocidade surpreendente, mesmo mancando.

Por algum motivo que Pressia não consegue entender, ele corre direto para a traseira da caminhonete, enfia-se embaixo dela e fica imóvel.

Os Grupais agora estão olhando a rua. Veem a caminhonete, talvez pela primeira vez, e com alguns resmungos esgueiram-se de volta por onde vieram.

Pressia quer gritar para o garoto encapuzado. Ela criou uma distração para salvá-lo dos Grupais — mesmo na frente da OBR — e ele vai para baixo da caminhonete deles?

Os soldados na casa voltam a sair.

— Vazia! — grita para o motorista o sujeito com perna de cachorro.

Os outros dois soldados sobem na traseira da caminhonete, junto com o que estava no banco do passageiro. O motorista guarda o canivete, faz um gesto positivo com a cabeça. A outra cabeça se vira e se inclina no ombro dele. O soldado liga o motor, engata a marcha e arranca.

Pressia olha para a frente e vê um rosto aparecer na janela traseira da caminhonete — um rosto, meio encoberto pela sombra, incrustado com pedaços de metal, e uma boca fechada com fita adesiva. Um estranho. Apenas um garoto, como ela. Pressia dá um

passo na direção do menino dentro da caminhonete — ela não consegue evitar — e sai das sombras.

O carro dobra a esquina. O beco se enche de silêncio.

Poderia ter sido ela.

Agora que a caminhonete se foi, o garoto encapuzado está exposto, deitado na rua. Ele levanta os olhos e vê Pressia. Seu capuz cai, revelando uma cabeça raspada. Ele é alto e magro, sem qualquer marca, cicatriz ou queimadura no rosto liso e pálido. Um longo cachecol está caído, embolado no chão. Ele pega a mochila e o cachecol, levanta-se rapidamente e olha à sua volta, confuso e perdido. E então cambaleia, como se estivesse tonto, e tropeça para trás, na direção da sarjeta. Ele cai — um som abafado do crânio batendo no cimento.

Um Puro. Pressia ouve a voz da velha em sua cabeça. *Um Puro aqui entre nós.*

PARTRIDGE

CRÂNIO

Agora, aqui, sem fôlego. As estrelas parecem pequenos furos claros — quase perdidos no ar escurecido pela poeira —, mas não são furos. Não é o teto do refeitório decorado para um baile. O céu acima é infinito. Não é limitado.

Casa? Infância?

Não.

Sua casa era um espaço grande e arejado. Pé-direito alto. Branco e mais branco. Um aspirador de pó sempre ronronando em cômodos distantes. Uma mulher de calças de moletom movimentando-o de um lado para outro nos pisos felpudos. Não a mãe dele. Mas ela estava sempre por perto. Ela caminhava pela casa. Balançava as mãos quando falava. Olhava pelas janelas. Xingava. Ela disse: "Não conte a seu pai." Ela disse: "Lembre-se, isso fica só entre nós dois." Havia segredos dentro de segredos. Ela disse: "Deixe-me lhe contar a história de novo."

A história era sempre a mesma. A mulher-cisne. Antes de ser mulher, ela era uma menina-cisne que salvou um jovem que estava se afogando. Era o jovem príncipe. Um príncipe mau. Roubou as asas dela e a obrigou a se casar com ele. Ele se tornou um rei mau.

Por que ele era mau?

O rei achava que era bom, mas estava errado.

Havia também um príncipe bom. Ele morava em outra terra. A mulher-cisne ainda não sabia que ele existia.

O rei mau deu a ela dois filhos.

Um era bom e o outro era mau?

Não. Eles eram diferentes. Um era como o pai, ambicioso e forte. O outro era como ela.

Como o quê? De que jeito?

Não sei como. Ouça. É importante.

E o menino — o que era como ela — tinha asas?

Não. Mas o rei mau colocou as asas em um balde no fundo de um velho poço seco e escuro, e o menino que era como a mulher-cisne ouviu uma agitação dentro do poço e, uma noite, desceu lá e encontrou as asas para sua mãe. Ela as colocou e então pegou o menino que pôde — o que era como ela, e que não resistiu — e voou para longe.

Partridge se lembra de sua mãe lhe contando a história na praia. Ela estava com uma toalha nos ombros. A toalha se agitava nas costas dela como asas.

A praia era onde eles tinham sua segunda casa. Era onde os dois estavam na fotografia que Partridge encontrou na caixa dela, no Arquivo de Perdas Pessoais. Só daquela vez eles foram para lá quando estava frio. O sol devia estar quente, porque ele se lembra de ter ficado queimado, com os lábios rachados. Eles passaram mal.

Nada muito sério, que os mandasse para um hospital; foi apenas uma infecção estomacal. Sua mãe pegou um cobertor azul no armário e enrolou Partridge nele.

Ela também estava doente. Os dois dormiram nos sofás e vomitaram em pequenos baldes de plástico branco. Ela colocou um pano molhado na testa do filho. E falou da mulher-cisne e do menino e da nova terra onde eles haviam encontrado o rei bom.

Será que meu pai é o rei mau?

É só uma história. Mas ouça. Prometa que sempre se lembrará dela. Não conte a história ao seu pai. Ele não gosta de histórias.

Partridge não consegue erguer a cabeça. Ele se sente preso ao chão, e a lembrança fica girando em sua mente. E então para. Sua cabeça está zunindo, uma dor intensa e pungente na parte de trás do crânio. Seu coração bate tão alto em seus ouvidos quanto as trilhadoras automáticas que trabalham nos campos do lado de fora da academia. Ele costumava observar as trilhadoras da solitária

água-furtada no final do corredor de seu dormitório quando Hastings ia para casa nos fins de semana. Lyda — será que ela está lá agora? Ela está ouvindo as trilhadoras?

Ela se lembra de tê-lo beijado? Ele se lembra. Isso o surpreende. Ele retribuiu o beijo e então ela se afastou, constrangida.

Partridge sente vento na pele. Este é o ar de verdade. O vento sopra acima da cabeça dele, fustiga a fina penugem que são seus cabelos. O ar se agita ameaçador, como se fosse deslocado por hélices invisíveis. Ele pensa em pás de hélices — reluzentes e rápidas na mente dele. Como Partridge chegou àquele lugar?

PRESSIA

OLHOS CINZENTOS

O Puro se levanta com dificuldade e vai para a rua. Olha à sua volta por um instante, pela fileira de carcaças ocas e queimadas, para os Campos de Escombros e seus rastros de fumaça subindo na noite, e depois de volta para os edifícios. Ele olha para o céu, como se tentasse se situar. Finalmente, pendura a alça da mochila no ombro e enrola o cachecol no pescoço e em cima da boca. Olha para os Campos de Escombros e segue na direção deles.

Pressia ajeita a meia de lã no punho de cabeça de boneca, estica a manga do suéter e sai do beco.

— Não — diz ela. — Você nunca vai conseguir.

Ele se vira de repente, assustado, e então seus olhos a encontram e ele se sente claramente aliviado ao constatar que a menina não seja um Grupal, uma Fera ou mesmo um soldado da OBR — embora Pressia duvide de que ele saiba qualquer uma dessas palavras. O que há para temer no lugar de onde ele vem, aliás? Será que ele sequer entende o que é medo? Ele tem medo de bolos de aniversário e cães de óculos escuros e carros novos cobertos com grandes laços vermelhos?

O rosto dele é suave e claro, os olhos são de um cinza-pálido. E ela não consegue acreditar que está olhando para um Puro — um Puro vivo de verdade.

*Queime um Puro e respire as cinzas.
De suas entranhas, faça umas cintas.*

*Com seus cabelos, teça um cordão.
E de seus ossos faça um Puro sabão.
Lava, lava, lava. Pula, pula, pula.
Lava, lava, lava. Eu sou Pura.*

É isso o que lhe vem à cabeça. Crianças cantam isso o tempo todo, mas ninguém pensa que verá um Puro de verdade, por mais boatos idiotas que circulem. Nunca. Pressia sente uma agitação ligeira, inquieta, dentro do peito, por trás das costelas, como Frido na gaiola, como a borboleta artesanal em seu saco.

— Estou tentando chegar à rua Lombard — diz ele, um pouco ofegante.

Pressia se pergunta se a qualidade da voz dele é diferente. Mais clara, mais doce? É assim a voz de alguém que não vem respirando cinzas há anos? — Rua Lombard, número mil e cinquenta e quatro, para ser mais exato. Grandes casas geminadas com portões gradeados.

— Não é bom ficar exposto lá fora — avisa Pressia. — É perigoso.

— Eu percebi. — Ele dá um passo na direção dela e para. Um lado de seu rosto está levemente sujo de cinzas. — Não sei se devo confiar em você — declara ele.

É uma declaração pertinente. Ele quase levou uma surra de Grupais; com certeza, está um pouco nervoso agora.

Pressia mostra o pé, o que está descalço.

— Eu joguei meu calçado para distrair os Grupais que estavam prestes a matar você. Já salvei sua vida uma vez.

Ele olha para a rua onde estava sendo empurrado. Vai até Pressia no beco.

— Obrigado — diz.

Ele sorri. Seus dentes são retos e muito brancos, como se ele tivesse se alimentado de leite fresco a vida toda. Seu rosto, a essa distância tão curta, é ainda mais surpreendente pela perfeição. Pressia não consegue adivinhar a idade dele.

Parece mais velho que ela, mas também parece jovem de alguma forma. Ela não quer ser flagrada encarando-o, então olha para o chão.

— Eles iam me arrebentar — ele diz. — Espero que eu valha a perda de seu sapato.

— Espero que ele não esteja perdido — retruca Pressia, virando-se um pouco para que ele não possa ver o lado queimado de seu rosto.

Ele dá um puxão na alça da mochila.

— Eu ajudo a encontrar seu sapato se você puder me ajudar a encontrar a rua Lombard.

— Não é fácil encontrar ruas aqui. Nós não nos orientamos por ruas.

— Onde você jogou o sapato? Em que direção? — pergunta ele, voltando para a rua.

— Não — diz ela, embora precise do calçado, presente de seu avô, talvez o último presente dele. Pressia ouve o motor de uma caminhonete a leste e depois outro na direção oposta. E tem ainda mais uma não muito longe, ou seria um eco? Ele deveria ficar escondido. Qualquer um pode vê-lo. Não é seguro. — Deixe para lá.

Mas ele já está no meio da rua de novo.

— Para que lado? — ele indaga e abre bem os braços, apontando em direções contrárias, como se quisesse ser um alvo vivo.

— O tambor de óleo — responde ela, apenas tentando apressá-lo.

Ele gira, vê o tambor e corre até lá. Contorna o tambor e se abaixa. Quando volta a se levantar, está com o tamanco. Ele o segura acima da cabeça como um prêmio.

— Pare — sussurra ela, desejando que ele voltasse para a escuridão.

Ele se aproxima correndo e se ajoelha.

— Aqui — diz ele. — Levante o pé.

— Tudo bem — diz ela. — Eu mesma faço isso.

Suas bochechas estão vermelhas. Ela está envergonhada e também brava com ele. Quem ele pensa que é, afinal? É um Puro que foi mantido em segurança, que sempre teve uma vida fácil. Ela pode se calçar. Não é uma criança. Ela se abaixa, arranca o tamanco da mão dele e o calça sozinha.

— O que você acha? Eu ajudei a encontrar seu sapato, então você me ajuda a encontrar a rua Lombard ou o que era a rua Lombard.

Agora ela está assustada. Está se dando conta de que ele é um Puro e que é muito perigoso andar com ele. A notícia sobre a presença dele vai continuar se espalhando, e é impossível impedir. Quando as pessoas descobrirem que realmente há um Puro ali, ele, com certeza, vai se tornar um alvo — esteja de braços abertos ou não. Alguns vão querer usá-lo como um sacrifício de ódio. Ele representa o mundo do Domo, os ricos e sortudos que os abandonaram para o sofrimento e a morte. Outros vão querer capturá-lo e pedir algum tipo de resgate.

E a OBR vai querer descobrir seus segredos ou usá-lo como isca.

E ela tem seus próprios motivos, não tem? Se dá para sair, significa que também dá para entrar. Foi o que aquela mulher disse, e talvez seja verdade.

Pressia sabe que ele pode ser útil. Ele não poderia servir como barganha com a OBR? Será que ela conseguiria se livrar da obrigação de se entregar na sede?

Poderia aproveitar e negociar assistência médica para seu avô também?

Ela agarra na manga do suéter. O Domo vai mandar gente atrás dele, não é?

E se o quiserem de volta?

— Você tem um chip? — pergunta ela.

Ele coça a nuca.

— Não — responde. — Nunca colocaram um em mim quando eu era criança. Estou exatamente do jeito que nasci. Pode olhar, se quiser.

Os chips implantados sempre deixam uma pequena protuberância como cicatriz.

Ela balança a cabeça.

— Você tem?

— Agora está inerte. Só um chip nulo — responde ela. Ela sempre deixa o cabelo comprido o bastante para esconder a

pequena cicatriz. — De qualquer modo, eles não funcionam aqui. Mas era o que os bons pais faziam antigamente.

— Está dizendo que os meus pais não eram bons? — pergunta ele, em tom de brincadeira.

— Não sei nada de seus pais.

— Bem, eu não tenho chip. Era isso o que você queria saber. Vai me ajudar ou não?

Ele está um pouco bravo agora. Pressia não sabe por que, mas fica feliz de saber que pode irritá-lo. Joga um pouco de poder para seu lado.

Ela faz que sim com a cabeça.

— Mas teremos que usar mapas antigos. Conheço uma pessoa que tem isso. Eu estava indo para a casa dele. Posso levá-lo até lá. Talvez ele possa ajudar.

— Está bem — diz ele. — Para que lado?

Ele se vira e começa a ir na direção da rua.

Pressia agarra o casaco dele.

— Espere — diz ela. — Não vou sair com você desse jeito.

— Que jeito? — pergunta.

Ela o encara, descrente.

— Descoberto.

Ele coloca as mãos nos bolsos.

— Então é óbvio.

— É claro que é óbvio.

Ele não diz nada por um instante. Os dois ficam ali parados.

— O que era aquela coisa que me atacou?

— Um Grupal. Um grande. Todos aqui fora têm algum tipo de deformação, alguma fusão, então não somos exatamente como antes.

— E você?

Ela desvia o olhar e responde outra coisa.

— A pele das pessoas normalmente é cheia de coisas. Vidro é afiado, dependendo de como está incrustado. Plástico pode endurecer, dificultando o movimento. Metal enferruja.

— Como o Homem de Lata — afirma o Puro.

— Quem?

— É o personagem de um livro e de um filme antigo — responde ele.

— Não temos isso aqui. Pouca coisa sobreviveu.

— Certo — diz ele. — E o que é essa cantoria?

Pressia havia ignorado, mas ele tem razão. Vozes da Onda de Morte chegam com o vento. Ela dá de ombros e responde:

— Talvez sejam pessoas cantando em um casamento.

Ela não sabe bem por que diria algo assim. As pessoas cantavam em casamentos — como no casamento de seus pais na igreja, com festa debaixo de tendas brancas? Elas ainda cantam no Domo?

— Você também vai ter que ficar atento às caminhonetes da OBR.

Ele sorri.

— Qual é a graça? — pergunta Pressia.

— É só que eles são reais. No Domo, sabemos que eles existem. A OBR. Que eles começaram como Operação Busca e Resgate, uma milícia civil, e depois se transformaram em um tipo de regime fascista. Operação... como é agora?

— Bendita Revolução — diz Pressia diretamente.

Ela não consegue deixar de achar que o Puro está zombando dela.

— Certo! — diz ele. — Isso mesmo!

— Você acha isso interessante? — pergunta ela. — Eles vão matar você. Vão torturá-lo e enfiar uma arma em sua garganta e assassiná-lo. Consegue entender?

Ele parece aceitar, e então diz:

— Acho que você me odeia. Não posso criticar. Historicamente falando...

Pressia sacode a cabeça.

— Por favor, não dê uma desculpa coletiva. Eu não preciso de sua consciência pesada. Você entrou. Eu não. Fim.

Ela coloca a mão no bolso e sente a borda dura do sino. Considera acrescentar algumas palavras mais gentis, para aliviar a culpa dele, algo como: Éramos crianças quando tudo aconteceu. O que podíamos fazer? O que qualquer um podia fazer? Mas decide não dizer nada. A culpa dele também lhe dá alguma vantagem. E o

fato é que há uma parcela de verdade em sua culpa. Como ele entrou no Domo? Que tipo de privilégio permitiu isso? Ela entende o suficiente das teorias da conspiração de Bradwell para saber que decisões desagradáveis foram tomadas. Por que ela não deveria culpar um pouco o Puro?

— Você precisa usar o capuz e o cachecol na frente do rosto — ela diz.

— Tentarei me misturar. — Ele enrola rapidamente o cachecol no pescoço, cobrindo o rosto, e puxa o capuz. — Está bem assim? — pergunta.

Na verdade, não é o bastante. Há algo em seus olhos cinzentos que o distingue, algo que ele provavelmente não pode fazer nada para mudar. Será que alguém perceberia de cara que ele é um Puro? Pressia tem certeza de que ela saberia. Ele é otimista de um jeito que ninguém é ali, mas também tem uma tristeza profunda. De certa forma, ele não parece nada Puro.

— Não é só seu rosto — ela diz.

— O que é então? — ele pergunta.

Pressia sacode a cabeça, deixando os cabelos cobrirem as cicatrizes de um lado de seu rosto.

— Nada — responde. E depois, sem pensar, ela simplesmente pergunta: — Por que você está aqui?

— Minha casa — diz ele. — Estou tentando voltar para casa.

Por algum motivo, isso deixa Pressia furiosa. Ela puxa o suéter até o queixo.

— Sua casa — diz ela. — Aqui, fora do Domo, na rua Lombard?

— Isso.

Mas ele saiu desse lugar. Abandonou sua casa. Não merece tê-la de volta.

Ela decide se desviar do assunto da casa.

— Precisaremos pegar o atalho pelo meio dos Campos de Escombros. Não temos escolha — Pressia diz ao Puro. Está tentando não olhar para ele agora. Ajeita a meia e puxa a manga do suéter. — Podemos topar com Feras e Poeiras que talvez tentem nos matar, mas pelo menos sairemos das ruas, onde podemos dar de cara com pessoas que tentarão capturar você. Além disso, é mais rápido.

— Me capturar?

— As pessoas já sabem que você está aqui. Há boatos por todo lado. E se qualquer um daqueles Grupais não estava embriagado demais para ver seu rosto, bem, eles vão espalhar ainda mais os boatos. Vamos precisar ser rápidos e silenciosos para não chamarmos muita atenção, e teremos que...

— Qual é seu nome? — pergunta o Puro.

— Meu nome?

Ele estende a mão para a frente, apontando para ela como uma arma, com o polegar para cima.

— Para que você está fazendo isso?

— O quê? — Ele estende a mão na direção dela de novo. — Estou me apresentando. As pessoas me chamam de Partridge.

— Eu sou Pressia — responde ela, e depois dá um tapa na mão dele. — Pare de apontar a mão para mim assim.

Ele parece confuso e enfia a mão em um dos bolsos do casaco com capuz.

— Se houver algo de valor em sua mochila, é melhor deixar escondido debaixo do casaco o tempo todo. — Pressia começa a andar rapidamente na direção dos Campos de Escombros, e ele a segue de perto. Ela dá instruções. — Fique longe dos rastros de fumaça. Ande com leveza. Algumas pessoas dizem que os Poeiras conseguem sentir vibrações. Se você for agarrado, não grite. Não diga nada. Eu vou ficar olhando para trás.

É preciso ter habilidade para andar pelos Campos de Escombros, ter passo leve, agilidade para deslocar o peso do corpo, mas sem exagerar em nenhuma direção. Ela dominou essas técnicas depois de anos de catação de detritos e sabe como deixar os joelhos soltos, os pés flexíveis, de modo a manter o equilíbrio.

Pressia começa a atravessar as rochas e o escuta vindo atrás. Toma cuidado, à procura de olhos nas pedras. Não pode se angustiar demais com eles porque precisa ficar pensando em meios de evitar os rastros de fumaça e olhando para Partridge atrás de si. E está atenta para o caso de ouvir alguma caminhonete da OBR. Ela não quer chegar do outro lado só para acabar dando de cara com faróis.

Ela sabe que essa é sua importância para Partridge. É isso o que ela vale. É a guia dele, e não pretende lhe contar muita coisa porque quer que ele dependa dela, precise dela, e, talvez, que fique grato. Quer que ele sinta que lhe deve algo.

Pressia está fazendo tudo isso — à espreita, à procura de Poeiras, evitando a fumaça e conferindo o Puro, com o vento agitando o capuz no rosto escondido dele — e também pensando em Bradwell. O que ele vai pensar quando ela aparecer em sua porta com um Puro? Ele ficaria impressionado? Ela duvida. Bradwell não parece o tipo de pessoa que se impressiona com facilidade. Mas, ainda assim, Pressia sabe que ele dedicou a vida a desvendar o passado. Espera que ele tenha os mapas antigos corretos e que saiba como aplicá-los ao que sobrou desta cidade. De que servem nomes de ruas em uma cidade que perdeu tudo, inclusive a maioria das ruas?

É nisso que Pressia está pensando quando ouve o grito vindo de trás. Ela se vira e vê que o Puro já está no chão; uma de suas pernas foi puxada para dentro dos escombros.

— Pressia! — grita ele.

Os sons guturais das Feras surgem ao redor deles.

— Por que você gritou? — berra ela, percebendo que agora também está gritando, mas não consegue evitar. — Eu disse para não gritar!

Ela passa o olhar pelos Campos de Escombros. Cabeças já apareceram nos buracos com fumaça. As Feras sabem que pegaram um. Todas vão querer participar do banquete. Aqui fora há outros párias também. Criaturas tão fundidas, queimadas ou mutiladas que ninguém mais consegue identificá-las. Elas perderam algo essencialmente humano. E, isoladas dos outros, tornaram-se cruéis.

Pressia pega pedras e arremessa na cabeça de uma Fera, depois em outra.

Elas se abaixam e reaparecem.

— A criatura é mais forte que você — grita Pressia. — Você não pode tentar se segurar. Precisa estar disposto a descer e lutar. Pegue uma pedra em cada mão e chute-a! Eu dou cobertura!

Ela torce para que ele saiba lutar, mas duvida que esse tipo de coisa seja ensinado no Domo. Contra o que eles precisariam se proteger? Se ele não souber lutar, Pressia não poderá descer para buscá-lo. Não sobraria ninguém para afastar as Feras. Elas formariam uma multidão faminta esperando em cima do buraco para matá-los assim que os dois voltassem para a superfície, se eles conseguissem voltar.

Partridge encara Pressia, os olhos arregalados de medo.

— Vá! — diz ela.

Ele balança a cabeça.

— Não vou descer para enfrentá-la no terreno dela.

— Você não tem escolha!

Mas então Partridge se agarra nas pedras, puxando o corpo para a frente, centímetro a centímetro. Ele pega uma pedra solta, que cede, e a criatura — provavelmente um Poeira — puxa-o como se ele tivesse escorregado no degrau de uma escada. Mas a outra mão continua firme, e embora o Poeira tenha agarrado uma das pernas dele, o Puro o está chutando forte com o pé livre. Com as mãos fechadas, ele puxa a perna até o peito com força bruta e arrasta o Poeira para fora do buraco. Pressia nunca viu nada assim, não sabia que era possível.

Pequeno e troncado, esse Poeira é uma criatura corcunda com uma armadura reforçada de pedra. O rosto é encavado — olhos afundados, um pequeno buraco escuro como boca. É do tamanho de um urso pequeno.

Acostumado à escuridão e a lugares apertados, ele parece ligeiramente confuso aqui em cima, um pouco atordoado. Mas então encara Partridge e se arrasta na direção dele. Pressia arremessa uma pedra atrás da outra nas Feras para que todas saibam que os dois não estão aqui como meras vítimas para serem devoradas por abutres. As Feras vão ter de lutar. Ela acerta duas em cheio — uma com cabeça felina, que berra e desaparece de vez. A outra é peluda, mas muito musculosa. Ela recebe o golpe, arqueia-se e volta para baixo dos escombros.

Partridge está mexendo na mochila, vasculhando-a com aquela rapidez estranha dele. Por que suas mãos se mexem tão rápido?

Como é possível? No entanto, ele é bem desajeitado. Se fosse mais devagar, seria mais fácil encontrar o que procura. A mão dele se agita na mochila, e isso só dá mais tempo para o Poeira se agachar nas patas traseiras e pular. O peso rochoso da criatura atinge o peito de Partridge e o lança nas pedras atrás dele. O Poeira o deixou sem ar, e ele está atordoado, sem fôlego. Mas Pressia vê o que ele tirou da mochila: uma faca com cabo de madeira.

Pressia continua jogando pedras nas Feras que se aproximam.

— Procure algo humano nele — grita. — Você só vai conseguir matá-lo se encontrar a parte viva e pulsante.

O Poeira o está prendendo nas pedras e ergue a pesada cabeça rochosa, pronto para arrebentar o crânio do Puro, mas ele o empurra com uma força surpreendente, e o Poeira cai com tudo — pedra sobre pedra — de costas, revelando uma faixa de pele rosada em carne viva no peito. Como um besouro, o Poeira não consegue se desvirar, balançando os pequenos e atarracados braços e as pernas de pedra.

O Puro avança rapidamente. Ele enfia a faca no centro rosado, furando a barriga do Poeira, passando entre as placas de pedra, empurrando a faca até o fundo. O Poeira solta um gemido fraco, como se a voz ecoasse em sua própria carcaça de pedra. Sangue cinza-escuro brota da ferida. O Puro enfia a faca repetidas vezes, como se estivesse cortando um pedaço de pão, depois a retira e raspa nas rochas.

O fedor do sangue do Poeira é levado pelo vento. As Feras, assustadas, recuam rapidamente para seus buracos fumacentos.

Pressia está sem fôlego. Partridge fica olhando para o Poeira. A faca em sua mão está tremendo, seus olhos, inexpressivos. Ele está coberto de poeira e fuligem.

Um fio de sangue escorre de seu nariz. Ele o limpa com o dorso da mão e olha para a mancha vermelha feita nela.

— Partridge — sussurra Pressia. O nome parece estranho em sua boca, muito pessoal. — Partridge, você está bem? — repete ela.

Ele puxa o capuz de volta por cima da cabeça e senta-se nas rochas, tentando retomar o fôlego. Abraça sua mochila.

— Desculpe — diz ele.

— Por quê? — pergunta Pressia.

— Eu gritei. Você me disse para não gritar. — Ele esfrega o polegar na fuligem em sua mão e depois fica olhando para o dedo.

— A sujeira — diz ele, com a voz estranhamente tranquila.

— O que tem ela? — pergunta Pressia.

— É suja.

PRESSIA

VENTO

Do outro lado dos Campos de Escombros, Pressia pega o mapa dobrado que Bradwell enfiou em seu bolso na reunião e o analisa por um minuto. Eles estão a apenas cinco quadras da casa de Bradwell. Percorrem ruas secundárias, becos.

Tudo está silencioso. Ela não ouve caminhonete alguma. Até mesmo a cantoria da Onda de Morte cessou. Uma hora algum bebê chora, mas então se aquieta.

Partridge está observando tudo, mas Pressia nem imagina o que pode ser tão interessante. São apenas carcaças queimadas, vidro estilhaçado, plástico derretido, metal carbonizado e pontas afiadas de objetos brotando das cinzas.

Ele ergue a mão como se estivesse tentando pegar neve.

— O que é essa coisa no ar? — pergunta.

— Que coisa?

— Essa coisa cinza.

— Ah! — diz Pressia. Ela nem nota mais. Já se acostumou àquilo rodopiando no ar dia após dia, cobrindo como uma renda fina tudo que fica parado tempo suficiente. — Cinzas. Há muitos nomes para ela: neve negra, lençol da terra; como uma bolsa virada do avesso. Alguns chamam de morte escura. Quando ela se agita e depois assenta, algumas pessoas chamam de bênção de cinzas.

— Bênção? — pergunta Partridge. — Usamos muito essa palavra no Domo.

— Imagino que vocês tenham muitos motivos para isso.

Não é algo simpático de se dizer, mas ela já disse.

— Alguns — afirma ele.

— Bem, é fuligem, poeira e restos da explosão — explica Pressia.

— Não é bom respirar.

— Você tem razão — diz ele, cobrindo a boca e o nariz com o cachecol. — Se respirar isso, os pulmões ficam manchados. Já li sobre isso.

— Existem livros sobre nós?

Isso deixa Pressia brava: a ideia de que este mundo seja um objeto de estudo, uma história, e não um lugar cheio de gente de verdade tentando sobreviver.

Ele faz que sim com a cabeça.

— Alguns registros digitalizados.

— Mas como vocês podem saber como é tudo aqui se estão todos dentro de um Domo? Somos suas cobaiazinhas?

— Não sou eu — responde ele, na defensiva. — Eu não faço isso. São as pessoas no comando. Elas têm câmeras avançadas que registram imagens por questões de segurança. A fuligem deixa as imagens meio embaçadas. Algumas são selecionadas para criar fotogramas. E há relatos de como as coisas estão ruins por aqui e de como temos sorte.

— Sorte é algo relativo — observa Pressia.

Por enquanto, observamos de longe, com benevolência. Era essa a mensagem. Então é isso o que eles queriam dizer, afinal.

— Mas não dá para as câmeras realmente apreenderem as coisas. Como o ar poeirento. — Ele movimenta a mão. — E como ele gruda na pele. O próprio ar, ele é frio. E vento. Ninguém consegue explicar direito o vento. Como ele pode começar bem rápido e fustigar um pouco o rosto? E ele agita a poeira no ar. Eles não conseguem apreender tudo isso.

— Vocês não têm vento?

— É um Domo. Um ambiente controlado.

Pressia olha à sua volta e pensa no vento por um instante. E se dá conta de que existe diferença entre fuligem e poeira — algo queimado ou que foi destruído ou demolido —, e eles se movem de forma diferente no vento. Ela nunca havia notado antes:

— A fuligem sobe praticamente com qualquer mudança no vento, mas a poeira é mais pesada. Ela assenta mais rápido.

— Esse tipo de coisa — diz Partridge. — É isso que eles não conseguem captar.

Pressia hesita por um instante.

— Quer jogar Eu Me Lembro? — pergunta ela

— O que é isso?

— Vocês não jogam isso no Domo?

— É um jogo?

— É exatamente o que diz o nome. Quando você conhece alguém e quer saber mais a seu respeito, pergunta o que lembra do Antes. Às vezes a pessoa só fala disso, especialmente os mais velhos. Mas eles jogam isso melhor que ninguém. Meu avô se lembra de um monte de coisas.

Pressia não é boa nesse jogo. Embora suas lembranças sejam bem vívidas, claras, às vezes palpáveis — como se ela pudesse quase sentir o Antes —, ela nunca consegue expressar essas sensações direito. Ela pensa em jogar com sua mãe e seu pai um dia. Eles vão preencher as lacunas entre o pequeno aquário, a franja da bolsa da mãe, o duto de calefação, o desfile, a escova com cerdas metálicas, o cheiro de sabonete de grama na pele dela, o casaco do pai, o ouvido da menina no coração dele e a mãe penteando seus cabelos, sua mãe cantando a música no computador, a canção de ninar sobre a menina na varanda e o menino implorando para ela ir com ele — será que a menina algum dia teve coragem de ir? Pressia quer jogar com Partridge. De que um Puro se lembraria? As memórias deles não são mais claras, menos obscurecidas por essa versão do mundo em que eles vivem?

Partridge ri.

— Nunca teríamos permissão para jogar algo assim. O passado é o passado. Seria falta de educação mencioná-lo. Só crianças pequenas fazem esse tipo de coisa. Sem querer ofender. É apenas o jeito como nós somos — acrescenta ele.

Pressia se ofende mesmo assim.

— O passado é tudo o que temos aqui — diz ela, acelerando um pouco o passo.

Ela pensa no discurso de Bradwell. Eles querem nos apagar, apagar o passado, mas não podemos permitir. É assim que se esquece. Apague o passado, nunca mais fale dele.

Partridge caminha rapidamente para alcançá-la e o cotovelo dela, o que dá na cabeça de boneca. Pressia o puxa para perto do corpo.

— Não fique agarrando as pessoas — pede ela. — Qual é o seu problema?

— Quero jogar Eu Me Lembro — pede ele. — É por isso que estou aqui, para descobrir o passado.

Ele a encara diretamente, observando o rosto dela e aproximando-se da borda da queimadura.

Ela inclina a cabeça para a frente de modo que os cabelos cubram seu rosto.

— Bem, aqui, isso é que é falta de educação.

— O quê? — pergunta ele.

— Ficar encarando as pessoas. Ninguém aqui quer ser encarado.

— Não foi minha intenção... — Ele desvia os olhos. — Sinto muito.

Pressia não responde. É bom que ele ache que a ofendeu e que lhe deve algo, e também que precise dela como uma guia de conduta por aqui — o que fazer e o que não fazer nesta cultura. Ela está tentando aumentar a dependência dele.

Eles andam um pouco em silêncio. Ela o está punindo, mas decide que deveria ter compaixão também, então faz uma pergunta em que vinha pensando.

— Certo — diz Pressia, decidindo fingir —, certa vez compramos um carro novo que tinha um laço vermelho gigante em cima. E eu me lembro do Mickey e de suas luvas brancas.

— Hum — responde ele. — Está bem.

— Você se lembra de cachorros usando óculos escuros? Eles eram engraçados, não é?

— Na verdade, eu não me lembro de cachorros com óculos escuros. Não.

— Ah! — diz ela. — Sua vez.

— Bem, minha mãe costumava me contar uma história sobre a mulher-cisne, e havia um rei mau na história que roubou as asas

dela e, bem, acho que eu pensava que meu pai era o rei mau.

— Ele era um rei mau?

— Era um conto de fadas, só isso. Eles não se entendiam. Era uma lógica infantil. Não fazia sentido. Mas eu adorava a história. Eu adorava minha mãe, eu acho. Ela poderia ter me contado qualquer coisa e eu a teria adorado. Crianças adoram seus pais, mesmo os pais que não merecem. Não dá para evitar.

Essa lembrança de Partridge é tão honesta e real que Pressia sente vergonha por não ter jogado com sinceridade. Ela tenta de novo.

— Meus pais alugaram um pônei para minha festa de aniversário quando eu era pequena.

— Para as crianças andarem?

— Acho que sim.

— Que legal! Um pônei. Você gostava de pôneis?

— Não sei.

Pressia se pergunta se o jogo ajudou. Ele confia mais nela agora que trocaram lembranças? Ela decide testar.

— Lá atrás, com o Poeira que você matou, quando você o tirou do buraco e o virou de costas... aquilo não pareceu normal — diz ela. — Não pareceu possível. — Ela espera que ele continue a conversa. Ele abaixa o queixo e não responde. — Com os Grupais, quando você correu, pareceu mais rápido que um humano...

Ele balança a cabeça.

— A academia — responde ele. — Passei por um treinamento especial. Só isso.

— Treinamento?

— Bem, codificação, na verdade. Mas não pegou direito. No final das contas, eu não sou um espécime plenamente desenvolvido.

Ele não parece querer falar disso, e ela não quer pressioná-lo. Então, Pressia deixa a conversa morrer. Eles continuam em silêncio.

Finalmente, chegam à frente de uma pequena loja desmoronada.

— É aqui — diz ela.

— O que é aqui? — pergunta Partridge.

Ela o conduz em torno de um monte de escombros até uma porta larga de metal nos fundos.

— A casa de Bradwell — sussurra ela. — Devo avisar que ele está fundido.

— De que jeito?

— Pássaros.

— Pássaros?

— Nas costas.

Ele olha para Pressia, surpreso, e ela se sente satisfeita por tê-lo perturbado.

Ela bate à porta, seguindo as instruções no pedaço de papel — uma batida, depois dois tapinhas leves e depois uma pausa e uma batida mais forte com o punho. Ela ouve barulho lá dentro. E então Bradwell bate do lado de dentro, na mesma sequência que ela, ruídos baixos e distantes.

— Ele mora aqui? — pergunta Partridge. — Quem poderia morar aqui?

Ela bate duas vezes.

— Espere ali. Não quero que você o irrite.

Ela aponta para uma parede escura.

— Ele se irrita com facilidade?

— Vá logo.

Partridge se esconde nas sombras.

Ouve-se um som de atrito, Bradwell destrancando a porta. Ela se abre, só uma fresta.

— Agora é o meio da noite — sussurra ele, com a voz tão áspera que Pressia se pergunta se o acordou.

— Quem é? Que diabos você quer?

— É Pressia.

A porta se abre mais. Bradwell é mais alto e mais largo do que ela lembrava.

Um sobrevivente, ao que parece, deveria ser esguio e flexível, um corpo fácil de esconder, magro, por viver com pouco. Mas ele teve de ficar musculoso para sobreviver. Ali está a cicatriz dupla irregular que corre pelo rosto dele, suas queimaduras, mas são os olhos o que chama a atenção de Pressia. Ela sente a própria respiração hesitar. São olhos escuros e duros, mas, quando veem o

rosto de Pressia, parecem suavizar-se, como se Bradwell fosse capaz de maior delicadeza do que ela pensava.

— Pressia? Achei que você não quisesse me ver nunca mais.

Ela vira a bochecha queimada para o outro lado e sente o rosto corar — está constrangida com o quê? Por quê? Ela ouve algo se agitar atrás dele — as asas de pássaro alojadas em suas costas.

— Por que você está aqui?

— Eu queria agradecer o presente.

— Agora?

— Não — responde ela. — Não foi por isso que eu vim. Só pensei em falar agora que você está aqui. Quer dizer, que eu estou aqui com você. — Ela está se enrolando. Queria parar. — E trouxe uma pessoa — diz. — É urgente.

— Quem?

— Alguém que precisa de ajuda. — E logo acrescenta: — Eu não preciso de ajuda. É essa outra pessoa que precisa.

Se ela não tivesse topado com o Puro, neste exato momento estaria na porta de Bradwell pedindo que ele a salvasse. E se dá conta de como está aliviada por não ter vindo sozinha, por motivos pessoais. Há um instante de silêncio.

Bradwell vai se virar? Será que está tentando decidir o que fazer?

— Que tipo de ajuda?

— É importante, ou eu não estaria aqui.

Partridge sai das sombras.

— Ela está aqui por minha causa.

Bradwell olha para Partridge, depois para Pressia.

— Entrem — diz ele. — Rápido.

— O que é este lugar? — pergunta Partridge.

— Elliot Marker & Filhos Carnes Finas, Desde 1933 — responde Bradwell. — Encontrei o pequeno letreiro de bronze depois das Explosões. Foi na época em que as pessoas ainda estavam enfileirando os mortos, cobrindo-os com lençóis e enrolando-os em tapetes para que fossem identificados depois, como se alguma agência do governo estivesse prestes a aparecer e dar início a um plano de recuperação. O primeiro andar, com as vitrines e os balcões, a área de corte, o frigorífico, o escritório, tudo isso foi

destruído, mas à noite eu tirei o entulho da porta dos fundos, na esperança de que tivesse um porão. E tinha. A carne estava toda estragada, mas há muitas armas em um açougue.

Os olhos de Pressia estão se adaptando ao escuro. Ela está em uma jaula estranha, equipada com correias e correntes e um escorregador que dá no porão.

Partridge está atrás dela. Ele estende a mão e toca uma corrente.

— E o que é isso?

— O boxe de atordoamento — diz Bradwell. — Animais entravam pela porta dos fundos, e, então, eram atordoados, com os cascos presos com umas correias a uma haste que corria em trilhos. Os corpos pesados eram suspensos de ponta-cabeça e trazidos aqui para que fossem processados. — Bradwell desce pelo escorregador com suas botas pesadas. — Fiquem felizes por não serem novilhos naqueles tempos.

Pressia se senta no chão do boxe, se arrasta até a beirada e escorrega para o porão. Partridge vai atrás, e depois eles seguem Bradwell pela parte do porão que não desmoronou, indo na direção do ponto de luz do refrigerador, no fundo da sala.

— Eles sangravam os animais aqui, usavam tanques de escalda e áreas de processamento. Os animais eram puxados ao longo dos trilhos por um sistema de guinchos e depois esfolados e cortados.

— Você nunca para de dar aulas? — pergunta Pressia em voz baixa.

— O quê? — diz Bradwell.

— Nada.

O teto ainda tem os trilhos vazios, que levam ao frigorífico — uma sala pequena de três metros por cinco com paredes e teto metálicos. Os trilhos correm pelo teto aqui dentro também.

— Retirei a maior parte dos ganchos enormes que ficavam dependurados neles — diz Bradwell.

Mas ainda restavam alguns. Dois ganchos sustentam criaturas estranhas, algum tipo de híbrido. Elas foram despeladas. Bradwell também removeu todo metal ou vidro fundido nelas — uma está

sem uma pata, a outra teve a cauda amputada. Agora que estão com a carne esfolada, é difícil dizer o que elas eram.

No canto, uma gaiola artesanal de arame contém duas criaturas parecidas com ratos.

— Onde você pegou esses? — pergunta Pressia.

— No sistema destruído de esgoto. Alguns dos canos menores continuaram intactos sob os escombros. São usados pelas pragas. E, em certos pontos, o encanamento termina. Alguns canos estão abertos e, se você ficar esperando no fim de um desses estreitos, uma hora pegará uma criatura pequena.

— Não há muito espaço para eles se mexerem nessas gaiolas — afirma Pressia.

— Não quero que eles se mexam. Quero que engordem.

As garras deles raspam no piso de cimento.

Nas paredes há prateleiras intercaladas por fileiras verticais com mais ganchos. Se alguém tentasse pendurar um chapéu neles, iria furar o topo. Partridge está examinando os ganchos.

— Não se empolgue demais nem balance os braços loucamente, ou será fisgado — diz Bradwell.

O frigorífico não é muito ventilado, exceto por um exaustor improvisado em cima de um fogão.

— O açougue está ligado na fraca rede elétrica que a OBR usa para iluminar a cidade — diz ele.

Há uma lâmpada pendurada no teto, no meio da sala.

Há cobertores de lã em cima de duas poltronas velhas que ele deve ter encontrado na rua. Uma está derretida; a outra perdeu um braço e o encosto. O enchimento das duas está saindo, e dá para ver que ele tentou enfiar de volta, mas a espuma continua querendo escapar. Juntas, devem formar a cama em que Bradwell dorme. Ele tem um pequeno estoque de carne enlatada do mercado e algumas frutas silvestres que crescem entre espinhos no bosque.

Pressia se pergunta se o pegou desprevenido, aparecendo assim de repente.

Ele está arrumando tudo agora, guardando uma panela, enfiando um segundo par de botas embaixo de uma poltrona. Será que ele se sente constrangido? Nervoso?

Ela vê o baú encostado em uma parede. Quer abri-lo e vasculhá-lo. Em cima dele está o que parece um livro teórico sobre abate, processamento e conservação de todos os tipos de carne.

— Bem — diz Bradwell —, sejam bem-vindos a meu lar, doce lar.

Ele ainda não olhou direito para Partridge. Não sabe que ele é um Puro — de carne e osso. Partridge está com o capuz e o cachecol. Está agarrado à mochila, escondida sob o casaco, como Pressia disse para ele fazer. Ela agora está nervosa.

Lembra-se do discurso de Bradwell, de como ele odiava as pessoas do Domo. Fica preocupada, pensando se tomou a decisão certa. Como Bradwell reagirá? Ela agora se dá conta de que Bradwell pode ver Partridge como inimigo. E aí?

Bradwell separa as duas poltronas.

— Sentem-se — diz ele.

E Pressia e Partridge se sentam nas poltronas irregulares.

Bradwell puxa o baú e se senta. Pressia vê o agitar dos pássaros em suas costas, embaixo da camisa. Ela lamenta por ele. Os pássaros fazem parte do corpo dele agora — assim como a cabeça de boneca é parte do dela. Os pássaros estão unidos à expectativa de vida de Bradwell. Viverão tanto quanto ele. Se um machuca a asa, será que ele sente? Uma vez, quando tinha doze anos, Pressia tentou cortar fora sua cabeça de boneca. Achou que poderia se livrar dela. A dor foi aguda, mas só no início. Quando ela afundou a navalha na nuca da cabeça de boneca, onde ela se junta ao pulso, não doeu tanto. Mas o sangue saiu com tanta força e uma cor tão viva que Pressia ficou assustada. Ela apertou um pano no corte, mas ele logo ficou vermelho. Ela teve de contar ao avô. Ele trabalhou rápido. Suas habilidades como agente funerário foram úteis. Os pontos ficaram uniformes, e a cicatriz é pequena.

Pressia se recosta na poltrona e, embora o punho de cabeça de boneca esteja oculto pela meia, ela puxa a manga do suéter para garantir. O Puro acharia aquilo grotesco e talvez um sinal de fraqueza.

Ela olha para Partridge e sabe que ele também viu a agitação sob a camisa de Bradwell, mas ele não diz nada. Pressia imagina que ele

esteja chocado. Tudo deve ser estranho. Ela teve anos para se acostumar. Ele só teve talvez alguns dias.

— E, então, vai me dizer agora quem é ele? — pergunta Bradwell.

— Este é Partridge. Tire o cachecol e o capuz — Pressia pede a Partridge.

Ele hesita.

— Está tudo bem. Bradwell está do nosso lado.

Mas está mesmo?, Pressia pensa. Ela espera que, ao dizer isso, possa convencer Bradwell de que é verdade.

Partridge tira o capuz e desenrola o cachecol.

Bradwell olha para o rosto dele, que está sujo, mas ileso.

— Arregace as mangas — diz Bradwell.

— Não estou armado — responde ele. — Só uma faca antiga.

— Não — continua Bradwell. Seu rosto está calmo, exceto os olhos. Eles encaram Partridge de um modo penetrante, como alguém prestes a apontar uma arma. — Só quero ver seus braços.

Partridge puxa as mangas e mostra mais pele perfeita. Isso tem algo de perturbador. Pressia não sabe bem por quê, mas sente certa repulsa. Seria ciúme e ódio? Ela despreza Partridge por causa de sua pele? É bonita também. Pressia não pode negar — é como creme.

Bradwell aponta com a cabeça para as pernas de Partridge.

Ele se inclina e puxa uma perna da calça, depois a outra.

Bradwell se levanta e cruza os braços. Esfrega a queimadura no pescoço, inquieto, e caminha pelo frigorífico, desviando-se dos ganchos que sustentam híbridos. Ele olha para Pressia.

— Você me trouxe um Puro?

Ela confirma com a cabeça.

— Quer dizer, eu sabia que você era diferente, mas...

— Achei que eu fosse um tipo.

— A princípio, achei que você fosse, mas depois você me criticou.

— Eu não critiquei você.

— Criticou sim.

— Não critiquei. Apenas discordei do modo como você me havia categorizado. E foi o que eu disse. É isso o que pensa toda vez que alguém corrige você? Que você está sendo criticado?

— Não. É só que...

— E depois você dá um presente cruel de aniversário, só para lembrar a pessoa do que você pensa a respeito dela?

— Eu achei que você tinha gostado daquele recorte. Eu estava sendo legal.

Ela fica quieta por um instante.

— Ah! Bem, obrigada.

— Você já me agradeceu, mas acho que foi sarcasmo.

— Talvez um pouco fingido...

— Hum, com licença — murmura Partridge.

— Certo — diz Bradwell, mas então ele se vira para Pressia de novo. — Você me trouxe um Puro? Isso é algum tipo de presente cruel?

— Eu não sabia a quem mais recorrer.

— Um Puro? — repete Bradwell, sem acreditar. — Ele sabe algo do que aconteceu? Das Explosões?

— Ele pode falar por si mesmo.

Bradwell o encara. Talvez esteja com medo de Partridge. Deve desprezá-lo.

— E então? — diz Bradwell, finalmente.

— Sei as informações mastigadas que me contaram — afirma Partridge —, mas também sei um pouco da verdade.

— Que verdade? — pergunta Bradwell.

— Bem, eu sei que não se deve confiar em tudo o que se ouve. — Ele desabotoa o casaco e tira a mochila de couro. — Fui ensinado que antes da bomba tudo aqui fora era horrível, e que todos foram convidados a entrar no Domo antes do ataque do inimigo. Mas algumas pessoas se recusaram a entrar. Eram os violentos, os doentes, os pobres, os teimosos, os ignorantes. Meu pai disse que minha mãe estava tentando salvar alguns desses miseráveis.

— Miseráveis? — pergunta Bradwell, nervoso.

— Espere — pede Pressia a Bradwell. — Vamos ficar calmos.

— Ele está falando de nós! — argumenta Bradwell.

— Isso é o que me ensinaram. Não aquilo em que eu acredito — afirma Partridge.

Há um momento de silêncio. Bradwell fica olhando para Pressia. Ela se prepara para uma contestação, mas Bradwell parece ceder. Ele abana a mão.

— Por que você não nos chama simplesmente de irmãos e irmãs? Foi disso que nos chamaram na Mensagem. Irmãos e irmãs, uma grande família feliz.

— Que mensagem? — diz Partridge.

— Você não sabe da Mensagem? — pergunta Pressia.

Ele nega com a cabeça.

— Devo recitá-la? — indaga Bradwell a Pressia.

— Vamos continuar logo.

Bradwell pigarreia e recita a Mensagem assim mesmo.

— Sabemos que vocês estão aqui, nossos irmãos e irmãs. Um dia sairemos do Domo e nos juntaremos a vocês em paz. Por enquanto, observamos de longe, com benevolência.

— Quando isso foi enviado? — pergunta Partridge.

— Algumas semanas depois das Explosões — diz Pressia, e então ela se vira para Bradwell. — Deixe-o continuar.

Partridge olha para Bradwell, que não fala nada, e então continua:

— Nós morávamos na cidade, na rua Lombard, e quando soou o alarme para todos irem ao Domo, minha mãe estava do lado de fora ajudando essas... outras pessoas... tentando educá-las. E eu e meu irmão já estávamos no Domo, em uma excursão. Ela não conseguiu chegar a tempo. Morreu como uma santa.

Bradwell resmunga.

— Não houve nenhum alarme — diz ele.

Partridge lança um olhar severo para Bradwell.

— Claro que houve.

— Não houve nenhum alarme. Acredite.

Pressia se lembra do anúncio de trânsito pesado. É só isso que existe na história de seu avô. Ela olha para Partridge e Bradwell.

— Não houve muito tempo. Eu sei disso — diz Partridge. — Mas houve um alarme. As pessoas correram para o Domo. Estava uma loucura, e muitas vidas foram perdidas.

— Vidas foram perdidas — repete Bradwell. — Você faz parecer quase um acidente.

— O que podíamos fazer? Estávamos tentando nos proteger — exclama Partridge, na defensiva. — Não podíamos salvar todo mundo.

— Não, o plano nunca foi esse.

Eles ficam em silêncio por um momento. Há apenas o som das unhas das criaturas parecidas com ratos raspando no chão.

— A história é mais complicada do que você imagina — afirma Bradwell.

— Não é hora para dar aula — diz Pressia. — Apenas deixe-o falar.

— Aula? — indaga Bradwell.

— Você não precisa ser tão... — Pressia não sabe a palavra certa.

— Arrogante? — pergunta Bradwell.

Ela não sabe o que significa arrogante, mas não gosta do tom esnobe de Bradwell.

— Tão desse jeito — continua Pressia. — Deixe-o falar.

— Até o momento, eu deveria ficar calmo e, mais especificamente, não ser desse jeito... Mais alguma coisa? — pergunta Bradwell. — Você gostaria de fazer uma cirurgia em minha personalidade? Que tal abrir minha caixa torácica? Tenho algumas ferramentas.

Pressia se recosta e ri. A risada a surpreende. Ela não sabe ao certo qual é a graça, mas simplesmente acha engraçado. Bradwell é tão grande e imponente, e ela não sabe bem como fez isso, mas sente que de alguma forma o incomodou.

— Qual é a graça? — pergunta Bradwell, de braços abertos.

— Não sei — responde Pressia. — Acho que é porque você é um sobrevivente. Você é quase mítico, mas... Parece que é tão fácil você ficar... esquentado.

— Eu não sou esquentado! — exclama Bradwell. Então ele olha para Partridge.

— Você é ligeiramente esquentado — diz Partridge.

Bradwell volta a se sentar no baú, dá um longo suspiro, fecha os olhos e depois os reabre.

— Pronto, viram? Estou bem. Estou perfeitamente frio.

— O que mais, Partridge? — indaga Pressia. — Continue.

Partridge esfrega a sujeira nas mãos. A mochila de couro ainda está em seu colo. Ele solta o fecho e tira um pequeno caderno com capa de couro.

— Encontrei os pertences de minha mãe há algumas semanas — continua ele. — Fiquei sentindo que havia um mundo completamente diferente daquilo que me ensinaram. Os pertences, eles ainda existiam... É difícil explicar. E, agora que estou aqui, lembro que é a feiura que dá beleza às coisas bonitas.

Pressia entende o que ele quer dizer — uma não pode existir de fato sem a outra. Ela gosta de Partridge. Ele é franco de um jeito que não precisa ser, e isso faz com que ela confie nele.

— Por que você está aqui? — pergunta Bradwell, tentando chegar ao ponto.

— Depois que encontrei os pertences dela, continuei investigando. Meu pai... — Ele hesita por um instante. Seu rosto se fecha. Pressia não consegue interpretar todas as emoções. Talvez ele ame o pai. Talvez o odeie. É difícil saber. Talvez seu pai seja a pessoa que não merece mas é amado mesmo assim. — Ele foi um dos líderes no êxodo ao Domo. Ainda é uma figura importante. Cientista e engenheiro.

A voz de Partridge soa neutra, calma.

Bradwell se inclina para Partridge.

— Qual é o nome de seu pai?

— Ellery Willux.

Bradwell ri, balançando a cabeça.

— Os Willux.

— Você conhece a família dele? — pergunta Pressia.

— Talvez já tenha visto o nome — responde ele com sarcasmo.

— O que isso significa? — pergunta Partridge.

— Os Melhores e Mais Inteligentes — diz Bradwell. — Olhe só para você. É de uma boa linhagem.

— Como você conhece minha família?

— As Explosões acontecem e é só coincidência que exista o Domo, e que alguns entrem e outros não? Você acha que não houve

algum plano por trás disso tudo...

— Pare — pede Pressia calmamente. Este encontro precisa ser pacífico. Pressia não pode arriscar que Bradwell perca a cabeça. Ela se vira para Partridge. — Como você saiu? — pergunta.

— Alguém emoldurou umas plantas do projeto original como presente para meu pai por vinte anos de serviços prestados. Eu as estudei, o sistema de filtragem de ar, a ventilação. Dá para ouvir quando o sistema de ventilação está funcionando. Um zumbido baixo e grave que soa em todos os lugares. Eu comecei um diário. — Ele levanta o caderno com capa de couro em sua mão. — Anotei quando ele ligava e quando desligava. E então descobri como poderia entrar no sistema principal. E descobri que em certo dia, a certa hora, eu provavelmente conseguiria passar pelas pás do sistema de hélices de circulação quando estivessem desligadas — por aproximadamente três minutos e quarenta e dois segundos. E que, no final de tudo, eu encontraria uma barreira de fibras respiráveis que eu poderia cortar para atravessar. Foi o que eu fiz. — Ele dá um sorriso discreto. — Fui levado pelo vento no final, mas não morri retalhado.

Bradwell o encara.

— E você saiu. Simples assim. E ninguém no Domo se importa? Ninguém está à sua procura?

Partridge dá de ombros.

— A esta altura devem estar me procurando com as câmeras. Mas elas não funcionam muito bem. Nunca funcionaram. São as cinzas. Mas quem sabe se virão atrás de mim? Ninguém deve sair do Domo, nunca. Por motivo algum. É proibido fazer explorações.

— Mas seu pai... — fala Pressia. — Quer dizer, se ele é uma figura importante... Eles não mandariam pessoas para procurar você?

— Meu pai e eu não temos um relacionamento muito próximo. De qualquer forma, isso nunca foi feito. Ninguém nunca saiu. Ninguém nunca quis sair, não como eu.

Bradwell balança a cabeça.

— O que é que tem no envelope mesmo?

— Objetos pessoais — responde Partridge. — Coisas típicas de mãe. Bijuterias, uma caixa de música, uma carta.

— Eu gostaria de dar uma olhada — diz Bradwell. — Pode haver algo interessante aí dentro.

Partridge hesita. Pressia percebe que ele não confia em Bradwell. Ele recolhe o envelope com os pertences de sua mãe e os coloca de volta na mochila de couro.

— Não é nada.

— Então foi por isso que você quis vir para cá, para encontrar sua mãe, a santa? — pergunta Bradwell.

Partridge ignora o tom dele.

— Quando vi os pertences dela, comecei a duvidar de tudo que sempre me disseram. Disseram que ela estava morta, então duvidei disso também — explica ele.

— E se ela estiver morta? — pergunta Bradwell.

— Estou acostumado com a ideia — responde Partridge, impassível.

— Estamos acostumados com a ideia também — diz Bradwell. — A maior parte das pessoas aqui perdeu muita gente.

Bradwell não conhece a história de perda de Pressia, mas sabe que ela tem uma. Todo sobrevivente tem uma. Partridge também não sabe nada dela ou do que ela perdeu, e ela não está com vontade de falar a esse respeito agora.

— Partridge precisa encontrar a rua Lombard. Era lá que eles moravam. Ele pode pelo menos começar lá — explica ela a Bradwell. — Ele precisa do antigo mapa da cidade.

— Por que eu deveria ajudá-lo? — indaga ele.

— Talvez ele possa retribuir a ajuda — diz ela.

— Não precisamos da ajuda dele.

Partridge não diz nada. Bradwell olha para os dois. Pressia se inclina na direção de Bradwell.

— Talvez você não precise, mas eu sim — diz ela.

— Para que você precisa dele?

— Influência. OBR. Talvez eu consiga sair da lista. E meu avô está doente. Ele é tudo o que eu tenho. Sem ajuda, tenho certeza de que...

De repente ela se sente enjoada, como se, ao enunciar seus medos — de que seu avô morra, de que ela seja levada pela OBR e, devido à sua mão perdida, não tenha serventia —, eles se tornem inegavelmente verdadeiros. Sua boca está seca. Ela quase não consegue falar. Mas então as palavras saem.

— Nós não conseguiremos.

Bradwell chuta o baú. Os pássaros em suas costas, assustados, mas sem lugar algum para ir, agitam-se loucamente embaixo da camisa. Ele olha para Pressia. Ela percebe que ele está cedendo. Pode até estar cedendo por causa dela.

Ela não quer sua compaixão. Odeia pena.

— Só precisamos de um mapa. Vamos conseguir — diz rapidamente.

Bradwell balança a cabeça.

— Ficaremos bem — insiste Pressia.

— Você pode conseguir, mas ele, não. Ele não se adaptou a este ambiente. Deixá-lo sair e ser arrebitado por um Grupal seria desperdício de um Puro em ótimas condições.

— Obrigado pelo voto de confiança — diz Partridge.

— Qual é a rua? — pergunta Bradwell.

— Lombard — responde Partridge. — Rua Lombard, mil e cinquenta e quatro.

— Se ela existir, eu levo vocês até ela. Depois talvez seja melhor você voltar para casa, para o Domo e para o papai.

Partridge está furioso. Ele se inclina para a frente.

— Não preciso de...

Pressia o interrompe.

— Vamos levar o mapa. Se você puder nos levar até a Lombard, seria ótimo.

Bradwell olha para Partridge e lhe dá a chance de terminar. Mas Partridge deve saber que Pressia tem razão. Eles devem aceitar qualquer ajuda possível.

— É — diz Partridge. — Até a Lombard seria ótimo. Não pediremos nada além disso.

— Certo — diz Bradwell. — Não é fácil, sabe? Se a rua não tinha nenhum edifício importante, então estará perdida para nós. E se

ficava perto do centro da cidade, será apenas parte dos Campos de Escombros. Não posso garantir nada.

Bradwell se abaixa e abre o baú. Depois de alguns instantes selecionando com cuidado, ele saca um antigo mapa da cidade. Está puído; as dobras se esfarraparam.

— Rua Lombard — diz ele, abrindo o mapa no chão.

Partridge e Pressia se ajoelham a seu lado. Ele passa o dedo pelo quadriculado na margem, depois coloca outro dedo na seção 2E.

— Encontrou? — indaga Pressia, e de repente ela espera que a casa ainda esteja de pé.

Ela tem esperança, contra qualquer razão, de que tudo esteja como antes: casas grandes em fileira reta, com degraus de pedras brancas e portões bonitos, janelas com cortinas em cômodos lindos, bicicletas presas ao portão da frente, pessoas passeando com cães, pessoas empurrando carrinhos de bebê. Ela não sabe por que sequer se permite esse tipo de esperança. Talvez tenha algo a ver com o Puro, como se o otimismo dele fosse contagioso.

O dedo de Bradwell para em uma interseção.

— Você sempre tem tanta sorte assim? — pergunta ele a Partridge.

— O quê? Onde é?

— Sei exatamente onde fica a rua Lombard.

Ele se levanta e sai do frigorífico para o cômodo maior. Ajoelha-se junto à parede tombada e retira alguns tijolos, expondo um buraco cheio de armas — ganchos, facas, cutelos. Pega algumas e as traz de volta ao frigorífico. Dá uma faca a Partridge e a Pressia. Ela gosta do peso daquilo, embora não queira pensar em como foi usada ali no açougue — ou por Bradwell.

— Só por via das dúvidas — diz ele, guardando uma faca e um gancho em laços costurados na parte interna de sua própria jaqueta. Então ele mostra uma pistola. — Encontrei várias dessas pistolas atordoadoras também. A princípio, achei que fossem um tipo de bomba de bicicleta. Em vez de balas, elas têm um cartucho que dispara um golpe atordoante na cabeça de vacas ou porcos. São boas para brigas corpo a corpo. São boas contra ataques de Grupais.

— Posso ver? — pede Partridge.

Bradwell entrega a ele, e Partridge segura com cuidado, como se fosse um animal pequeno.

— A primeira vez que usei isso foi em um Grupal — conta Bradwell. — Puxei a pistola de minha cintura e, no meio da confusão densa de corpos, encontrei a parte de trás de uma cabeça. Apertei o gatilho e a cabeça ficou inerte. Os Grupais devem ter sentido o choque repentino de morte em suas células compartilhadas.

Eles recuaram e ficaram rodando devagar, como se estivessem tentando se livrar do morto. A cabeça estava caída, balançando, e eu fugi.

— Eu não sei se seria capaz de fazer isso — afirma Pressia, olhando para a faca em suas mãos.

— Vida ou morte — responde Partridge. — Acho que você conseguiria.

— Talvez eu não saiba como abater uma vaca — diz Bradwell —, mas conheço essas armas tão bem quanto qualquer açougueiro: como uma forma de sobreviver.

Pressia coloca a faca no cinto. Ela prefere usá-la para cortar arames e fazer seus pequenos brinquedos de corda a usá-la para matar qualquer coisa.

— Para onde estamos indo exatamente?

— Para a igreja — explica Bradwell. — Parte dela ainda existe. Uma cripta. — Ele fica quieto, olhando para uma das paredes do frigorífico como se enxergasse através dela. — É aonde eu vou de vez em quando.

— Rezar? — pergunta Pressia. — Você acredita em Deus?

— Não — responde ele. — É apenas um lugar bom e seguro. Paredes firmes, estrutura sólida.

Pressia não sabe o que pensa a respeito de Deus. Ela só sabe que as pessoas naquele lugar praticamente desistiram da ideia de religião e fé, embora ainda existam algumas com suas formas de adoração e algumas que acham que o Domo é uma versão do paraíso.

— Ouvi boatos de que algumas pessoas se reúnem e acendem velas e escrevem coisas — diz ela. — Elas se encontram lá?

— Acho que sim — responde Bradwell, dobrando o mapa. — Há traços disso, cera, pequenas oferendas.

— Nunca tive esperanças de conseguir nada rezando — afirma ela.

Bradwell pega o casaco no trilho metálico no teto.

— Provavelmente, é por isso que elas rezam. Por esperança.

EL CAPITÁN

ARMAS

O tecido do toldo está desgastado. Só sobraram as hastes de alumínio, aparafusadas ao antigo asilo. El Capitán olha para o céu cinzento acima das estacas metálicas carbonizadas do toldo. Pressia Belze — o nome é pesado. Por que Ingership de repente ficou obcecado por uma sobrevivente chamada Pressia Belze?

El Capitán não gosta do nome — do modo como ele soa, um zunido na boca. Ele desistiu de procurar por ela. Não é seu trabalho ficar nas ruas, então ele voltou para casa há uma hora e mandou os homens saírem de novo. Agora ele se pergunta se terá de pagar por essa decisão. Aqueles idiotas conseguirão encontrar a garota sem ele? El Capitán duvida.

Ele grita no walkie-talkie:

— Vocês a encontraram? Câmbio.

O rádio fica em silêncio.

— Estão me ouvindo? Câmbio.

Não há retorno.

— Sem sinal de novo — diz El Capitán.

E então Helmud, o irmão de El Capitán, balbucia:

— Sem sinal de novo.

Helmud tem só dezessete anos, dois anos menos que El Capitán, e sempre foi o menor dos dois. El Capitán e Helmud tinham dez e oito anos, respectivamente, quando ocorreram as Explosões. Helmud está fundido às costas de El Capitán. O efeito visual é de um passeio permanente de cavalinho. Helmud tem a parte superior do corpo,

mas o restante desemboca no irmão — a protuberância de osso e os músculos de suas coxas formam uma grossa faixa na região lombar de El Capitán. Eles estavam andando de moto quando o branco mais branco e o vento quente os derrubaram — Helmud estava na garupa, segurando-se no irmão mais velho. O próprio El Capitán havia refeito o motor. Agora os braços finos de Helmud estão enrolados no pescoço grosso de seu irmão.

O walkie-talkie estala. El Capitán ouve o rádio da caminhonete e o grunhido da embreagem, como se ela estivesse subindo uma colina. Finalmente a voz do oficial surge no meio do ruído.

— Não. Mas encontraremos. Pode confiar. Câmbio.

Pode confiar, pensa El Capitán. Ele enfia o walkie-talkie no coldre. Olha para o irmão atrás de si.

— Como se eu confiasse em alguém. Nem em você.

— Nem em você — resmunga Helmud.

A verdade é que El Capitán sempre teve de confiar em Helmud. Por muito tempo, eles só tiveram um ao outro. Nunca tiveram um pai de verdade, e quando El Capitán tinha nove anos, a mãe deles morreu com uma gripe forte em um asilo parecido com esse que está à sua frente.

El Capitán grita no walkie-talkie:

— Se vocês não a pegarem, Ingership vai comer nosso fígado. Não estraguem tudo. Câmbio.

Está tarde. A lua está perdida em uma neblina cinzenta. El Capitán pensa em ver se Vedra ainda está trabalhando na cozinha. Ele gosta de como ela fica no meio do vapor da máquina de lavar louça. Poderia mandá-la fazer um sanduíche. Ele é o oficial de patente mais alta aqui na sede, afinal. Mas ele sabe como será o encontro com Vedra. Eles conversarão enquanto ela corta a carne, com as mãos esfoladas de tanto trabalho, boa parte de sua pele retorcida à mostra, suas queimaduras marcantes. Ela falará com aquela voz suave, e em algum momento seus olhos se virarão para o rosto do irmão dele, que está sempre presente, sempre com um olhar perdido por cima de seu ombro. El Capitán odeia que, enquanto ele fala, as pessoas não consigam evitar olhar para Helmud, um fantoche estúpido balançando em suas costas, e ele

sempre sente a raiva crescer dentro de si — tão rápida e aguda que El Capitán poderia explodir. Às vezes, à noite, quando ouve a respiração profunda do irmão, ele se imagina rolando de costas — sufocando o irmão de uma vez por todas. Mas, se Helmud morresse, ele morreria também. El Capitán sabe disso. Eles são muito grandes para que um possa morrer e outro viver, são muito interligados. Às vezes parece tão inevitável que ele mal consegue suportar a espera.

Em vez de ver Vedra no vapor da cozinha, ele decide ir para o bosque — o que sobrou dele, o que está nascendo de novo — para verificar suas armadilhas.

Por dois dias seguidos suas armadilhas foram saqueadas. El Capitán pegou algo, mas então outra coisa apareceu e comeu a presa.

Ao se dirigir para trás da sede, ele vê fortificações feitas de tábuas, podadeiras de metal na terra árida, uma parede de pedras. No alto, há arame farpado. Do outro lado, prédios demolidos. Um deles tinha uma fileira de colunas, e duas delas permanecem de pé sustentando nada além do céu fuliginoso. El Capitán ama mais o céu do que qualquer outra coisa. Queria entrar para a força aérea, muito tempo atrás, quando era criança. Ele sabia tudo sobre voar; tinha livros da biblioteca e um antigo jogo de simulação de voo no qual gastava horas e horas treinando. Não sabia nada de seu pai, exceto que ele estivera na força aérea, um piloto de caça, expulso da força por dispensa psiquiátrica. “Louco de pedra”, dizia sua mãe a respeito dele. “Sorte nossa que ele se foi.” Embora para onde? El Capitán nunca soube. Mas sabia que era como o pai em alguns aspectos — queria estar no céu e era louco. O mais perto que ele chegou de voar foi andar naquela moto, subindo no ar depois de saltar um obstáculo. Agora ele não gosta de pensar naquilo.

Não é piloto, mas é um oficial. É responsável por selecionar novos recrutas.

Ele decide quais podem ser treinados e quais não podem. Manda alguns para os postos avançados de deseducação para serem um pouco decompostos, mentalmente, para ficarem um pouco mais dispostos a aceitar ordens e não tumultuar nada. E ele separa os fracos, e mantém alguns em um cercado na base.

Reporta-se diretamente a Ingership, por meio dos mensageiros pessoais dele.

Às vezes, Ingership manda coisas para El Capitán dar de comer aos recrutas mais fracos — sabugos retorcidos de milho, tomates pálidos com miolo feito mais de pó que de polpa, algum tipo de carne não identificada. El Capitán então relata a Ingership quais alimentos os deixam doentes e quais não. De onde vem aquela comida? Ele não faz perguntas. El Capitán testa alimentos nos recrutas mais fracos movido por interesse próprio também — frutinhas que ele encontra no bosque, cogumelos, folhas que parecem manjeriço ou hortelã, mas nunca são. Às vezes, os recrutas fracos ficam doentes. De tempos em tempos, morrem. De vez em quando, ficam bem, então El Capitán recolhe esses alimentos e os divide com Helmud.

Às vezes, Ingership ordena que El Capitán faça O Jogo, soltando um dos recrutas fracos para que El Capitán possa caçá-lo e abatê-lo como um cervo doente. É um ato de misericórdia, na verdade, é isso que El Capitán diz a si mesmo.

Por que fazê-los sofrer dentro de um cercado? Melhor dar um fim de vez. É como El Capitán preferiria se fosse ele, na verdade. O Jogo o faz lembrar de quando ele era pequeno e caçava esquilos no bosque perto de sua casa, mas, por outro lado, não muito. Nada é como antigamente. Faz tempo que El Capitán não recebe a ordem de fazer O Jogo, e espera que Ingership tenha esquecido e nunca mais ordene de novo. Ingership tornou-se imprevisível nos últimos tempos. Na verdade, ontem mesmo ele organizou sua própria equipe para uma Onda de Morte que ele decidiu lançar para cima de todo mundo sem avisar.

Caminhando em direção ao bosque, El Capitán passa pelo cercado — seis metros de lado, fechado por grade, com piso de cimento. Os recrutas estão amontoados em um canto do cercado. Gemem e estremeçam até ouvirem os passos dele; e então um se acalma, depois o outro, e todos se aquietam rapidamente. Ele vê seus membros retorcidos estranhos, o reflexo de vários metais, o cintilar de vidro. Na prática, eles mal são humanos, El Capitán

lembra a si mesmo, mas, ainda assim, ele desvia o olhar quando passa.

— Deus nos livre, Helmud. Poderia ser você ali dentro — diz ele.

— Você ali dentro — repete Helmud.

— Cale a boca, Helmud.

— Cale a boca.

El Capitán não sabe o que deixou Ingership tão agitado a respeito dessa nova recruta, Pressia Belze. Ele quer que essa menina seja promovida a oficial assim que chegar. Quer que El Capitán aguarde ordens de emergência para ela, uma missão, mas que, enquanto isso, a deixe por dentro. El Capitán não sabe exatamente o que isso quer dizer. Não sabe o quanto ele mesmo deve saber. Será que deve saber, por exemplo, que não passa de um burocrata intermediário? Deve saber que essa milícia — cinco mil pessoas em cada uma de três instalações, e mais três mil sendo deseducadas —, não importa o quanto cresça e quanta força tenha, nunca será capaz de derrubar o Domo? O Domo é impenetrável, fortemente armado. Ingership sabe que El Capitán perdeu o entusiasmo? Ele desistiu da ideia de que talvez algum dia possa abrir fogo contra uns de seus irmãos e irmãs Puros.

Ele ainda está apenas tentando sobreviver.

Mas sobreviver é o que ele sabe fazer. El Capitán é um sobrevivencialista desde que sua mãe morreu, quando ele tinha nove anos. Cuidou do irmão, morando em um forte que ele mesmo construiu no bosque que cercava sua antiga casa. Conseguia dinheiro como podia, negociando isso e aquilo, e estocou armas e munição, incluindo as que seu pai havia deixado.

— Você se lembra de todas as nossas armas? — pergunta El Capitán a Helmud, enfiando-se no bosque agora, afastando-se da sede. Às vezes ele sente muita saudade de suas armas.

— Armas — diz Helmud.

Antes das Explosões, muitos sobrevivencialistas viviam isolados naquele bosque. Um vizinho, um velho que já havia participado de uma ou duas guerras, ensinou El Capitán a esconder suas armas e munição. El Capitán fez tudo o que o Velho Zander disse. Comprou quarenta canos de PVC com tampa, seis polegadas de diâmetro, e

um pouco de solvente para PVC. Ele e Helmud desmontaram os fuzis dentro da casa deles em uma tarde de fim de inverno. El Capitán se lembra da chuva de granizo, do som das batidas nas janelas. Os dois irmãos esfregaram as peças da arma com óleo antiferrugem, deixando-as e as mãos deles com um brilho encerado. Helmud havia separado o saco de plástico laminado, cortado em pedaços menores e embrulhado os carregadores, as coronhas, os mecanismos de gatilho, guarda-mãos, câmaras, lunetas, suportes e milhares de cartuchos calibre .223, juntamente com pacotes de gel de sílica dessecante. Esses foram ideia de El Capitán. Ele os vira nas caixas dos antigos sapatos de salto de sua mãe no armário.

Helmud selou a ponta dos sacos com um ferro. Eles usaram o aspirador de pó de um vizinho para embalar tudo a vácuo.

Eles guardaram seis latinhas de metil clorofórmio para desengraxar tudo depois, além de varas de limpeza, panos, solvente, lubrificante, graxa, um jogo de dados de carga e um manual bem surrado. Depois envolveram tudo com fita adesiva.

Encheram o cano com os sacos de munição e as peças e os utensílios dos fuzis. Selaram as tampas e então Helmud disse:

— Devíamos pintar nossas iniciais em tudo isso.

— Você acha? — perguntou El Capitán.

E assim fizeram. El Capitán sabe que eles acharam que podiam morrer antes que tivessem de desenterrar o cano, e se alguém o encontrasse, eles seriam conhecidos de alguma forma. Com um marcador preto de ponta grossa, Helmud escreveu H.E.C, de Helmud Elmore Croll. Quanto a El Capitán, esse foi um apelido que sua mãe lhe deu antes de ir para o asilo. Ela disse: “Você está no comando até eu voltar, El Capitán.” Mas ela nunca voltou. Então El Capitán escreveu suas iniciais, E.C.C. — El Capitán Croll — e deixou seu nome de batismo morrer para sempre.

O Velho Zander lhes emprestou uma cavadeira, e eles aprofundaram um buraco deixado por um carvalho tombado. Enterraram o cano na vertical para que fosse mais difícil encontrá-lo com detectores de metal. El Capitán desenhou o mapa, contando os passos por sugestão do Velho Zander, “para o caso de a paisagem se arrebeitar e perder os referenciais”. El Capitán achava que o Velho

Zander era louco, mas seguiu suas ordens. Ele nunca o viu de novo depois das Explosões, mas também nunca procurou.

Depois das Explosões, El Capitán achou que Helmud morreria em suas costas, e ele próprio também não estava muito bem. Estava queimado, cheio de bolhas, sangrando. Mas conseguiu voltar para o bosque perto de casa, e encontrou a ponta metálica de uma pá e contou os passos tal como se lembrava. O mapa já estava desaparecido havia muito tempo. Ele cavou, segurando a cabeça da pá, com seu irmão moribundo em suas costas.

Quando ele encontrou as armas, pensou em atirar na cabeça de Helmud e depois na sua, terminando tudo de uma vez. Mas El Capitán podia sentir o coração do irmão batendo em suas próprias costelas e, de alguma forma, isso não o deixava apertar o gatilho.

As armas, foi assim que eles sobreviveram. Não tanto por usá-las — embora El Capitán tenha precisado matar gente para sobreviver àqueles primeiros meses.

Sobretudo, ele as aproveitou para alcançar uma boa posição na OBR. Isso foi depois que a Operação Busca e Resgate se transformou em Operação Bendita Revolução e passou a procurar recrutas jovens e impetuosos sem nada a perder. Além disso, juntar-se à OBR significava que ele e Helmud não passariam fome.

O bosque aqui ainda parece queimado, com árvores mais antigas tombadas e escurecidas. Algumas resistiram, perdendo seus galhos; outras ficaram com os ramos permanentemente curvados para baixo pela pressão das Explosões, árvores tentando alcançar a terra em vez do céu, como se quisessem se segurar. Mas o mato se regenerou, brigando lentamente pelo sol coberto de cinzas. O restolho surgiu das raízes das árvores, estranhos arbustos novos aos quais El Capitán não consegue se acostumar. Eles têm frutinhas venenosas, e as folhas, às vezes, são cheias de escamas. Uma vez ele encontrou um arbusto rasteiro brotando embaixo de um bordo oco, e as folhas estavam cobertas com uma pelugem macia. Não era algodão; era pelo de verdade.

El Capitán vai de armadilha em armadilha, embrenhando-se no bosque.

Todas foram acionadas. Não havia um pingo de sangue. Mas as peles estavam lá, e os ossos, alguns quebrados e com o tutano todo sugado. Não faz sentido. Mas ele está mais confuso que irritado. Não consegue pensar em nenhum tipo de criatura que aja de modo tão limpo, e isso o deixa nervoso.

A uns seis metros de sua última armadilha ele ouve algo no ar, um zumbido baixo e grave. Ele para.

— Está ouvindo isso? — pergunta ao irmão, mas é como falar sozinho.

O zumbido fica mais baixo, como se estivesse se afastando dele em alta velocidade. Será um motor? Parece muito limpo para ser um motor. E desaparece muito rápido.

Ele vai até a última armadilha e encontra um tipo de galinha selvagem — morta, rechonchuda, depenada. Mas não está na armadilha. Está ao lado dela, que foi acionada, mas a ave parece ter sido morta simplesmente por uma rápida torção do pescoço. É como se ela fosse um presente, deixado para El Capitán. Ele a cutuca com uma vareta de bambu. Ela rola. Ele pega a galinha, e, aninhados embaixo do corpo dela, como uma piadinha estranha, há três ovos. Ovos marrons. Um é sarapintado.

El Capitán pega o ovo sarapintado e o acomoda na palma da mão. É como se alguém no bosque quisesse se comunicar com ele de alguma forma.

Quando foi a última vez que ele viu um ovo e o acomodou na palma da mão? Talvez antes das Explosões, quando sua mãe ainda estava em casa, comprando ovos em caixas de isopor.

A galinha e seus ovos parecem um estranho milagre, e ele se lembra da sensação de tirar o cano de PVC do solo, como extrair um longo osso branco do chão, e de como a terra ainda estava solta, macia e delicada em suas mãos. Ele encontrou um pedaço de seu antigo serrote. Removeu a lama e cortou as tampas.

Tudo deslizou para fora, justamente como eles haviam planejado — exceto pelo fato de seu irmão estar fundido às suas costas. Helmud não morreria. Não, ele seria um peso que El Capitán teria de carregar para sempre.

Mas, às vezes, ele se lembra do som de armas escorregando pelo cano de PVC, do peso daqueles sacos de plástico laminado, dos cliques secos de quando ele montou os fuzis, um após o outro, e ele ama Helmud tanto quanto o odeia. Sente que não teria conseguido sem ele. O peso de seu irmão o deixou mais forte.

O zumbido recomeça, e El Capitán se abaixa o máximo possível. Ele fica deitado no meio dos arbustos. Seu irmão parece estar chorando baixinho em suas costas. Às vezes, Helmud chora sem motivo.

— Cale-se — sussurra El Capitán. — Cale-se, Helmud. Está tudo bem. Cale-se.

Agora ele consegue vê-las, criaturas estranhas — ao mesmo tempo humanas e não humanas — movendo-se entre as árvores.

PARTRIDGE

CANTO

Na rua, Bradwell vai na frente, a passos largos e rápidos. Pressia o segue, e Partridge está logo atrás. Bradwell nunca olha para Partridge, mas Pressia sim, e Partridge se pergunta o que ela acha dele. Será que ele é apenas uma peça? Será que ela só quer sair da lista da OBR, o que quer que seja isso, e conseguir ajuda para seu avô, como disse? Se for isso, tudo bem. Ela o ajudará e ele a ajudará, se puder. Além disso, ele tem prova de que Pressia tem um bom coração. A menina salvou a vida dele antes que tivesse qualquer ideia de quem ele era ou do que poderia fazer por ela. Ele confia nela; isso é o que importa.

E ele sabe que Bradwell o odeia, ressentido-se dos privilégios de sua vida no Domo, e quem pode criticá-lo? Partridge só espera que Bradwell não o odeie tanto a ponto de deixá-lo ser arrebitado por Grupais, nas palavras dele. Teria sido engraçado se não fosse uma possibilidade tão real.

Bradwell para a fim de conferir se um beco está livre.

O vento esfriou. Partridge fecha mais o casaco.

— O inverno é assim, não é? — pergunta a Pressia.

— Não — responde ela. — O inverno é frio.

— Mas está frio — diz ele.

— Não como no inverno.

— Eu gostaria de ver tudo isso coberto de neve — diz ele.

— A neve chega escura ao chão, já manchada.

Bradwell volta.

— Eles estão perto demais — avisa. Partridge não sabe de quem ele está falando. — Teremos que ir pelo subterrâneo. Por aqui.

— Subterrâneo? — pergunta Partridge.

Ele não gosta de ficar debaixo da terra. Até mesmo no porão da biblioteca da academia, é muito fácil ele ficar desorientado sem os pontos de referência: o sol, a lua, as estrelas. Mas, aqui, um desses pontos é o próprio Domo, mais luminoso que qualquer outra coisa no firmamento, com a cruz brilhante apontando diretamente para o céu, embora, assim como Pressia, ele não saiba muito bem em que acreditar.

— Se ele está dizendo que o subterrâneo é o melhor caminho, então é mesmo — diz Pressia.

Bradwell aponta para uma abertura quadrada perto de um bueiro. A grade de metal já não existe há tempos, provavelmente roubada. Ele entra com as pernas primeiro e depois se deixa cair. Pressia vai em seguida. Seus tamancos fazem um barulho alto ao bater no cimento. Partridge desce por último. Está escuro e úmido.

São tantas poças que é impossível sequer tentar se desviar de todas. Eles têm de ir pisando na água. De vez em quando, Partridge ouve animais, vê suas sombras correndo por eles, soltando seus grunhidos e chiados.

— Sério, por que estamos aqui embaixo? — pergunta.

— Você ouviu a cantoria, não é? — retruca Bradwell.

— Ouvi — responde Partridge. Ele ainda consegue ouvi-la. — Qual é o problema com um casamento?

Bradwell para, se vira e o encara com uma expressão intrigada.

— Casamento?

Partridge olha para Pressia.

— Você disse...

Pressia explica a Bradwell:

— Eu posso ter dito a ele que a cantoria era de um casamento.

— Por que você mentiria sobre algo assim? — pergunta Bradwell, olhando para ela, espantado.

— Não sei. Talvez eu quisesse que fosse verdade. Talvez eu seja um tipo.

Então Pressia diz a Partridge:

— Não é um casamento. É um tipo de jogo, o que a OBR entende por esporte.

— Ah, não é tão ruim. Também praticamos esportes no Domo. Eu já fui ofensivo em uma variação do que se chamava futebol americano.

— Esse é um esporte sangrento chamado Onda de Morte, usado pela OBR para eliminar os fracos da sociedade. Na verdade, é o único esporte que existe por aqui, se é que se pode chamar isso de esporte — explica Bradwell, apertando o passo de novo. — Eles ganham pontos por matar pessoas.

— É melhor ficar fora do caminho deles — diz Pressia, e então, sem saber por que, talvez só para causar impressão, ela acrescenta: — Você valeria dez pontos.

— Só dez? — pergunta Partridge.

— Na verdade — diz Bradwell, olhando para trás —, dez é um elogio.

— Bem — responde Partridge —, nesse caso, obrigado. Muito obrigado.

— Mas se eles soubessem que você é um Puro, eu não sei o que fariam — complementa Pressia.

Eles andam em silêncio por um tempo. Partridge pensa no que Bradwell disse no frigorífico: E você saiu. Simples assim. E ninguém no Domo se importa?

Ninguém está à sua procura? Eles o estão procurando. E interrogarão os últimos garotos da academia que estiveram com ele, talvez os professores, qualquer um com quem ele possa ter conversado. Lyda. Ele não consegue deixar de se perguntar o que fizeram com ela.

E aqui é úmido. As poças são fétidas. O ar é viciado e parado. Partridge não reclama, mas fica surpreso com o nervosismo que isso lhe causa e com o alívio que ele sente quando, finalmente, Bradwell para.

— Lombard. Deve ser bem aqui em cima. Prontos? — indaga Bradwell.

— Com certeza — exclama Partridge.

— Espere — diz Pressia. — Não espere grande coisa.

Será que ele parece tão ingênuo assim?

— Ficarei bem.

— Apenas não crie muita expectativa.

Ela dirige para Partridge um olhar que ele não consegue interpretar muito bem. Ela sente pena dele? Está um pouco irritada? Está sendo protetora?

— Não estou criando expectativa — responde.

Mas ele sabe que é mentira. Ele quer encontrar algo — se não for sua mãe, então algo que possa levá-lo a ela. Se não encontrar, não saberá por onde seguir.

Terá fugido do Domo à toa, sem meio de retornar. Bradwell lhe disse para voltar para o Domo e seu papai. Mas isso não é possível, não é? Ele poderia voltar para as aulas de história geral de Glassings? Poderia namorar Lyda, comunicando-se com a caneta a laser de Arvin no gramado da área de convivência? Ele seria sedado e alterado de forma definitiva? Viraria uma almofada de alfinetes? Seria grampeado?

Colocariam um contador em seu cérebro?

Há uma velha escada enferrujada apoiada nessa abertura, mas Partridge pula, agarra a borda de cimento no alto e puxa o corpo, como fez para entrar nos túneis do sistema de filtragem de ar. Parece que foi há anos.

Na superfície, antigamente havia aqui uma fileira de casas, mas agora estão desmoronadas, escombros e carcaças vazias. Um poste de luz está no chão, como uma árvore atingida por um raio, queimado e caído perto da carroceria de dois carros completamente depenados. Na esquina, Partridge vê a torre da igreja de que Bradwell havia falado. A igreja ruiu e a torre caiu dentro dela. Ela agora está projetada para fora, inclinada para um lado, não mais apontando para o céu como o Domo.

— Aqui estamos — diz Bradwell simplesmente. — Lombard.

Partridge tem quase certeza de que o tom de voz dele está um pouco alegre, ou pelo menos esnobe.

Uma brisa levanta poeira e cinzas, mas Partridge não cobre o rosto. Ele anda alguns passos pela rua. Sente-se perdido. Passa os

olhos pelos escombros. O que ele espera encontrar? Algum resquício do passado? O aspirador de pó? O telefone?

Algum indício de domesticidade? Sua mãe sentada em uma cadeira no jardim, lendo um livro, esperando o filho com limonada fresca?

Pressia toca em seu braço.

— Sinto muito.

Ele olha para ela.

— Preciso do número mil e cinquenta e quatro da rua Lombard — diz Partridge. Ele entra em algum tipo de piloto automático. — Mil e cinquenta e quatro.

— O quê, você está brincando? — Bradwell ri. — Não existe o número mil e cinquenta e quatro da rua Lombard porque não existe a rua Lombard. Não está vendo? Ela foi destruída!

— Preciso chegar ao número mil e cinquenta e quatro da rua Lombard — repete Partridge. — Você não entende!

— Entendo sim — insiste Bradwell. — Você vem aqui para este lugar bombardeado para se misturar com todos esses miseráveis deformados e acha que merece encontrar sua mãe, simples assim. Você acha que é seu direito e privilégio porque sofreu durante o quê? Quinze minutos?

Partridge mantém os olhos fixos, mas sua respiração é pesada.

— Eu vou encontrar o número mil e cinquenta e quatro da rua Lombard. Foi para isso que vim.

Ele sai andando pela rua escura.

— Está ouvindo? — pergunta Bradwell. A cantoria da Onda de Morte ainda não acabou. Partridge não consegue avaliar se está distante ou perto. As vozes parecem ecoar pela cidade. — Você não tem muito tempo!

Deve estar quase amanhecendo.

Pressia alcança Partridge.

Ele para. Encontrou uma casa que perdeu o segundo andar. As janelas antigas foram cobertas com uma lona. Ele ouve um canto baixinho.

— Temos que nos apressar — diz Pressia.

— Tem alguém aí dentro — afirma ele.

— É sério — diz ela —, não temos muito tempo.

Ele tira a mochila dos ombros, abre o zíper e tira um saco plástico com uma fotografia.

— O que é isso? — pergunta Pressia.

— Uma foto de minha mãe — responde ele. — Vou ver se essa pessoa se lembra dela.

Ele vai até a casa, que no lugar da porta tem uma folha de compensado encostada pelo lado de dentro.

— Não — diz Pressia. — Nunca se sabe que espécie você vai encontrar.

— Eu preciso — diz ele.

Ela balança a cabeça.

— Então se cubra.

Partridge enrola o cachecol no rosto e puxa o capuz, escondendo tudo, menos os olhos.

O canto está mais alto agora, uma melodia desafinada e uma voz aguda e rouca, parecendo mais um gorjeio que um canto.

Ele bate no compensado.

O canto cessa. Há um barulho que parece ser de panelas. Depois, silêncio.

— Olá? — grita Partridge. — Desculpe incomodar, mas preciso fazer uma pergunta.

Não há resposta.

— Eu esperava que você pudesse me ajudar — diz ele.

— Vamos embora — diz Pressia. — Vamos.

— Não — sussurra Partridge, embora a cantoria pareça mais perto agora. — Pode ir, se quiser. Isto é tudo o que eu tenho. Minha única chance.

— Está bem — concorda Pressia. — Ande logo.

— Estou procurando uma pessoa — grita ele.

Há um instante de silêncio. Ele olha para Bradwell, que estala os dedos, dizendo para eles se apressarem. Partridge tenta de novo.

— Eu preciso muito da sua ajuda. É importante. Estou procurando minha mãe.

Há outro ruído de panelas lá dentro, e depois a voz de uma pessoa velha.

— Diga seu nome! — indaga essa pessoa.

— Partridge — responde ele, inclinando-se na direção da janela pela lona. — Partridge Willux.

— Willux? — pergunta ela.

Parece que o nome dele sempre resulta em alguma reação.

— Nós morávamos na rua Lombard, mil e cinquenta e quatro — diz ele em tom de urgência. — Eu tenho uma fotografia.

Agora um braço sai de trás da lona, uma mão com garras, metálica e enferrujada.

Partridge tem medo de entregar a fotografia. É a única que ele tem. Mas entrega mesmo assim.

Os dedos pinçam a foto, e a mão desaparece.

Ele percebe que está amanhecendo. O sol surge no horizonte.

A lona então é erguida, bem devagar, revelando o rosto de uma mulher velha — pálido e coberto de cacos de vidro. Ela devolve a fotografia a Partridge sem dizer nada, mas seus olhos estão distantes, estranhos. Sua expressão é de espanto.

— Você a conhecia? — pergunta Partridge.

A mulher olha para os dois lados da rua. Vê Bradwell, parado nas sombras, e recua, abaixando um pouco a lona. Os olhos da velha param em Partridge.

— Quero ver seu rosto — diz ela.

Partridge olha para Pressia. Ela faz um gesto negativo com a cabeça.

— Vou lhe contar algo — diz ela. — Mas primeiro preciso ver seu rosto.

— Por quê? — pergunta Pressia, aproximando-se. — Dê logo a informação. É importante para ele.

Ela balança a cabeça.

— Preciso ver o rosto dele.

Partridge abaixa o cachecol.

A mulher olha para ele e faz um gesto positivo com a cabeça.

— O que eu pensei.

— Como assim? — pergunta Partridge.

A mulher balança a cabeça.

— Você me disse que me daria informações se eu mostrasse meu rosto.

Cumpri minha parte.

— Você se parece com ela — diz a velha.

— Com minha mãe? — indaga ele.

Ela confirma. A cantoria está ficando mais alta. Pressia puxa a manga de Partridge.

— Precisamos ir.

— Ela está viva? — pergunta Partridge.

A velha dá de ombros.

Bradwell assobia por entre os dentes. Não há mais tempo a perder.

Partridge pode ouvir os passos da Onda de Morte, aquele som agitado de botas nas ruas, as vozes aumentando e abaixando em uníssono. O ar está vibrando.

— Você a viu depois das Explosões? — pergunta Partridge.

A velha fecha os olhos e sussurra algo baixinho.

Pressia puxa Partridge pela jaqueta.

— Temos que ir! Agora!

— O que você disse? — grita Partridge para a mulher. — Você a viu ou não? Ela sobreviveu?

Finalmente, a velha levanta a cabeça.

— Ele partiu o coração dela — diz ela.

E depois fecha os olhos e começa a cantar alto — notas agudas, sofridas, como se estivesse tentando abafar tudo à sua volta.

PRESSIA

SARCÓFAGO

Pressia está correndo o mais rápido possível. Bradwell está na frente, a camisa agitada pelas asas, e Partridge está ao lado dela, a jaqueta batendo ao vento. Ela sabe que ele consegue ir mais rápido — treinamento especial na academia, embora ele não seja um espécime plenamente desenvolvido —, mas toma como um bom sinal o fato de que ele está a seu lado. Talvez Partridge se tenha dado conta do quanto precisa dela. A cantoria é um eco, espalhando-se pelos becos, às vezes atravessados por um grito agudo.

— De volta para o subterrâneo? — grita Pressia para Bradwell.

— Não! — diz ele. — Estão passando por lá também.

Pressia olha para trás e vê o líder dessa equipe. Ele está sem camisa, braços e peito manchados de vermelho, sangue cobrindo metal. A pele de seu rosto é repuxada e brilhosa. Um dos braços está encolhido junto ao peito — atrofiado —, mas o outro é muito musculoso. Em seus punhos há cacos de vidro enrolados com fita adesiva. Talvez seja o soldado da OBR que ela viu patrulhando, mas nunca o reconheceria desse jeito.

Ele é a ponta da cunha. Os outros o seguem dispostos em uma formação triangular dispersa. Logo atrás vai uma pessoa encarregada de decidir quando é hora de expandir a base da cunha e fechar um círculo ao redor da vítima. Certa vez Pressia viu uma mulher e seu bebê serem atacados em uma Onda de Morte. A menina se escondera em uma antiga caixa de correio tombada, que

muito tempo antes fora aberta e esvaziada. Agora ela se lembra de como eles ergueram o corpo da mulher depois de a espancarem até a morte, de como ficaram jogando o bebê de um lado para o outro como se fosse uma bola.

Pressia tropeça no meio-fio e cai com tudo, derrapando pelo cimento. Sua mão arde, a cabeça de boneca dói. Ela vê as botas de Partridge pararem à sua frente e se virarem, vê a barra úmida das calças dele. Tenta se levantar, mas comete o erro de olhar para trás de novo, e os corpos cravejados de metal e o sangue vermelho da Onda de Morte a apavoram. Ela perde o equilíbrio outra vez.

— Por aqui! — grita Bradwell lá da frente.

Ele não sabe que ela caiu. Pula por cima de um muro baixo de pedra desmoronado perto da torre caída.

Pressia os vê se aproximando. O líder está com os olhos fixos nela.

E então seu corpo é erguido, e ela sente vento no rosto. A meia que cobre seu punho de cabeça de boneca engancha em alguma coisa no chão e fica para trás. Ela está se movendo no ar, com a cabeça de boneca exposta, e escuta Partridge dizendo:

— Está tudo bem. Estamos perto. Estamos quase lá.

Ela não quer ser resgatada pelo Puro.

— Não — diz ela. — Estou bem. Solte-me!

Ele não responde, apenas a segura com mais força, e Pressia sabe que seria pega pela Onda de Morte se ele a soltasse, mas, ainda assim, bate nas costelas de Partridge com a cabeça de boneca.

— Estou falando sério. Solte-me!

Em seu pânico, ela vê Bradwell levantar um pedaço do velho portão de ferro fundido que estava diante de uma abertura que dá para um lance de escadas. Ela fecha os olhos enquanto Partridge a segura com força e pula escada abaixo.

Assim que os pés dele atingem o chão, Pressia o empurra e ele a solta. Sem a meia para ocultar a cabeça de boneca, ela se sente nua. Puxa a manga do suéter por cima do punho o máximo possível e se senta. Com os joelhos na frente do peito, ela esconde a cabeça

de boneca no colo. Está tão escuro que ela mal enxerga qualquer coisa.

— Desculpe — diz Partridge. — Eu tinha que pegar você. Eu tinha, senão...

— Não se desculpe — diz ela, passando a mão nas costelas onde ele a apertou com tanta força. — Você me salvou. Não me faça sentir que preciso perdô-lo por isso.

É o melhor que ela consegue fazer.

Todos se sentam no chão, Pressia entre Partridge e Bradwell, encostados na parede fria. Eles se agrupam em um canto longe das escadas, e ninguém se mexe.

Ela não consegue acreditar que Partridge a levantou daquele jeito. Quando foi a última vez que alguém a carregou? Ela se lembra do pai enrolando-a em um casaco, carregando-a nos braços. Sente falta dele agora, da sensação de estar segura e aquecida.

O cômodo é pequeno e úmido. Aos poucos os olhos de Pressia se ajustam, e ela enfim vê que os três não estão realmente sozinhos. Esculpida na parede do outro lado do cômodo há uma figura de pedra — a estátua de uma menina, sentada em uma caixa de cimento longa e estreita parecida com um caixão, atrás de uma parede de acrílico, rachado mas ainda inteiro. Uma tabuleta entalhada está presa na parede, mas está muito longe para ser lida. A menina tem cabelos compridos, soltos e fora do rosto, e usa um vestido longo simples. As mãos perfeitas e delicadas estão unidas no colo. Ela parece sozinha, isolada do mundo.

Há algo profundamente triste em seus olhos, como se ela tivesse perdido pessoas amadas, mas ela também parece otimista, como se estivesse prendendo a respiração, à espera de alguma coisa.

A cantoria está ficando mais alta, a batida dos passos está perto. Pressia puxa a manga do suéter ainda mais por cima do punho de cabeça de boneca.

Partridge nota. Talvez ele queira perguntar o que ela está escondendo. Não há tempo para perguntar. A Onda de Morte está acima deles agora. Os pés batem com tanta força à volta deles que um pedaço do teto rui.

É aqui que as pessoas vêm rezar. Bradwell tinha razão. Na beira do caixote de cimento, junto ao acrílico, Pressia vê a cera acumulada de velas antigas, gotas que derreteram pela parede e caíram no chão de ladrilhos. Pressia olha de novo para a estátua da menina. Está sentada em seu próprio caixão, uma caixa comprida que faz Pressia se lembrar dos armários onde ela dorme, ou dormia. Pressia imagina se algum dia conseguirá voltar para seu avô no cômodo dos fundos da barbearia. Será que ele ainda está esperando, com o tijolo no colo?

As pisadas ficam estrondosas. O teto estremece. Gesso, pedras soltas, blocos de terra caem no chão. De repente, Pressia fica com medo de o teto ceder.

Eles três cobrem a cabeça. Partridge colocou a fotografia de volta no saco plástico.

Está em cima da mochila, sobre a qual ele está encurvado de forma protetora.

— Seremos enterrados vivos! — grita Pressia.

— O que seria irônico — diz Bradwell. — Ser enterrado vivo em uma cripta.

— Não tem graça — retruca ela.

— Eu não estava tentando ser engraçado.

— Prefiro não morrer — afirma Partridge. — Não agora que sei que minha mãe sobreviveu...

Pressia olha para ele em meio à chuva de terra. É isso o que ele pensa?

Como tem tanta certeza? Tudo o que a velha disse é que alguém partiu o coração da mãe dele. Aquilo não significou nada para Pressia. Ela prende a respiração por um instante, desejando que as pisadas cessem, mas elas não cessam. Ela abraça os joelhos com força e fecha bem os olhos.

Uma multidão começa a comemorar. Ouvem-se berros altos, gritos de guerra.

— Eles pegaram alguém — diz Pressia.

— Que bom — afirma Bradwell. — Isso vai acalmá-los. Eles vão seguir adiante mais rápido agora, carregar o corpo para o campo.

— Que bom? — pergunta Partridge. — Como isso pode ser bom?

— Bom não significa o que você acha que significa — responde Bradwell.

A cantoria se afasta.

Pressia olha para o caixão de pedra.

— Tem uma pessoa morta aí dentro? — pergunta.

— Um sarcófago — afirma Bradwell.

— Um o quê? — diz Partridge.

— Sarcófago — repete Bradwell. — Em outras palavras, sim. Tem uma pessoa morta, ou parte de uma.

— Estamos em uma tumba, não é? — pergunta Partridge.

Bradwell confirma com a cabeça.

— Uma cripta.

Partridge ainda está segurando a fotografia no saco plástico.

Pressia estende a mão.

— Posso ver?

Ele lhe entrega a foto.

— O quê? — reclama Bradwell. — Eu não posso ver, mas ela pode?

Partridge sorri e dá de ombros. A foto é de um menininho de uns oito anos, na praia — Partridge. Ele está de mãos dadas com a mãe e segura um balde. Está ventando, e o mar em seus tornozelos está cheio de espuma. Ela é bonita, a mãe dele — ligeiramente sardenta e com um sorriso lindo —, e a velha tinha razão. Ele realmente se parece com ela, o mesmo rosto iluminado. Mães, pensa ela, sempre serão algo estranho, uma terra que nunca visitarei.

— Qual é o nome dela?

— Aribelle Willux... bem, antes era Cording.

Ela devolve o saco, mas Partridge balança a cabeça.

— Bradwell pode olhar.

— Eu? — pergunta ele. — Não achei que eu fosse bom o bastante.

— Você talvez veja algo que eu não vejo.

— Como o quê?

— Alguma pista — diz ele.

Pressia entrega a foto a Bradwell e ele começa a analisá-la.

— Eu me lembro desse passeio — diz Partridge. — Fomos só nós dois. Minha mãe herdou da mãe dela uma casa perto da praia. Estava meio frio, e nós acabamos ficando doentes, um problema de estômago. Ela preparou um chá, e eu vomitei em um cesto de lixo perto da cama. — Partridge enfia a mão na mochila e tira o envelope com os pertences de sua mãe. — Aqui — diz ele. — Se você der uma olhada nessas coisas, talvez consiga ter alguma ideia. Não sei... Talvez se você ler o cartão de aniversário. E tem uma caixa de música e um colar.

Bradwell devolve a foto para Partridge, pega o envelope e olha dentro. Tira a caixa de música e a abre. Uma melodia começa a tocar.

— Eu não conheço essa música — diz Bradwell.

— É esquisito, mas, juro, eu acho que ela inventou essa melodia — diz Partridge. — Mas como ela encontrou uma caixinha que tocasse uma música inventada por ela?

— A caixa parece artesanal — diz Pressia. Ela é simples e discreta. Pressia estende a mão. — Deixe-me ver. — Bradwell entrega a caixa. A menina olha dentro dela e vê as pequenas hastes de metal batendo nas saliências de um cilindro metálico rotatório. — Eu poderia fazer algo assim se tivesse as ferramentas certas.

Ela fecha a caixa, abre, fecha de novo, testando o mecanismo de parada.

Bradwell ergue a corrente de ouro, enrolada em alguns dedos. O cisne gira.

O corpo deve ser de ouro maciço, pensa Pressia. Tem um pescoço comprido e uma joia enorme como olho, uma pedra bem azul quase do tamanho de uma bola de gude, visível dos dois lados. É perfeito, sem uma única falha, imaculado — puro.

Pressia não consegue tirar os olhos do cisne. Ela nunca havia visto algo que tivesse sobrevivido às Explosões, além de Partridge. O olho azul é hipnótico.

Finalmente, Bradwell guarda o colar de volta no envelope. Olha para Pressia.

Sua expressão é suave por um instante, como se ele quisesse lhe dizer algo, mas logo ele endurece.

— Eu trouxe vocês até a Lombard. Foi o que prometi. — Ele se levanta, mas não totalmente. É alto demais para o espaço confinado. — As pessoas acham surpreendente eu ter sobrevivido sozinho desde os nove anos. Mas na verdade eu sobrevivi porque fiquei sozinho esse tempo todo. Quando você começa a se envolver com outras pessoas, elas o atrasam. Vocês dois terão que se virar por conta própria.

— Belo sentimento — observa Pressia. — Muito generoso e caridoso.

— Se você fosse esperta, iria embora também — responde Bradwell. — Generosidade e caridade podem matar.

— Escutem — diz Partridge —, eu estou bem. Não preciso de ninguém segurando minha mão.

Pressia sabe que ele não tem chance alguma sozinho. Ele, com certeza, também sabe. Mas e agora? O ar se desloca no espaço confinado. Cai um pouco mais de cinzas iluminadas pelo sol. A luz toca a abertura acima e vaza para dentro da cripta. Amanheceu, e agora está claro o suficiente para Pressia ler parte do nome na tabuleta, SANTA WI, mas o restante está perdido. A tabuleta está amassada, as letras, apagadas. Embaixo, Pressia consegue distinguir apenas outras palavras com algum significado — NASCIDA EM... SEU PAI ERA... SANTA PADROEIRA DE... ABADESSA... CRIANÇAS PEQUENAS... TRÊS MILAGRES... TUBERCULOSE... Mais nada. Os pais de Pressia se casaram em uma igreja e a festa foi do lado de fora, embaixo de tendas brancas. Ela nota uma florzinha seca, ressecada pelo tempo, na beirada coberta de cera. Uma pequena oferenda?

— Acho que chegamos a um beco sem saída — constata Pressia.

— Não exatamente. Minha mãe sobreviveu às Explosões — afirma Partridge. — Isso eu já sei.

— Como você sabe que ela sobreviveu? — pergunta Pressia.

— Aquela velha disse — explica Partridge. — Você estava lá.

— Achei que ela tivesse dito que ele partiu o coração dela. Isso não quer dizer muita coisa.

— Ele partiu o coração dela. Ele a deixou aqui. Se ela tivesse morrido nas Explosões, não teria tido tempo de ficar de coração

partido. Mas ficou. Ele partiu o coração dela, e aquela mulher sabia, sabia que ela havia sido deixada para trás, e que eu e meu irmão tínhamos sido levados por meu pai. Foi o que ela quis dizer com ele partiu o coração dela. Ela pode ter sido uma santa, mas não morreu santa.

Partridge volta a guardar a fotografia no saco plástico, coloca-a em um envelope maior e depois em um bolso interno da mochila.

— Mesmo se ela tiver sobrevivido ao ataque, o que ainda é muito improvável — diz Bradwell —, talvez não tenha sobrevivido ao que veio depois. Não foram muitos os que conseguiram.

— Olhem, vocês podem pensar que é idiotice, mas eu acho que ela está viva — responde ele.

— Seu pai salvou seu irmão e você, mas não a sua mãe? — pergunta Bradwell.

Partridge confirma com a cabeça.

— Ele partiu o coração dela e o meu também. — A confissão fica no ar só por alguns segundos. Partridge muda de assunto. — Quero voltar para a velha. Ela sabia mais do que estava me dizendo.

— Agora está claro lá fora — diz Pressia. — Temos que tomar cuidado. Deixe-me dar uma olhada primeiro.

— Eu vou — avisa Partridge.

— Não — fala Bradwell. — Eu vou. Vou ver que estragos a Onda de Morte fez.

— Eu disse que eu vou — afirma Pressia, levantando-se e limpando a sujeira da cabeça e das roupas.

Ela ainda quer ser útil, garantir que Partridge saiba que ela vale algo. Não desistiu ainda.

— É perigoso demais! — exclama Partridge, estendendo o braço e agarrando-a.

Sua mão pega o pulso dela e levanta a manga do suéter, expondo a parte de trás da cabeça de boneca. Ele fica surpreso, mas não solta. Em vez disso, fita os olhos de Pressia.

Ela vira o braço, mostrando o rosto da boneca no lugar da mão.

— Foi a explosão — diz ela. — Você quis saber antes. Bem, aqui está.

— Estou vendo.

— Nossas marcas são nosso orgulho — diz Bradwell. — Somos sobreviventes.

Pressia sabe que Bradwell quer que isso seja verdade, mas não é, pelo menos não para ela.

— Vou subir para dar uma olhada — diz ela. — Ficarei bem.

Partridge concorda e a deixa ir.

Pressia sobe os degraus de pedra e sai da escuridão, mantendo-se escondida nos destroços de pedra da igreja. Ela agacha atrás de parte de uma parede e olha para a rua. Há algumas pessoas paradas em um círculo irregular diante da casa da velha. A lona foi arrancada da janela. A porta de compensado sumiu. As pessoas se afastam.

E ali no chão há uma poça de sangue, cintilando com cacos de vidro.

Os olhos de Pressia ardem, mas ela não chora. Pensa imediatamente que a mulher não devia ter ficado cantando daquele jeito. Ela devia ter parado. Não tinha noção? E Pressia percebe a mudança dentro de si, de compaixão para desprezo. Ela odeia essa mudança. Sabe que é errado, mas não consegue evitar. A morte dessa mulher tem de servir como lição. Só isso.

Ela se vira.

Então sente um tapa forte no braço. Um resmungo e um sopro. Alguém a agarrou pela barriga, levantou-a do chão, e está correndo. A princípio, acha que deve ser Partridge ou alguém da Onda de Morte. Não. Pressia ouve um motor. É a OBR. Ela tenta pegar a faca que Bradwell lhe deu. Envolve a mão no cabo, puxa a faca da cintura, mas outra mão com um dedo metálico escuro segura seu pulso com tanta força que ela acaba soltando a faca. A arma cai no chão.

A mão com o dedo metálico tampa sua boca. Ela tenta gritar, mas é abafada.

Como o menino dos dedos dos pés amputados, na sala acima da reunião, ela morde o centro carnudo da mão, onde há pele macia. Pressia ouve um xingamento tão intenso que as costelas de seu sequestrador se contraem, mas o corpo dela é apertado com mais força. A mordida tirou sangue. Ela sente gosto de ferrugem e sal. Contorce-se, chuta as costas do sequestrador e tenta bater nele com

o punho de cabeça de boneca. Bradwell e Partridge sabem que ela se foi? Será que virão atrás dela?

Ela tenta cuspir. Sente o vento nos cabelos. Ouve o motor. Olha para cima e vê a parte de trás da caminhonete. Eles vieram buscá-la. Pressia sabe que está perdida.

PARTRIDGE

BOCA

Depois de alguns minutos Partridge sobe a escada de pedra da cripta para ver como está Pressia. Por que demora tanto? Está ventando. Não há nada à vista além de uma mancha no chão, de sangue fresco misturado com cacos de vidro.

Ele se vira para Bradwell, com as mãos uma de cada lado da escada, os braços esticados.

— Para onde ela foi?

— Do que você está falando? — Bradwell abre e sobe a escada três degraus de cada vez. — De que diabos você está falando? Pressia! — grita ele.

— Pressia! — grita Partridge também, mesmo sabendo que eles não deviam fazer isso. Podem chamar a atenção.

Bradwell corre até o sangue, e Partridge vai atrás, sentindo o estômago revirar de medo. Ele não sabe o que fazer.

— Acha que esse sangue é dela? — pergunta Partridge, com a voz embargada.

— Há uma película em cima do sangue que já começou a coagular. Está aqui há muito tempo.

Os olhos de Bradwell dirigem-se para todos os lados, procurando.

— Ela se foi — diz Partridge. — Ela se foi mesmo, não é?

Bradwell olha em todas as direções.

— Pare de dizer isso! — pede ele. — Vá conferir a casa daquela velha. Vou subir em algum lugar para tentar ver alguma coisa.

O ar se agita com manchas cinzentas de fuligem. Partridge fica desorientado por um instante. E então vê a porta da casa da velha onde, pouco antes, ele descobriu que sua mãe havia sobrevivido. E agora Pressia desapareceu. É culpa dele. Ele corre até a casa da mulher. A folha de compensado já sumiu da entrada.

Ele invade o pequeno espaço.

— Pressia! — grita.

A velha não tinha nada. Um buraco para fogueiras na parte aberta da casa, algumas raízes em um canto escuro, trapos embolados no chão, enrolados para parecer um bebê; a boca é marrom-escuro como sangue ressecado.

Ele ouve Bradwell chamar do lado de fora:

— Pressia!

Não há resposta.

Partridge sai da sala e volta correndo para encontrar Bradwell.

— Ela sumiu? — Não é apenas uma pergunta, ele está exigindo uma resposta. Bradwell parece saber tudo. Ele devia saber isso. — Ela foi levada?

Bradwell se vira e dá um soco na barriga de Partridge, que o deixa sem ar.

Partridge cai ajoelhado, com o braço envolvendo a barriga e a outra mão fechada apoiada na rocha.

— Por que isso?! — murmura ele. Sua voz é um sussurro rouco, o ar se esvaindo de seus pulmões.

— Sua mãe morreu! Está me ouvindo? Você vem até aqui e quer que arrisquemos tudo por uma mulher morta? — berra Bradwell.

— Sinto muito — desculpa-se Partridge. — Eu não queria que...

— Você acha que foi o único que perdeu alguém e quis ir para casa? — Bradwell está furioso, as veias em suas têmporas estão saltadas, há uma estranha agitação em suas costas. — Por que não volta para seu lindo Dominho e segue o plano, fica nos observando morrer de longe, com benevolência?

Partridge ainda está tentando recuperar o fôlego e se sente bem por estar caído no chão. Ele mereceu o soco. O que ele fez? Pressia sumiu.

— Sinto muito — responde ele. — Não sei o que mais posso dizer.

Bradwell o manda calar a boca.

— Sinto muito — lamenta Partridge.

— Ela arriscou a vida por você — afirma Bradwell.

— Sim, arriscou.

Partridge sabe que Bradwell o odeia.

Bradwell o pega pelos braços e o levanta, mas Partridge sente uma onda de raiva e, instintivamente, dá um empurrão no peito de Bradwell. Seus movimentos são mais rápidos e fortes do que ele espera, quase derrubando o outro no chão.

— Eu não a perdi de propósito.

— Se você não estivesse aqui — responde Bradwell —, ela estaria bem.

— Eu sei.

— Eu trouxe você até aqui — diz Bradwell. — E agora você está me devendo. Está devendo a ela. Esta é a missão. Não sua mãe. Pressia. Nós temos que encontrá-la.

— Nós? — pergunta Partridge. — E aquele belo discurso que você fez lá dentro sobre ter sobrevivido porque não se envolveu, porque sempre esteve sozinho?

— Olhe, eu ajudarei você a encontrar sua mãe se, e apenas se, encontrarmos Pressia primeiro. É isso.

Partridge se odeia por pensar nisso, mas hesita. Talvez Bradwell tivesse razão na cripta. Talvez seja melhor seguir sozinho. Talvez seja a melhor forma de sobreviver. Ele conseguiria se virar sozinho? Para onde iria em seguida? Ele pensa em Pressia. Ela arremessou o sapato, acertando o tambor de óleo. Sem Pressia, ele provavelmente já estaria morto. Talvez é assim que deva ser. Talvez seja o destino.

— Precisamos encontrar Pressia — afirma Partridge. — É claro. Porque é a coisa certa a fazer.

— Eles a levaram por alguma razão — diz Bradwell.

— Qual? — pergunta Partridge.

— Como você disse que descobriu um jeito de sair do Domo? — pergunta Bradwell. — Uma planta? Foi isso o que você disse?

— Uma das plantas originais — completa Partridge. — Foi um presente para meu pai.

— Deixe-me adivinhar. Um presente recente, certo?

— Sim, por seus vinte anos de serviço. Por quê?

— Uma maldita planta, emoldurada e pendurada em uma maldita parede!

— Qual o problema disso? — pergunta Partridge, mas é como se ele já pudesse sentir o problema. — Eu mesmo decifrei o sistema de ventilação. Marquei o tempo, três minutos e quarenta e dois segundos.

— Chegou a passar por sua cabeça que a ideia era você encontrar a planta?

— pergunta Bradwell.

— Não. Não é assim. Meu pai nunca esperaria que eu fizesse algo como fugir. — Partridge balança a cabeça. — Você não o conhece.

— Sêrio?

— Ele não me acha tão capaz assim.

— Verdade. Quer dizer, é um pouco constrangedor que eles tenham precisado emoldurar as malditas plantas e pendurá-las em uma parede!

— Cale a boca! — grita Partridge.

— É verdade, e você sabe. Você sente que é. Há um pequeno núcleo quente dentro de seu cérebro. Tudo começa a fazer sentido. Está tudo se encaixando. Não é?

O maxilar de Partridge está travado, mas sua mente está agitada. É verdade.

Ele precisava de certas coisas, e surgiu a oportunidade de consegui-las. Glassings havia solicitado uma excursão até o Arquivo de Perdas Pessoais anos antes, e então, do nada, finalmente consegue permissão?

Bradwell pergunta a Partridge, em voz baixa, tentando parecer calmo:

— Como você encontrou Pressia?

— Não sei. Ela disse que estava se escondendo das caminhonetes da OBR. Eles estavam por todo lado.

— OBR — diz Bradwell. — Meu Deus! Vocês dois eram ovelhas. Estavam sendo arrebanhados.

— Pela OBR? Acha que eles estão recebendo ordens do Domo? Eles não são revolucionários?

— Eu devia ter percebido. Até a Onda de Morte, isso provavelmente foi planejado também. A cantoria que as equipes usaram para arrebanhá-la. — Bradwell anda de um lado para outro, chutando pedras. — Você achou que o Domo simplesmente deixaria você sair? Eles organizaram a coisa toda. Seu papai cuidou de tudo — diz Bradwell.

— Não é verdade — responde Partridge em voz baixa. — Eu quase fui morto por aquelas hélices.

— Mas você não foi morto pelas hélices — observa Bradwell.

— Como eles saberiam onde Pressia está? O chip dela não funciona — afirma Partridge.

— Ela estava errada.

— Mas o que eles querem com Pressia?

— Quero ver tudo o que você tem — diz Bradwell. — Quero saber o que você sabe. Quero tudo o que você tem na cabeça. É isso o que você vale para mim, está entendendo?

Partridge confirma com a cabeça.

— Certo. Farei o que puder para ajudar.

LYDA

TIRAS

Do quarto de Lyda ela pode ver o rosto das outras meninas quando elas olham pelas janelinhas retangulares do canto superior esquerdo de suas portas. Ela é a que está aqui há mais tempo. Os outros rostos nesta ala chegam, ficam por um dia e depois desaparecem — para onde? Lyda não sabe. Transferência, é o que dizem as guardas. Quando elas trazem comida para Lyda em bandejas com divisórias, falam coisas sobre sua transferência. Perguntam-se por que está atrasada. Dizem quase brincando: “Por que você ainda está aqui?” É um mistério, mas elas não têm permissão para fazer muitas perguntas. Algumas sabem da ligação entre Lyda e Partridge. Outras chegaram até mesmo a abaixar a voz e perguntar coisas sobre ele. Uma disse:

— Para que ele usaria a faca?

— Que faca? — retrucou Lyda.

O rosto das meninas flutuando, aparentemente sem corpo, nas janelas retangulares das outras celas é um modo de contar os dias. Uma nova menina virá.

Depois outra assumirá seu lugar. Às vezes, elas saem para terapia e depois voltam; às vezes, não. As cabeças brilham por terem sido raspadas, os olhos e narizes estão inchados e vermelhos pelo choro. Elas olham para Lyda e veem algo diferente. Uma pessoa que não está perdida, mas presa. Elas a encaram com um ar suplicante.

Algumas das meninas tentam fazer perguntas por meio de gestos manuais. Mas é praticamente impossível. Guardas patrulham e batem os pequenos cassetetes nas portas. Antes que uma linguagem de sinais possa se desenvolver, as meninas desaparecem.

Hoje, no entanto, uma das guardas chega fora do horário da refeição. Ela destranca a porta.

— Você vai para a ocupacional — diz a mulher.

— Ocupacional? — pergunta Lyda.

— Terapia. Vai tecer uma esteira.

— Está bem — concorda Lyda. — Eu preciso de uma esteira aqui dentro?

— Alguém precisa de uma esteira? — pergunta a guarda, e então ela sorri.

— É um bom sinal — sussurra. — Alguém está relaxando com você.

Lyda se pergunta se sua mãe mexeu alguns pauzinhos. Seria o início de uma reabilitação de verdade? Isso significa que alguém acha que ela pode ficar bem de novo, mesmo nunca tendo ficado mal?

O corredor parece outro mundo. Lyda observa o chão de ladrilhos, o acabamento limpo, o farfalhar do uniforme da guarda que anda à sua frente, a arma de choque pendurada no quadril dela, uma grande enceradeira desligada dentro de um almoxarifado.

Atrás de uma das janelinhas retangulares ela vê o rosto de uma menina cujos olhos estão dominados pelo medo, e depois outro, que está plácido. Lyda as categoriza — a primeira ainda não recebeu os remédios, a segunda, sim. Agora, Lyda finge que toma os comprimidos. Depois que a guarda sai, ela os cospe e esmigalha.

A guarda verifica sua prancheta, para e abre outra porta perto da de Lyda.

Lá dentro há uma garota nova, um rosto que Lyda não reconhece, um que ainda não apareceu na janela retangular. A menina tem quadris largos e cintura fina. A cabeça foi raspada recentemente. Os arranhões ainda estão vermelhos. Pelas sobrelhas Lyda percebe que a menina é ruiva.

— Levante-se! — grita a guarda para a ruiva. — Vamos.

A menina olha para Lyda e para a guarda. Pega o lenço branco no colo, cobre a cabeça com ele, amarrando-o na nuca. Sai atrás delas.

Elas são levadas a uma sala com três mesas compridas e alguns bancos. Lyda vê outras meninas agora, seus corpos inteiros, não apenas seus rostos, e isso a surpreende. Como se ela tivesse esquecido que as meninas têm corpo. Reconhece algumas delas das janelas dos últimos dias. Elas também estão com a cabeça coberta por lenços, como o de Lyda. Usam macacões brancos idênticos. Por que brancos?, pergunta-se Lyda. É tão fácil de sujar... E então ela pensa que essa é uma ideia antiquada; o medo de manchas pertence à sua antiga vida. Não existe aqui.

Não pode. Não junto ao medo de uma vida toda em confinamento.

As meninas estão tecendo esteiras, como a guarda disse. Elas têm tiras plásticas de cores diferentes, e as entrelaçam em padrões quadriculados, como crianças em uma colônia de férias.

A guarda diz para Lyda e a ruiva se sentarem. Lyda se acomoda perto de uma menina na ponta, e a ruiva se senta à sua frente. A menina começa a pegar tiras — apenas brancas e vermelhas — e as tece rapidamente, de cabeça baixa, prestando atenção no trabalho.

A menina ao lado de Lyda a encara com olhos castanho-escuros, como se a reconhecesse, e depois abaixa a cabeça e volta a tecer. Lyda não conhece essa menina. Por toda a fileira, as meninas parecem se virar rapidamente e dar uma olhada em Lyda. Cada uma que olha cutuca a outra com o cotovelo. É uma reação em cadeia.

Lyda é famosa, mas essas meninas conhecem o motivo da fama melhor que ela.

As guardas foram para um canto. Elas se encostam nas paredes e conversam.

Lyda olha para elas e pega um punhado de tiras plásticas. Seus dedos se movem com nervosismo. Tudo fica quieto por algum tempo, até que a menina ao lado de Lyda se dirige a ela:

— Você ainda está aqui — sussurra.

Ela está se referindo à sala comunitária de artesanato ou ao asilo? Lyda não responde. Por que responderia? Qualquer que seja o

caso, é claro que ela ainda está aqui.

— Todo mundo achou que a esta altura já tivessem acabado com você.

— Acabado?

— Forçando-a a revelar informações.

— Eu não tenho nenhuma.

A menina olha para ela, incrédula.

— Eles sabem para onde ele foi? O que aconteceu? — pergunta Lyda.

— Você deveria saber.

— Não sei.

A menina ri.

Lyda decide ignorar o riso. A ruiva começou a cantarolar enquanto trabalha, uma musiquinha infantil que a mãe de Lyda costumava cantar: “Brilha, brilha estrelinha...” É aquele tipo horrível de música que, uma vez escutada, gruda na cabeça, especialmente quando ela voltar para o confinamento solitário. Isso pode enlouquecer uma pessoa. A ruiva está contaminada pela música, pensa Lyda. Ela espera que não seja contagioso. A menina para de cantarolar por um minuto e olha para Lyda como se quisesse dizer algo, mas não ousa. Volta a cantarolar.

Lyda agora odeia um pouco a ruiva. Ela se vira para a menina de olhos castanhos que riu dela.

— Qual é a graça? — pergunta.

— Você não sabe, não é?

Lyda faz que não com a cabeça.

— Dizem que ele foi de vez.

— De vez para onde?

— Para fora do Domo.

Ela continua tecendo. Fora? Por que ele sairia? Por que alguém sairia? Os sobreviventes do lado de fora são malignos, enlouquecidos. São cruéis, deformados, não são mais humanos de verdade. Lyda já ouviu centenas de histórias sombrias e terríveis sobre as meninas que sobreviveram, as que mantiveram parte de sua humanidade e acabaram estupradas ou devoradas vivas.

O que eles fariam com Partridge? Ele seria estripado, cozido, devorado.

Lyda mal consegue respirar. Ela olha para os rostos, todos pairando sobre as esteiras. Uma menina olha para ela. É pálida e sorridente. Lyda se pergunta se ela está tomando remédios que a fazem sorrir. Por qual outro motivo alguém sorriria naquele lugar?

A ruiva bate sua esteira na mesa, cantarolando sem parar, e encara Lyda como se quisesse sua atenção, ou talvez sua aprovação. É uma simples esteira branca com uma faixa vermelha no meio. Ela olha para Lyda com olhar expectante, como se dissesse Está vendo? Está vendo o que eu fiz?

A menina com olhos castanho-escuros ao lado de Lyda sussurra:

— Ele já deve estar morto. Quem sobreviveria lá fora? Ele ainda não passava de um garoto da academia. Meu namorado disse que ele nem havia terminado a codificação.

Partridge. Lyda tem a sensação de que ele saiu do planeta. Mas morto? Ela ainda acredita que saberia se ele estivesse morto. Ela se sentiria morta por dentro.

E não se sente. Pensa no modo como ele pegou em sua cintura quando dançaram, naquele beijo, e seu estômago dá mais um nó, como sempre acontece quando ela pensa em Partridge. Isso não aconteceria se ele estivesse morto. Ela sentiria medo, pesar. Mas ainda tem esperança.

— Ele conseguiria — sussurra Lyda. — Ele conseguiria sobreviver. A menina ri de novo.

— Fique quieta! — Lyda sussurra de forma grosseira para ela, e depois se vira para a ruiva. — Fique quieta! — repete.

A ruiva fica paralisada.

As outras meninas erguem os olhos.

As guardas olham para a mesa.

— Trabalhem, meninas! — ordena uma delas. — É bom para vocês! Continuem.

Lyda olha para as tiras coloridas. Enxerga-as borradas e distorcidas. Ela começa a chorar, mas seca as lágrimas com o dorso da mão. Não quer que ninguém veja. Continue, pensa ela consigo mesma. Continue.

PRESSIA

CLORO

Não é como Pressia achou que seria. Parece mais um antigo hospital que uma base militar. O ar cheira a antisséptico, limpo demais. Quase cheiro de cloro.

Há cinco leitos neste cômodo, e os garotos deitados neles não se mexem. Estão imóveis. Mas não estão dormindo. Estão de uniforme verde, engomado, à espera de algo. A mão de um deles está rígida, coberta de alumínio vermelho. A cabeça de outro é fundida com pedra. Há um terceiro escondido debaixo de um cobertor.

Pressia sabe que ela também não é muito bonita — o rosto marcado, o punho fundido com uma cabeça de boneca. Ainda está com fita adesiva na boca e as mãos amarradas nas costas, e usando roupas normais, então todos sabem que ela é nova. Se pudesse, Pressia acha que talvez lhes perguntasse o que eles estão esperando, mas será que ela quer mesmo saber?

Ela tenta ficar parada como eles. Tenta imaginar o que aconteceu depois que Bradwell e Partridge se deram conta de que ela havia desaparecido. Quer acreditar que os dois reuniriam forças para vir atrás dela para tentar libertá-la. Mas ela sabe que isso não é possível. Nenhum deles sequer a conhece de verdade.

Partridge a encontrou por acaso; ele tem sua própria missão. Ela pensa em retrospecto e se pergunta se Bradwell gostava dela ou se enxergava apenas um tipo. De qualquer forma, isso não importa. A última coisa que ele tinha a dizer mesmo era que ele havia sobrevivido porque não se envolvia com a vida de outras pessoas.

Pressia tentaria salvá-lo se os papéis estivessem invertidos? Não precisa pensar por muito tempo — ela tentaria. O mundo, por mais terrível que seja, parece melhor com Bradwell nele. Ele tem uma força interior, é cheio de energia, pronto para lutar, e, mesmo que não lute por ela, tem a energia de que todos precisam aqui fora.

Pressia pensa nas duas cicatrizes dele e no farfalhar agitado dos pássaros em suas costas. Ela sente falta dele. É uma dor repentina e aguda em seu peito. Ela não pode negar; quer que ele sinta falta dela também, e que lute para encontrá-la.

Pressia odeia essa sensação no peito, quer que ela suma, mas a dor não diminui.

Ela terá de carregá-la consigo, uma descoberta terrível. A verdade é que Bradwell não está vindo buscá-la, e ele e Partridge se odeiam demais para se manter juntos.

Sem ela, eles devem ter se despedido rapidamente e seguido caminhos distintos.

Ela está por conta própria agora.

O leito duro está cuidadosamente arrumado, o que faz Pressia achar que há uma enfermeira à espreita em algum lugar. A menina já imaginou hospitais como aquele em que ela nasceu — um lugar onde ela poderia ser operada para livrar a mão e seu avô pudesse remover a ventoinha da garganta. Ela se imagina lado a lado com o avô, em leitos com travesseiros macios.

Deitada de lado, ela pode ficar mexendo no cobertor de lã com a mão atrás das costas, mas não consegue fazer mais nada. Às vezes, ela pensa em Deus, e tenta rezar para Santa Wi, mas não vai em frente. A oração simplesmente lhe escapa.

As luzes piscam.

Ouve-se uma saraivada de tiros do lado de fora.

A guarda vem até a porta e olha para dentro. Ela tem um fuzil nos braços, segurando-o como se estivesse caminhando pelos corredores para ninar um bebê, como se houvesse uma ala de maternidade em algum lugar. Ela usa o uniforme verde padrão da OBR, incluindo uma braçadeira com uma garra.

Pressia terá de se explicar mais cedo ou mais tarde. Ela sabe que a OBR não gosta daqueles que não se entregam, daqueles que

precisam ser caçados e capturados. Mas sua resistência pelo menos precisa provar algo, que ela tem alguma força. Pressia acha que pode explicar que teria se entregado, mas que precisa cuidar do avô. É um sinal de lealdade. Eles querem lealdade. Ela precisa dizer o que puder para continuar viva.

Mas ela viu a OBR arrancar pessoas de suas casas, enfiá-las à força na caçamba de suas caminhonetes na frente de crianças, na frente de famílias inteiras.

Ela já os viu matar pessoas no meio da rua. Pergunta-se como Fandra morreu, mas se contém. Ela precisa esquecer isso.

A guarda entra. Todos os rostos se viram para ela, chocados, confusos. Era isso que estavam esperando? A guarda não está mais ninando o fuzil. Está apontando-o para Pressia.

— Pressia Belze? — pergunta.

Pressia sentaria e responderia que sim, mas não pode. Com a fita na boca, ela confirma com a cabeça, deitada de lado, encolhida como um camarão.

A guarda se aproxima e puxa o braço de Pressia, colocando-a de pé. Ela a segue para fora do cômodo, mas olha para os outros garotos que ficaram para trás.

Nenhum deles olha em seus olhos, exceto um. Pressia agora vê que ele é realmente aleijado — uma das pernas de sua calça está vazia. Não há nada ali, e ela sabe que ele não vai sobreviver, não como soldado e talvez nem mesmo como alvo vivo.

Mesmo que isso seja o que sobrou de algum hospital, não tem mais essa função, e talvez o cloro seja usado para encobrir o cheiro de morte. Pressia tenta sorrir para o aleijado, fazer uma pequena gentileza, mas sua boca está tampada com fita, então ele nunca saberá.

A guarda é robusta e atarracada. A pele está queimada, com manchas rosadas brilhosas no rosto, no pescoço e nas mãos. Pressia se pergunta se aquilo cobre o corpo inteiro. Ela tampou um buraco na bochecha com uma moeda antiga.

Anda ao lado de Pressia e, sem nenhum motivo aparente ou imaginável, acerta as costelas dela com a coronha do fuzil. Quando

Pressia se dobra, a guarda diz com um tom de ódio, como se fosse um xingamento:

— Pressia Belze.

Há portas abertas pelo corredor, e dentro de cada cômodo existem leitos e garotos esperando. É tudo silêncio, exceto por murmúrios, o barulho das molas dos leitos e o arrastar de botas.

Pressia agora percebe que este lugar é muito antigo, com o piso de ladrilhos, o mofo, as portas velhas e o pé-direito bem alto. Elas passam por um tipo de salão com um tapete decorativo esfarrapado e uma fileira de janelas grandes. O vidro já se foi há muito tempo, e agora na sala se agita o vento que sopra pelos trapos frágeis das cortinas finas, sujas de cinzas. É o tipo de lugar onde as pessoas ficavam esperando alguém ser trazido até elas — um parente em cadeira de rodas, alguém desequilibrado, talvez insano. Asilos, sanatórios, centros de reabilitação — eles tinham muitos nomes. E também havia as prisões.

Pelas janelas, Pressia vê um alpendre feito de tábuas pregadas, uma parede de pedra coberta de arame farpado e, mais ao longe, colunas brancas que não estão ligadas a nada. São apenas estacas.

A guarda para em frente a uma porta e bate.

— Entre! — grita uma voz masculina, grosseira e preguiçosa.

A guarda abre a porta e empurra Pressia de novo com a coronha do fuzil.

— Pressia Belze — anuncia, e como essa é a única coisa que Pressia a ouviu falar, a menina se pergunta se ela só sabe dizer isso.

Há uma escrivaniinha, com um homem sentado atrás dela, ou melhor, dois homens. Um é grande e corpulento. Parece muito mais velho que Pressia, mas é difícil definir a idade com tantas cicatrizes e queimaduras. O homem maior parece ao mesmo tempo velho e jovem, mas pode ser só ligeiramente mais velho que Pressia, apenas mais cansado. O homem menor parece ter a mesma idade dela, mas ao mesmo tempo parece indefinível devido a certo vazio no olhar. O maior usa uniforme cinza, é algum tipo de oficial, e está comendo um minúsculo frango cozido em uma lata. O frango ainda está com a cabeça.

E o homem nas costas dele é pequeno. Está fundido ali. Os braços fininhos estão pendurados em volta do pescoço grosso do homem grande, costas largas junto a um peito magro. Pressia se lembra do motorista da caminhonete e da cabeça que parecia estar flutuando atrás dele. Talvez sejam esses dois.

— Tire a fita. Ela precisa falar — ordena o homem grande para a guarda.

Os dedos do homem estão cobertos de gordura de frango. As unhas são ao mesmo tempo sujas e brilhosas.

A guarda arranca a fita com força. Pressia lambe os lábios e sente gosto de sangue.

— Você pode ir — diz ele à guarda.

A mulher sai, fechando a porta com mais delicadeza do que Pressia esperava. Ela trava com um clique suave.

— Então — começa o homem grande. — Sou El Capitán. Aqui é a sede. Eu sou o encarregado.

O homem pequeno em suas costas sussurra:

— Eu sou o encarregado.

El Capitán o ignora, pega um pedaço da carne escura e enfia na boca gorda.

Pressia se dá conta de que está morrendo de fome.

— Onde eles encontraram você? — pergunta El Capitán, enquanto levanta um pedaço menor de carne por cima do ombro, alimentando o homem em suas costas direto na boca, quase como um bebê pássaro.

— Eu estava na rua — conta Pressia.

Ele olha para ela.

— Só isso?

Ela confirma com a cabeça.

— Por que não se entregou? — pergunta El Capitán. — Gosta de uma perseguição?

— Meu avô está doente.

— Sabe quantas pessoas têm a desculpa de que alguém na família está doente?

— Acho que muitas pessoas têm parentes doentes, se tiverem qualquer família.

Ele inclina a cabeça, e Pressia não sabe como interpretar sua expressão. Ele volta ao frango.

— A revolução está chegando, então minha pergunta é: você consegue matar?

El Capitán diz isso sem muita expressividade. É como se estivesse recitando um folheto de recrutamento. Ele não parece muito dedicado.

A verdade é que a fome tem algo que faz Pressia querer matar pessoas. Isso aflora nela, esse desejo terrível.

— Eu poderia aprender a matar.

Ela se sente aliviada por seus pulsos ainda estarem amarrados nas costas.

Ele não pode ver o punho de cabeça de boneca.

— Um dia nós iremos derrubá-los. — A voz dele fica suave. — Na verdade, é só isso o que eu quero. Eu gostaria de matar um Puro antes de morrer. Só um. — Ele suspira, esfrega os nós dos dedos na escrivaninha. — E seu avô?

— Não há nada que eu possa fazer por ele agora — diz Pressia.

E ela se dá conta de que isso é verdade, e um estranho alívio. Ela se sente imediatamente culpada. O avô tem a lata de carne e a estranha laranja vermelha da mulher que ele suturou, e uma última fileira de criaturas artesanais com que barganhar.

— Eu entendo de responsabilidades familiares — diz El Capitán. — Helmud — ele aponta para o homem em suas costas —, meu irmão. Eu o mataria, mas ele é da família.

— Eu o mataria, mas ele é da família — diz Helmud, cruzando os braços embaixo do pescoço dele como um inseto.

El Capitán arranca uma coxa de frango e a segura para Helmud mordiscar, mas não muito, só um pouco; depois puxa de volta.

— Mas, ainda assim — diz ele —, você é pequena, como se nunca tivesse feito uma refeição de verdade. Não sobreviveria. Eu diria, seguindo minha intuição, que você deveria ser útil, mas apenas por sua própria conta.

Pressia sente um embrulho no estômago. Ela pensa no aleijado sem perna.

Talvez não haja muita diferença entre os dois.

El Capitán se inclina para a frente e desliza os dois cotovelos pela escrivaninha.

— É meu trabalho tomar esse tipo de decisão. Você acha que eu gosto?

Ela não sabe se ele gosta ou não.

Então ele se vira e grita com Helmud.

— Pare com isso aí atrás!

Helmud vira os olhos arregalados para cima.

— Ele está sempre tamborilando. Dedos nervosos. Tamborila, tamborila, tamborila. Você algum dia vai me deixar louco, Helmud, com essa palhaçada de nervosismo. Está me ouvindo?

— Está me ouvindo? — diz Helmud.

El Capitán puxa uma pasta da pilha.

— Mas é estranho. Aqui em sua ficha diz que você foi convocada. Para ser oficial. Disseram que devemos manter sua educação intacta e que eu devo enviá-la para treinamento.

— Sério? — pergunta Pressia. Isso imediatamente lhe parece um mau sinal. Será que eles sabem de sua ligação com o Puro? Por que outro motivo ela se destacaria? — Treinamento para oficial?

— A maioria das pessoas pareceria um pouco mais feliz — diz El Capitán, e então ele esfrega a boca gordurosa e abre uma caixa de charutos que está em cima da escrivaninha. — Na verdade, eu diria que você teve uma puta sorte. — Ele acende o charuto e deixa a fumaça encobrir sua cabeça. — Sua sortuda!

O rosto do irmão dele agora está escondido atrás da cabeça de El Capitán, mas Pressia ainda consegue ouvir sua voz.

— Sua sortuda — sussurra ele. — Sua sortuda.

PARTRIDGE

HISTÓRIA SOMBRIA

Eles estão de volta ao frigorífico de Bradwell. O lugar cheira a carne defumada. Bradwell requentou sobras de um híbrido carnudo no fogão enquanto Partridge se trocava e vestia as roupas dele. Bradwell diz para ele comer.

— Precisamos de combustível.

Mas Partridge está sem apetite. Ele não se reconhece agora que está usando as roupas de Bradwell. A camisa é muito folgada, as calças são muito curtas. As botas são tão grandes que os pés escorregam. Partridge se sente outra pessoa.

Ele disse que não tinha chip, mas Bradwell tinha certeza de que ele estava grampeado de alguma forma e disse que seria preciso queimar todas as suas roupas e os pertences de sua mãe, o que ele não sabe se será capaz de fazer.

No chão, Bradwell espalhou todos os papéis que acha que o ajudarão a descobrir o panorama — e-mails impressos dos pais dele, alguns documentos originais em japonês, anotações manuscritas, um pedaço de um diário de seus pais e, agora, para completar, os pertences da mãe de Partridge. É estranho ver tudo disposto, como peças tiradas de vários quebra-cabeças diferentes. Como elas poderiam se encaixar para formar um todo? Não é possível. Mas Bradwell parece quase eletrizado com as possibilidades. Ele engoliu a comida e agora anda ao redor das evidências. Nem as asas em suas costas conseguem ficar quietas.

Partridge concentra a atenção nos recortes sobre seu pai — algumas fotos dele ao microfone, às vezes inclinado para a frente com uma das mãos na gravata, uma falsa humildade que Partridge despreza. Seu pai está ao fundo em muitas outras fotos de jornal, aparecendo nas margens.

— Eu nem o reconheço — diz Partridge. — Quer dizer, como ele era de verdade?

— Seu pai? Um homem de frases curtas, frases de efeito otimistas e muitas promessas. Mestre das evasivas, entre outras coisas.

Partridge pega um dos recortes empoeirados. Olha fixamente para o rosto pálido do pai, seus lábios finos, seus olhos sempre se esquivando da câmera.

— Ele é um mentiroso. Sabe mais do que está disposto a dizer.

— Aposto que ele sabia de tudo — assinala Bradwell.

— Tudo o quê?

— Tudo desde a Segunda Guerra Mundial.

— Segunda Guerra Mundial?

— Meus pais estudaram isso — explica Bradwell. — Otten Bradwell e Silva Bernt. Eles foram identificados ainda jovens, assim como seu pai, jovens recrutados para os Melhores e Mais Inteligentes. Foram tirados de seus respectivos colégios a alguns estados de distância um do outro, em tardes aleatórias do último ano do ensino médio, e levados para almoçar em um Red Lobster.

— Red Lobster?

— Uma cadeia de restaurantes, provavelmente parte do protocolo. Alguém havia desenvolvido uma pesquisa e descoberto o restaurante perfeito para atrair jovens recrutados vindos de ambientes modestos. Seu pai, provavelmente, foi levado a um Red Lobster também quando estava no ensino médio.

Partridge não consegue imaginar que seu pai algum dia tenha tido a mesma idade que ele. Impossível. Ele sempre foi velho. Nasceu velho.

— Mas, diferentemente de seu pai, os meus recusaram. Eles costumavam brincar que o Red Lobster não havia funcionado para nenhum dos dois. Eles eram imunes a Red Lobster.

Partridge não gosta do modo como o relato de Bradwell faz seu pai parecer fraco. Ele não gosta da maneira como o nome de seu pai soa na boca de Bradwell.

— Onde você encontrou isso tudo? — pergunta Partridge.

— Meus pais sabiam o que estava para acontecer. Eles tinham um cofre secreto com paredes duplas reforçadas com aço. Depois que meus tios morreram, eu voltei à minha casa, toda queimada. Sem pensar muito, descobri a senha de quatro dígitos: oito-um-zero-cinco, o número da primeira casa onde eles moraram, onde eu nasci, para falar a verdade, na Filadélfia. Não foi fácil, mas eu arrastei o baú comigo até chegar a este lugar.

— As coisas de minha mãe podem não ser nada — diz Partridge. — Mas, da primeira vez que peguei seus pertences, elas pareceram importantes, como provas, algo que pudesse me levar até ela. Talvez seja idiota.

Bradwell toca na caixinha metálica intacta de música, passa um dedo no cartão de aniversário, de leve, no desenho de balões da frente, como se os objetos fossem sagrados. Mas Partridge nunca lhe diria que é o que o gesto parece. Ele sabe que Bradwell odiaria a ideia de que todos queiram tratar com reverência qualquer coisa vinda do Domo.

— Não vejo nada assim desde as Explosões, sem estar queimado ou chamuscado, nem parcialmente destruído ou sujo de cinzas. Isso tinha que estar dentro do Domo antes das Explosões. — Ele toca no pingente dourado, no cisne de olho azul e nas bordas lisas do cartão de aniversário. — Meu Deus! — exclama ele, tomado por uma súbita onda de raiva. — Como é andar perfeito por aí, hein, Partridge? Sem cicatrizes, sem queimaduras, sem pássaros. Ter uma vida sem marcas?

A pergunta irrita Partridge.

— O fato de eu viver em um Domo não significa que nunca sofri. Quer dizer, não é como o seu sofrimento. O que poderia se comparar a isso, não é? Quer um prêmio por isso? Uma medalha que diz Primeiro Lugar em Sofrimento? Você ganhou, Bradwell. Está bem? Você ganhou.

— Não se trata de nós dois.

— Então pare de falar como se fosse.

— Temos que pensar com calma e afastar da cabeça as conclusões mais óbvias e enganosas. Não queremos ver o que está sendo representado. Queremos ver o que há realmente aqui, e as sombras por trás disso. A história sombria.

— Certo — concorda Partridge, embora ainda esteja bravo e não imagine como conseguirá pensar com calma.

— Quantos anos você tinha quando aconteceram as Explosões?

— Oito e meio.

— Isto foi para seu aniversário de nove anos.

— Eu sei. Meu pai nunca me entregou.

— Ela sabia que não estaria com você em seu aniversário, que estaria morta ou...

— Ou ainda aqui fora.

— Por que ela só deixou cartão para um aniversário? Por que não deixou para todos?

— Talvez seja prova de que ela está viva. Ela achou que nos reencontraríamos antes de eu completar dez anos.

— Ou talvez tenha sido o único que seu pai guardou — continuou Bradwell. — Se os pertences de sua mãe estavam no Domo antes das Explosões, isso significa que vocês fizeram as malas antes e se mudaram?

— Permitiram que levássemos alguns itens pessoais; não porque soubéssemos que as Explosões iam acontecer, na verdade era só por via das dúvidas.

— Quanto tempo antes das Explosões?

— Estávamos visitando o Domo no dia das Explosões. Passeamos pelo que seria nosso pequeno apartamento. Eu coloquei debaixo do beliche a caixinha com meus pertences, coisas idiotas: um videogame, um bicho de pelúcia que ganhei em uma máquina e achava que dava sorte.

— Bem, quando todos vocês levaram suas caixinhas com pertences, sua mãe já devia saber que havia uma chance de que ela não estaria com você.

— Acho que sim.

— Willux pode ter roubado algumas coisas antes de deixar a esposa para trás. De propósito. Se for isso, significa que os objetos são valiosos. Será que ele plantou essas coisas porque sabia que eram importantes, só não sabia o porquê? Ele queria que você as encontrasse, esperando que isso lhe provocasse algo? — Bradwell dá corda na caixa de música e a abre. — E essa melodia?

— O que tem ela?

— Provoca algo em você?

— Como eu disse, é uma canção infantil que eu acho que ela inventou. Não é nada.

Bradwell ergue a corrente de ouro do colar e observa o cisne girar, as asas do pingente bem abertas.

Partridge sente a energia de Bradwell. Pergunta:

— Tem alguma ideia? Um plano?

Na superfície começou a ventar, e ouve-se o barulho de escombros sendo arrastados. Bradwell ergue os olhos para cima e depois para o colar enrolado em seus dedos.

— Sabe o que poderia ajudar? — indaga ele. — Informações sobre sua mãe.

— Duvido que eu consiga responder a qualquer pergunta sobre ela. Eu mal a conhecia.

— O que você sabe dela?

— Era inteligente e bonita. Conheceu meu pai quando era um pouco jovem.

Partridge pega o cartão de aniversário e passa o dedo no relevo do desenho na frente, nos balões multicoloridos.

— Eles tinham um casamento feliz? — indaga Bradwell.

— Isso é meio pessoal, não é?

— Tudo é relevante.

— Acho que foram felizes em algum momento. Mas eu não me lembro dos dois rindo juntos ou se beijando. A atmosfera em casa era sempre, não sei, pesada. Eles eram formais um com o outro. Educados de um jeito esquisito. No final, acho que ela o odiava.

— Por que você acha isso?

Ele hesita.

— Não sei. Pais às vezes se odeiam, não é?

— O que sua mãe fazia?

— Ela era linguista. Falava muitos idiomas. Meu pai dizia que ela também era fluente em gestos. Qualquer que fosse a língua que estivesse falando, ela estava sempre mexendo as mãos. — Partridge sacode as mãos no ar. — Ela supostamente me levou para a Ásia durante um ano, quando eu era pequeno. Algum trabalho por lá, uma oportunidade. Ela queria retomar sua carreira. Eu era só um bebê, tinha um ano, mais ou menos.

— Isso é estranho. Não é? Deixar o marido e um dos filhos e levar o bebê para a Ásia para trabalhar durante um ano?

— Meu irmão mais velho já estava no jardim de infância.

— Mesmo assim...

— Acho que é estranho. — Partridge se senta em uma das poltronas. Ele se recosta no assento. Será que Bradwell o está atijando? — Eu não sei o que é estranho e o que é normal, na verdade.

— Onde está seu irmão agora?

— Está morto — responde Partridge rapidamente, como se assim a dor em seu peito ficasse mais fraca.

Bradwell hesita por um instante.

— Sinto muito.

Na verdade, parece um pedido de desculpas por muitas coisas, como achar que a vida de Partridge era moleza.

Mas Partridge não assume uma postura arrogante, e ele sabe que poderia.

— Está tudo bem.

— Como ele morreu?

Partridge olha à sua volta sem mexer a cabeça. Seus olhos divagam — as paredes metálicas, os ganchos no teto com animais pendurados, o baú.

— Ele se matou.

— No Domo? — Bradwell parece incrédulo. — Como alguém com a sorte de viver no Domo vai se matar?

— Não é tão incomum. Isso não tem nenhum estigma pesado como antigamente. Com muito poucas mortes por doença e a teoria

dos recursos limitados, ainda é terrível, mas não é visto como um ato egoísta. Em alguns casos, é quase um gesto generoso.

— A teoria dos recursos limitados? — pergunta Bradwell. — Eles planejaram o apocalipse porque queriam que a Terra sobrevivesse, se regenerasse, de modo que, quando eles esgotarem os recursos limitados, estarão prontos para usar os do mundo de novo. É um plano muito bom.

— É isso o que você pensa mesmo?

— É o que eu sei.

— Só sei que meu irmão era um cara bom, e as pessoas o admiravam. Ele era muito honrado, e era melhor do que eu, na verdade. Uma pessoa melhor. Há coisas piores do que suicídio. É só isso o que estou dizendo.

— Coisas piores como o quê?

— Para que todas essas perguntas? Nós temos um plano?

Bradwell tira uma pequena faca da cintura. Ele coloca o pingente de cisne em cima do baú e se ajoelha diante dele.

— O que você está fazendo? — pergunta Partridge.

Bradwell levanta o cabo da faca e, em um movimento rápido, bate-o com força no pingente. A barriga do cisne racha ao meio.

Sem pensar, Partridge avança e empurra Bradwell no chão. Ele imobiliza a mão da faca, agarra o outro pulso também, e o usa para aplicar pressão no pescoço de Bradwell.

— O que você fez? — grita Partridge. — Isso era de minha mãe! Sabe o quanto vale para mim?

Bradwell contrai os músculos do pescoço e se esforça para falar.

— Não dou a mínima para o que você valoriza — diz ele.

Partridge o empurra e depois solta. Bradwell se senta e passa a mão no pescoço. Partridge recolhe os dois pedacinhos do cisne. O pescoço, o olho de pedra e a argola para prender o pingente na corrente ainda estão intactos. Só a barriga está partida ao meio, revelando um centro oco. Partridge olha atentamente para as duas metades.

— Não é só um pingente, não é? — indaga Bradwell, sentando-se com as costas apoiadas na parede metálica. — Tem um centro oco. Estou certo?

— Por que diabos você fez isso?

— Eu tive que fazer. Tem alguma coisa aí dentro?

Partridge ergue o pingente e vê marcas estrangeiras que não consegue ler.

— Não sei. Uma inscrição. Não consigo entender. Está em outra língua.

Bradwell estende a mão.

— Posso olhar?

Relutante, Partridge coloca as duas metades na mão espalmada de Bradwell. Ele as analisa com cuidado, aproximando-as da lâmpada no meio da sala.

— Sabe o que está escrito? — pergunta Partridge, impaciente.

— Passei anos estudando japonês sozinho. Meu pai era fluente, e a pesquisa dele contém muito trabalho de tradução. Eu não falo a língua. Mas consigo ler um pouco. — Partridge chega perto dele debaixo da lâmpada. — Isso aqui — diz Bradwell, apontando para os primeiros dois caracteres: — Isto significa “minha”. — E depois ele passa o dedo para o grupo seguinte: — E esta é uma palavra que eu reconheceria em qualquer lugar. Significa “fênix”.

— Minha fênix? — pergunta Partridge. — Não faz nenhum sentido. Meu pai não falava japonês. Eu nunca o ouvi chamar minha mãe por nenhum apelido. Ele não era desse tipo.

— Talvez isso não tenha sido dele.

— O que significa minha fênix?

— Não sei de quem isso veio, mas é pesado. Quer dizer que sua mãe e quem quer que tenha dado o pingente a ela sabiam de muita coisa — explica Bradwell. — Talvez ela também soubesse de tudo.

— De tudo? O que isso significa?

— Operação Fênix — diz Bradwell. — É o nome da missão toda.

— As Explosões?

— Armagedon. Novo Éden. Filhote de seu pai. Uma nova civilização nasceria das cinzas como uma fênix. Um nome inteligente, não é?

Bradwell se levanta. Ele tosse. Seu pescoço está vermelho. Partridge se sente um pouco culpado agora por tê-lo esganado.

Bradwell entrega a Partridge um cesto de metal, que provavelmente era utilizado para conter entranhas.

— Coloque suas roupas e as coisas de sua mãe aqui. Precisamos colocar fogo. Destruir qualquer chip.

Partridge se sente atordoado. Ele entrega o pequeno bolo de roupas e a mochila, embora já tenha tirado todos os pertences de sua mãe.

— E se eu apenas vasculhar as coisas dela? — indaga ele. — Tenho certeza de que está tudo bem.

Partridge passa o dedo no desenho em alto-relevo na frente do cartão de aniversário, à procura de chips. Sente uma pequena saliência dura. Molha os dedos com a língua e esfrega a frente do cartão. O papel solta, desfazendo-se. E lá está um chip muito pequeno, fino como uma folha de papel, mas duro, um plástico branco, um sensor minúsculo.

— Merda! — exclama ele. — Esse cartão é ao menos verdadeiro? Minha mãe realmente escreveu isso? — Ele anda pelo frigorífico, traçando um pequeno círculo. — Glassings conseguiu permissão para uma excursão. Meu professor de história geral. Talvez eles quisessem que eu roubasse as coisas. Talvez soubessem que eu roubaria, e plantaram tudo.

— Mas o cartão pode ser verdadeiro. Colocaram o chip depois. — Bradwell estende a mão e Partridge lhe entrega o chip. — Vamos dar uma perseguição para eles.

Bradwell fixa o chip em um arame, usando alguma resina caseira de cheiro forte dentro de um vidro. Ele abre a gaiola das duas criaturas parecidas com ratos.

Pega a criatura caolha e a aproxima do peito. O rato se contorce enquanto Bradwell enrola o arame no corpo dele, torcendo as duas pontas para prendê-lo. Então leva o animal até um ralo no chão, retira a tampa e enfia a criatura lá dentro. Partridge escuta o rato cair no chão e sair correndo.

Bradwell derrama um líquido de cheiro forte nas roupas dentro do balde de metal. Partridge pega a caixa de música e dá corda pela última vez.

Bradwell coloca fogo no balde. Uma chama surge.

Quando termina a música, Partridge lhe entrega a caixa. Bradwell a joga no balde. Eles ficam ali parados, observando as chamas.

— Cadê a fotografia? — pergunta Bradwell.

— Sério? Até isso?

Bradwell confirma com a cabeça.

Bradwell não a tira do plástico protetor. Não pode olhar para ela de novo.

Consola-se com o fato de que a imagem está gravada em sua mente. Ele a segura acima do balde, solta e olha para o outro lado. Não quer ver as chamas descascarem o rosto de sua mãe.

Partridge então pega o pedaço do pingente que ainda está com a argola intacta presa à corrente, a parte com a joia azul.

— E se Pressia voltar aqui? — pergunta. — Quero que ela saiba que nós a estamos procurando, que não desistimos. Podíamos deixar metade deste pingente para ela. Levaríamos a metade com a inscrição. Ela ficaria com a metade que tem a pedra azul.

Bradwell vai até o esconderijo das armas. Ele se ajoelha, remove os tijolos e tira facas, cutelos, ganchos e uma pistola atordoadora.

— Não sei.

— Não posso queimar isso — diz Partridge. — Simplesmente não posso.

Bradwell está organizando as armas.

— Está bem. Fique com metade, deixe a outra metade. Aqueça o suficiente para queimar qualquer chip. Temos que ser rápidos agora. Quanto mais tempo perdermos, menos chances teremos de encontrá-la.

Ele prende uma faca de açougueiro e um gancho em faixas dentro da jaqueta e no cinto.

— Para onde estamos indo? — pergunta Partridge, baixando o colar nas chamas.

— Só existe uma pessoa que eu sei com certeza que não é controlada pelo Domo — diz Bradwell. — Ela vive na Terra Derretida, que é muito grande. É a única pessoa que tem poder e em quem podemos confiar.

— Se a Terra Derretida é grande, como iremos encontrá-la?

— Não é assim que funciona — explica Bradwell, entregando um gancho de carne e uma faca a Partridge. — Nós não a encontraremos. Ela nos encontrará.

PRESSIA

JOGO

Agora Pressia está sentada na beira de seu leito e espera. Pelo quê? Ela não sabe. Tem seu próprio uniforme verde. Ele serve. As calças têm bainhas dobradas e pregas. A barra roça na altura certa nas botas quando ela anda. As botas são pesadas e duras. Pressia mexe os dedos dentro delas. As meias são de lã, quentes.

Ela não sente falta dos tamancos. Nunca diria isso ao avô, mas adora estas botas, sapatos resistentes que não saem dos pés.

Ela tem vergonha de admitir que tudo isso é muito agradável — roupas quentes e do tamanho certo. O avô lhe disse que seus pais tiraram uma foto dela no primeiro dia no jardim da infância, usando uniforme da escola, parada do lado de uma árvore no jardim. Este uniforme faz Pressa sentir-se firme, protegida. Ela faz parte de um exército. Tem suporte. E se odeia por esse sentimento inegável de unidade. Ela odeia a OBR. Odeia mesmo. Mas seu segredo obscuro, que ela nunca admitiria para ninguém, especialmente para Bradwell, é que ela adora o uniforme.

Pior ainda, a braçadeira amarrada em seu braço exerce uma influência mágica nos outros garotos em seu cômodo. Está bordada com um emblema de garra negra, o símbolo da OBR, do mesmo tipo que está pintado nas caminhonetes, nos comunicados, em tudo que é oficial. A garra significa poder. Os garotos ficam olhando para ela tanto quanto para o punho de cabeça de boneca, como se um anulasse o outro. Pressia odeia o fato de o uniforme não deixá-la esconder a cabeça de boneca. As mangas terminam bem no pulso.

Mas ela é tão poderosa devido à braçadeira com a garra preta que quase não se importa. Na verdade, ela sente o desejo inexplicável de sussurrar para eles que, se também tivessem punho com cabeça de boneca, eles seriam sortudos a ponto de ganhar uma braçadeira com garra. É uma mistura doentia de orgulho e vergonha.

Pressia tem vergonha também do fato de ter comido tão bem. O jantar da noite passada e o café da manhã de hoje cedo foram trazidos em bandejas. Nas duas vezes, havia um tipo de sopa, um caldo escuro e oleoso com alguns pedaços de carne boiando dentro, e cebolas também. Um redemoinho gorduroso. E duas pontas de pão, uma fatia grossa de queijo e um copo de leite. O leite estava fresco.

Em algum lugar por aqui há uma vaca que dá leite. Ela considera o fato de haver comido uma espécie de desistência, uma traição a tudo em que acredita. Mas, se ela quer escapar, precisa estar forte. Pelo menos é assim que tenta racionalizar a situação para si mesma.

Os outros receberam apenas pão, fatias finas de queijo e canecas de água turva. Ficaram olhando para ela com desconfiança e inveja.

Nenhum dos recrutas diz nada. Pressia percebe que eles já foram punidos por isso. Mas se pergunta se há regras diferentes para ela. É a primeira vez na vida que ela se sente com sorte. Sua sortuda! Foi o que El Capitán disse. Sua sortuda!

Ela sabe que não deve confiar nisso. Que não deve confiar em nada. O tratamento especial tem a ver com o Puro. Não há outra explicação, certo? Caso contrário, ela seria um alvo vivo, provavelmente já estaria morta. Mas não está claro o que exatamente esperam dela.

Depois que a guarda olha dentro do cômodo e vai embora, Pressia cria coragem e quebra o silêncio.

— O que estamos esperando?

— Nossas ordens — sussurra o aleijado.

Pressia não sabe onde ele conseguiu essa informação, mas parece legítima.

Ela está esperando para começar o treinamento. Treinamento para oficial.

A guarda aparece na porta, pronuncia um nome, Dirk Martus, e um dos garotos se levanta e a segue.

Ele não volta.

O dia se estende. Pressia às vezes pensa no avô. Pergunta-se se ele comeu a fruta estranha que a mulher deu em troca por ter sido suturada. Pensa em Frido.

Será que seu avô lubrificou as engrenagens dele? Pensa nas borboletas no peitoril da janela. Será que ele as usou no mercado? Quantas ainda restam?

Pressia tenta imaginar Bradwell em sua próxima reunião. Será que ele pensa nela? Será que pelo menos se pergunta o que aconteceu com ela? E se um dia ela for a oficial que descobre uma daquelas reuniões? Ele não veio atrás de Pressia, e essa seria a chance dela de entregá-lo. Ela o deixaria escapar, é claro. Ele ficaria devendo sua liberdade. O mais provável é que nunca se vejam de novo.

Ela ouve o tiroteio ao longe e tenta estabelecer algum padrão vago para os disparos, mas não encontra nenhum.

Pensa em comida, é claro. Pressia espera que tenha mais. É perturbador o tanto que ela deseja ser cuidada. Se conseguir manter tudo andando por aqui, talvez ela se torne uma oficial e possa conseguir proteção para seu avô. Ela ainda poderia salvá-lo, se conseguir salvar a si própria.

— Pressia Belze.

A guarda aparece na porta de novo.

Pressia se levanta e a acompanha para fora do cômodo.

Dessa vez todos observam Pressia sair.

— Você foi convidada para participar do Jogo — diz a guarda no corredor.

— Que tipo de jogo? — pergunta Pressia.

A guarda olha para ela como se quisesse acertá-la com a coronha do fuzil, mas Pressia será uma oficial. Ela usa a braçadeira com a garra.

— Não sei — responde a guarda.

E Pressia percebe que ela está dizendo a verdade. A guarda não sabe porque nunca foi convidada para o Jogo.

A guarda a acompanha por um corredor e a leva para fora por uma porta dos fundos, e Pressia se vê parada no frio. É o meio da manhã. Pressia fica surpresa por ter perdido a noção do tempo.

Na base de um barranco há uma floresta, carbonizada e devastada pelas Explosões. Ela consegue ver a imagem fantasmagórica de como a floresta era antigamente — árvores mais altas, pássaros voando, folhas se agitando.

— Aqui deve ter sido um lugar bonito no Antes — diz Pressia.

— O quê? — pergunta a guarda.

Pressia está constrangida. Queria que não tivesse dito isso em voz alta.

— Nada.

— Ali — aponta a guarda —, lá embaixo. Está vendo ele?

Na sombra, Pressia enxerga El Capitán. Seu irmão Helmud, de longe, faz El Capitán parecer corcunda. A ponta do charuto aceso brilha. Ele está com um fuzil pendurado no peito, a alça envolvendo também Helmud.

Pressia se vira para a guarda.

— Vocês fazem o Jogo lá fora?

Ela estava esperando um jogo de cartas? Seu avô uma vez lhe explicou o jogo de sinuca — bolas coloridas, lances de tabela, caçapas de canto, tacos.

— Sim, lá fora — responde a guarda.

Pressia não gosta de florestas e arbustos.

— Qual é o nome desse jogo? — pergunta.

— O Jogo.

Pressia não gosta do modo como a guarda fala, mas finge não estar nervosa.

— Muito original, como chamar um gato de estimação de Gato.

A mulher a encara por um instante, sem expressão, e então lhe entrega uma jaqueta que estava carregando no braço.

— Para mim?

— Vista.

— Obrigada.

A guarda não diz nada. Volta para dentro e fecha a porta.

Pressia adora a jaqueta — o jeito volumoso dela —, é como andar dentro de um pão quentinho. Nada passa por ela, nem o frio, nem o vento que bate forte e depois para. São esses detalhes que as pessoas deveriam apreciar, esses prazeres simples. É tudo o que Pressia tem neste momento. A jaqueta é quente, e às vezes é preciso apenas ficar grato por isso. Quando foi a última vez que uma jaqueta a deixou aquecida assim? Ela sabe que pode morrer aqui fora. Toda essa história de oficial é bobagem. O Jogo pode ser uma partida em que ela é capturada. Pressia sabe disso. Ainda assim, pensa, pelo menos ela morreria com um casaco quente.

Ela desce o barranco, perguntando-se o que deveria dizer a El Capitán.

Deveria chamá-lo de El Capitán? É um nome estranho. Será que ele mesmo inventou? Se Pressia o chamar de El Capitán, será que vai parecer forçado, ou pior, um pouco falso? Ela não quer que El Capitán pense que está sendo zombado. É apenas uma questão de tempo até ele perceber que Pressia não tem nenhuma ligação de verdade com o Puro. Ela o conheceu na rua. Levou-o até o antigo endereço dele, um monte de escombros. Quando El Capitán descobrir isso, Pressia espera ter caído em suas boas graças — se é que boas graças têm importância aqui.

Ela decide não dizer seu nome.

Quando chega à base do barranco, fica ali parada por um instante, sem saber como começar. El Capitán dá uma baforada no charuto e seu irmão encara Pressia com seus olhos distantes.

El Capitán parece enojado e já cansado. Ele examina Pressia de esguelha e sacode a cabeça, como se discordasse daquilo tudo, mas estivesse resignado.

Entrega a Pressia um fuzil extra e diz:

— Imagino que você não saiba atirar.

Pressia segura aquilo como se fosse um instrumento musical ou uma pá. Ela nunca viu uma arma de fogo tão de perto antes, e muito menos segurou uma.

— Nunca tive o prazer. — responde ela

— Assim — explica El Capitán, tirando o fuzil da mão dela de forma brusca.

Ele mostra a Pressia como segurar o fuzil e olhar pela mira, e então devolve a arma.

Ela segura o gatilho com a mão boa e equilibra a parte comprida da arma no punho de cabeça de boneca.

A cabeça de boneca faz El Capitán hesitar; dá para ver. Mas ele está acostumado com deformidades. E já recebeu sua cota de comentários, não é? Um homem que carrega o irmão nas costas?

— Você consegue pelo menos flexionar isso no pulso, criar uma pegada firme? — limita-se a perguntar.

Pressia consegue, é claro. Ela teve de desenvolver uma pegada ao longo dos anos.

Mas, então, ele empurra um dos cotovelos dela, ajustando-lhe a postura.

Por um instante, parece quase fraternal, e Pressia não consegue deixar de pensar em quando seu avô a ensinou a usar um taco de golfe imaginário, envolvendo-a com os braços e segurando suas mãos. Ele lhe disse que havia terrenos irregulares com gramados verdes que não acabavam mais, e que os tacos de golfe eram cobertos com chapeuzinhos de tricô feitos sob medida. Mas essa gentileza não dura muito. El Capitán olha para ela e diz:

— Não entendo.

Ele joga o toco de charuto no chão e o amassa com o calcanhar da bota.

— O quê?

— Por que você?

Pressia dá de ombros, e ele a observa com desconfiança, depois tosse e cospe no chão.

— Não dispare ainda. Não queremos anunciar nossa posição. Apenas treine — aconselha ele. — Respire fundo antes de apertar o gatilho, solte o ar, apenas metade. Depois atire.

— Atire — sussurra o irmão dele, assustando Pressia.

Ela quase se esquecera de que ele estava ali.

Pressia mira e pensa na respiração. Inspira, segura, imagina o estampido da arma, depois solta o ar.

— Não se esqueça disso — diz El Capitán, e abaixa o cano da arma dela. — E não aponte isso para mim enquanto estivermos

andando.

Pressia pensa em Helmud. El Capitán não deveria se referir a si mesmo no plural? Só não aponte isso para nós — certo?

El Capitán dá um tapinha nas costas dela.

— Siga-me.

— Mas o que é o Jogo? — pergunta ela.

— Não há regras, é só um jogo de pega-pega. Cace seu inimigo. E então atire em vez de pegar.

— O que estamos caçando?

— Quem estamos caçando — corrige El Capitán.

Pressia tenta pensar na jaqueta, na sensação de caminhar dentro de um pão quentinho.

— Quem, então?

— Um novato. Alguém como você. Mas esse não é tão sortudo quanto Pressia Belze.

Ela não gosta do modo como ele fica chamando-a de sortuda. É como se estivesse zombando dela.

Pressia olha para Helmud.

— O novato está armado? — pergunta ela.

— Desarmado. Essas foram as ordens. Estou iniciando você no nível A. Considere isso parte de seu treinamento para oficial.

Eles estão em uma trilha desgastada que atravessa o bosque, em declive.

— Quem deu as ordens? — pergunta Pressia, preocupada por talvez estar sendo ousada demais.

Mas oficiais devem ser ousados, diz a si mesma.

— Ingership — responde El Capitán. — Eu tinha esperança de que ele tivesse esquecido o Jogo. Já faz algum tempo. Mas ordens são ordens.

E se ele não atirasse nos novatos, mas os deixasse fugir? Ordens precisam ser ordens? Talvez seja por isso que Pressia está sendo treinada para oficial. Ela deve aprender a não fazer esse tipo de pergunta.

Ela ouve um barulho atrás de si. Será que é o novato em quem ela deve atirar? El Capitán não se vira, então Pressia também não se vira. Ela não quer atirar em um novato, alguém como ela, mas que

não é sortudo. Pressia sabe que não terá sorte para sempre. Isso é apenas algum erro. Mais cedo ou mais tarde alguém, talvez esse Ingership, envie uma mensagem de algum outro nível e diga que ela é a menina errada. Não é Belze, dirão. Era outra pessoa. E então ela estará aqui no bosque, sendo caçada por El Capitán e por um oficial em treinamento que nunca teve o prazer de disparar uma arma antes. Pressia jamais gostou de jogos. Nunca foi boa neles. Bradwell — ela queria que ele estivesse aqui a seu lado. Ele mataria um novato? Não. Ele daria um jeito de assumir uma atitude, fazer o que é certo, mandar um recado. Ela só está tentando continuar viva. Não há nenhum problema nisso. Na verdade, ela meio que gostaria que ele pudesse vê-la agora, mas apenas uma imagem, uma menina no bosque com uma arma. Pelo menos ela está dando a impressão de que consegue se virar sozinha.

Depois de algum tempo El Capitán para.

— Ouviu isso?

Pressia ouve algo sim, um farfalhar bem baixo, mas é apenas o vento nas folhas. Ela olha para a direita e vê uma silhueta. A figura manca de uma árvore para outra, depois some. Uma expressão da infância de Pressia vêm à sua mente: Apareça! Apareça, onde quer que esteja! Ela sente um pavor ansioso. Sem falar nada, ela torce para que a silhueta continue escondida. Não apareça. Não apareça.

El Capitán entra no meio dos arbustos no sentido contrário e para. Aponta a arma para algo no chão.

— Olhe aqui — diz ele.

Pressia se aproxima e vê um animal se contorcendo, pelos avermelhados e olhos brilhantes, um focinho delicado parecido com o de um porco, com bigodes duros e corpo de raposa. Ele está preso em um pequena armadilha de aço.

— O que é isso?

— Um tipo de híbrido. Sofreu uma mutação genética, mas para melhor. As gerações dele se modificam mais rápido que a nossa. Olhe. — Ele empurra a pata do animal, e ela tem um brilho metálico. — Sobrevivência dos mais fortes.

— Dos mais fortes — repete Helmud.

— Assim como nós, não é?

El Capitán olha para ela. Ele espera que ela concorde, e Pressia faz isso.

— É.

— É isso o que vai acontecer ao nosso DNA com o tempo — diz El Capitán. — Alguns de nós produzirão descendentes com fusões que nos deixam mais fortes, enquanto outros vão se acabar. Este aqui ainda está bom para comer.

— Você vai atirar nele? — pergunta Pressia.

— Atirar é ruim para a carne. Então não atire, se puder evitar.

El Capitán olha ao redor e pega uma pedra. Segura-a acima da cabeça do animal por um instante, mirando, e depois arrebenta o crânio, fazendo-o afundar.

O bicho estremece. A garra de metal se tensiona, depois os olhos ficam fixos e vitrificados.

A brutalidade deixa Pressia enjoada, mas ela se recusa a demonstrá-lo. El Capitán fica de olho nela, avaliando sua resistência. Pelo menos é o que parece.

— Há algumas semanas peguei um rato do tamanho de um cachorro que tinha um rabo feito de corrente. O mundo é doentio. Perversões de todos os tipos.

— Perversões — repete seu irmão.

Pressia está abalada. Sua mão está trêmula. Para disfarçar, ela segura a arma com força.

— Por que você me chamou aqui fora? — pergunta Pressia. — Só para o Jogo?

— É tudo um jogo agora — diz El Capitán, abrindo a armadilha. — Se perder, você morre. Ganhar significa que você continua jogando. Às vezes eu gostaria de perder. Cansado. Fico cansado, só isso. Sabe como é?

Pressia sabe, mas está surpresa por ele ter dito isso em voz alta, algo tão honesto e vulnerável. Ela se lembra de quando fez o corte no pulso. Estava tentando se livrar da cabeça de boneca ou estava apenas cansada? Por um instante ela se pergunta se está sendo testada. Ela deveria dizer que não tem ideia do que ele está falando, que é forte, nasceu para ser uma oficial? Mas há algo no modo como

El Capitán a encara, e ela não consegue mentir. Confirma com a cabeça.

— Sei como é.

El Capitán caminha até o animal morto, recolhe-o, tira um saco de tecido de dentro da jaqueta e enfia a criatura nele. O saco fica imediatamente manchado de vermelho, uma marca forte de sangue.

— É a primeira vez nesta semana que encontro uma criatura inteira para comer.

— Como assim?

— Algo tem encontrado minhas armadilhas e comido o que elas pegam antes que eu retire o que preciso.

— O que você acha que é?

El Capitán reativa a armadilha com a bota. Ele vira o rosto e fala com o irmão.

— Podemos confiar nela, não é? Podemos confiar nessa Pressia Belze?

— Pressia, Pressia! — repete o irmão com empolgação, mas parece que está dizendo pressa, pressa, como se estivesse esperando alguém sair correndo.

— Olhe — diz El Capitán. — Estou disposto a ser generoso com você. Podemos ter nossa própria carne, você e eu. Não precisamos contar com aquela merda que servem aqui todo dia. — Ele encara Pressia. — Aquele frango parecia bastante bom para você aquele dia, não?

Pressia confirma.

— Mas minha refeição não estava ruim. Melhor que a dos outros.

— Os outros não sabem de nada. Nunca saberão. Mas você...

Os olhos de El Capitán percorrem a floresta.

— Eu o quê?

— Fique perto — diz ele. — Eu estou ouvindo algo. Às vezes eles se mexem muito rápido, como beija-flores. Você está ouvindo?

Pressia se esforça para ouvir alguma coisa, qualquer coisa. Não apareça. Não apareça onde quer que esteja.

— Que som eu devo escutar?

— O ar fica eletrizado quando eles estão por perto.

El Capitán se curva e anda devagar, em silêncio.

Pressia o segue. Agora ela gosta do peso da arma em sua mão. Está aliviada por não ser apenas um taco de golfe. Queria que seu avô lhe tivesse ensinado sobre armas, e não sobre diferentes tipos de tacos imaginários.

El Capitán se abaixa em um arbusto e faz um gesto com a cabeça para Pressia ficar perto dele.

— Veja aquilo.

Há um terreno onde antes havia uma casa. Agora é um monte assolado. Do lado dele há um amontoado de plástico que provavelmente era um parquinho de criança. Há também um punho enorme de metal, curvado sobre si mesmo, como se uma escada de metal estivesse enrolada nele. Pressia não conseguia definir a imagem.

— Lá estão eles.

El Capitán parece estranhamente calmo, hipnotizado.

Movimentando-se nas sombras das árvores do outro lado do terreno Pressia vê corpos rápidos. Nada a ver com a figura manca que estava se escondendo atrás de árvores; esses são grandes, ligeiros e se deslocam seguindo um padrão. Ela vê dois, depois, um terceiro. Eles saem do meio das árvores, e Pressia percebe que são homens, jovens com rostos largos. Usam trajes de camuflagem justos, escuros e sujos de cinzas, com seus braços expostos. A pele lisa e sem pelos, tão limpa que parece brilhar. Os braços são cheios de músculos, mas também de armas, de metal negro largo, anexadas, se não embutidas. Eles inclinam a cabeça como se ouvissem algo a distância e farejam o ar. Os corpos são musculosos. Dois têm o tórax largo. O outro tem coxas enormes. Todos têm cabelos curtos. Quando não estão se movimentando com grande velocidade, sua respiração deixando um rastro de ar condensado no ar gélido, trotam de forma quase elegante. Suas mãos — não, garras — são grandes, mas ainda são humanas. Normalmente, Pressia ficaria apavorada, mas, devido à estranha elegância das criaturas e à temeridade extasiada de El Capitán, não fica.

— Já vi esses três antes. Talvez eles gostem da capacidade que têm de rastrear uma vítima.

— Quem são eles? — sussurra Pressia.

— Você não precisa sussurrar — diz El Capitán. — Eles sabem que estamos aqui. Se quisessem nos matar, já teriam feito isso.

Pressia observa um dos jovens saltar em cima do monte de plástico. Ele observa ao longe, como se enxergasse a quilômetros de distância.

— De onde eles vieram?

As criaturas se movimentam sem parar, e El Capitán parece inquieto, quase como uma criança. Pela primeira vez ele parece ter uma idade próxima à de Pressia.

— Eu tinha esperança de que eles aparecessem, mas não sabia ao certo — diz ele. — Agora você os viu também. Não estou sozinho.

Pressia pensa no irmão nas costas de El Capitán e pensa: Você nunca está sozinho.

— Eles estão à procura de algo ou alguém. — El Capitán se vira para Pressia. — Mas você por acaso não saberia nada sobre isso, não é?

Pressia balança a cabeça.

— Sobre o quê?

— É interessante que eles tenham surgido ao mesmo tempo que você.

— Não sei do que você está falando. Nunca vi nada parecido com eles antes. — Pressia pensa no Puro parado no meio da rua, exatamente como ele havia sido descrito. Será que é ele que essas criaturas estão procurando? — Nem sei o que eles são.

— Alguém aprendeu a pegar cada traço desejado de outros animais e objetos e fundi-los com um humano — explica El Capitán.

— Hipercérebro, hipercorpo.

— O Domo? — pergunta Pressia.

— É, o Domo. Quem mais? Mas eles sabem que estamos aqui, então, por que não nos matam? Somos o inimigo, não é? Ou pelo menos somos comestíveis.

— Comestíveis — repete Helmud.

Pressia observa as criaturas, sua velocidade, o estranho zumbido. El Capitán tinha razão sobre isso. O ar parece carregado.

— Está vendo aquele ali? — Ele aponta para um que parece estar olhando diretamente para eles. — Aquele olhou para mim desse jeito

da última vez também. Ele tem algo mais humano que os outros. Está vendo?

Pressia não tem tanta certeza. Todos os três parecem tão completamente estranhos a ela que é difícil ver sua humanidade.

— Acho que sim — responde.

— Eles os fundiram com uns brinquedos legais, hein? — diz El Capitán. — As armas são de última geração, e eu não ficaria surpreso se houvesse alguns chips de computador alojados ali em algum lugar, armas inteligentes. Mas eles têm algo a ver com animais. O que quer que tenham usado nas fusões, eles se tornaram animais em um nível profundo. Talvez tenham sido misturados com gatos selvagens e ursos. Talvez falcões para a visão. Talvez até lhes tenham dado algum sonar de ecolocalização, como o dos morcegos. Está vendo como eles giram a cabeça? O que quer que seja, eles se tornaram ávidos por sangue.

— Ávidos por sangue — sussurra o irmão.

Ao som das palavras, as três criaturas se viram ao mesmo tempo e olham para Pressia, El Capitán e o irmão dele nos arbustos.

— Não se mexa — diz El Capitán.

Pressia nem respira. Ela fecha os olhos e pensa no casaco — como é quente dentro dele. Se eu morrer aqui, pelo menos... pensa ela.

Mas então outro ruído chama a atenção das criaturas e elas correm na direção dele. Um zumbido enche o ar. Eles saem correndo por entre as árvores.

O ar fica silencioso.

Pressia se vira para El Capitán.

— Por que você me mostrou isso?

El Capitán se levanta e fica olhando para as próprias botas.

— Ingership enviou suas ordens de emergência.

— Quem exatamente é Ingership?

El Capitán solta uma risada meio resmungada.

— Ele é o homem com o plano. — Ele fita Pressia estreitando os olhos. — Nunca recebi ordens desse tipo antes, pegar uma nanica e transformar em oficial, assim, do nada. E uma garota, ainda por cima. Ingership quer conhecê-la. Pessoalmente. E aí aparecem essas

criaturas. Isso deve ter algo a ver com você — diz ele em tom de acusação.

— Mas eu não sei como isso pode ter algo a ver comigo. Não sou nada. Uma miserável, como todo mundo.

— Você sabe algo. Você tem algo. De alguma forma, eles precisam de você. Tudo está interligado — diz ele, girando os dedos no ar. — Só não sei como. Não existem coincidências, não é?

— Não sei — responde Pressia. — Acho que, provavelmente, existem coincidências.

— Mas é melhor eu tratar você bem agora. Para meu próprio bem.

— Para meu próprio bem — repete Helmud.

E El Capitán olha para o irmão, que está ali com a cabeça inclinada.

Nesse momento, ouve-se um barulho alto não muito longe, um grito, um farfalhar agitado.

— Peguei algo para nós — diz El Capitán.

Pressia fecha os olhos por um instante, depois se levanta e volta com El Capitán até a armadilha.

Caído no chão eles encontram o menino aleijado do cômodo de Pressia, o único que ousou olhar para ela quando a menina tinha acabado de chegar. Ele devia estar se arrastando, porque a parte superior de seu corpo é que foi pega na armadilha. Os dentes metálicos afundaram nas costelas dele. O menino está sangrando pela jaqueta fina. Ele se vira e olha para Pressia. Tosse sangue.

— Bem, não é muito esportivo — diz El Capitán. — Mas você pode atirar nele só para praticar.

O menino olha para Pressia. Seu rosto está contorcido de dor, os tendões do pescoço tensos e azuis.

Pressia não diz nada. Ela levanta o fuzil, vacilante.

— Pelo menos dê alguns passos para trás — diz El Capitán. — Para ter que mirar um pouco.

Pressia se afasta e El Capitán faz o mesmo. Ela ergue a arma, olha pela mira.

Respira fundo e então solta apenas metade do ar. Para de respirar. Mas, antes de apertar o gatilho, ela se dá conta de que

poderia levantar a arma — para cima e para a direita — e matar El Capitán e o irmão. Se ela tem esse único disparo, é isso que deve fazer. Ela sabe disso da mesma forma que sempre soube as coisas mais importantes da vida. Ela poderia atirar e sair correndo.

Pressia fecha o olho esquerdo e mira. Mantém a visão na cabeça do menino.

E então, calmamente, assim como El Capitán ensinou, ela respira de novo, solta metade do ar, mas não dispara.

— Não posso matá-lo — declara ela.

— Por que não? Ele está bem ali.

— Não sou de matar. Talvez possamos carregá-lo de volta para dentro e alguém possa ajudá-lo. Vocês têm médicos aqui, não têm?

— Mas o Jogo não é assim — diz El Capitán.

— Se você precisa matar alguém para o Jogo, pode me matar. Eu não posso matá-lo. Simplesmente não posso. Ele nunca fez nada contra mim.

El Capitán balança o próprio fuzil para a frente. Acomoda-o debaixo do braço. E por um instante Pressia acha que ele vai aceitar a oferta. Ele vai matá-la.

Ela sente o coração disparar, abafando todo o barulho a seu redor. Ela fecha os olhos.

Mas então o aleijado no chão resmunga com a boca cheia de sangue:

— Atire!

Pressia abre os olhos. El Capitán está mirando no garoto. Ela pensa em empurrar El Capitán, bater nele, como se fosse possível. Mas o menino quer morrer. Seus olhos parecem suplicantes. Ele pediu para El Capitán atirar. Então ela observa as costelas de El Capitán levantarem, depois descerem, e na metade da expiração ele aperta o gatilho.

A cabeça do menino se arrasta no chão. O rosto dele não existe mais.

O corpo fica inerte.

E Pressia volta a respirar.

PARTRIDGE

GAIOLA

Para chegar à Terra Derretida, Partridge e Bradwell precisam atravessar a cidade destruída, e passar pela casa de Pressia não é um desvio muito grande.

— Quero ver se o avô dela está bem — diz Bradwell. — Eu sei onde ela mora.

Partridge está completamente coberto; nenhuma parte de sua pele aparece.

Bradwell disse para ele inclinar os ombros como se fosse corcunda e andar arrastando uma perna. Normalmente, eles seguiriam por ruas secundárias e pelo subterrâneo, mas não há tempo para isso agora.

Eles estão abrindo caminho pelas barracas do mercado lotado; quanto mais lotado e tumultuado, mais fácil se misturar, explicou Bradwell. Em todos os lados há pessoas que parecem parcialmente robóticas. Partridge vê engrenagens e arames expostos, pedaços de pele fundidos com vidro e plástico. Ele vê o dorso de uma mão reluzindo com o alumínio de uma antiga lata de refrigerante, um peito feito de metal branco de alguma máquina — de lavar? Na lateral de uma cabeça há um inchaço em forma de bulbo, pele ligando um fone a um ouvido. Ele vê uma mão se abrir, revelando um teclado embutido. Outra pessoa usa uma bengala porque tem uma perna morta que ele fica rodando diante de si. Às vezes há apenas pelos em um antebraço, uma mão retorcida e pequena como uma pata.

Mas o que mais o surpreende são as crianças. Não existem muitas crianças pequenas no Domo. Não se estimula a formação de famílias grandes, e alguns não têm permissão para ter filho algum, caso haja falhas óbvias na composição genética de alguém.

— Pare de ficar encarando — reclama Bradwell com Partridge.

— É que não estou acostumado a ver crianças — sussurra Partridge. — Não tantas assim.

— Elas drenam os recursos, não é?

— Parece ruim quando você diz dessa forma.

— Apenas continue olhando para a frente.

— É mais difícil do que você pensa.

Eles caminham um pouco mais.

— Como você sabe onde Pressia mora? Você a visita muito? — indaga Partridge, tentando se distrair.

— Eu a conheci mais ou menos uma semana antes do aniversário dela e depois passei lá para deixar um presente.

Partridge se pergunta o que seria um presente naquele lugar. E também quer ver onde Pressia mora. Ele se sente culpado por querer conhecer a vida cotidiana, como um turista, mas é a verdade. Ele quer ver como tudo funciona.

— O que você deu a ela?

— Nada que tenha qualquer significado para você — responde Bradwell. — A casa deles fica logo ali. Não é longe.

Partridge está se acostumando a Bradwell. Com esse comentário, ele quis dizer Cale a boca e pare de fazer perguntas.

O beco é estreito. Cheira a animais e podridão. As casas são construídas dentro dos prédios destruídos. Algumas não passam de compensado escorado em rochas.

— É aqui — diz Bradwell.

Ele vai até uma janela que parece recém-quebrada. Ainda há cacos pequenos de vidro projetando-se da esquadria. Os dois olham para o pequeno cômodo no interior, uma mesa, uma cadeira tombada, um amontoado de panos no chão que pode ser uma espécie de cama. A parede dos fundos é coberta por armários, as portas estão todas escancaradas. Partridge vê a placa de ACESSO RESTRITO AOS FUNCIONÁRIOS em uma porta interna.

— Que tipo de estabelecimento era este?

— Uma barbearia, mas foi destruída. A sala dos fundos foi tudo o que sobrou.

Partridge avista uma gaiola no chão, com as grades de um lado amassadas.

Há um gancho vazio no alto.

— Parece abandonada — observa Partridge.

— Isso não é bom — diz Bradwell.

Ele vai até a porta e bate de leve. A porta não está completamente fechada.

A batida de Bradwell a abre.

— Olá — diz Partridge. — Alguém aqui?

— Ele foi levado — diz Bradwell, andando pela sala.

Ele abre e fecha o armário, caminha até a mesa. Vê algo pendurado na parede e se aproxima.

— Talvez ele só tenha saído — diz Partridge, parando ao lado de Bradwell.

Bradwell não diz nada. Ele está olhando para uma imagem que foi emoldurada com faixas irregulares de madeira e pendurada na parede.

— Pessoas usando óculos escuros dentro de um cinema? — pergunta Partridge, tirando a foto do pequeno gancho para olhar melhor.

— Óculos 3-D — explica Bradwell. — Ela adorava essa imagem. Não sei por quê.

— Foi esse o presente que você deu?

Bradwell confirma com a cabeça. Ele parece abalado.

Partridge vira a imagem e, atrás, há outro pedaço de papel. Está com marcas antigas de dobra e sujo de cinzas. Ele mal consegue ler as palavras.

— Sabemos que vocês estão aqui, nossos irmãos e irmãs. Um dia sairemos do Domo e nos juntaremos a vocês em paz. Por enquanto, observamos de longe, com benevolência.

Ele olha para Bradwell.

— A Mensagem — diz Bradwell, olhando para o papel. — Um original.

Partridge sente um calafrio nos braços. Seu pai aprovou a Mensagem. Era parte do plano desde o início. Irmãos e irmãs. Ele coloca a moldura de volta no gancho. Sente o estômago revirar.

— Eles o levaram — diz Bradwell, caminhando então até o peitoril da janela.

O chão está cheio de vidro e pedaços quebrados pequenos de metal e arame, um pouco de tecido branco. Ele pega algo e segura entre as mãos.

— O que é isso? — pergunta Partridge.

— Uma das criaturas de Pressia. Ela faz isso. Seu avô me mostrou algumas. Ele tinha orgulho dela.

Agora Partridge percebe que é uma borboleta com asas cinzentas e um pequeno mecanismo de dar corda nas costelas de arame.

— Ela barganhava com essas criaturas no mercado. Seu avô pode ter tentado salvá-las. Houve uma luta. — Ele tem razão. Agora Partridge consegue imaginar tudo, com a janela quebrada, a gaiola derrubada do gancho, a cadeira tombada. — Esta é a única que restou.

Partridge vai até a gaiola amassada no chão. Ele pega pela pequena argola presa no alto e a pendura de volta no gancho.

— O que havia nessa gaiola já sumiu a esta altura — diz Bradwell.

— Talvez a criatura esteja melhor assim — afirma Partridge. — Solta, liberta.

— Você acha?

Partridge não tem tanta certeza — ficar em uma gaiola ou ser solto neste mundo? É uma pergunta à qual ele deveria saber responder. Será que alguma parte dele gostaria de estar de volta ao Domo?

LYDA

DEDOS

Lyda está na janelinha retangular, olhando para fora. O que mais ela poderia fazer? Ficar sentada na esteira? Ela fez uma mistura de todas as cores, uma bagunça horrenda. Lyda a escondeu embaixo das cobertas porque não suporta olhar para aquilo.

A janela falsa reluzente na parede está tomada por uma luz de fim de tarde.

Ela bruxuleia como se folhas estivessem criando um efeito salpicado. Será que é a mesma janela projetada em todas as celas? A janela tem algo que faz Lyda se sentir profundamente manipulada. Afastada de qualquer referência real, é como se o asilo agora controlasse o próprio sol. E mesmo dentro do Domo eles dependem do sol como medida real de dia e noite. Sem ele Lyda se sente ainda mais perdida e sozinha.

Seu quarto fica no fim do corredor. Ela pode ver as janelas retangulares nas portas dos dois lados. Todas estão vazias agora. Algumas das meninas podem estar em sessões de terapia. Algumas são levadas a uma refeição comunitária. Outras estão em suas camas, ou andando de um lado para o outro, ou pensando em suas janelas projetadas.

Mas então alguém aparece em uma das janelas. A ruiva. O rosto dela é suave e pálido. As sobrancelhas são tão claras que quase não existem. Isso forma uma expressão neutra. Ela encara Lyda com olhos cheios de preocupação, aquele mesmo olhar estranho e cheio de expectativa da sala de artesanato.

Lyda se sente culpada por tê-la mandado ficar quieta. A menina só estava cantarolando, apenas tentando passar o tempo. O que havia de tão errado nisso?

Ela decide se desculpar, então leva a mão até a janela e acena.

A ruiva levanta a mão também, mas depois aperta os dedos dessa mão no vidro. Começando com o mindinho, ela ergue e aperta cada dedo, um de cada vez, em série, seguindo um ritmo. Está louca, pensa Lyda, mas, já que não há mais nada para ver, ela continua observando. Mindinho, anelar, pausa. Médio, indicador.

Pausa. Depois, rápido, polegar, mindinho, anelar. Médio, indicador, pausa. Polegar, mindinho, pausa. Depois rápido de novo, anelar, médio, indicador, polegar, mindinho. Depois, três dedos a cada vez, anelar, médio, indicador, pausa, polegar, mindinho, anelar, pausa, médio, indicador, polegar, pausa, mindinho. É aí que Lyda se dá conta de que é uma música. Mas não é como se ela estivesse tocando as notas em um piano, é apenas o ritmo da música.

E Lyda sabe qual é a música. Aquela horrível, terrível, gruda-na-cabeça-e-deixa-você-maluca "Brilha, brilha estrelinha". Indignada, ela se afasta da janela e, com as costas na parede, escorrega até o chão.

E se esta for sua vida para sempre? E se as ordens de transferência não chegarem nunca? Ela olha para a janela falsa. Começou a anoitecer? Será que um dia ela vai conhecer a menor das mudanças no sol falso, da manhã até a noite?

Lyda se arrasta até o colchão e tira a esteira de debaixo das cobertas. Desfaz a trama de tiras plásticas. Ela vai refazê-la. Fará algo bonito. Isso aliviará sua inquietação. Ela organiza as tiras pela cor e tenta pensar em um padrão que a deixe feliz. Adoraria costurar uma mensagem na esteira. Salve-me, é isso o que escreveria. Não sou louca. Tire-me daqui!

Mas quem veria? Ela teria de segurar a esteira na janela na esperança de que alguma das meninas conseguisse ler a mensagem. E é então que ela pensa na ruiva. E se ela não estiver louca? E se a música contiver uma mensagem?

Lyda passa toda a letra da música na cabeça. Faz de conta que é só minha.

Só pra ti irei cantar? Ela começa a tecer as tiras plásticas — azul, roxo, vermelho, verde, criando um padrão quadriculado. A música agora está na cabeça dela, e não quer dizer nada. Está simplesmente grudada. Fica repetindo, sem palavras, e então, enquanto os dedos de Lyda se movem de um lado para o outro, encontrando um ritmo, os versos da música voltam. Mas não é “Brilha, brilha estrelinha”. É a música do alfabeto em inglês. Ela nunca havia notado antes que as duas músicas têm a mesma melodia.

A, B, C, D, E, F, G... Letras, linguagem.

Lyda se levanta, soltando no chão as últimas tiras de plástico da esteira.

Corre para a janela, e lá está o rosto pálido da ruiva, esperando por ela.

Ela aperta os dedos na janela. Percorre o alfabeto ao ritmo da melodia até que o dedo para no O, e depois o percorre todo novamente, parando no I.

A ruiva sorri e, dessa vez, acena.

Está anoitecendo. Lyda está ficando sem luz. Ela faz um ponto de interrogação na janela. O que a menina tanto quer lhe contar? O que é?

A menina começa a soletrar. É um processo lento, e Lyda confirma com a cabeça sempre que entende uma letra. Ela sussurra a letra baixinho, para ajudá-la a lembrar o ponto em que as palavras estão. No fim de cada palavra, a ruiva desenha uma linha na janela.

Ela escreve: M-u-i-t-a-s *d-e* n-ó-s. *N-ó-s v-a-m-o-s /*

Uma guarda faz ronda no corredor. As duas saem da janela. Lyda se deita na cama, debaixo das cobertas, e finge que está dormindo. Vamos o quê?, pensa Lyda.

O quê?

Ela ouve os sapatos da guarda deixarem o corredor e volta para a janela. A ruiva não está lá, mas, depois de alguns instantes, ela reaparece.

Ela escreve: S-o-b-r-e-. Sobreviver?, pergunta-se Lyda. Ela sobreviverá a esta prisão? Esta é uma mensagem de esperança para todo mundo que está preso aqui, sentindo-se perdido para sempre?

Não. A mensagem da ruiva continua. Ela soletra: p-u-j-a-r. Vamos sobrepujar? Quem elas vão sobrepujar?

Lyda bate suas letras o mais rápido possível: g-u-a-r-d-a-s. Faz outro ponto de interrogação com o dedo na janela.

A ruiva olha para ela com uma expressão vazia e nega veementemente com a cabeça. Não, não, não.

Lyda faz um ponto de interrogação no vidro. Quem? Ela precisa saber.

Está quase escuro no quarto. Lyda mal consegue ver o dedo da ruiva na janela. Ela bate quatro letras. D-o-m-o.

Lyda a encara. Ela não entende. Coloca o dedo no vidro de novo e desenha outro ponto de interrogação.

A ruiva escreve: D-i-g-a / a / e-l-e.

PARTRIDGE

DARDOS

Todas as prisões, asilos e sanatórios desabaram, um colosso após o outro, como montes de esqueletos queimados de ferro fundido, e as casas dos bairros fechados estão carbonizadas ou completamente destruídas. Os parquinhos, navios-pirata e minicastelos de plástico acabaram se revelando duráveis. Grandes bolhas indistintas de cor, eles marcam o terreno escurecido e praticamente plano de poeira e cinzas como se fossem esculturas retorcidas, objetos dos quais Partridge viu imagens nas aulas de história da arte.

Instalações de arte, é disso que o sr. Welch as chamava. E, em algum sentido estranho, elas agradam a Partridge agora. Ele imagina Welch, que se parece de certa forma com uma versão encolhida de Glassings, de história geral. Welch, às vezes, ficava parado na frente do projetor, para explicar algo, com o borrão de cores cobrindo sua figura magra, seu peito afundado, sua careca lustrosa. Ele foi um dos juízes que escolheu o pássaro de Lyda. Partridge, provavelmente, nunca mais verá Welch, Glassings ou Lyda. Ele nunca verá o pássaro. E Pressia?

Bradwell está na frente de Partridge, com a mão apoiada no cabo de uma faca dentro de sua jaqueta. E Partridge está com um gancho e uma faca de açougueiro de Bradwell, além da antiga faca da Mostra de Domesticidade, mas ainda se sente vulnerável naquele lugar, ligeiramente desequilibrado. A codificação está se firmando em seu corpo. Às vezes Partridge sente a agitação quando ela tenta se apoderar de seus músculos, imergir em seus ossos, se espalhar por

suas sinapses. É uma sensação que ele não consegue descrever — um adensamento do sangue que percorre seu corpo, algo estranho dentro de si. Ele era imune à codificação comportamental devido aos comprimidos azuis que sua mãe lhe dera na praia, mas o restante da codificação está na química de seu cérebro. Será que ele pode confiar em seu próprio cérebro? No momento, sente que há alguns detalhes confusos.

— Como é que essa mulher confiável é mesmo? — pergunta Partridge.

— Difícil dizer — responde Bradwell.

— Vocês já não se conheceram?

— Não — diz Bradwell. — Mas já ouvi os boatos.

— Boatos?

— É. Ela é nossa única esperança. Isto é, se não formos mortos por seus protetores antes.

— Os protetores dela podem nos matar?

— Não seriam protetores se não a protegessem.

— Merda! — exclama Partridge. — Eu estou aqui por causa de boatos?

Bradwell se vira.

— Vamos esclarecer as coisas. Eu estou aqui por sua causa, para procurar Pressia, que também sumiu por sua causa.

— Sinto muito — lamenta Partridge.

Bradwell volta a andar. Partridge o segue.

— Na verdade não são exatamente boatos. Mito é um termo mais preciso. Você tem alguma ideia melhor?

Ele sabe que Partridge não tem nenhuma ideia melhor. Ele é um estranho aqui. Não tem nada.

Às vezes Partridge imagina que nada disso é real, que se trata apenas de uma encenação complexa da destruição, e não a própria destruição. Ele se lembra de ter ido ao museu em um passeio com a turma. Havia alas variadas com telas pequenas em que atores falavam como eram as coisas antes do Retorno da Civilidade. Cada tela era dedicada a um tema: antes da construção do impressionante sistema de prisões, antes de as crianças difíceis serem adequadamente medicadas, a época em que o feminismo não

encorajava a feminilidade, a época em que a mídia hostilizava o governo em vez de trabalhar por um bem maior, antes que pessoas com ideias perigosas fossem adequadamente identificadas, nos tempos em que o governo tinha de pedir permissão para proteger seus bons cidadãos dos males do mundo e das pessoas ruins, antes de os bairros serem cercados com sistemas de interfone e guaritas com homens amigáveis que conheciam todos pelo nome.

No meio do dia, faziam-se encenações de batalhas no amplo gramado do museu, mostrando os levantes ocorridos em algumas cidades contra o Retorno da Civilidade e suas leis. Com os militares por trás do governo, os levantes — normalmente manifestações políticas que se tornavam violentas — eram contidos com facilidade. A milícia local do governo, a Onda Vermelha da Justiça, chegava para salvar o dia. Os sons gravados eram ensurdecadores, altofalantes soando Uzis e sirenes de ataque. Os garotos da turma compraram megafones, granadas muito realistas e decalques do emblema da Onda Vermelha da Justiça. Partridge queria um adesivo com a inscrição RETORNO DA CIVILIDADE — O MELHOR TIPO DE LIBERDADE sobre uma bandeira desfraldada dos Estados Unidos, e as palavras PERMANEÇA ALERTA escritas embaixo. Mas sua mãe não lhe dera dinheiro para gastar na loja de souvenirs, óbvio.

Claro, agora Partridge sabe que o museu era uma propaganda. Ainda assim, ele poderia fingir por um instante que a Terra Derretida podia ser isso, um museu, com muita pesquisa para parecer autêntico.

— Você se lembra de como era antes das Explosões? — pergunta ele a Bradwell.

— Eu morei aqui por algum tempo com meus tios.

Partridge, cuja mãe se recusara deixar a cidade, tinha apenas visitado amigos aqui. Ele se lembra do som dos portões — do zumbido baixo de eletricidade, do rangido de engrenagens, do barulho alto de metal batendo.

Embora as casas dentro de bairros fechados fossem grudadas umas nas outras, cada uma com apenas uma pequena faixa de grama, revestida de um brilho aveludado artificial, eles pareciam desolados.

— Você ainda guarda imagens dela na cabeça? — pergunta ele.

— Nenhuma que eu queira.

— Era aqui que você estava no final?

— Eu tinha saído do bairro para caminhar. Eu era esse tipo de criança, sempre longe de onde deveria estar.

— A maioria das crianças era mantida dentro de casa, afastadas do mundo — diz Partridge. — Eu era.

As crianças diziam coisas. Não eram confiáveis, e elas repetiam como papagaios o que os pais diziam. A mãe de Partridge lhe disse: “Se alguém perguntar minha opinião sobre algo, diga que não sabe.” Ela não o deixava sozinho por muito tempo na casa de um amigo. Havia sempre o medo de um vírus também, algo contagioso. O ambiente estava comprometido. Os sistemas de água eram suspeitos, muitas vezes poluídos, e o abastecimento de comida estava contaminado. Produtos foram recolhidos. Partridge aprendeu na academia que, mesmo sem as Explosões, eles ainda teriam precisado do Domo. Ele se provou pressagioso. As Explosões — será que o pai dele estava envolvido desde o início?

Ele raramente falava sobre as Explosões no Domo, mas, quando falava, considerava-o quase um desastre natural. Mais de uma vez Partridge o ouvira dizer “Um ato de Deus. E Deus foi misericordioso conosco” e “Obrigado, Pai, pois somos abençoados”.

Partridge se lembra de uma ocasião em que ele chegou com sua mãe à casa de um amigo e a mãe dele não estava mais lá. Ele se pergunta se os restos daquela casa ainda existem em algum lugar próximo nesta vasta paisagem árida.

— Sra. Fareling — diz, lembrando-se do nome dela.

— O quê? — pergunta Bradwell.

— A sra. Fareling era mãe de um amigo meu. Às vezes ela me dava carona. Minha mãe gostava dela. Ela tinha um filho de minha idade, Tyndal. Um dia fomos até a casa deles em um bairro cercado para eu brincar com Tyndal, e a sra. Fareling havia desaparecido. Outra mulher veio à porta. “Funcionária do Estado”, ela disse. Estava servindo como assistente interina enquanto o sr. Fareling procurava uma substituta para sua esposa em casa.

— O que sua mãe fez?

— Ela perguntou o que aconteceu e a mulher disse que a sra. Fareling havia deixado de ir às reuniões da FF, e, depois, aos eventos da igreja.

— Feministas Femininas — diz Bradwell.

— Sua mãe fazia parte?

— É claro que não. Ela nunca apoiaria ideais conservadores. Achava tudo isso uma bobagem, como se dissessem: Somos ótimas do jeito que somos! Bonitas, femininas, inofensivas.

— Minha mãe também desprezava o movimento. Brigava com meu pai por causa disso.

As mães dos amigos de Partridge eram membros da FF. Sempre usavam batom, o que era bonito, embora às vezes grudasse nos dentes.

— O que aconteceu com a sra. Fareling? — pergunta Bradwell.

— Não sei. — A mulher disse que a reabilitação nem sempre era permanente. Ela ofereceu aconselhamento: Às vezes podemos ajudar quando alguém é afetado por uma perda repentina. A mãe de Partridge recusou. Ele quase consegue se lembrar da sensação da mão dela agarrando seu braço enquanto o levava para o carro, como se o menino tivesse feito algo errado. — Voltando para casa, ela me contou que as prisões, os centros de reabilitação e os sanatórios são prédios altos por um motivo. Para que todos soubessem que a única diferença é que ou se vive sob o teto deles, ou à sua sombra.

Está anoitecendo, e as sombras estão ficando mais escuras. Pode haver Feras em qualquer lugar. Eles contornam alguns parquinhos derretidos e passam por cima de uma cerca de arame retorcida como uma corrente.

— Seus pais — diz Partridge —, como eles descobriram qualquer coisa se rejeitaram os Melhores e Mais Inteligentes naqueles Red Lobster? Eles estavam do lado de fora.

— Sorte, mas agora, pensando em retrospecto, não sei se foi azar. Meu pai ganhou uma bolsa para estudar rituais em um vilarejo remoto de pescadores no Japão, e uma família lhe deu uma gravação em vídeo de uma mulher que havia sobrevivido em Hiroshima, mas ficara deformada. Essa mulher tinha um relógio de bolso incrustado no braço. Estava escondida porque outros como

ela, pessoas fundidas de modo estranho a animais, terra ou a outras pessoas, e foram todas levadas pelo governo e nunca mais vistas.

— No Domo, eles gostam que estudemos culturas antigas. Pinturas em cavernas, cacos de cerâmica, às vezes múmias. Esse tipo de coisa. É mais fácil assim.

— Acho que sim. — Bradwell olha para Partridge como se a confissão o agradasse. — Bem, como muitos historiadores, meu pai não acreditava que a bomba atômica tinha sido a única razão para os japoneses se renderem. Antes da rendição, os japoneses não haviam demonstrado medo de sacrifício e perdas de vida. Meus pais se perguntavam se não teria sido o medo do imperador em relação a essas abominações criadas pela bomba. Os japoneses eram muito homogêneos, uma cultura insular. E isso pode ter sido demais para o imperador; não a possível destruição, mas as deformações, as mutações. Os generais foram forçados a se render, e todas as pessoas que se haviam fundido por causa da bomba foram recolhidas como objeto de estudo. A censura de MacArthur sobre os efeitos da bomba atômica, a supressão de histórias orais e relatos de testemunhas, e até de observações científicas, (o que era basicamente uma ordem de silêncio para os japoneses), além do próprio senso de vergonha deles... Tudo isso contribuiu para abafar os verdadeiros horrores, assim como as mutações.

Eles chegaram a uma parte do portão que ainda está de pé. Bradwell escala primeiro. Partridge o segue. Os dois pulam para o chão. Diante deles há apenas outra extensão de destroços carbonizados e massas de plástico derretido.

— E os Estados Unidos? — pergunta Partridge.

— Você quer mesmo saber? Já me disseram que sou muito arrogante.

— Eu quero saber.

— Os Estados Unidos sabiam dos efeitos desagradáveis e acidentais da bomba, e muito discretamente desenvolveram novas ciências, que vieram a ser os filhotes de seu pai. Ciências que aumentariam a resistência de estruturas à radioatividade e permitiriam controlar os efeitos da radiação. Em vez de fusões

desagradáveis e acidentais, o governo americano queria fusões intencionais para criar uma superespécie.

— Codificação. Passei por um pouco disso. Mas eu não era um espécime plenamente desenvolvido.

Partridge sente orgulho disso, embora não tenha confrontado ninguém. É apenas um fato.

— Sério?

— Sedge era. Eu, não — diz Partridge. — Mas como seus pais conseguiram as informações de que precisavam?

— Um dos geneticistas, Arthur Walrond, era amigo de minha mãe, Silva Bernt. Walrond tinha uma vida social agitada, dirigia um conversível, e tinha a língua solta e a consciência pesada. Em um fim de semana, ele visitou meus pais, ficou bêbado e desabafou alguns segredos das novas ciências. Eles se encaixavam, é claro, nas teorias de meus pais. Ele começou a lhes fornecer informações.

Bradwell para e olha para os restos queimados de um bairro destruído.

Esfrega a cabeça. Parece cansado.

— Qual é o problema? — pergunta Partridge.

— Nada. Só me lembrei de quando ele convenceu meus pais a me darem um cachorro. “Ele é o filho único de pais que não param de trabalhar. Arrumem um vira-lata para o coitado!” Walrond era pesado, baixo, tinha pé chato, mas tinha boa lábia e dirigia um carrão, era um galanteador, por incrível que pareça. Não tinha a constituição necessária para aquela vida. Sabia o que o governo podia fazer com o trabalho dele. Usavam o termo potencial ilimitado, mas ele sempre acrescentava para destruição.

Bradwell continua:

— Walrond foi descuidado. Quando o governo descobriu que ele estava vazando informações secretas, deu um aviso e tempo suficiente para ele se matar antes que aparecessem em sua casa para prendê-lo. E ele obedeceu. Overdose. — Bradwell suspira. — Chamei o cachorro de Art, em homenagem a Arthur Walrond. Tive que abrir mão dele depois que meus pais morreram. Minha tia era alérgica. Eu adorava aquele cachorro idiota.

Ele para e encara Partridge.

— Seu pai mandou matar os meus. Deve até ter dado a ordem. Eles foram mortos durante o sono, antes das Explosões, à queimadura, com silenciadores. Eu estava dormindo em minha cama. Acordei e os encontrei.

— Bradwell — diz Partridge.

Ele estende a mão, mas Bradwell recua.

— Sabe o que eu penso às vezes, Partridge? — Há barulho de animais não muito longe, um grito, um grasnar de pássaro. — Penso que já estávamos morrendo de superdoenças. Os sanatórios estavam cheios. Prisões estavam sendo convertidas para abrigar os contaminados. A água já estava poluída com petróleo. E, sem contar com isso, havia muita munição, levantes nas cidades. Havia o sofrimento provinciano, o peso insuportável das tortas recheadas. Estávamos sendo sufocados por poluentes, radiação. Morrendo com um pulmão carbonizado de cada vez. Livres para agir, estávamos atirando em nós mesmos, queimando vivos. Sem as Explosões, teríamos definhado e, enfim, chegado a uma morte sangrenta arrebatando-nos uns aos outros. Então eles aceleraram as coisas, certo? Só isso.

— Você não está falando sério.

— Não — diz Bradwell. — Quando estou um pouco otimista, penso que podíamos ter dado a volta por cima. Havia muita gente como meus pais, empenhados na luta. Eles ficaram sem tempo.

— Acho que isso pode ser considerado otimismo.

— Não foi ruim ter sido criado por inimigos do Estado. Cresci desgastado. Depois das Explosões, eu sabia que não deveria ir a hipermercados como todo mundo. Também sabia que não haveria ajuda. Era o que todos esperavam: o exército enviando água, cobertores e atendimento de emergência. Eu tinha escutado o bastante de meus pais para saber que não deveria confiar em ninguém. Seria melhor ser registrado como morto. Então estou morto. Não é uma coisa ruim por aqui.

— É mais difícil morrer quando se está morto.

— Mas sabe o que nunca saiu de minha cabeça?

— O quê?

— Encontrei um bilhete de Walrond no meio dos pertences de meus pais, um rabisco de bêbado. A questão é: eles poderiam salvar todo mundo, mas não farão isso. Isso sempre me incomodou. E depois, em um artigo, alguém perguntou a Willux sobre a resistência do Domo à radiação. Ele respondeu: "A resistência à radiação tem potencial ilimitado para todos nós."

— Mas não tinha. Não para todo mundo.

— Seu pai queria uma destruição quase total, para que pudesse começar do zero. Ele estava correndo contra quem estava mais perto? Ou contra quem estava perto de descobrir a resistência à radiação para todos? Era tipo o inventor da armadura, que depois que todos passaram a usar armadura precisou inventar a besta, uma progressão de arma, defesa, arma melhor, defesa melhor?

— Não sei. Eu não o conheço mais. — Por uma fração de segundo Partridge gostaria que o pai estivesse morto. Maligno, pensa ele. Seu pai não tem apenas capacidade para o mal. Ele já o praticou. Por quê?, pergunta-se Partridge. — Sinto muito por seus pais.

Ele observa a destruição estendendo-se em todas as direções. Cambaleia um pouco, tentando absorver a perda. E então tropeça em algo.

Quando volta a se equilibrar, ele abaixa e pega um objeto metálico com três hastes se projetando em volta de uma ponta afiada, sujo de terra e cinzas. Bradwell se aproxima e observa o objeto na mão dele.

— Isto é um dardo? — pergunta Partridge. — Eu me lembro daqueles que se arremessavam em um alvo, mas nunca vi um tão grande.

— É um dardo de jardim — diz Bradwell.

Partridge ouve o som antes de ver — um assovio que é quase um zumbido.

Ele empurra Bradwell para longe. Os dois caem com força, perdendo o fôlego, enquanto outro dardo bate no chão atrás dele. Bradwell se levanta com esforço.

— Por aqui! — diz ele.

Os dois saem correndo na direção de uma massa derretida de plástico vermelho e azul e se agacham atrás dela.

Os dardos surgem rápidos, zunindo e batendo no chão. Dois se cravam no plástico, do outro lado. E então tudo fica em silêncio.

Partridge olha pelo lado da massa derretida e avista uma construção escorada com tijolos e paredes sustentadas por massas derretidas tiradas de outros quintais.

— Uma casa — diz ele. — Uma cerca baixa na frente.

Partridge se lembra de cerquinhas de madeira com pequenos trincos que se abriam e que continham cachorros tosados saltitantes nos quintais. Mas essa cerca é formada praticamente de varetas enfiadas no chão, e em cada uma há algo pendurado. A princípio, Partridge não consegue distinguir o que são as coisas estranhas, mas então vê uma gaiola redonda escurecida — um conjunto de costelas largas, sem alguns ossos, quebrados. Duas varetas depois, um crânio grande. Humano. Sem um pedaço. Diante dos escombros da casa, mais dois crânios, iluminados com velas internas, como lanternas. Halloween. Partridge se lembra de vestir uma caixa para imitar um robô. A Terra Derretida era famosa pelos feriados, as árvores carregadas de fantasmas, papais noéis balançando em telhados. Ele vê o que parece um jardim, terra revirada com estacas, mas são apenas mais ossos. Esses estão dispostos de forma decorativa, ossos de mãos espalhados para parecer botões de flores. Em outro mundo, essas coisas — cerquinhas de madeira, lanternas, jardins — significavam lar. Não mais.

— O que é isso? — pergunta Bradwell.

— Não é bom. Eles têm orgulho das pessoas que mataram. — Outro dardo se crava no plástico. — E têm boa mira. São os protetores?

— Podem ser — admite Bradwell. — Se forem, nós nos renderemos. Queremos ser capturados e levados para dentro. Só vou saber se são eles quando conseguir vê-los. E preciso de um ângulo melhor. Vou correr até aquele monte derretido ali. — Bradwell aponta para a frente.

— Tente não ser atingido.

— Quantos dardos eles podem ter?

— Não quero saber o que eles usam quando acabam os dardos, e você? — indaga Partridge, sacudindo a cabeça.

Bradwell sai correndo. Os dardos o seguem. Ele solta um grito. Cambaleia, segurando o cotovelo esquerdo. Foi atingido no ombro. Continua correndo e se joga atrás da massa seguinte.

Partridge sai também, antes que Bradwell tenha tempo de falar para ele não fazer isso. Ele corre e derrapa até parar ao lado de Bradwell, cuja manga da jaqueta já está ensanguentada. Partridge estende a mão para pegar o dardo alojado no braço de Bradwell.

— Não! — grita Bradwell, afastando-se.

— Você precisa tirar isso — aconselha Partridge. — O que foi, você está com medo de uma dorzinha? — Ele segura o cotovelo de Bradwell. — Serei rápido.

— Espere, espere — pede Bradwell. — Conte até três.

— Está bem. — Partridge se inclina na direção do braço de Bradwell, pressionando-o no chão, e então fecha a mão no dardo. Ele penetrou fundo. — Um, dois... — E puxa, rasgando parte da jaqueta também.

— Merda! — grita Bradwell. Jorra sangue do ferimento. — Por que você não contou até três?

Troco, pensa Partridge, um impulso de revidar todo o desprezo de Bradwell, o soco que ele deu quando Pressia desapareceu. Ele meio que odeia Bradwell, mas talvez seja só porque Bradwell o odiou antes.

— Precisamos cobrir isso — afirma Partridge.

— Droga! — exclama Bradwell, agarrando o cotovelo junto ao corpo.

— Tire a jaqueta. — Partridge ajuda Bradwell a removê-la. Ele usa o pequeno rasgo para arrancar a manga e a amarra em volta do músculo do ombro, apertando bem. — Gostaria de ter dado uma boa olhada neles.

— Ah, quer saber? Acho que esta é sua chance.

Bradwell aponta bem à sua frente.

E lá está um par de olhos, perto do chão. Uma criança está espiando por trás da perna de uma criatura maior, usando trajes de batalha — peitoral metálico feito de lâminas de cortador de grama,

um capacete. Uma trança longa está enrolada em cima de um dos ombros. Ela está equipada com armas reconhecíveis apenas por suas peças — uma corrente de bicicleta, uma furadeira, uma motosserra.

— Nada mal — diz Partridge. — É só ela e uma criança. Nós somos dois.

— Espere — diz Bradwell.

Outros movimentam-se em silêncio atrás dela. São mulheres também, e a maioria também tem crianças, que são carregadas ou andam ao lado delas. Mais armas — facas de cozinha, garfos de churrasco, espetos, aparadores de grama. O rosto delas é sarapintado de vidro, lascas de ladrilho, cacos de espelho, metal, pedaços de pedra, plástico reluzente. Muitas estão com joias fundidas nos pulsos, pescoço e lóbulos das orelhas. Elas devem arrancar a pele para impedi-la de crescer por cima das joias, que estão delineadas por crostas vermelho-escuras.

— Fomos encontrados? Era esse grupo que você estava esperando? — pergunta Partridge.

— Sim — responde Bradwell. — Acho que sim.

— Acho que são donas de casa — sussurra Partridge.

— Com os filhos — acrescenta Bradwell.

— Por que os filhos não cresceram?

— Eles não podem. O corpo da mãe os impede.

Partridge tem dificuldade para acreditar que as pessoas que moravam nessas casas fossem capazes de sobreviver. Sempre foram cordatas, sem coragem de ter convicções. E os corajosos, talvez a sra. Farelina, desapareceram. Seriam essas as mães e crianças dos bairros fechados, as que antes se deleitavam com objetos de plástico?

— Estamos prestes a ser espancados por donas de casa? — pergunta.

Enquanto o grupo se aproxima, Partridge percebe que as crianças não estão apenas com suas mães. Estão unidas. A primeira mulher que eles viram caminha de modo irregular. A criança que parecia estar se segurando nas pernas dela na verdade está fundida. Sem pernas, o menino tem apenas um braço, e seu torso e a cabeça

projetam-se da parte superior da coxa da mãe. No pescoço de outra mulher, alojada como um bócio, há uma cabeça redonda de bebê com olhos espiando para fora.

O rosto delas é anguloso e sombrio. O corpo é ligeiramente arqueado, como se elas estivessem prontas para investir.

Partridge aperta bem o cachecol para garantir que seu rosto intacto fique escondido.

— É tarde demais para isso — diz Bradwell. — Apenas levante os braços e sorria.

Ainda de joelhos, os dois colocam as mãos para cima da cabeça.

— Nós nos rendemos — diz Bradwell. — Estamos aqui para ver Sua Boa Mãe. Precisamos da ajuda dela.

Uma mulher com uma criança fundida a seu quadril se adianta, aproximando do rosto de Partridge um carrinho de bebê armado com facas. Outra mulher, segurando uma tesoura comprida de jardim, anda até Bradwell e o chuta no peito com uma força incrível. Ela segura as lâminas da tesoura diante do rosto de Bradwell, abrindo-as e fechando-as, brilhosas, afiadas. A tesoura foi fundida a uma de suas mãos, mas a outra movimentava as lâminas. E então ela coloca o pé descalço no esterno de Bradwell, abre bem a tesoura e a posiciona na garganta dele.

Partridge sente o braço sendo puxado para trás. Ele saca o gancho de carne e se vira, girando acima da cabeça de uma criança atrofiada. A mão da mãe da garotinha está fundida no meio das costas da filha. Ele se desequilibra para a frente por causa do golpe. A mulher logo dá uma joelhada na barriga dele, acerta um gancho em seu queixo e aponta uma faca de cozinha para seu coração.

A filha ri.

Partridge sabe que essas mulheres e suas crianças conhecem táticas e são violentas. São soldados. Com a codificação de força, ele poderia dominar meia dúzia de uma vez, mas agora vê que há mais de cem. As sombras delas se movimentam. Outra mulher se aproxima rapidamente e tira deles as facas, o gancho de carne, seus dardos recém-adquiridos.

A mulher com a faca de cozinha agarra o braço de Partridge de um jeito que parecem dentes afiados cortando a pele dele. Ela o

levanta com muita força.

Partridge olha para o braço pálido, agora manchado de sangue, e então vê de relance a palma da mão dela, que brilha com cacos de um espelho. Ela tira do cinto uma fronha velha e escura. Atrás dele, outra mulher lhe torce os braços e os amarra, tão forte que os cotovelos quase tocam nas costas. Ele olha para Bradwell, que agora também está de pé, também sendo amarrado.

A última coisa que Partridge vê antes de ter a cabeça coberta pela fronha é uma cruz dourada e sua corrente fina incrustada em um peito queimado.

E então fica tudo escuro, sua própria respiração úmida abafada dentro do capuz escuro.

Partridge pensa no oceano. Uma vez sua mãe o enrolou em um cobertor na praia? Ele escutou o tecido se agitar com o vento e bater em seus ouvidos, abafando o estrondo constante do mar? O que será que aconteceu com o mar? Ele já o viu em imagens, em preto e branco. É turbulento e agitado. Mas preto e branco nunca captará o mar. Nem uma imagem estática. Ele fecha os olhos e finge que está com a cabeça dentro de um cobertor, que o mar não está distante e que sua mãe está por perto. Ele espera não morrer.

Uma criança chora como o guincho de uma gaivota.

PRESSIA

ÁRABES

Metade do rosto ossudo de Ingership é ocupada por uma placa de metal e uma dobradiça flexível no lugar da articulação da mandíbula. Ela foi fixada por alguém que sabia o que estava fazendo, um profissional. Não apenas um alfaiate de corpos como o avô de Pressia. Não. Isso foi feito por alguém com habilidades e instrumentos de verdade. A dobradiça permite que Ingership fale, mastigue e engula. Ainda assim, suas palavras saem com esforço e pouca fluidez. O metal entra na pele por baixo do queixo e se estende tanto para cima que é impossível ver onde termina o metal e onde começa a pele que cobre o crânio, porque ele está usando um quepe. O outro lado da cabeça dele é rosado, completamente raspado. Pensar na cabeça dele assusta Pressia porque lhe traz à mente o tiro, o solavanco, o crânio do menino batendo no chão. Ela não é assassina, mas deixou que ele levasse o tiro. Ele ia morrer, sim. Ele pediu que El Capitán o fizesse. Foi um ato de misericórdia. Mas isso não ajuda. Ela tem culpa.

Pressia está sentada na frente de Ingership, no banco de trás de um sedã preto miraculosamente brilhante. O sol está a pino. As ordens indicavam que El Capitán deveria acompanhar Pressia Belze por quase cinco quilômetros até um antigo reservatório de água, caído, com o topo arredondado rachado e escurecido, onde o carro estaria esperando. E quando eles chegaram o carro já estava lá, tão limpo que parecia sobrenatural. A janela de trás foi abaixada, revelando o rosto de Ingership.

— Entre — ordenou ele.

Pressia e El Capitán contornaram o carro. Ele abriu a porta. Pressia entrou primeiro, e depois El Capitán entrou e bateu a porta. Com o fuzil pendurado no ombro e Helmud nas costas, ele teve de se inclinar para a frente. Helmud era volumoso e fez o carro parecer lotado. Ingership olhou para ele com frieza, e foi quase como se quisesse pedir para El Capitán tirar Helmud. Pressia o imaginou dizendo: Podemos colocar sua bagagem no porta-malas?

Em vez disso, Ingership disse:

— Saia.

— Quem? Eu? — perguntou El Capitán.

— Eu? — repetiu Helmud.

Ingership confirmou com a cabeça.

— Espere aqui. O motorista a trará de volta.

Pressia não queria que El Capitán fosse embora. Não queria ficar sozinha com Ingership. Algo naquela fala mecanizada e na calma sinistra a perturbava.

El Capitán abriu a porta, saiu, fechou-a com força, e depois bateu na janela.

— Aperte o botão — pediu Ingership.

Pressia apertou o botão no interior e sentiu a vibração elétrica na ponta do dedo. A janela desceu, desaparecendo dentro da porta.

— Quanto tempo vocês vão demorar? — perguntou El Capitán.

Pressia podia ver o dedo dele esfregando o gatilho.

— Espere por ela — respondeu Ingership, e então mandou o motorista dirigir.

O carro arrancou, cuspidando poeira, e eles foram lançados para a frente.

Exceto quando foi transportada na caminhonete da OBR com as mãos amarradas e a boca tampada, Pressia não se lembrava da última vez em que entrara em um carro. Será que tinha sequer uma lembrança enterrada no fundo da memória?

Tinha medo de escorregar do assento de alguma forma. O vento estava entrando pela janela, trazendo cinzas junto.

— Feche o vidro! — disse Ingership em um tom alto.

Pressia apertou o botão na direção oposta, e o vidro subiu.

Agora está chovendo um pouco, e o sedã está tão polido que as gotas de chuva se acumulam e escorregam. Pressia quer saber de onde veio o carro. Ele está lustroso, ileso. Será que ele sobreviveu em algum tipo de garagem ultrarreforçada?

O motorista fica de olho nela pelo espelho retrovisor. É um homem corpulento, que segura o volante com mãos gordas. Sua pele é escura, exceto onde as queimaduras têm um tom rosado-escuro e intenso. Eles estão percorrendo os destroços devastados de uma rodovia dilapidada. Quase não há escombros na pista, mas o avanço ainda é lento. A paisagem é desolada. Já ficaram bem para trás a Terra Derretida e as prisões, os centros de reabilitação e os sanatórios incendiados. A estrada deu lugar a mato e a uma série de sulcos. Avaliando pelo sol, Pressia sabe que estão indo na direção nordeste. De vez em quando aparecem estacas de outdoors, restos derretidos de cadeias de restaurantes, postos de gasolina e hotéis, carrocerias destruídas de carretas e de caminhões incendiados abandonados no acostamento como costelas enegrecidas de carcaças de baleia. Às vezes dá para ver que alguém arrastou restos de objetos dos escombros e os organizou em forma de mensagem: INFERNO É ONDE ESTÁ O CORAÇÃO ou, mais explicitamente, AMALDIÇOADOS.

E então a paisagem fica vazia. A Terra Morta. Pressia se lembra de como tem sorte. Aqui só sobrou terra queimada, que talvez se estenda para sempre em todas as direções. Não há estradas. Alguns arbustos secos pequenos são a única vegetação.

Mas a Terra Morta também é ligeiramente viva. Às vezes algo se agita sob a superfície, Poeiras errantes, criaturas que se tornaram parte da própria Terra.

A Terra Morta deixa todos tensos. No carro há uma inquietação silenciosa, como se o ar ficasse pressurizado de repente. Um Poeira se levanta — grande e parecido com um urso, mas feito de terra e cinzas. O motorista vira o carro, desviando-se dele.

Ingership está sentado com uma postura rígida. Ele deixou claro que não tem intenção alguma de falar sobre assuntos importantes, pelo menos não ainda.

— Você nunca saiu da cidade, não é? — pergunta ele, e Pressia fica com a impressão de que ele está ansioso e jogando conversa fora.

— Não.

— É melhor que El Capitán não esteja conosco. Ele não está pronto de verdade. Não lhe conte o que você vir aqui. Ele só vai ficar aborrecido — diz Ingership. — Você vai gostar, Belze. Acho que vai gostar do que fizemos com o lugar. Você gosta de ostras?

— Ostras? — pergunta Pressia. — Tipo as do mar?

— Espero que você goste. Estão no cardápio de hoje.

— Como você conseguiu isso?

— Tenho meus contatos — explica Ingership. — Ostras na concha. São um gosto desenvolvido.

Gosto desenvolvido? Pressia não sabe o que o termo significa, mas adora.

Um gosto é algo que se pode desenvolver? Ela adoraria simplesmente comer alguma coisa com regularidade suficiente para que pudesse desenvolver um gosto.

Ela adoraria desenvolver um gosto, e depois outro e outro, até ter uma coleção completa. Mas não. Ela lembra a si mesma que não pode confiar nessas pessoas. A periferia — é lá onde arrancarão dela as informações?

Eles seguem por mais de uma hora em silêncio. Poeiras deslizam na frente do carro, rastejando como cobras. O motorista passa por cima deles, triturando as criaturas com os pneus. Pressia não tem ideia de quanto tempo continuarão em frente. A noite toda? Durante dias? Até onde vai a Terra Morta? Ela tem fim? Se alguém sair em qualquer direção, mais cedo ou mais tarde acabará chegando a ela.

Ninguém nunca conseguiu atravessá-la e voltar. Pelo menos não que Pressia saiba.

Ela ouviu dizer que os Poeiras de lá são piores que os dos Campos de Escombros.

São mais rápidos, mais vorazes. Vivem com pouco e não carregam peso de pedra.

Se Ingership levar Pressia à periferia para tentar arrancar informações, será que a abandonará ali para morrer?

Finalmente, adiante, há um aclave no horizonte — uma colina? Ao se aproximarem, Pressia nota que há vegetação, na verdade algumas folhas verdes.

Quando o carro chega à colina, vira para a direita, fazendo uma curva. A terra volta a se parecer com uma estrada. Depois da curva, Pressia vê abaixo um vale — terras cultivadas cercadas de mais Terra Morta. Há campos exuberantes, não exatamente de trigo balançando ao vento, mas algo mais escuro, mais pesado, salpicado com o que parecem ser flores amarelas, fileiras de estacas sustentando caules secos, e outras plantas carregadas com frutas arroxeadas desconhecidas. Em meio às fileiras há recrutas usando uniformes verdes. Alguns estão segurando pequenos tanques de plástico e pulverizando a vegetação. Outros parecem coletar amostras.

Eles mancam e se arrastam, com a pele marcada exposta ao sol fraco.

Há pastos com animais grandes mais peludos que vacas, sem chifres e com focinhos mais longos. Eles oscilam lentamente sobre cascos perto de um conjunto de estufas. A estrada segue sinuosa, levando a uma casa amarela triangular e, um pouco afastado da estrada, um celeiro novo vermelho vivo, como se nunca tivesse acontecido nada de errado. É tão impressionante que Pressia mal consegue acreditar.

Ela se lembra desse tipo de coisa nos recortes de Bradwell e, remotamente, em sua própria memória.

Seu avô conhecia fazendeiros quando era criança. “A agricultura é relativamente nova se pensarmos em toda a experiência do Homo sapiens”, ele lhe dissera. “Se conseguirmos restabelecer isso — produzindo mais alimentos do que necessitamos —, poderemos restabelecer nosso estilo de vida.” Mas a terra está queimada e é hostil, as sementes sofreram mutações, a luz do sol ainda está bloqueada pela poeira e pela fuligem. As pessoas se saem melhor com jardins pequenos montados nas janelas, com sementes de plantas que não os mataram.

Elas podem ficar de olho nelas, recolhê-las à noite para não serem roubadas. E preferem os animais híbridos que conseguem

pegar. O fardo de alimentar um animal, mantê-lo vivo, é grande demais para a maioria das pessoas, que está apenas tentando garantir a própria sobrevivência. Cada geração de animais tem suas próprias distorções genéticas. Um pode provocar doenças mas o irmão, não. É melhor ver um animal híbrido vivo — descobrir com os próprios olhos se ele é realmente saudável — antes de comê-lo.

— Tanta comida! — diz Pressia. — Como o sol é suficiente?

— Houve algumas alterações na codificação. De quanto sol uma planta precisa? Podemos alterar essa necessidade? As estufas usam mecanismos, superfícies refletoras para localizar a luz, conservá-la e levá-la às folhas das plantas.

— E água fresca?

— A mesma coisa.

— De que são essas plantações exatamente?

— Híbridos.

— Sabe quantas pessoas poderiam ser alimentadas com toda essa comida? — indaga Pressia, pretendendo ser uma expressão de surpresa, mas Ingership interpreta como uma pergunta válida.

— Se tudo fosse comestível, poderíamos expandir para atender um oitavo da população.

— Não são comestíveis?

— Tivemos alguns sucessos. Muito poucos, na verdade. Mutações que surgem. Normalmente não com nossas tentativas planejadas.

— Um oitavo da população comeria isso, sendo comestível ou não — diz Pressia.

— Ah, não, não um oitavo dos miseráveis. É um oitavo dos que estão no Domo, para subsidiar suas necessidades alimentares e, com o tempo, sustentá-los quando eles voltarem para nós — diz Ingership.

O Domo? Mas Ingership é da OBR. Ele é o superior de El Capitán. A OBR pretende derrubar o Domo um dia. Estão construindo um exército.

— E a OBR? — indaga Pressia.

Ingership olha para Pressia e sorri com um lado do rosto.

— Tudo ficará claro.

— El Capitán sabe disso?

— Ele sabe sem saber que sabe. Que tal você lhe dizer que eu moro em uma tenda... como os árabes de antigamente, nos desertos?

Pressia não consegue saber se ele está brincando.

— Árabes — repete ela, como se tivesse assumido o papel de Helmud.

Ela pensa na festa do casamento de seus pais, na descrição que seu avô fez das tendas brancas, das toalhas de mesa brancas, do bolo branco.

— Tenda. Entendeu? É uma ordem.

A voz de Ingership de repente fica dura, como se não apenas seu rosto mas também sua laringe fosse parcialmente metálica.

— Entendi — confirma Pressia em seguida.

Eles ficam em silêncio por alguns minutos, e então Ingership diz:

— Em meu tempo livre, mexo com antiguidades. Estou tentando recuperar alimentos que foram perdidos. Ainda não estão aperfeiçoados. Estou muito perto. — E então Ingership solta um longo suspiro. — Um pouco de civilidade à moda antiga aqui nas terras remotas.

Civilidade à moda antiga? Pressia não poderia sequer imaginar o que isso significaria.

— Onde você consegue as ostras? — pergunta ela.

— Ah! — diz Ingership, dando uma piscada. — Segredinho. Preciso manter alguns truques na manga!

Pressia não entende por que ele quer manter algo dentro das mangas.

O motorista estaciona na frente de uma varanda com degraus largos, e Pressia se lembra da letra da música de que sua mãe gostava tanto, a canção de ninar de todas as noites — a garota que dança pela varanda, solitária.

E agora uma mulher sai da casa para recebê-los. Ela está com um vestido bem amarelo, como se quisesse combinar com a casa, e, à primeira vista, sua pele parece tão branca que quase brilha. Ela é uma Pura? Mas então Pressia se dá conta de que não é a pele dela. É um tipo de colante feito com um material fino, elástico e quase

cintilante. Ele cobre cada centímetro do corpo dela e possui luvas para os dedos e buracos pequenos cortados cuidadosamente para os olhos e a boca — e, agora que a mulher está perto o suficiente, Pressia consegue ver até buracos para as narinas. A mulher é magra como Ingership. Os ombros angulosos parecem ossos salientes.

Ingership sai de um lado do carro e Pressia o segue.

— Que bom! Que bom! Você conseguiu! — grita a esposa dele.

O colante não sai do lugar. Adapta-se perfeitamente aos músculos do rosto dela — nem enrugando em volta dos lábios, nem achatando o nariz. Ela usa uma peruca, uma peruca loira ligeiramente fofa que esconde as orelhas e está presa atrás com uma fivela larga na nuca. Ela não desce a escada. Em vez disso, equilibra-se apoiada no corrimão.

Pressia segue Ingership degraus acima e sobe na varanda. Ele beija o rosto da esposa, mas não é o rosto dela. É a pele de colante.

— Esta é minha bela esposa!

A esposa de Ingership fica um pouco abalada diante de Pressia, como se não estivesse acostumada a ver sobreviventes. Um de seus tornozelos entorta dentro dos sapatos de bico fino.

Pressia esconde o punho de cabeça de boneca atrás das costas.

— Prazer em conhecê-la — cumprimenta ela em voz baixa.

— Sim — responde a esposa de Ingership.

— Ostras na concha? — pergunta Ingership à esposa.

— Resfriadas e prontas! — diz ela com um sorriso, o colante de seu rosto liso e bem esticado.

PRESSIA

OSTRAS

Assim que eles entram a esposa de Ingership fecha a porta e aperta um botão na parede que automaticamente estende lacres de borracha em volta da porta. Seria para impedir a entrada de poeira?, pergunta-se Pressia. Se for isso, funciona bem. As paredes são lisas e da cor creme. O piso de madeira brilha. Há um quadro desta mesma casa cercada por montes de neve, tudo branco e cintilante, como se não existissem cinzas.

— Bem-vinda à nossa humilde residência — diz Ingership.

Ele então passa o dedo em uma faixa de madeira branca ao longo da parede, pouco abaixo da altura da cintura. Levanta o dedo. Está levemente sujo de cinzas. Ele nem se dá o trabalho de destravar a dobradiça metálica de sua mandíbula, então fala através de dentes cerrados.

— Nojento? — diz à esposa.

Ela parece chocada. Balança ligeiramente a cabeça.

— Nojento! — responde com a voz esganiçada.

Pressia nunca viu tanta elegância — um tapete bordado com flores azuis, um corrimão com floreios entalhados ao pé da escada e um teto dourado. Eles entram em uma sala de jantar com uma mesa longa coberta por um tecido vermelho. Os pratos estão postos, a prataria brilha, as paredes são decoradas com mais flores. Um lustre gigante está presa ao teto, feito de vidro cintilante, formas finamente lapidadas em vez de cacos. Pressia não consegue se lembrar da palavra para esse tipo de lâmpada. Ouviu seu avô usá-la

quando ela estava brincando com Frido, e ele decidiu colocar uma vela dentro da gaiola. O cômodo ficou iluminado do alto, de um jeito bonito.

Ela pensa em Bradwell. Não consegue evitar. O que ele diria dessa ostentação? Chamaria de doentio. Você sabe que Deus o ama se você for rico! Ela consegue ouvi-lo zombando do lugar. Sabe que deveria estar indignada também.

Quem em sã consciência poderia viver aqui sabendo como todos os outros vivem?

Mas é um lar — um belo lar. Ela quer morar ali. Adora a madeira arredondada polida do encosto das cadeiras, as cortinas de veludo, os cabos enfeitados da prataria. Em algum lugar acima deles deve haver uma banheira e uma cama alta macia. Ela poderia se sentir segura naquele lugar, aquecida, em paz. É tão errado querer esse tipo de vida? Ela consegue imaginar a expressão de Bradwell dizendo Sim, na verdade é muito errado. Lembra a si mesma de que não se importa mais com o que Bradwell pensa dela. Pressia, provavelmente, nunca mais o verá. A ideia faz seu peito doer de novo. Ela queria que não doesse. Queria não se importar.

Há um grande envelope pardo na mesa com o nome PRESSIA BELZE escrito em letras grossas de tinta escura. É pressagioso, mas Pressia não sabe por quê. Em vez de se preocupar com isso, ela volta a atenção para a comida — uma tigela de grãos de milho cobertos de óleo, algo que devem ser as ostras na concha, massas marrons mergulhadas em água cristalina em cima de conchas brancas ásperas e ovos. Ovos brancos inteiros, sem casca, e cortados ao meio, com as gemas amarelas firmes, porém ainda úmidas. Seriam essas as antiguidades com as quais Ingership mexe — as que ainda não estão aperfeiçoadas? Muito perto? Aquilo parece perfeito para Pressia.

A mesa está arrumada com seis lugares. Pressia se pergunta se eles esperam mais alguém. Ingership se senta à cabeceira da mesa, e sua esposa — cujo nome não foi dito a Pressia — puxa a cadeira à esquerda dele.

— Você senta aqui — diz ela.

Pressia se senta e a mulher ajuda empurrando sua cadeira para a frente, como se a menina fosse incapaz. Ela esconde a cabeça de boneca embaixo da mesa.

— Limonada? — pergunta a esposa de Ingership.

Limões — Pressia sabe o que é isso, mas nunca tomou limonada. Onde encontraria limões?

Ingership aceita sem olhar para ela.

— Sim, por favor — diz Pressia. — Obrigada.

Faz tanto tempo que não precisa seguir etiquetas que Pressia não tem certeza se disse a coisa certa. Seu avô tentou ensinar-lhe boas maneiras quando ela era pequena, porque disse que era como ele tinha sido criado. A mãe dele lhe dissera: “Caso você precise jantar com o presidente algum dia.” Era como se, sem um presidente, o argumento a favor das boas maneiras fosse por água abaixo.

A esposa de Ingership se aproxima da mesa com uma jarra brilhante de metal tão gelada que está coberta de gotas de umidade e serve um copo para cada um. A limonada é bem amarela. Pressia quer beber, mas espera. Decide que é melhor fazer tudo o que Ingership fizer, exatamente na mesma ordem. Talvez isso o faça gostar mais dela, se ele achar que são parecidos de algum modo. Na sala iluminada o metal do rosto de Ingership reluz como se fosse cromado. Pressia se pergunta se ele se lustra todas as noites.

Ingership pega o guardanapo de tecido branco, agita-o para desdobrá-lo e o enfia embaixo do queixo. Pressia faz o mesmo, com uma mão. Ingership abaixa a aba de seu quepe. Pressia não está com quepe, então alisa os cabelos.

Quando a esposa de Ingership levanta o prato de ostras, ele ergue dois dedos, e ela coloca duas conchas em seu prato. Pressia faz o mesmo. Uma colherada de milho oleoso, idem. Três ovos, idem.

— Espero que apreciem a comida! — diz, então, a esposa.

— Obrigado, boneca — agradece Ingership, e então olha para a esposa e sorri, orgulhoso dela. Ela retribui o sorriso. — Pressia, minha esposa fazia parte do Feministas Femininas quando éramos jovens, sabe, antes...

— Ah! — murmura Pressia, embora não reconheça o termo Feministas Femininas.

— Ela fazia parte da diretoria, na verdade. A mãe dela foi uma das fundadoras.

— Muito legal — diz Pressia em voz baixa.

— Certamente, Pressia entende as dificuldades — diz Ingership.
— Terá que equilibrar sua patente de oficial com sua feminilidade, é claro.

— Acreditamos em educação de verdade para as mulheres — diz a esposa de Ingership. — Acreditamos em conquistas e direitos, mas por que isso precisa estar em desacordo com virtudes femininas simples: beleza, graça e dedicação ao lar e à família? Por que significa que precisamos balançar uma maleta e agir como homens?

Pressia olha para Ingership porque não sabe muito bem o que dizer. A esposa dele está recitando algo que antigamente era uma propaganda? Já não há mais educação de verdade para ninguém. Vida no lar e na família? O que é uma valise?

— Querida, querida — interrompe Ingership. — Não vamos falar de política.

A esposa dele olha para o colante firme na ponta de seus dedos, aperta-os e diz:

— Sim, sim. Sinto muito.

Ela sorri, balança a cabeça e começa a caminhar rapidamente para o que deve ser a cozinha.

— Espere — pede Ingership. — Pressia é uma menina, afinal. Ela deve querer ver uma cozinha de verdade toda reformada. Pressia?

Pressia hesita. Sinceramente, ela não quer sair de perto de Ingership. Ela passou a depender dele em busca de indícios de como se comportar direito, mas precisa aceitar o convite. Seria grosseria não aceitar. Meninas e cozinhas. Ela sente repulsa, mas diz:

— Sim! É claro! Uma cozinha!

A esposa de Ingership parece muito nervosa. Seu rosto, é claro, é muito difícil de interpretar, escondido pelo colante, mas ela cutuca de novo o colante na ponta dos dedos, agitada.

— Sim, sim — diz ela. — Será um enorme prazer.

Pressia se levanta, deixa o guardanapo na cadeira e a empurra para baixo da mesa. Segue a esposa de Ingership pela porta de vaivém.

A cozinha é espaçosa. Uma lâmpada grande pende do teto em cima de uma mesa de centro fina e comprida. Os balcões são simples, organizados, recém-limpos.

— A pia. A máquina de lavar louça — diz a esposa de Ingership, apontando para uma caixa preta grande e lustrosa embaixo do balcão. — A geladeira. — Ela aponta para uma caixa grande com dois compartimentos, um maior embaixo e um menor no alto.

Pressia se aproxima de cada objeto e diz:

— Bem legal.

A esposa de Ingership vai até a pia. Quando Pressia está a seu lado, ela gira uma alavanca de metal com uma bola na ponta, e água jorra. Ela sussurra:

— Não vou colocá-la em perigo. Não se preocupe. Tenho um plano. Farei o melhor possível.

— Perigo?

— Ele não lhe contou por que você está aqui?

Pressia nega com a cabeça.

— Aqui — diz a esposa de Ingership, entregando a Pressia um pequeno cartão com uma linha vermelha no centro, vermelho vivo, como sangue fresco. — Posso ajudá-la, mas você precisa ajudar a me salvar.

— Não entendo — sussurra Pressia, olhando o cartão.

— Fique com ele. — Ela empurra a mão de Pressia. — Pegue.

Pressia pega o cartão e enfia no fundo do bolso da calça.

Então a esposa fecha a torneira.

— E é assim que funciona! Encanamento e tudo!

Pressia olha para ela, confusa.

— De nada! — diz a esposa.

— Obrigada — responde Pressia, mas o agradecimento sai mais como uma pergunta.

Ela acompanha Pressia de volta à sala de jantar. A menina se senta de novo.

— É uma bela cozinha — elogia Pressia, ainda confusa.

— Não é? — declara Ingership.

A esposa dele faz uma reverência discreta e volta para dentro da cozinha.

Pressia ouve o barulho de panelas.

— Desculpe — diz Ingership, com uma risada. — Ela sabe que não deve ficar falando de política daquele jeito.

Pressia ouve um barulho na entrada e olha naquela direção. Há uma jovem com um colante muito parecido com o da esposa de Ingership, só que não é tão limpo e imaculado. Ela usa um vestido cinza-escuro e sapatos quadrados. Carrega um balde e uma esponja e está limpando as paredes em silêncio, especialmente o local que Ingership considerou nojento.

Ingership pega metade de um ovo e o coloca na boca. Pressia faz o mesmo, imediatamente. Ela o deixa na boca por um instante, passando a língua pela superfície lisa, e depois mastiga. A gema macia está salgada. O sabor é divino.

— Você está se perguntando — diz Ingership — o que é perfeitamente natural: como? Como é possível? A casa, o celeiro, a comida.

Ele gira a mão no ar, indicando tudo. Seus dedos parecem surpreendentemente delicados.

Pressia come logo o restante de seus ovos. Ela sorri, com os lábios cerrados e as bochechas cheias.

— Bem, vou lhe contar um segredinho, Pressia Belze. E é o seguinte: eu e minha esposa somos agentes de ligação entre o Domo e este lugar. Você sabe o que isso significa? Agentes de ligação? — Ele não espera a resposta de Pressia. — Somos intermediários. Fazemos pontes. Você sabe que tudo aqui era uma causa perdida antes das Explosões. A Onda Vermelha da Justiça estava se esforçando muito, e eu sou profundamente grato pelo Retorno da Civilidade. Mas algo tinha que ceder. Os outros atacaram primeiro; até Judas era parte do plano de Deus. Sabe do que estou falando? Havia aqueles que aceitaram a civilidade e aqueles que nunca conseguiriam. Devemos acreditar que, de certa forma, as Explosões foram em prol de um bem maior. Havia os que estavam preparados e os que não mereciam entrar. O Domo é bom. Ele zela

por nós como o olho benevolente de Deus, e agora ele pede algo de mim e de você. E nós o serviremos. — Ele dirige um olhar severo para Pressia. — Sei o que você está pensando. Eu devo ter sido um dos que, no grande plano de Deus, não mereceram entrar no Domo. Eu era um pecador. Você era uma pecadora. Mas isso não significa que temos que continuar pecadores.

Pressia não sabe em que se concentrar primeiro. Ingership é um agente de ligação que acredita que as Explosões foram um castigo para os pecados. É no que o Domo gostaria que os sobreviventes acreditassem — que mereceram tudo isso.

Ela odeia Ingership, mas principalmente porque ele tem poder. Ele está lidando com ideias perigosas, usando Deus e pecados para beneficiar os poderosos porque ele quer ser mais poderoso. Bradwell, provavelmente, agarraria a garganta dele e amassaria o rosto de metal batendo-o contra a parede, e depois lhe daria uma aula de história. Mas Pressia não tem essa opção. Ela fica sentada à mesa e olha para o envelope pardo. É a isso que Ingership está querendo chegar? Entregar-lhe o envelope? Pressia queria que ele andasse logo. O Domo quer algo dela? E o que acontece quando ela se recusar? Ela engole o último ovo. Faz um gesto com a cabeça como se concordasse com Ingership, mas na verdade está pensando nos ovos. Ela sentiu o gosto de cada um deles, desenvolveu o sabor de todos que estão em seu estômago.

Ingership levanta uma ostra, inclina-a como uma xícara minúscula de chá e a engole inteira. Depois olha para Pressia, como se a estivesse provocando, ou será que isto é um teste?

— Uma verdadeira iguaria — diz ele.

Pressia pega uma ostra do prato. Ela sente a borda dura da concha nos dedos e depois no lábio inferior. Inclina a concha para cima, e a ostra escorrega para o fundo de sua garganta, e depois goela abaixo. Foi tão rápido que Pressia nem sabe muito bem qual era o sabor. Sua língua fica com um pouco da salmoura.

— Deliciosa, não é? — pergunta Ingership.

Pressia sorri e confirma com a cabeça.

Ingership bate a mão sobre a mesa, triunfante.

— Sim, sim — diz ele. — O mundo antigo em sua boca por um instante, o prazer mais gratificante que nos restou.

E então ele enfia a mão na jaqueta e tira uma fotografia pequena de um bolso interno. Coloca-a na mesa e a empurra para Pressia.

— Sabe onde estamos?

É uma foto de Ingership e sua esposa. Eles estão de pé no canto de uma sala branca. Ao lado dos dois há um homem, mais ou menos da mesma idade de Ingership, vestido dos pés à cabeça com um traje de proteção. Dá para ver que o homem está sorrindo por trás da pequena janela que cobre seu rosto. Ingership está apertando a mão dele, revestida por uma luva grossa. Ele está segurando uma placa. Seu rosto magro com o metal brilhoso e sua esposa coberta pelo colante estão sorrindo de forma grotesca. Os dois estão vestindo apenas branco. Será que Ingership e sua esposa estiveram no Domo? É assim que é a vida lá dentro? Trajes de proteção, rostos atrás de janelinhas? Pressia sente o estômago revirar. É por causa da foto ou ela comeu rápido demais?

Ela empurra a fotografia pela mesa para Ingership. Sente um fio de suor descer pelas costas. Bebe um gole de limonada. É a coisa mais louca que Pressia já experimentou — azedo e doce ao mesmo tempo. A língua toca o céu da boca. Ela adora.

— Foi uma cerimônia de condecoração no Domo — explica Ingership. Ele pega a fotografia e olha para ela. — Na verdade, é uma antessala. Nós voltamos por uma série de portas lacradas.

— Eles usam trajes desse tipo o tempo todo?

— Ah, não! Eles vivem em um mundo parecido com aquele em que nós vivíamos, só que seguro, controlado e, e, e... puro. — Ele devolve a fotografia para o bolso interno da jaqueta e depois dá um tapinha de leve nela. — As pessoas no Domo estão, de forma bem calculada, tendo filhos. Elas um dia desejarão repovoar a Terra. E precisam de pessoas para testar, preparar, prender e... isto é essencial, Pressia Belze, isto é fundamental: defender.

— Defender?

— Defender — repete Ingership. — É por isso que você está aqui. — Ele olha para trás para ver se a pessoa ainda está limpando as paredes. Está. Ingership estala os dedos e ela rapidamente pega

o balde e desaparece pelo corredor. — Sabe, um Puro escapou do Domo. Na verdade, eles esperavam a fuga e estavam se preparando para deixá-lo sair. O Domo não quer reter ninguém contra a vontade. Mas, se ele ia sair, eles queriam que estivesse completamente supervisionado: equipado com implantes auriculares para que pudessem escutá-lo se ele precisasse de ajuda, e com implantes oculares para que pudessem ver o que ele vê e, em caso de perigo, levá-lo para casa.

Pressia se lembra de quando viu Partridge — o rosto pálido, o corpo alto e desengonçado, a cabeça raspada, exatamente como os boatos. Ela sabe que a explicação de Ingership não está correta, mas não sabe dizer como.

— Quem é esse Puro? — pergunta ela. Quer descobrir quanto Ingership sabe, ou pelo menos o que está disposto a lhe dizer. — Por que eles estão se dando todo esse trabalho?

— Isso é raciocínio de oficial, Pressia. É assim que eu gosto. Na verdade, ele é filho de alguém muito importante. E fugiu do Domo um pouco antes do esperado, antes de ser sedado e equipado para sua própria proteção.

— Mas por quê? — pergunta Pressia. — Por que ele iria querer sair do Domo?

— Ninguém nunca fez isso antes. Mas esse Puro, Ripkard Crick Willux, também conhecido como Partridge, tem bons motivos. Ele está procurando pela mãe.

— A mãe dele é uma sobrevivente?

— Uma miserável, sim, infelizmente. Uma pecadora, como todos nós. — Ingership engole uma ostra. — Isso é que é estranho. O Domo tem novas informações relacionadas à sobrevivência dela e agora acredita que ela esteja em uma toca, sofisticada mas pequena. Acredita que ela esteja lá contra a vontade, como prisioneira. Forças do Domo estão tentando localizar essa toca com seu sistema avançado de vigilância de superfície. O Domo quer resgatá-la em segurança antes que a toca seja destruída. Também não queremos que o Puro seja ferido no processo. E, como ele não está devidamente equipado, precisamos que alguém esteja com ele, para guiá-lo, protegê-lo e defendê-lo.

— Eu?

— Sim, você. O Domo quer que você encontre o Puro e fique com ele o tempo todo.

— Por que eu?

— Isso eu não sei. Tenho um nível muito alto de acesso. Mas não tenho acesso a tudo. Você sabe algo sobre esse garoto? Alguma ligação?

Pressia sente o estômago dar mais um nó. Ela não sabe se deve tentar mentir. Entende que sua expressão já pode tê-la entregado. Ela mente muito mal.

— Acho que não.

— Bem, isso é uma pena — lamenta Ingership.

É uma pena que Pressia não tenha ligação alguma ou que ela possa estar escondendo informações? Ela não sabe a que ele se refere.

— Mas você acha que a mãe dele está mesmo viva?

Pressia é inundada por esperança. Ela poderia ajudar a salvar a mãe de Partridge. Ele estava certo, afinal.

— Nós achamos que ela está bem viva.

— Nós quem? — indaga Pressia. — Você sempre diz nós.

— Estou me referindo ao Domo, é claro. Nós. E essa definição pode incluir você também, Pressia. — Ele bate os dedos na mesa. — Precisaremos prepará-la, é claro. Temos o material aqui para isso. É claro, será civilizado. Minha esposa está preparando o éter. — Ele se inclina na direção de Pressia. — Está sentindo o cheiro?

Pressia aspira o ar e sente um cheiro doce, enjoativo. Ela faz um gesto ligeiro com a cabeça, sentindo-se de repente muito enjoada para oferecer qualquer outra resposta. Sente a barriga e o peito se aquecerem. O calor se espalha para os braços e as pernas. Éter?

— Tem algo errado — diz ela.

Está tonta agora. Não consegue parar de pensar no menino do bosque. Não faz sentido, mas ela se pergunta se merece isso como retribuição por tê-lo deixado morrer. É isso o que acontece com quem testemunha um assassinato e não faz nada?

— Está sentindo? — pergunta Ingership. — Está sentindo em todo o corpo?

Pressia olha para Ingership. O rosto dele está borrado.

— Eu queria que você tivesse esse prazer antes de dar início à sua verdadeira missão. Um pequeno presente. Um mimo.

A esposa de Ingership está preparando éter para sedar Pressia? Ela está com o cartão estranho no bolso — branco com uma faixa, de sangue fresco?

— A comida? — pergunta Pressia, fraca, sem saber qual foi o presente.

— Então não temos muito tempo. Também estou sentindo. — Ele esfrega os braços, um movimento rápido e firme. — Mais uma foto.

Dessa vez ele procura no bolso externo da jaqueta, bem acima da cintura.

Ele passa a foto para Pressia.

Pressia precisa estreitar os olhos para focar. É seu avô. Ele está deitado em uma cama com um cobertor branco. Está com um tipo de aparelho respiratório preso ao nariz, e ela vê a ventoinha no pescoço dele, uma mancha borrada de movimento à sombra da mandíbula. Ele está sorrindo para a câmera. Seu rosto está em paz e ele parece mais jovem do que nunca.

— Estão cuidando muito bem dele.

— Onde ele está?

— No Domo, é claro!

— No Domo? — Será possível? Ela vê um buquê de flores em um vaso na mesa de cabeceira. Flores de verdade? Perfumadas? Ela sente o coração ficar mais leve. Seu avô está respirando. A ventoinha em seu pescoço está puxando ar puro.

— Mas, é claro, ele é uma garantia para que você esteja motivada a fazer seu trabalho. Está entendendo?

— Meu avô — murmura Pressia.

Se ela não fizer o que lhe disserem, alguém o matará. Ela passa a mão no punho de cabeça de boneca escondido embaixo da mesa. Sente outra onda de tontura. Pensa em sua casa. Frido. Se seu avô não está lá, onde está Frido?

— Mas você será protegida em sua missão. As Forças Especiais sempre estarão ao alcance. Fora de vista, mas não distantes.

— Forças Especiais?

— Sim, você já os viu. Não viu? Eles já reportaram ao Domo que você e El Capitán os viram. Espécimes incríveis. Mais animais que humanos, mas perfeitamente controlados.

— No bosque, aquelas criaturas sobre-humanas... são do Domo? Forças Especiais...

Isso que ela comeu são as antiguidades com que Ingership anda mexendo, e agora Pressia sabe o que ele queria dizer com ainda não estão aperfeiçoados.

Muito pouco, de acordo com as palavras dele. Muito perto. Eles a envenenaram.

Pressia desliza a mão por baixo da borda do prato, segurando no cabo de sua faca de mesa. Ela precisa sair daqui. Levanta-se, escondendo a faca atrás da coxa. Tudo gira em volta dela por um instante, e depois balança. Ela tenta distinguir as letras de seu nome no envelope pardo. Deve conter as ordens para ela.

— Querida! — grita Ingership para a esposa. — Estamos sentindo os efeitos! Nossa convidada...

Pressia sente o estômago revirar. Ela olha pela sala e depois para o rosto de Ingership. A parte de carne está afundada. A esposa aparece, sua segunda pele cintilando exceto pela área da boca, que está coberta por uma máscara verde. Ela está usando luvas verde-claras de látex nas mãos revestidas. E então o chão parece se movimentar sob os pés de Pressia.

Ingership estende a mão. Pressia puxa a faca, aponta para a barriga dele.

— Deixe-me sair daqui — pede ela.

Talvez ela consiga feri-lo o suficiente para chegar até a porta.

— Esse comportamento não é educado, Pressia! — repreende Ingership. — Nem um pouco educado!

Ela avança para ele, mas perde o equilíbrio, e quando ele estende a mão para pegá-la, ela lhe corta o braço. O sangue brota rapidamente, uma marca vermelha na camisa dele.

Pressia corre para a porta, deixa cair a faca para pegar a maçaneta com a mão boa, mas ela apenas faz um clique. Não gira. Pressia sente-se enjoada e tonta.

Ela cai de joelhos e vomita. Vira de lado, agarrando a boneca junto ao peito.

Ingership aparece acima da cabeça de Pressia, e ela fica olhando para o rosto dele, iluminado pelo vidro lapidado da luz forte instalada no teto atrás dele. Como se chamava esse tipo de luz? Como era?

— Eu lhe ofereci que experimentasse toda a comida — diz Ingership. — Mas não prometi que você poderia ficar com ela. Diga se não valeu a pena! Diga!

Ele está sem quepe, e agora Pressia vê a estranha prega de pele onde ela se encontra com o metal. Ele oscila, com o braço sangrando, depois cambaleia, e por um instante Pressia teme que Ingership caia em cima dela. Mas ele estende os braços para a esposa, firma as mãos no colante dos braços finos dela.

— Leve-me até o balde! Estou queimando, querida. Posso sentir em meus membros agora. Estou queimando muito! Queimando!

E então Pressia se lembra da palavra.

— Lustre.

Uma palavra linda. Como pôde esquecer? Quando voltar a ver o avô, sussurrará a palavra no ouvido dele.

Lustre, lustre, lustre.

EL CAPITÁN

QUEPE

El Capitán passou tanto tempo encostado em uma das bordas arredondadas do reservatório tombado de água, atento para o caso de aparecerem Poeiras, que já escureceu. Às vezes ele ouve agitações na areia. Tenta atirar nelas, mas não há luz suficiente e as agitações são muito ligeiras. Os disparos parecem afugentá-las.

Ele está com fome e com frio. Seus pés estão inchados de tanto ficar andando de um lado para o outro com o irmão nas costas. Helmud está dormindo, um peso morto. Ele começa a roncar e El Capitán se inclina para a frente e depois se joga para trás, batendo Helmud no revestimento duro do reservatório de água.

Helmud bufa, lamenta e, então, fica choramingando até El Capitán mandá-lo ficar quieto.

Há quanto tempo Pressia se foi? Ele não sabe dizer. Poderia chamar pelo rádio, mas o walkie-talkie está sem sinal.

Quando El Capitán finalmente vê o carro preto e a nuvem de fumaça atrás dele, sente-se mais irritado que aliviado. O carro serpenteia lentamente pela Terra Morta. O movimento deve ter um motivo. O motorista está dirigindo de maneira errática por medo de que algum Poeira pule para cima? Difícil dizer.

Finalmente, o carro para. Ele está coberto de areia escura. Há lama seca nos pneus. Eles foram para algum lugar fértil? El Capitán se levanta, e por algum motivo Helmud começa a choramingar de novo.

— Pare com isso, Helmud — diz El Capitán, puxando o irmão em suas costas.

O pescoço de Helmud estala, mas ele não está morto. O pescoço dele faz isso de vez em quando.

O motorista não abaixa o vidro. El Capitán se aproxima e simplesmente abre a porta traseira. Nem sinal de Ingership, o que não é uma surpresa. As visitas dele são sempre rápidas. Pressia está encostada na outra janela, de pernas cruzadas, uma mão cobrindo os olhos. Na luz fraca do teto do carro, ela parece encolhida e machucada. El Capitán entra, batendo a porta com força. No banco, entre eles, há um envelope pardo com o nome de Pressia escrito em cima e o lacre aberto.

Parece que foi amassado e torcido.

— Vamos voltar para a base, certo? — pergunta El Capitán ao motorista.

— Depende — responde o motorista. — Agora sigo as ordens de Belze.

— O quê? Belze?

— Ingership mandou.

El Capitán trabalhou todos esses anos, e Pressia Belze assume? Depois de um jantar?

— Ingership disse para você colocar os comandos de Pressia acima dos meus? Meu Deus!

— Deus! — repete Helmud.

— Isso mesmo, senhor.

Ele vai para o banco da frente e baixa o tom de voz.

— Ela parece péssima — diz El Capitán.

— Bem, não está morta — observa o motorista.

El Capitán se recosta no banco.

— Pressia — chama com a voz suave.

Ela se vira e estreita os olhos para encará-lo. Eles estão vermelhos e embaçados.

— Tudo bem?

Pressia faz que sim com a cabeça.

— Ingership mora em uma tenda, como os árabes de antigamente.

— É mesmo? — pergunta El Capitán.

— Mesmo? — repete Helmud.

Pressia olha pela janela, levanta o punho de cabeça de boneca muito ligeiramente e o balança de um lado para o outro, como uma cabeça sacudindo.

Será que a boneca está falando por ela? Pressia olha para El Capitán como se perguntasse se ele entendeu o gesto. Ele acha que ela não confia no motorista, não quer que ele ouça nada.

El Capitán confirma e então faz um teste:

— Você se divertiu, aproveitou um pouco de conforto?

— Foi ótimo — responde Pressia, e de novo ela sacode a cabeça de boneca.

El Capitán entende. Aconteceu algo. Algo ruim.

— Estas são suas ordens?

Ele toca o envelope.

— Sim.

— Eu tenho um papel?

— Eles querem que você me dê assistência.

— Preciso de suas ordens, Belze — diz o motorista. — Para onde?

— Não gosto de seu tom — diz El Capitán.

Ele pensa em dar um soco na cabeça do motorista, mas decide não fazer isso. Não quer chatear Pressia.

— Você não precisa gostar de meu tom — retruca o motorista.

Pressia levanta a aba do envelope, despejando o conteúdo: uma única folha com uma lista de ordens, uma fotografia de um velho descansando tranquilamente em uma cama de hospital e um pequeno dispositivo portátil. Há tempos El Capitán não via um computador funcionando, aparelhos quebrados. Telas pretas, plástico derretido, alguns teclados e peças alojadas em pele.

— O ponto — diz ela a El Capitán. — Temos que encontrar esse ponto. Homem, dezoito anos.

El Capitán pega o computador. Está tão acostumado ao walkie-talkie que o objeto parece estranho. É liso, com uma tela brilhante, quase oleosa. A tela mostra o terreno com uma vista aérea. E, de fato, inclui um pequeno ponto azul. O ponto pulsa, movimentando-

se pela tela. El Capitán toca na bolinha azul e a tela de repente aumenta para um recorte aproximado da área ao redor do ponto azul piscante. Há palavras na tela — RUA 24, AVENIDA CHENEY, BANCO DO COMÉRCIO E DO MERCADO. A mãe dele não se referia ao banco como C&M? Era esse o banco dela? Ele se lembra de pirulitos em um pote com tampa revestida de borracha e de uma fila labiríntica de pessoas cercadas por cordas de veludo. Mas as ruas não são mais a mesma coisa. A tela mostra a verdade, uma cidade demolida, coberta por um mapa da cidade antiga.

— Sei onde fica isto — diz ele. — Este ponto azul aqui.

— Sim — concorda Pressia.

Ele examina a tela à procura de um mercado que começou a funcionar recentemente nas redondezas. Não está ali.

— Isto não está atualizado.

— Não completamente.

— Você conhece esse ponto? — pergunta El Capitán.

— É um Puro. Ele escapou do Domo pelo sistema de filtragem de ar.

El Capitán quer matar um Puro. É um desejo tão simples e poderoso quanto a fome.

— E o que vamos fazer com o Puro? Tiro ao alvo?

— Vamos usá-lo para chegar à mãe dele. — Pressia estreita os olhos na direção do horizonte. — No fim, entregaremos o Puro e a mãe dele para Ingership.

— E ele os matará em público?

— Ele vai devolvê-los.

— Devolvê-los?

— Sim.

Para o Domo. Ele se dá conta de que Ingership tem trabalhado com o Domo.

É como se El Capitán já soubesse sem admiti-lo para si mesmo. É claro, pensa ele.

Isso significa que a OBR nem existe de verdade. El Capitán se lembra de quando ele procurou pelas armas que havia enterrado, com o irmão morrendo às suas costas, de como seu sangue se agitava desesperadamente pelo corpo enquanto ele procurava por

marcos. O mundo havia sido assolado, destruído. Sua mãe já estava morta, enterrada no cemitério em frente a um asilo. Desorientado. Ele sobreviveu a tudo aquilo, El Capitán se apressa a relembrar.

— Fico feliz de ver que Ingership conquistou sua lealdade e confiança.

— Sem dúvida — diz Pressia, ainda olhando pela janela.

El Capitán fica de olho na cabeça de boneca de Pressia, que agora se levanta, apenas uns dois centímetros acima do banco, e gira de um lado para o outro. Então Pressia se vira e encara El Capitán.

— Ele também tem sua lealdade e confiança, certo? — pergunta.

Será que o motorista está escutando e transmitindo? Não importa. El Capitán não pode responder. Não pode nem confirmar com a cabeça. Não é assim que ele vai cair. Há um fogo em seu peito. Helmud está inquieto, como se o calor furioso de El Capitán tivesse se espalhado para ele no sangue que os dois compartilham. Ele está lá atrás, mexendo os dedos como uma velhinha ansiosa tricotando sapatinhos de bebê.

— Para onde? — indaga o motorista.

— Nós diremos quando quisermos! — grita Pressia.

El Capitán fica orgulhoso dela, aliviado por ver algum sangue no rosto da menina.

Ele olha para o computador de novo.

— Você tem um plano?

Ela confirma com a cabeça de boneca:

— Seguiremos o ponto — diz ela, para manter as aparências.

El Capitán coloca o dedo na fotografia e a desliza pelo banco.

— Alguém que você conhece?

— Meu avô.

— Belo arranjo ele tem aqui.

— É.

Então eles fizeram o avô de Pressia de refém. É assim que eles fazem. El Capitán pega a folha com as ordens. Passa os olhos. Ele precisam localizar o Puro, ganhar sua confiança, segui-lo até o alvo, a mãe dele, entregar o alvo às Forças Especiais, que chegarão quando forem chamadas pelo walkie-talkie.

— Forças Especiais?

— As criaturas que roubaram os animais de suas armadilhas.

El Capitán tenta assimilar tudo. Ele continua lendo. Eles devem proteger a construção e todos os objetos lá dentro — a todo custo —, especialmente comprimidos, cápsulas, frascos. Tudo que parecer medicinal. Belze está no comando. El Capitán deve auxiliá-la e prestar assistência. Ele se sente enjoado e encurralado, como os recrutas nos cercados. Seus punhos estão cerrados. Seu peito parece cerrado também.

— Você sabe para onde estamos indo?

Ela confirma com a cabeça.

— Só seguirei suas ordens se você souber realmente qual é sua missão.

— Como diz Ingership: “O Domo é bom. Ele zela por nós como o olho benevolente de Deus, e agora ele pede algo de mim e de você. E nós o serviremos.”

El Capitán não consegue evitar. Ele ri.

— Entendi tudo errado nesses anos todos. Hum. Fui muito estúpido, não é? O Domo não tem nada de maligno. Sempre achamos que eles fossem o inimigo e que teríamos que combatê-los algum dia. Não é, Helmud?

Helmud não diz nada. Pressia olha pelo para-brisa.

— Não, não lutaremos — diz ela.

Mas El Capitán fica de olho na cabeça de boneca de Pressia. Ela ergue a cabeça do punho e a deixa cair. Sim. Lutarão. Pressia dá um soco no banco de couro.

— Certo — concorda El Capitán. Uma coisa está clara: ele precisa se livrar do motorista. — Por que não deixa o vento bater um pouco no rosto? — Ele nunca se ouviu falando em um tom assim, gentil, calmo. — Você precisa garantir que vai conseguir ficar de pé. Dê uma caminhada.

Pressia olha para ele por um instante e então confirma com a cabeça. Ela sai do carro, apoiando-se na porta para se equilibrar, esforçando-se um pouco para ficar de pé. Segura a cabeça com a mão boa, como se estivesse tonta. Então fecha a porta. El Capitán a observa contornar o reservatório de água tombado.

— O que está acontecendo? — exclama o motorista, virando-se no assento.

Helmud está agitado. Ele começa a se balançar nas costas de El Capitán.

— Acontecendo, acontecendo — sussurra ele.

É um alerta. El Capitán sabe disso. Helmud está tentando dizer para o motorista se acalmar. Mas ele não se acalma.

— Belze tem uma missão. Você está interferindo nessa missão? Eu devia entregar você. Ingership vai...

El Capitán se vira e dá um soco no pescoço do motorista. A cabeça dele bate na janela. El Capitán sai do carro, sentindo o peso de Helmud, e em poucos passos rápidos ele abre a porta e puxa o motorista pela lapela. Eles cambaleiam. El Capitán dá uma cabeçada nele e o joga no chão, sob a luz dos faróis. A testa de Helmud acerta a parte de trás da cabeça do irmão. El Capitán chuta as costelas do motorista, contorna o corpo encolhido dele e o chuta nos rins. Põe a mão na arma em sua cintura, pensa em atirar nele, mas decide deixá-lo se virar ali na Terra Morta.

O motorista se contorce no chão e tosse sangue, manchando a areia. El Capitán dá um tapinha no capô do carro. Lembra-se de sua moto, de que era quase como voar. Ele se senta no banco do motorista, alisa o painel, pega no volante com as duas mãos. Ele sabia tudo sobre pilotar aviões, e sabe que nunca poderá voar em um. Mas talvez isso dê uma sensação semelhante, só um pouco.

Ele abaixa o vidro.

— Pressia? — assobia por entre os dentes.

Pressia reaparece, aparentando estar um pouco mais forte.

— Entre no banco do passageiro. O motorista está se sentindo um pouco incapacitado. Eu vou dirigir.

Pressia entra no carro e fecha a porta. Não faz pergunta alguma. O ar dentro do carro parece eletrizado. El Capitán pisa no acelerador, engata a ré, anda para trás, e depois coloca a primeira marcha. Ele vira o volante para se desviar do motorista. Os pneus patinam, depois pegam tração, e o carro dá um solavanco para a frente com um ronco gutural que ele sente nas costelas, deixando uma espiral de poeira para trás, agitando-se onde rapidamente surge um Poeira.

El Capitán o vê pelo retrovisor, iluminado pelas luzes traseiras do carro. E, quase como um animal e atraído pelo sangue do motorista, o Poeira avança para o corpo do motorista, que se perde em um rebuliço de areia, lançando seu quepe pela Terra Morta.

PARTRIDGE

MÃES

A costura da fronha escura na cabeça de Partridge tem um rasgo pequeno.

Ele enxerga um pouco à sua volta, mas não o suficiente para descobrir onde está.

Sabe que ele e Bradwell estão cercados pelas mulheres armadas e seus filhos — um arsenal de músculos, quadris largos, costas curvadas fortes — por todos os lados.

Uma mulher está conduzindo o grupo. Ela segura um antigo lampião de acampamento preso com fita adesiva no alto de uma vara. Ele balança, lançando sombras em todo mundo. Partridge vê que as mulheres que carregam crianças na parte superior do corpo caminham a passos largos. As que têm crianças nas pernas cambaleiam e balançam, passos dados com esforço e empenho. E algumas não têm filhos, e, perto das outras, parecem despidas, diminuídas, como se tivessem minguado para uma versão menor de si mesmas.

Os pássaros nas costas de Bradwell estão parados. Devem estar reagindo ao medo dele — ou talvez ele não sinta mais medo nessas situações. Talvez seja um dos aspectos positivos de se estar morto. Talvez os pássaros simplesmente saibam quando devem ficar quietos.

De vez em quando, Bradwell pergunta aonde estão indo, e não obtém resposta.

As mulheres estão em silêncio. Quando as crianças falam ou choramingam, elas as acalmam ou tiram algo de um bolso e enfiam na boca. Pelo rasgo, Partridge as vê apenas de relance, aparecendo atrás de pernas, agarradas a uma cintura, envolvidas por um braço. Os olhos são curiosamente iluminados, o sorriso é intenso. Ainda tosem, mas, diferentemente das crianças no mercado, não têm o peito carregado.

Partridge percebe que as mulheres os estão levando para fora de um bairro fechado, saindo da Terra Derretida. A terra tem mais entulho, onde antes era cimento e asfalto, então ele presume que estão indo para um antigo centro comercial. Ele gira a cabeça para que o rasgo fique à sua frente. Além do lampião, outra mulher segura uma lanterna para iluminar o centro comercial, movendo-se rapidamente pelos escombros. Há um pedaço de letreiro de cinema; restam as letras E, N, G, U, I e A, e Bradwell se lembra das enguias — as elétricas. Elas eram peixes ou cobras? Os outros estabelecimentos estão irreconhecíveis — privados de qualquer coisa que valesse a pena pilhar. Até vidro e metal foram removidos.

Restam alguns ladrilhos no teto, e então, milagrosamente, a lanterna ilumina o fundo das sombras, refletindo em uma lâmpada fluorescente ainda intacta.

Os passos delas não ecoam mais. Eles estão seguindo na direção de algo grande e praticamente sólido. Partridge distingue um dos monstruosos prédios industriais desabados, que abrigava prisioneiros ou pessoas como a sra. Farelina, que eram levadas embora, ou quem estava morrendo com algum vírus. O grupo avança ao longo das ruínas.

— Esta foi minha casa durante três anos — declara uma das mulheres. — Ala feminina. Aposento Mil Duzentos e Oitenta e Quatro. Comida debaixo da porta. Luzes apagadas depois da prece.

Partridge mexe a cabeça no capuz para ver quem está falando. É uma das mulheres sem criança.

— Eu só tinha uma prece — sussurra outra. — Salvem-nos, salvem-nos, salvem-nos.

Ninguém mais fala por um bom tempo. O grupo continua marchado até que uma mulher diz:

— Descendo.

E de repente o chão desaparece debaixo dos pés de Partridge e ele dá um passo em falso, e então desce uma escada.

— Bradwell — diz Partridge —, você ainda está aqui?

— Estou aqui.

— Calem a boca! — diz uma das crianças.

Eles entram no que deve ser um grande porão, a julgar pela acústica. A temperatura cai rapidamente. O ar é úmido. A atmosfera é parada e densa.

Partridge é forçado a se ajoelhar, com as mãos ainda amarradas nas costas. A fronha então é retirada, e é bom respirar ar livre, enxergar tudo. Mais de dez mulheres, ainda armadas até os dentes, algumas com crianças, outras sem, cercam-nos.

Bradwell, agora também sem capuz, está ajoelhado ao lado de Partridge. Ele parece corado e atordoado.

Partridge abaixa o queixo, e tenta esconder o rosto sem marcas.

— Era esse o plano? — sussurra para Bradwell.

— Acho que estamos chegando perto.

— Sério? — diz Partridge. — Perto do quê? Da morte?

O centro do porão está vazio e tem dimensões industriais, o tipo de porão que existiria sob um prédio, talvez um sanatório. Mas as laterais estão cheias de objetos comuns agora deformados, enferrujados, queimados — rodas grandes, pás, bolas de boliche, martelos. Há também fileiras de armações metálicas dobradas de leitos, banheiras de ferro e baldes de metal com espremedor de rodo e rodinhas.

Uma mulher está parada na frente deles. Ela segura uma criança loura de dois ou três anos, e tem um braço fundido à cabeça dela, em posição protetora. O outro braço segura um taco de beisebol com uma lâmina de machado.

— Mortes, o que estão fazendo no território de Nossa Boa Mãe?

Ainda com a cabeça abaixada, Partridge olha de relance para Bradwell.

— Estamos em uma missão — responde Bradwell —, e perdemos um. Precisamos da ajuda de sua Boa Mãe. É uma menina. Chama-se

Pressia. Ela tem dezesseis anos. Achamos que foi levada pela OBR, mas não temos certeza.

— Isso é comum — diz a mulher. — A OBR leva todos aos dezesseis, Morte.

Ela dá um suspiro cansado.

— Bem, as circunstâncias não são comuns porque ele não é comum.

Bradwell olha para Partridge.

Partridge o encara.

— Mostre seu rosto a elas — ordena Bradwell.

Partridge o fita com os olhos arregalados. Ele é um sacrifício aqui? Um Puro.

Era esse o plano de Bradwell o tempo todo? Ele sacode a cabeça.

— Não — responde. — O que você está fazendo?

— Mostre seu rosto a elas! — repete Bradwell.

Ele não tem escolha. As mulheres estão esperando. Ele ergue o queixo. As mulheres e seus filhos se aproximam. Ficam todos olhando, boquiabertos.

— Tire a camisa — diz a mulher.

— É só mais do mesmo — responde Partridge enquanto uma das mulheres desamarra suas mãos.

— Tire.

Partridge desabotoa alguns botões e tira a camisa pela cabeça.

— Ele é Puro — diz ela.

— Exatamente.

— Nossa Boa Mãe ficará satisfeita — anuncia a mulher com a criança loura.

— Ela ouviu os boatos sobre um Puro. Vai querer ficar com ele. O que você quer em troca?

— Não posso ser todo vendido — diz Partridge.

— Ele pertence a você? — pergunta a mulher a Bradwell.

— Não exatamente, mas tenho certeza de que podemos pensar em algo.

— Talvez ela aceite um pedaço dele — observa a mulher.

— Que pedaço? — pergunta Partridge. — Meu Deus!

— Achamos que a mãe do Puro ainda está viva. Ele quer encontrá-la.

— Isso também pode ser de interesse de Nossa Boa Mãe.

— Enquanto isso — diz Bradwell —, você poderia espalhar para as outras mães sobre Pressia? Ela tem cabelos escuros, olhos amendoados também escuros e uma cabeça de boneca no lugar de uma das mãos. É baixa. Tem uma cicatriz curvada ao redor do olho esquerdo, em forma de meia-lua, e queimaduras nesse lado do rosto.

Enquanto Bradwell descreve Pressia, Partridge se pergunta se o rapaz sente algo por ela. Ele gosta dela ou apenas se sente responsável? Nunca lhe passou pela cabeça que Bradwell poderia se apaixonar por alguém, mas é claro que ele pode.

Ele é humano. Por um instante Partridge quase gosta de Bradwell, sente que podem ter algo em comum, mas então, é claro, ele se lembra de que Bradwell está oferecendo um pedaço de seu corpo a estranhas.

Ela confirma com a cabeça.

— Vou espalhar.

PRESSIA

HASTE

Pressia não tem certeza do que aconteceu na casa. Ela desmaiou no chão perto da porta da frente. Acordou no banco traseiro do carro, voando pela Terra Morta. Sem mais informações. Será que lhe deram éter? Será que foi sedada para fazerem uma lavagem de seu estômago porque ela havia sido envenenada? Por que Ingership faria isso com ela? Talvez por ser claramente louco, e a esposa também. Por qual outro motivo ela diria a Pressia que não a colocaria em perigo enquanto a envenenava?

Ela está com um corte e um hematoma atrás da cabeça, como se tivesse batido no chão, talvez enquanto brigava com Ingership? Houve uma luta. Disso ela está certa. E agora, de vez em quando, sente uma pontada de dor no alto e atrás da cabeça, um choque agudo. Ela não se sente nem um pouco bem. Ainda está enjoada, o estômago inquieto e dolorido. A visão está coberta por focos densos de neblina. Flores fantasmagóricas se abrem e somem cada vez que ela pisca. A audição está abafada, como se Pressia estivesse encostando um copo na parede para escutar. O vento não ajudou. Ele levanta a poeira, embaçando ainda mais a visão dela, e assobia em seus ouvidos.

E agora o motorista se foi. Nada de olhar para trás. Ela tem apenas El Capitán e Helmud. El Capitán dirige em alta velocidade pela Terra Morta na direção da cidade. De vez em quando os faróis iluminam Poeiras, e ele os atropela. Seus corpos se desfazem em cinzas, terra e pedras.

Pressia tira o dispositivo rastreador do envelope. O ponto está atravessando parte dos Campos de Escombros em uma reta perfeita e rápido demais para estar em terreno irregular. Ela se lembra de Bradwell dizendo que pega as criaturas parecidas com ratos no final dos canos pequenos ainda intactos sob os escombros, canos em que só cabem pestes. Então Bradwell e Partridge devem ter encontrado um chip, prendido em uma das criaturas e soltado o animal.

— Temos que ir à casa de Bradwell, perto dos Campos de Escombros — revela Pressia. — Foi o último lugar onde vi o Puro.

— Você o conhece?

— É, conheço.

— Por que não me disse antes?

— Por que deveria?

— Hum.

Ele olha para Pressia como se agora estivesse sendo obrigado a repensar suas suposições.

— Hum — repete Helmud, e olha para ela também.

Agora ela vê Helmud retorcendo os dedos com ansiedade.

El Capitán sacode os ombros e resmunga:

— Pare com isso.

— Pare com isso — responde Helmud.

— Você não pode matar o Puro quando o encontrarmos — diz Pressia. — Nem todos são ruins. Esse que estamos procurando é bom, na verdade. Tem coração. Está à procura a mãe. Eu sei o que é, eu entendo isso.

— Eu também — diz El Capitán, e a gentileza em sua voz, triste e solitária, surpreende Pressia.

— Eu também — repete Helmud.

— Não podemos andar pela cidade com este carro — diz El Capitán. — Vai chamar muita atenção.

— Eu sei onde é a casa de Bradwell — afirma Pressia. — Eu vou.

— Você não está em condições de ir até lá a pé — diz El Capitán. — Além disso, um de nós precisa ficar com o carro. Não quero que esta bela máquina seja destruída por Poeiras.

— Está bem — concorda Pressia. — Vou fazer um mapa para você.

— Sei de um lugar onde podemos esconder o carro.

Depois de um tempo El Capitán para perto de um outdoor que havia tombado e agora está apoiado na estrutura que o sustentava. Serve como uma garagem coberta. Ele estaciona o carro.

Perto do outdoor há um teto desabado que cobria um conjunto de bombas de combustível. Pressia e El Capitán se abrigaram junto dele, tentando se proteger do vento carregado de poeira. Há uma placa caída com um P e um B dentro de um círculo verde. Isso significava alguma coisa antigamente. Ela não sabe o que era.

Pressia encontra na terra uma haste de metal que deve ter pertencido a uma moto. Ela nunca foi boa de desenho, mas conseguia desmontar o relógio do avô e montar novamente, consertar os mecanismos internos de Freedle e fazer a pequena coleção de animais — a lagarta, a tartaruga, a série de borboletas — porque era muito precisa. Ela espera que essa atenção a detalhes venha a calhar.

Na terra cheia de cinzas iluminada pelos faróis ela começa a esboçar um mapa, primeiro com uma vista aérea da cidade. Ela aponta para a borda dos Campos de Escombros, a localização do açougue de Bradwell, marcado com um X.

Quando El Capitán diz que entendeu, ela começa o segundo desenho — o interior do açougue, incluindo o frigorífico, onde é mais provável que ele encontre coisas deixadas para trás e mais armas. Pressia precisa confiar nele, mas não está certa de que confia. Na verdade, ele é detestável. Mas, atrás de toda a violência e crueldade, ela vê alguém que quer ser bom. Afinal, ele não queria fazer o Jogo. Se o mundo fosse diferente, ele poderia ser uma pessoa melhor? Talvez todo mundo pudesse. Talvez, no fim das contas, seja esse o melhor presente que o Domo pode oferecer: quando se vive em um lugar com bastante segurança e conforto, é possível fingir que sempre se tomaria a melhor decisão, mesmo diante do desespero. O modo terrível como ele trata Helmud poderia ser visto como uma forma de esconder o amor pelo irmão, algo que ele não consegue demonstrar.

Helmud é tudo o que lhe resta, e El Capitán tem algo de profundamente leal — errático e esquentado, mas leal. E isso tem

algum valor. Pressia se pergunta como ele perdeu os pais e se pensa neles tanto quanto ela pensa nos próprios pais e no avô. Mas El Capitán também é cruel. E isso é algo que falta em Pressia. Ele sabia que o motorista seria devorado vivo pelos Poeiras se fosse deixado na Terra Morta? Pressia não tem certeza. Ela diz a si mesma que há uma chance de que o motorista tenha sobrevivido. Mas só por teimosia. Ela sabe que isso provavelmente não é verdade.

El Capitán se levanta.

— Vamos — diz ele. — Já entendi.

— Entendi — repete Helmud.

Ele tira o fuzil das costas e o entrega a Pressia.

— Fique dentro do carro, aconteça o que acontecer. Atire em qualquer coisa que se mexer.

— Pode deixar — responde Pressia, embora ela não saiba se será capaz.

Senta-se no banco do motorista, fecha a porta.

— Se você precisar ir embora, pode ir — diz ele. — As chaves estão aí na ignição. Eu ficarei bem.

— Bem — repete Helmud.

— Eu não sei dirigir.

— É melhor ter as chaves que não ter. — El Capitán apoia a mão no capô. — Tenha cuidado.

Ele está claramente apaixonado pelo carro.

— Não vou a lugar algum — diz Pressia. Ela sente que está em dívida. Quem mais a teria ajudado assim? Ela não teria conseguido sem El Capitán. — Você me trouxe até aqui.

Ele sacode a cabeça.

— Cuide-se, está bem? — Ele olha para o horizonte sinistro da cidade demolida. — Vou seguir esta trilha — declara ele. — Eu conheço esta. Vai me levar para perto dos Campos de Escombros. E vou usá-la para voltar.

Pressia o observa se afastar, mas sua visão está encoberta. Esse trecho da Terra Morta é feito de cinzas. Poeira sopra e serpenteia pelo terreno plano. A terra está marcada por blocos de asfalto, prova de que antes havia uma rodovia. A última coisa que ela vê é Helmud. Ele se vira e acena com o braço longo e fino.

Então, em instantes, El Capitán e Helmud desaparecem na distância sombria e nebulosa. Ela precisa desligar os faróis. Tudo fica escuro.

EL CAPITÁN

FRIGORÍFICO

El Capitán escorrega pela rampa do boxe de atordoamento, passando por tanques, prateleiras e trilhos no teto. Ergue o braço e pega um gancho.

— Meu Deus! — exclama para Helmud. — Este lugar é perfeito.

— Perfeito — responde Helmud.

— Poderíamos ter sobrevivido sozinhos aqui, Helmud. Sabia disso?

— Sabia disso?

— Esse Bradwell tem uma puta sorte — resmunga El Capitán.

— Puta sorte — repete Bradwell.

Chegaram aqui mais rápido do que El Capitán imaginava. As ruas estavam calmas. As poucas pessoas que ele encontrou fugiram às pressas, recuando em portas escuras ou correndo por becos. Se não reconheceram El Capitán e Helmud especificamente, viram o uniforme, o que normalmente basta.

El Capitán ainda está indo o mais rápido possível. Ele admite que adorou o maldito carro. Um dos motivos para ter espancado o motorista foi que ele queria pisar fundo pela Terra Morta. Então, sim, El Capitán quer voltar para o carro, mas também quer proteger Pressia. Se ele voltar e ela não estiver lá, ou se restarem apenas pedaços dela, ele não sabe se conseguirá suportar. Há algo naquela menina. Ela tem bom coração. Ele não conhecia alguém assim há muito tempo — ou será que simplesmente parou de procurar?

É estranho haver alguém esperando por ele. Há histórias, lendas, de amantes que morreram um pelo outro durante as Explosões. Pessoas que, como El Capitán, sabiam que aquilo talvez acontecesse. Prepararam planos de fuga, estocaram suprimentos e combinaram pontos de encontro. Mas os pontos de encontro não funcionaram para esses amantes. Um esperaria pelo outro. Talvez, de acordo com os planos, só devessem esperar por algum tempo — meia hora, quarenta minutos —, e depois ir para um lugar mais seguro. Mas esses amantes sempre esperavam tempo demais. Esperavam para sempre. Esperavam até os céus virarem cinzas vermelhas. Ele, certa vez, ouviu alguém cantar uma música sobre amantes como esses e nunca mais a esqueceu. Era estranha. O cara estava lá, parado na rua, cantando.

*Espero na plataforma
ninguém chega à estação.
Ondas de vapor sobem
e morrem sobre o chão.
Vejo meu amor chegando
ela olha para o relógio e sorri.
Sabe que esperei por ela
mais de uma vida inteira aqui.
Então o vento sopra
e a leva para longe de mim.
Só me restam as cinzas
que se misturam às lágrimas, assim.
Água e cinzas, água e cinzas criam uma perfeita pedra.
Espero aqui para sempre até também virar pedra.*

El Capitán era mais jovem e estava fazendo a ronda quando ouviu a música.

— Meu Deus, atire nele logo — disse um dos outros soldados.

— Não — respondeu El Capitán. — Deixe-o cantar.

Ele nunca esqueceu a música.

El Capitán entra no frigorífico e, de fato, vê uma das criaturas semelhantes a um rato na gaiola, exatamente como o mapa de

Pressia prometia. Ele pensa em roubá-la. É rechonchuda. O cheiro de carne tostada é forte. Ele ouve Helmud começar a emitir barulhos de estalo, como se estivesse chamando o animal.

— Humm — resmunga Helmud.

— Sim, sim. Humm. Mas não podemos nos distrair.

O problema é que El Capitán não sabe o que está procurando. Algo fora de lugar? Não é fácil saber quando nunca se esteve no local antes. Há duas poltronas com o estofamento solto, o baú, as paredes de metal, os trilhos e os ganchos. Há um balde de metal com tecido queimado, os restos carbonizados de uma mochila e uma pequena caixa de metal. Ele pega a caixa e a abre; ela solta um tinido estranho e depois silencia. El Capitán a enfia no bolso, caso seja importante.

Ele abaixa a cabeça sob um gancho. Avista o baú.

Helmud começa de novo a emitir barulho de estalo, chamando o animal engaiolado.

— Fique quieto, Helmud! — diz El Capitán.

Helmud se agita, tentando alcançar a criatura, o que faz El Capitán perder o equilíbrio. Ele dobra um joelho.

— Droga, Helmud. Que diabos?

Mas então ele sente uma pedra afiada no joelho. Fica de pé.

E ali no chão há uma joia. É um pássaro quebrado com uma pedra azul no lugar do olho, preso em uma corrente de ouro. Será que isso significa algo para Pressia? El Capitán espera que sim.

Ele pega o colar e o coloca no bolso. Então, corre para o espaço rebaixado que Pressia indicou no mapa. Não há tantas armas quanto ela deu a entender.

Talvez isso signifique que Bradwell e o Puro estão fortemente armados. Ele passa os dedos pela lâmina afiada de uma faca. Pega o que deve ser uma pistola atordoadora. Recolhe as duas e guarda na jaqueta. Ele respira fundo uma última vez — a carne assada — e depois vai embora.

PARTRIDGE

VINTE

— Você ia me dar a eles, como se eu fosse propriedade sua — diz Partridge.

Ele e Bradwell estão sentados lado a lado em catres no chão de um cômodo pequeno, e como no porão em que estavam antes, há um conjunto estranho de objetos junto das paredes, o que faz o cômodo parecer ainda menor. É como se as mãos tivessem removido da Terra Derretida qualquer coisa que pudesse ter valor e estocado tudo.

— Eu não ia dar você a elas. Ia trocar. É completamente diferente.

— Em ambas as situações, eu fico com elas.

— Mas eu fiz com que desistissem da ideia, não foi?

Bradwell tira a jaqueta. O ferimento em seu ombro está inchado, mas parou de sangrar. Ele enrola a jaqueta, formando um travesseiro, e se deita de lado.

— É, elas vão se contentar com um pedaço de mim. Que ótimo! Um souvenir. Grande coisa.

— Você deve sua vida a Pressia.

— Eu não sabia que você levaria isso ao pé da letra. De onde eu venho, isso é uma expressão.

— É um luxo possível no Domo. Não aqui. É vida ou morte. Todos os dias.

— Eu vou lutar — declara Partridge. — É um instinto. Não posso evitar. Ninguém vai tirar um pedaço de mim sem luta.

— Eu não recomendo isso com esse pessoal, mas faça o que for preciso.

Bradwell soca a jaqueta como se estivesse afofando um travesseiro e fecha os olhos; em questão de minutos está respirando devagar, profundamente adormecido.

Partridge tenta dormir também. Ele se encolhe no catre, fecha os olhos, mas parece só conseguir se concentrar no ronco irregular de Bradwell. Partridge imagina que ele tenha aprendido a dormir nas piores circunstâncias. Partridge, por sua vez, sempre acordou com qualquer barulho — um dos professores fazendo a ronda nos dormitórios, alguém no gramado tarde da noite, o estalo do sistema de filtragem de ar.

Ele mergulha no sono leve, depois volta à superfície da vigília — Bradwell, Pressia, o frigorífico, aqui e agora, a velha morta, a Onda de Morte, as mães. Ele pensa em Lyda, o rosto dela na quase escuridão da Mostra de Domesticidade, a voz contando um, dois, três. Na pista de dança, ela o beija na boca, com suavidade, e ele retribui. Ela se afasta, mas dessa vez olha para ele como se quisesse preservá-lo consigo, como se soubesse que o está vendo pela última vez, e depois se vira e vai embora correndo. Ele se vira no catre. Fica acordado por um momento. Onde ela está agora? E então sua mente parece nublada de sono, e ele sonha que é um bebê. Sua mãe o segura nos braços enquanto as asas dela os carregam pelo ar frio e escuro. As penas farfalham, as asas batem — ou são os pássaros de Bradwell? E está escuro porque é noite ou porque o ar está cheio de fumaça?

E vem a voz no ar escuro: dezesseis, dezessete, dezoito... Lyda contando na sala escura da Mostra de Domesticidade, agora cheia de fumaça. Mas, ainda assim, ele passa o dedo pela lâmina.

— Vinte — diz Lyda.

PRESSIA

TERRA

Pressia tenta ficar atenta a alguma mudança na paisagem, montinhos de areia escura cinzenta se formando, funis, ondas. O carro está parcialmente escondido pelo outdoor caído. As chaves estão na ignição. Ela ainda percebe os efeitos do éter, o que a faz sentir-se pesada. Ela cochila e, então, acorda assustada.

Segura a arma com firmeza usando sua mão boa. Ela se pergunta se, com a visão e a audição prejudicadas, seu olfato já está mais aguçado. O cheiro de podridão faz parte da paisagem. Ela pensa nos ovos pálidos e úmidos do jantar de Ingership, nas ostras. Sente-se enjoada de novo e logo fecha os olhos para retomar um pouco do equilíbrio.

Com os olhos fechados, a imagem que aparece em sua mente é de Bradwell e Partridge jantando em uma grande mesa de banquete. Essas coisas são possíveis agora que Pressia viu a casa de Ingership, mas não exatamente, nunca, não com eles. Ela imagina o rosto de Bradwell, seus olhos, sua boca. Ele olha para ela. Está prestes a dizer algo.

Ela abre os olhos. Está quase amanhecendo. Um resquício de luz fraca surge no leste.

Ela ouve algo claro — o movimento da areia? Se um Poeira aparecer, ela o matará. Precisa matá-lo. É errado matar algo que quer matá-la?

Com sua visão embaçada, ela enxerga alguns pedaços de pneus estourados, a carcaça de uma van muito enferrujada e, bem ao

longe, quando o vento para por um instante e as cinzas se assentam, ela vê a linha irregular onde o horizonte encontra a película cinzenta do céu. Em algum lugar para lá estão a casa de fazenda, Ingership e sua esposa com a pele coberta de colante.

Pressia procura a silhueta de El Capitán surgindo na paisagem urbana destruída atrás dela. Seu punho de cabeça de boneca, já escurecido pelas cinzas, encara-a com expectativa, como se precisasse de algo dela. Quando era pequena, ela conversava com a cabeça, e tinha certeza de que a boneca a entendia. Não há ninguém aqui para ver a cabeça de boneca. Nem mesmo o Domo, o olho benevolente de Deus. Deus é Deus. Ela tenta imaginar a cripta de novo, a bela estátua atrás do acrílico rachado.

— Santa Wi — sussurra Pressia, como se fosse o início de uma oração.

E pelo que ela quer rezar? Ela quer pensar em uma das histórias de seu avô agora — não no garoto assassinado, no motorista devorado pelos Poeiras, nos Poeiras que talvez a devorem.

E então aí está, uma história. Havia um festival italiano todo verão, contou-lhe o avô. Havia xícaras de chá tão grandes que era possível sentar dentro delas e girar, e jogos que davam como prêmio um peixinho em um saco plástico cheio d'água. Os peixes pareciam aumentar de tamanho quando circulavam nos sacos inflados, maiores, depois menores, e maiores de novo.

O chão se agita com o vento, e Pressia não gosta. Ela pisca instintivamente, tentando limpar a visão, que fica apenas mais embaçada. A terra agitada e o vento parecem estar em conflito. E então Pressia vê um par de olhos. Ela arqueja em silêncio. Aperta o botão na maçaneta da porta para baixar o vidro da janela. Nada acontece. Ela precisa ligar o carro. Segura as chaves. Gira de um lado para o outro.

Há apenas uns cliques ocos. Ela empurra a chave com força e o motor liga, estremecendo tudo com energia. O Poeira ainda está se agitando. Ela aperta o botão. O vidro desce. O vento fuliginoso entra. Ela ergue a arma e a engatilha. Suas mãos estão trêmulas. Ela hesita, e então tenta mirar.

O Poeira mergulha na terra. Sumiu de novo, mas não está longe.

Pressia está paralisada. As cinzas rodopiam dentro do carro. Ela está com a arma preparada, mas nunca atirou antes. Ela não é uma oficial. É apenas uma menina de dezesseis anos. Mesmo que pudesse dar o que o Domo quer, o que aconteceria com Partridge? O que aconteceria com El Capitán e Helmud? E com o avô dela? Pressia o imagina na cama de hospital, o sorriso dele, as hélices desfocadas da pequena ventoinha alojada no pescoço dele. Havia um traço de preocupação nos olhos dele? Ele estava tentando alertá-la?

O que acontece aqui quando não se tem mais serventia? Pressia sabe a resposta a essa pergunta.

— Perdoe-me — sussurra ela, porque tem certeza de que já fracassou em relação a seu avô. Ela pensa em Santa Wi, em seus traços delicados. Esta é sua oração: — Perdoe-me.

E é nesse momento que Pressia sente um puxão forte na arma. Ela recua, recusando-se a soltar. Os braços aparecem em seguida. São fortes, feitos de terra, não humanos, com garras. Eles agarram os ombros dela e começam a puxá-la para fora do carro. Ela tenta segurar a arma, mas não está mais em posição de atirar.

Usa a coronha do fuzil para golpear o peito do Poeira.

Ela sabe que o carro é sua melhor proteção. Precisa ficar dentro dele. Mas os braços ficam puxando-a para fora. Ela estende o braço para trás e prende o punho de cabeça de boneca no volante, mas no processo a arma é arrancada de suas mãos.

Os braços do Poeira a puxam para si. Aqui ela sente o cheiro de podridão — é pungente e misturado com o cheiro de ferrugem. O Poeira solta o braço dela do volante, puxando a parte superior do corpo da menina pela janela. Ela firma as pernas.

Mas então olha por cima do ombro do Poeira. Uma faixa arenosa atrás dele se define, formando uma estreita espinha dorsal.

O Poeira é forte demais. As pernas de Pressia cedem. Ela e o Poeira são lançados para a frente. Ele a solta. A menina tenta recuperar a arma, pega-a do chão, vira de barriga para baixo e atira. O Poeira cai, em pedaços pequenos.

A faixa espinhosa avança em seguida. Pressia se levanta e mira, mas o Poeira rasteja para baixo dela, como um tubarão sob uma

canoa. Ela se vira e vê o solo levantar como água agitada por uma tempestade. Mais Poeiras se agitam e se erguem.

Um Poeira à esquerda dela é do tamanho de um lobo. Outro sobe de repente como um gêiser, mais de seis metros de altura. Ela se vira e dispara, vira-se de novo e atira, sem parar para conferir os danos. Está andando de costas, tentando chegar ao carro, trancar-se lá dentro.

Onde está El Capitán? Será que ele seguiu a trilha errada no chão?

Outro Poeira do tamanho de um lobo avança e a ataca, apertando o corpo dela contra a terra dura. Ele não tem focinho, mas, ainda assim, Pressia sente o bafo quente no pescoço, no rosto. Ela o acerta com a coronha da arma, no que imagina que sejam as costelas. O Poeira solta um grunhido.

Ela se afasta, rastejando.

A faixa espinhosa se enrola no corpo de Pressia, chutando a arma das mãos dela e deixando os pulmões sem ar. A arma cai aos pés do Poeira em forma de lobo.

Então ela ouve um grito. El Capitán?

A faixa espinhosa recua. Uma faca gira no ar e retalha o Poeira. Ele fica frouxo e cai no chão. A faca, um cutelo, bate no solo.

La está El Capitán.

— Dei uma passada no açougue — diz ele.

Agora há Poeiras por toda parte. Com Helmud se agitando em suas costas, El Capitán ataca com outra faca três pilares retorcidos de areia e os mata rapidamente — rasgando seus corpos. O que sobrou de vida neles se esvai com um chiado, e restos de cinzas e terra se espalham pelo chão da Terra Morta.

Pressia atira nos Poeiras o mais rápido possível. El Capitán grita para ela, mas com a audição abafada e os disparos ela não consegue entender nenhuma palavra.

Outro Poeira logo vai para cima dela, forçando-a no chão. Ele aperta com força o peito dela. Pressia dá joelhadas e socos no tronco do Poeira, mas ele a segura com uma gravata. Tensionando os músculos do pescoço para resistir à gravata, Pressia larga a arma e tenta se soltar. Não consegue respirar. El Capitán de repente

aparece. Ele pega o Poeira pelo pescoço. Está com uma pistola atordoadora, aperta-a no que parece ser a cabeça, aperta o gatilho. O Poeira cai.

Pressia arfa.

El Capitán agarra a mão dela e deposita algo pequeno e duro.

— Pegue isto.

Ela não consegue falar.

— Talvez tenha algum valor.

Outro Poeira está em cima deles agora. El Capitán pega o fuzil e dispara. Um Poeira que estava perto recua chiando.

Pressia olha para o colar com pingente. Reconhece-o imediatamente. Isso significa que Bradwell levou Partridge de volta para o açougue depois que ela desapareceu. Eles podem ainda estar juntos.

Mas por que está quebrado? O que aconteceu com a outra metade?

Ela ergue o olhar. Os Poeiras se acumulam. Pressia sente algo agarrar sua cintura. Ela chuta o mais forte possível. Com cada golpe vem uma rajada de pó e cinzas. Ela arranha e soca, mas ainda se sente sendo lentamente puxada para dentro da própria terra faminta. Tenta avançar e vê um exército de Poeiras surgindo ao longe. Será que este Poeira vai puxá-la para baixo da terra e devorá-la?

Pressia sente o pavor do sufocamento. Ela não quer ser enterrada viva.

O mundo à sua volta falha em sua visão. Ele fraqueja e estremece. Pressia continua lutando, mas foi envenenada, sedada, espancada. Está fraca, com fome, com sede. Sua visão, já embaçada, escurece.

De onde está, ela grita o nome de El Capitán. Ele responde e, no meio da terra levantada pela briga, ela consegue ver El Capitán lutando com Poeiras, com Helmud nas costas. Ele ainda está de pé, porém mais Poeiras se aproximam. Ele está perto do carro. Pressia consegue ver o brilho negro. Os Poeiras jogam El Capitán na lateral do carro. Ele cai no chão. Eles vão morrer aqui.

Ela agita os braços, acerta as botas no corpo do Poeira. Fecha os olhos com força e pensa no olho azul do cisne. Um mundo azul, e agora a palpitação em seus ouvidos e a pulsação em seu pescoço são azuis, e El Capitán é azul, o carro, os Poeiras. Ela se vira para as colinas cinzentas, agora azuis, e procura o rosto de sua mãe, de seu pai. Ela sabe que isso é loucura. Eles se foram. Mas, ainda assim, a mente dela quer algum tipo de conforto antes de morrer. Lar. Onde é seu lar?

A terra a está engolindo. Pressia sente ressoando em seu corpo o rosnado grave de Poeiras. Ela abre os olhos e a Terra Morta está ainda mais morta — cinzas, morte e areia escura.

Ela continua lutando e segura com força o pingente, socando, mas não causa danos. Está exausta. O envelope com suas instruções e o dispositivo rastreador desapareceram. A foto de seu avô — Pressia pensa nela agora, enxerga-a em sua mente — também desapareceu, e é como se nunca tivesse existido. Onde está ele? O que aconteceu com Freedle? Será que ela os verá outra vez? El Capitán e Helmud estão mortos agora? É possível que eles tenham conseguido chegar ao carro?

Pressia se vira na direção de um barulho de batucadas e enxerga o que sabe que será sua última visão. Batida de passos. Um borrão de cinzas, mas então o relance do rosto de uma criança, uma criança sendo carregada pela mãe. Como se eles fossem uma imagem perdida dela própria quando pequena com sua mãe, como se sua mãe não tivesse sido destroçada pela vidraça de uma janela.

— Pressia — grita sua mãe. — Segure-se!

Uma mão aparece.

E então tudo o que resta de sua visão é um ponto, e logo ele também escurece.

PRESSIA

SACRIFÍCIO

Pressia acorda com o rosto apoiado em algo duro. Sua cabeça lateja. Ela vê um pneu careca. Mas não é o pneu do carro preto comprido. Ela está em uma sala e o pneu é pequeno. Está ligado a um motor com lâminas. Um cortador de grama?

Ela se pergunta se está sonhando, se isso é algum tipo de pós-vida. Um porão dedicado à prática de jardinagem? Isso é uma pós-vida?

Ela tenta se sentar.

Há vozes a seu redor, sussurrando. Uma delas fala mais alto perto dela.

— Espere. — É uma voz de mulher. — Não tenha pressa.

Pressia relaxa de novo e se deita de lado. Lembra-se dos Poeiras. De El Capitán disparando a arma. Da mãe e da criança. Ela fecha os olhos.

— El Capitán e Helmud — diz.

— Os dois homens no carro? Amigos seus?

— Eles estão mortos?

— Estávamos lá por você, não por eles. A vida ou morte dos dois não nos importa.

— Onde estou? — Ela olha à sua volta e vê rostos: mulheres, crianças, gira o rosto como se estivesse em uma daquelas xícaras rodopiantes de que seu avô lhe falou. As crianças estão fundidas ao corpo das mães. Ela olha para cada uma delas.

— Você está aqui. Com Nossa Boa Mãe.

Mãe? Ela não tem mãe. O cômodo é frio e úmido. Ela treme. Corpos se movimentam ao seu redor e, atrás deles, há caixas empilhadas, brinquedos derretidos, um conjunto de caixas de correio metálicas deformadas, um triciclo parcialmente derretido.

Pressia ergue o corpo com os braços. Uma mulher segura seu cotovelo e a ajuda a se sentar nos joelhos. Ela segura uma criança loura de dois ou três anos, com um braço fundido à cabeça dela de forma protetora.

— Esta é Nossa Boa Mãe — diz a mulher, apontando para a frente. — Curve-se a ela.

Pressia levanta os olhos e vê uma mulher sentada em uma cadeira de madeira, reforçada com corda de nylon. Ela tem um rosto simples, pequeno e delicado, um mosaico de vidro. Apenas uma lâmpada a ilumina e faz o vidro brilhar.

A pele pálida cresceu quase completamente por cima das pérolas em seu pescoço.

Elas parecem uma fileira de tumores perfeitamente moldados. Ela usa uma blusa fina, quase transparente. Através do tecido Pressia vê o contorno de uma cruz gigante de metal incrustada na barriga, no peito e até mesmo no meio do pescoço dela, empurrando os ombros para trás. Isso a força a se sentar com a coluna reta.

Ela usa uma saia longa e está armada com um simples atizador de ferro fundido.

Ele repousa em seus joelhos.

Pressia abaixa a cabeça, fazendo uma reverência, e fica assim, à espera de que Nossa Boa Mãe lhe diga quando for suficiente. Aos pés de Nossa Boa Mãe estão as armas de Bradwell, cuidadosamente organizadas. Isso significa que ele talvez esteja ali. Ele tem alguma relação com tudo isso. Será, então, que ele tentou procurá-la depois que ela desapareceu? E Partridge? Pressia sente o coração bater mais forte no peito. Por um instante ela se enche de esperança, até que se dá conta de que essas armas arrumadas também significam que Bradwell foi desarmado, talvez até mesmo morto.

Será que eles deixaram o colar para que ela encontrasse? Eles morreram?

O colar. Onde está agora?

O sangue subiu à cabeça de Pressia, e ela sente tontura. Ainda assim, não se mexe. Ela espera a mulher com o atizador dizer algo, e finalmente ela fala:

— Levante-se. — Pressia ergue a cabeça. — Você quer saber — continua Nossa Boa Mãe —, assim como todo mundo, por que uma cruz? Eu era uma freira? Devota? Fundida enquanto rezava? Como?

Pressia sacode a cabeça. Seu cérebro ainda nem tinha ido tão longe. A mulher está falando da cruz no peito?

— Não é da minha conta — responde ela.

— Nossas histórias são o que temos — diz Nossa Boa Mãe. — Nossas histórias nos preservam. Nós as oferecemos uns aos outros. Nossas histórias têm valor. Você entende?

Isso faz Pressia se lembrar da primeira vez em que ouviu Bradwell falar no porão, da ideia de preservar o passado. Bradwell — ela não consegue imaginar o que sentiria se descobrisse que ele está morto. Nossa Boa Mãe a está encarando.

Ela fez uma pergunta a Pressia. Pressia não consegue se lembrar de qual era. Faz que sim com a cabeça. Será que é a reação certa?

— Eu lhe darei minha história de presente. Eu estava diante de uma janela com moldura de metal — responde Nossa Boa Mãe, passando o dedo pelo tecido da blusa, ao longo da cruz de metal alojada em seu esterno. — Com o rosto encostado nela, olhando para o céu revoltoso, uma mão apoiada no vidro. — Ela estende a mão, incrustada com vidro. — Consegue imaginar minha quase morte?

Pressia assente com a cabeça. Sua mãe foi morta com uma chuva de vidro.

— As armas — diz Pressia, apontando para elas no chão.

— Presentes — diz a Mãe —, do Morte que nos trouxe o Puro, que também é Morte. Todos os homens são Mortes para nós. Você, com certeza, sabe disso.

Isso significa que eles estão vivos ou mortos? Essas mulheres matam todos os homens que encontram? É por isso que os chamam de Mortes?

Há uma movimentação atrás de Pressia. Ela se vira.

Partridge e Bradwell estão sendo empurrados para dentro da sala. Eles estão ali. Ainda estão vivos. Com o coração batendo, os pulmões respirando. Ela está tão aliviada que sente que talvez chore.

— Para baixo, Mortes! Para baixo diante de Nossa Boa Mãe! — gritam as mulheres.

Partridge e Bradwell se ajoelham, um de cada lado de Pressia. O aspecto dos dois é terrível. Olhos cansados, roupas esfarrapadas e cheias de cinzas. Mas, ainda assim, Bradwell sorri. Seus olhos brilham. Ele está feliz em vê-la, e isso aquece o peito de Pressia, o rosto dela.

— Pressia — sussurra Partridge. — Elas encontraram você!

Então ela não foi capturada; foi encontrada? Eles a estavam procurando esse tempo todo? Tinha tanta certeza de que eles haviam se separado... Partridge teria continuado em sua missão em busca da mãe, e Bradwell teria cortado os laços. Ele sobreviveu porque não se deixou ser atrasado por outras pessoas. Então, o que significa o fato de ter vindo procurar por ela?

Nossa Boa Mãe bate as mãos, e todas as mulheres e crianças fazem uma reverência, saem pela porta e sobem a escada. Só fica uma, a que tem uma vassoura em forma de lança. Ela fica parada na porta.

— Pensamos que esses seus dois Mortes faziam parte de uma Onda de Morte — diz Nossa Boa Mãe a Pressia. — Não participamos do esporte, mas, quando eles às vezes invadem, matamos o máximo possível antes que eles se dispersem.

Ela encaixa os dedos pequenos no cabo do atizador.

— Fico feliz por você não tê-los matado — diz Pressia.

Isso lhe dá esperança de que El Capitán e Helmud tenham sobrevivido de alguma forma. Há uma chance.

— Eu também. Eles estão em uma missão. — Nossa Boa Mãe se levanta de maneira desajeitada; a haste da vidraça fundida no meio do peito dela a obriga a se levantar apoiando-se nos braços da cadeira. Ela anda com o corpo rígido. — Nós os ajudamos nessa missão, em parte porque você é mulher. Nós acreditamos em salvar nossas irmãs. Mas tem mais. Algo sobre encontrar a mãe do Puro. —

Ela anda devagar pela sala, fazendo um círculo. — Um Puro tem valor para mim — diz Nossa Boa Mãe. — Valor sentimental, no mínimo. — Ela faz um sinal para a mulher que continua na sala, uma guarda, que então vai até Partridge, aponta a vassoura-lança para o pescoço dele. — Parece que essa não é uma missão qualquer, e que nem mesmo esse Puro é um Puro qualquer. Quem é você? Quem são vocês?

Partridge se vira para Bradwell de olhos arregalados. Pressia sabe o que ele está pensando — deve dizer o nome do pai? Isso poupará sua vida? Ou apenas fará dele um alvo ainda melhor?

Bradwell faz um gesto positivo com a cabeça, mas Partridge não parece confiar nisso. Pressia se pergunta o que aconteceu entre os dois desde que ela sumiu. Partridge não mexe a cabeça, mas olha para Pressia. Engole em seco, com a ponta da lança junto de seu pomo de adão.

— Ripkard Willux. Uso o nome Partridge.

Nossa Boa Mãe sorri e balança a cabeça.

— Ora, ora, ora. — Ela se vira para Pressia. — Vê como ele não tem sido franco? Está escondendo informações, não é? Tem algo que você não está dizendo. Mortes fazem isso. Não conseguem ser sinceros.

— Não estou escondendo nada — diz Partridge.

— Mortes não falam com Nossa Boa Mãe a menos que ela lhes dirija a palavra! — diz a mulher com a vassoura-lança, que então o golpeia nas costas.

Nossa Boa Mãe agora fala apenas com Pressia.

— Quando ocorreram as Explosões, muitas de nós estávamos aqui, sozinhas, em nossas casas ou trancadas em nossos carros. Algumas foram atraídas para o quintal para ver o céu, ou, como eu, para as janelas. Agarramos nossos filhos junto ao peito. As crianças que pudemos reunir. E houve algumas que estavam presas, morrendo. Todas nós fomos deixadas para morrer. Fomos nós que cuidamos dos moribundos. Cobrimos os mortos. Enterramos nossos filhos e, quando houve muitos para serem enterrados, construímos piras e queimamos o corpo de nossos próprios filhos. Mortes, eles causaram isso a todas nós. Antes os chamávamos de Pai ou Marido

ou Senhor. Nós é que víamos os pecados mais obscuros deles. Enquanto batíamos nas venezianas de nossas casas como pássaros engaiolados e dávamos cabeçadas nas paredes de uma prisão, nós os observávamos. Só nós sabemos o quanto eles se odiavam, quanta vergonha sentiam, suas fraquezas, egoísmo, desprezo, e como dirigiram tudo isso contra nós primeiro, e contra os próprios filhos, e depois contra o mundo. — Ela volta a se sentar na cadeira. — Eles nos deixaram para morrer e nós somos obrigadas a carregar nossos filhos, nossos filhos que nunca crescerão, e teremos que fazer isso para sempre. Nosso fardo é nosso amor.

A sala fica em silêncio. Pressia se pergunta por um instante o que aconteceu com o filho, ou talvez os filhos, de Nossa Boa Mãe. Ela parece não estar fundida a nenhuma criança, apenas à cruz de metal, ao vidro das vidraças. Será que os corpos dos filhos dela foram queimados em piras?

— Para onde você foi quando desapareceu? — pergunta Nossa Boa Mãe.

— A OBR me capturou e me colocou em treinamento para oficial. No início, não soube o motivo. Fui até um posto avançado, uma casa de fazenda. Um oficial e sua esposa moram lá e trabalham para o Domo. Eles têm plantações de alimentos.

— Não comestíveis — diz Nossa Boa Mãe. — Sabemos disso. Conseguimos chegar até lá, mas não muito mais longe. Nós observamos.

— Eles estão com meu avô. Ele está no Domo. Refém, eu acho. Estou em uma missão para levar o Puro e sua mãe a Ingership. Há Forças Especiais aqui fora, superespécies selvagens. É para eles que devemos entregar Partridge e sua mãe.

— Forças Especiais? Fora do Domo? — pergunta Partridge.

— As ordens são para procurar algo medicinal quando encontrarmos sua mãe — continua Pressia. — Eles acham que ela está em algum tipo de casamata.

— É um bom sinal o Domo achar que ela está aqui, não é? — indaga Partridge.

— Isso significa que temos que encontrá-la antes deles — responde Bradwell. — Temos concorrência.

— Minha mãe e eu não podemos voltar. Nunca poderemos voltar.

— Nós podemos ajudar — diz Nossa Boa Mãe. — Não tenho o hábito de falar com Mortes, mas preciso. Temos que resolver uma questão de pagamento. Sabem, encontramos a menina e, se você quer sair vivo da Terra Derretida para encontrar sua mãe, provavelmente vai precisar de nossa proteção.

Pressia olha para Bradwell. Eles precisam mesmo das mães?

Ele faz que sim com a cabeça.

— Não sei se temos algo de valor — diz Pressia.

Nossa Boa Mãe olha para as armas.

— Onde vocês conseguiram isso?

— Em uma açougue — diz Bradwell.

— Você é açougueiro?

— Não. Encontrei o lugar quando era criança, logo depois das Explosões.

— Você quer armas como pagamento? — pergunta Pressia.

Nossa Boa Mãe olha para ela e sorri.

— Tenho todas as armas que uma mulher poderia querer. — Ela estende a mão. — Deixe-me segurar uma.

Pressia se abaixa e ergue uma das facas, com o cabo para cima, e se curva.

— Você estava com sua mãe no fim? — pergunta ela a Pressia.

— Estava.

— Perda é perda — diz ela, tocando a lâmina. — Ou você entende isso, ou não.

— Que tipo de pagamento você espera exatamente? — pergunta Pressia.

Nossa Boa Mãe se inclina para a frente e fala diretamente com Partridge:

— Estávamos observando você por algum tempo antes de minhas mulheres avançarem. Sabe quantas já poderiam ter matado você a esta altura e de quantas formas diferentes?

Ele sacode a cabeça.

— Se quer encontrar sua mãe, precisará de nossa ajuda. A questão é se você está disposto a se sacrificar por seu objetivo ou não.

Partridge olha para Bradwell e Pressia.

— Você que sabe — diz Bradwell em voz baixa.

Nossa Boa Mãe aponta a faca para Partridge.

— Para mim, a situação é esta. Você passou tempo suficiente aqui, não é?

— Tempo suficiente para quê? — pergunta Partridge.

— Para não ser mais Puro.

— Não sei o que você quer dizer — responde ele.

Pressia pensa em cicatrizes, queimaduras, marcas, fusões, e então, olhando para a faca, amputações.

— A Pureza é um fardo — diz Nossa Boa Mãe. — Foi o que descobrimos. Quando a pessoa não é mais Pura, quando não precisa proteger isso mais, está livre disso.

Partridge sacode a cabeça de um lado para o outro com força.

— Eu não me importo com o fardo.

— Eu gostaria que meu pagamento também fosse um presente para você. Posso acabar com sua Pureza. Você nunca entenderá de verdade, mas posso transformá-lo em um de nós, em uma escala pequena.

Nossa Boa Mãe sorri para ele.

Partridge se vira para Pressia.

— Diga a ela que não é necessário. Podemos pensar em algum outro tipo de pagamento. Sou filho de Willux. Isso pode ser útil, não é? Uma linha direta?

— Você não está mais no Domo — afirma Nossa Boa Mãe.

— Não — diz Pressia. — Podemos pensar em outra coisa.

Nossa Boa Mãe nega com a cabeça.

— Qual é a ideia aqui? — pergunta Bradwell, em voz baixa, com calma.

— Apenas algo simbólico — responde Nossa Boa Mãe.

— O quê? — pergunta Bradwell. — Um dedo?

Pressia sente o estômago se contorcer. Chega de sangue. Chega de perdas, diz a si mesma. Não.

— Um mindinho — diz Nossa Boa Mãe, segurando o cabo da faca com as duas mãos. Ela olha para Partridge. — As mulheres podem segurar você.

Pressia se sente agitada, como se houvesse um animal tentando escapar de dentro de sua caixa torácica. Ela mal pode imaginar como Partridge está se sentindo. Ele lhe dirige um olhar desesperado. Bradwell é o único que parece saber que não há como evitar isso.

— É um presente — diz ele. — Você está sendo sortudo. Um mindinho, só isso.

— Não preciso de presente — responde Partridge. — Sou grato pelo que tenho. Fico feliz que Pressia tenha voltado. Esse já é um presente ótimo.

Pressia quer pedir para Nossa Boa Mãe pegar algo dela, mas sabe que isso a deixaria furiosa. Nossa Boa Mãe odeia Mortes. Ela desprezaria Pressia por qualquer ato de sacrifício. Então Pressia pensa: Ele não deveria pagar? É a mãe dele, afinal.

Ele veio aqui para encontrá-la, e o que esperava?

— Elas nos mandarão embora sem proteção — diz Bradwell. — Nunca encontraremos sua mãe porque estaremos mortos.

Partridge está paralisado, pálido. E respira com dificuldade.

Pressia olha para ele. Ela expressa a verdade simples.

— Nós morreremos.

Partridge olha para a própria mão. Olha para Bradwell. Já arriscou a vida de Pressia e a de Bradwell. Isso é o mínimo que ele pode fazer, e parece que sabe disso. Ele se aproxima de Nossa Boa Mãe e coloca a mão na mesa.

— Segure-a — diz a Bradwell. — Para que eu não a tire do lugar.

Ele segura o pulso de Partridge com tanta força que Pressia vê os nós dos dedos de Bradwell ficarem brancos. Partridge junta os dedos, deixando o mindinho afastado.

Nossa Boa Mãe coloca a ponta da faca ao lado do mindinho de Partridge, levanta o cabo e, em um movimento rápido, abaixa o dorso da lâmina no dedo, bem no osso do meio. O som — quase um estalo — faz Pressia arquejar.

Partridge não grita. Tudo acontece rápido demais. Ele fica olhando para a mão, o sangue, a metade do dedo separada. Deve ser uma sensação estranha de entorpecimento por um instante, pois

a expressão dele é vazia. Mas então seu rosto se contorce quando a dor começa. Ele olha para o teto.

Nossa Boa Mãe entrega a Bradwell um trapo e uma tira de couro.
— Amarre bem apertado. Faça pressão. Mantenha elevado.

Bradwell prende a tira de couro ao redor do dedo de Partridge. Fecha a mão no dedo dele e então empurra o trapo ensanguentado junto ao coração de Partridge. Um buquê. É nisso que Pressia pensa — rosas vermelhas, o tipo de coisa que se veria nas revistas antigas de Bradwell.

Nossa Boa Mãe recolhe a outra metade do mindinho e a segura na palma da mão.

— Leve-o de volta para o quarto. Há mulheres do outro lado da porta esperando para acompanhar vocês.

— Tem mais uma coisa — diz Bradwell.

— O que é? — pergunta Nossa Boa Mãe.

— O chip no pescoço de Pressia. Está ativo.

— Não está — responde Pressia.

— Está sim — diz Bradwell, com ênfase.

— Nenhum dos nossos chips funciona. Quem se importaria conosco, cambaleando aqui fora sem nada?

— Por alguma razão, eles estavam tentando juntar você e Partridge. Agora ficou óbvio para mim — responde Bradwell. Ele se vira para Nossa Boa Mãe. — Vocês têm alguma médica ou enfermeira aqui? Alguém hábil?

Nossa Boa Mãe contorna Pressia e para atrás dela. Pega um punhado de cabelo da menina e levanta, expondo o pescoço. Ela toca em uma cicatriz na nuca de Pressia, um calombo antigo e insensível. Um arrepio desce pela espinha de Pressia. Ela não quer que ninguém corte seu pescoço.

— Você vai precisar de uma faca, álcool, trapos limpos — diz Nossa Boa Mãe, simplesmente. — Mandarei entregarem tudo. Faça você mesmo, Morte.

— Não — diz Pressia a Bradwell. — Fale que não vai fazer.

Bradwell olha para as próprias mãos. Balança a cabeça.

— O chip está no pescoço dela. É perigoso.

— Você é um bom açougueiro — responde Nossa Boa Mãe.

- Na verdade, não sou açougueiro.
- Você não cometerá erro algum.
- Como pode ter tanta certeza? — pergunta Bradwell.
- Porque, se cometer, eu mato você. Seria um prazer.

Isso não tranquiliza Pressia. Bradwell parece ainda mais nervoso. Ele esfrega a cicatriz no rosto.

- Vão — ordena Nossa Boa Mãe.

A mulher com a vassoura-lança os leva até a porta. As pernas de Partridge parecem um pouco bambas, e Pressia também não está muito estável. A mulher abre a porta e, antes de sair, Pressia olha para Nossa Boa Mãe, que segura um dos braços com o outro, encarando o bíceps esquerdo. Pressia segue o olhar dela e ali vê o material transparente de sua blusa abaixar e levantar — tudo o que sobrou do filho dela, apenas um bebê, os lábios arroxeados, a boca escura embutida no antebraço dela, ainda vivo, respirando.

PRESSIA

CONTO DE FADAS

Eles são levados para dentro de um quarto pequeno com dois catres no chão. A mulher tranca a porta. Partridge se recosta na parede e desliza para baixo até se sentar no catre. Ele segura a mão ferida junto ao peito.

Pressia não pode se sentar. Sua cabeça está zunindo. Seu chip precisa ser removido por alguém que nem açougueiro é?

— Não acredito que você acha que vai tirar o chip de meu pescoço — diz ela a Bradwell. — Você não vai. Sabe disso, não é? Você não vai chegar nem perto.

— Eles sempre sabem onde você está. É isso que você quer? Gosta tanto do Domo, acho que eu não ficaria surpreso se você quisesse ser fantoche deles.

— Eu não sou fantoche deles! Você está paranoico. Louco!

— Louco o bastante para vir procurar você.

— Eu não pedi nenhum favor seu.

— Mas seu avô pediu, e agora eu cumpri.

Pressia sente como se tivesse levado um soco no estômago. É por isso que Bradwell veio procurá-la? Porque devia um favor ao avô dela pela sutura no rosto?

— Bem, considere a dívida paga. Nunca pedi para ser um fardo para ninguém.

— Não foi isso que eu quis dizer — responde Bradwell. — Deixe-me começar de novo.

— Quietos! — pede Partridge. — Fiquem quietos!

Ele está sentado, pálido e abatido.

— Sinto muito por seu dedo — lamenta Pressia.

— Todos nós fizemos sacrifícios — responde Bradwell. — Era hora de ele fazer um também.

— Bonito — diz Pressia. Neste momento, ela odeia Bradwell. Ele a encontrou porque devia um favor. Nada mais. Por que tinha que esfregar isso na cara dela? — Muito compreensivo.

— É engraçado ver você com um uniforme da OBR — retruca Bradwell. — Veja essas braçadeiras. Agora é uma oficial? Esse grupo é bem legal. Eles é que são muito compreensivos!

— Eu fui raptada e eles me obrigaram a usar este uniforme — responde Pressia. — Você acha que eu gosto?

A voz de Pressia sai fraca porque ela de fato gosta do uniforme, e Bradwell provavelmente sabe disso.

— Parem — diz Partridge. — Bradwell tem razão, Pressia. Eles nos conduziram para que nos encontrássemos. Quem sabe há quanto tempo eles sabem onde você está? A pergunta é por que você?

Pressia se senta ao lado de Partridge.

— Não faz sentido — diz ela. — Eu não entendo.

— Guardei na cabeça algo que Nossa Boa Mãe falou. — Bradwell se agacha e encara Partridge. — Você está escondendo algo. Não está sendo sincero.

— O que estou escondendo? — pergunta Partridge. — Já contei tudo. Acabei de perder meu dedo. Por que você não dá um tempo?

Pressia se lembra do colar. Verifica os bolsos e em um deles sente a borda dura do pingente de cisne, o contorno das asas. Ela teve tempo de guardá-lo antes de desmaiar? Alguém o encontrou em sua mão e o colocou no bolso? Ela está aliviada por ainda tê-lo. Tira-o do bolso e o segura na palma da mão.

— Vocês deixaram isso para mim? Como um sinal?

Partridge confirma com a cabeça.

— Você encontrou.

Ela se lembra de jogar Eu Me Lembro com Partridge, trocando recordações.

Ela lhe falou do pônei em seu aniversário, e ele contou uma historinha, um rei mau e uma mulher-cisne. Uma mulher-cisne — como o pingente de cisne com olho azul.

Pressia olha para Bradwell.

— Talvez não seja questão de ele estar escondendo algo. Ele só não sabe o que é importante.

— E o que é importante? — indaga Bradwell. — Eu adoraria saber.

— E a mulher-cisne? — Pressia pergunta a Partridge. — Conte a história.

Partridge não contava em voz alta a história da mulher-cisne desde aquela vez em que tentou contá-la a seu irmão, Sedge, depois das Explosões. Naquela época, ele ainda conseguia se lembrar da risada de sua mãe, mas com o passar do tempo o ar do Domo ficou tão vazio, tão vago, que ele sentia que cheiros, sabores e até mesmo lembranças estavam sendo devorados por uma bolsa oca de ar dentro de sua própria cabeça. Aribelle Cording Willux — todos os pequenos traços de sua mãe estavam desaparecendo aos poucos. Ele sabia disso. Mesmo uma semana depois das Explosões, Partridge já havia começado a esquecer o som da voz dela.

Mas agora ele tem certeza de que, se pudesse ouvi-la, apenas uma nota, todas as lembranças voltariam imediatamente.

— A história é assim. — Ele começa a contar a história que vem repetindo para si mesmo, sozinho, durante anos. — Antes de ser uma mulher-cisne, ela era uma donzela-cisne que salvou um jovem de se afogar, e ele roubou as asas dela. Era um jovem príncipe. Um príncipe mau. Ele a obrigou a desposá-lo. Tornou-se um rei mau. O rei achava que era bom, mas estava enganado. E havia também um rei bom. Ele morava em outra terra. A mulher-cisne ainda não sabia que ele existe. Então, o rei mau deu dois filhos à mulher-cisne. Um era como o pai, ambicioso e forte. O outro era como ela.

Partridge sente-se inquieto e, embora esteja fraco, precisa se levantar e andar. Está praticamente alheio a si mesmo. Toca em objetos com a mão intacta — a barra de um carrinho de mão, ranhuras e fendas nas paredes de blocos de concreto. Ele para e pede o colar a Pressia. Segura-o do jeito que sua mãe lhe dissera

quando contara a história. Sente as pontas afiadas das asas do cisne.

Continua falando.

— O rei mau colocou as asas da mulher-cisne em um balde no fundo de um antigo poço seco e escuro, e o menino que era como ela ouviu farfalhadas dentro desse poço. Uma noite, o menino desceu pelo poço e encontrou as asas para sua mãe. Ela as colocou, e pegou o menino que pôde, o que era como ela, que não ofereceu resistência, e voou para longe.

Mas então Partridge para de novo. Ele se sente tonto.

— O que foi? — pergunta Pressia.

— Continue — diz Bradwell. — Vamos.

— Ele precisa de tempo — diz Pressia — para se lembrar.

Mas não foi nenhum branco. Ele se lembra perfeitamente da história. O motivo de ter parado foi que ele quase consegue sentir sua mãe. Libertar história no ar liberta também uma parte dela. Ele para a fim de assimilar isso, e então o instante passa. Nesses breves momentos, ele se lembra de como era ser criança.

Lembra-se de seus braços de menino e das pernas inquietas. Lembra-se das bolinhas no cobertor azul que eles usaram na casa da praia, da sensação do pingente de cisne dentro da mão fechada, como um dente grande afiado.

— A mulher-cisne se tornou uma mensageira alada. Levou seu filho consigo até a terra do rei bom. Ela lhe contou o plano do rei mau para dominar a terra dele, disse que ele faria fogo descer do alto das montanhas para destruir tudo no caminho. Todo o povo do rei bom seria destruído em uma bola de fogo, e essa nova terra, purificada pelas chamas, pertenceria ao rei mau.

Partridge continua a história:

— O rei bom se apaixonou pela mulher-cisne. Ele não a obrigou a perder as asas. Aqui, ela poderia ser donzela e cisne ao mesmo tempo. E por causa disso ela se apaixonou por ele. O rei lhe deu uma filha, tão bonita quanto a mulher-cisne, um presente. E ele construiu um lago imenso para apagar o fogo que descesse da montanha. Mas como ele estava distraído pelo amor que sentia por ela, as águas não estavam prontas quando o fogo veio.

Partridge começa a se sentir mal. Seu coração está pulando. É como se ele não conseguisse respirar direito, mas está tentando falar com calma. Ele sabe que a história significa algo. Por que ele não lhes falou da praia e dos comprimidos? Ele sabe o que tudo isso significa, não é? Sua mãe costumava fazer charadas em rimas como pistas para que eles encontrassem os presentes de aniversário escondidos, não é? O pai dele havia iniciado a tradição quando os dois namoravam, quando estavam apaixonados. A família gostava de charadas. O que significa essa?

— Então, quando o fogo desceu a montanha, a mulher-cisne procurou um lugar seguro para seus filhos. Ela os levou de volta para a terra do rei mau. Deixou a menina, que ninguém conhecia, para ser criada por uma mulher infértil. Devolveu o filho ao berço, pois ele sempre seria tratado como um príncipe. E então chegou o momento de voar e se juntar ao rei bom, porque o rei mau a mataria. Mas quando ela se afastou, o filho pegou os pés dela, suas mãos sujas de fuligem devido ao fogo. Ele não soltaria até que ela promettesse não ir embora. “Esconda-se embaixo da terra”, implorou ele, “para que possa vigiar sempre.” Ela concordou. Disse: “Deixarei rastros para você me encontrar. Muitos, muitos rastros. Todos levarão a mim. Você os seguirá quando tiver idade suficiente.” Ela deixou as asas e se embrenhou na terra. E é por causa das mãos sujas de fuligem que os cisnes têm os pés pretos.

A mãe de Partridge era uma santa.

Ele gosta dessa versão.

Sua mãe morreu como uma santa — só que agora ele sabe que ela sobreviveu. Ele soube a partir do que seu pai disse: Sua mãe sempre é problemática. Ele soube a partir do modo como a velha que foi morta na Onda de Morte disse: Ele partiu o coração dela. Ele sabe agora.

O cisne não é apenas um cisne.

É um medalhão lacrado — minha fênix.

— Devolveu o filho ao berço, pois ele sempre será tratado como um príncipe — repete ele.

O que eram os pequenos comprimidos azuis? Por que ela o obrigou a tomá-los mesmo quando ele sabia que ficaria mais

doente? Chega de comprimidos, ele se lembra de reclamar. Não, por favor. Mas ela não queria parar. Era preciso tomá-los de três em três horas. Ela o acordava no meio da noite. Por que lhe daria comprimidos que o deixariam resistente? Ela queria salvá-lo? Será que sabia que, um dia, ele teria chance de se tornar uma versão melhor de si mesmo, parte da superespécie, e queria inutilizá-lo? Como os comprimidos o deixaram resistente a mudanças na codificação comportamental? Por que isso, e apenas isso?

Se ela não era santa, o que era?

Uma traidora?

— E é por isso que a mulher-cisne tem pés pretos — repete ele.

Mas dessa vez parece uma pergunta.

Pressia não sabe muito bem se entendeu o que ouviu. Um conto de fadas.

Só isso. Ela estava esperando mais? Não. É inútil.

Partridge olha para Bradwell.

— Está pensando algo sobre minha mãe.

— Aribelle Cording Willux — murmura Bradwell, como se ele estivesse um pouco impressionado pelo nome em si.

— Fale logo — grita Partridge.

— Falar o quê? — pergunta Bradwell, e Pressia nota que Partridge tem razão.

É Bradwell quem está escondendo algo, como diria Nossa Boa Mãe. Não Partridge.

— Você sabe de algo — diz ela. — Vai ficar se exibindo? Vai nos fazer implorar?

Bradwell sacode a cabeça.

— O cisne de pés pretos, isso é um conto de fadas japonês. Fui criado por um especialista nesse tipo de coisa. E a velha história não é assim. Não há um segundo rei. Não há uma terceira criança, uma bela filha. Não há fogo descendo pela montanha. E, no final, a mulher-cisne deveria usar as asas para ir embora. Não para baixo da terra.

— E daí? — pergunta Partridge.

— Daí que essa não é só uma historinha. Sua mãe estava passando uma mensagem em código. Você deve decifrá-la.

Pressia sente um formigamento na pele da cabeça de boneca. Ela a esfrega com a mão boa para acalmar os nervos. Quer saber o que a história significa, mas também sente medo. Por quê? Ela não sabe.

— Eu não entendo — diz Partridge, mas algo na história toca Pressia profundamente.

A história é sobre separação e perda.

— Você entende sim — afirma Bradwell, categoricamente.

Pressia se lembra do que Partridge falou sobre a história.

— Você achava que seu pai era o rei mau que roubou as asas dela; foi você quem disse isso.

Ela sente a cabeça pesada. O coração está acelerado. Não é só isso. Ela sabe que essa é apenas a superfície.

— Eu achava que havia um motivo para ela gostar da história, um motivo pessoal — diz Partridge. — Meus pais não se davam bem.

— E? — pergunta Bradwell.

— Diga você — responde Partridge. — Você parece já ter descoberto tudo, como sempre.

— Ela teve dois filhos — Bradwell afirma rapidamente. — E então levou você ainda bebê para o Japão, e se apaixonou pelo rei bom e teve um bebê. Quem exatamente é o rei bom? Não sei. Mas ele era poderoso. Tinha informações.

Pressia olha para Partridge, cujo corpo parece rígido — de medo ou de raiva? Bradwell parece agitado, talvez até mesmo eletrizado pelo que ouviu. Ele olha para Pressia, depois para Partridge, depois de novo para Pressia. Ela deveria saber o que se passa na cabeça dele. Não sabe. Por que ele parece quase empolgado?

— Vamos, Pressia — diz Bradwell, quase suplicando. — Você já não é uma menininha fundida com uma boneca. Você já entende. Você já sabe.

— Uma menininha? Achei que eu fosse um tipo, ou, melhor, apenas uma dívida que você precisava quitar. — Ela toca a boneca. — Não preciso que você me diga quem eu sou.

Mas ao falar isso ela se pergunta se ainda é uma menininha em certos aspectos. Há apenas alguns dias ela ia passar a vida dentro de um armário na sala dos fundos de uma barbearia. Estava

disposta a recuar e viver em recortes de revistas e sonhar com o Antes e com o Domo.

— Você nunca foi um tipo ou uma dívida. Deixe-me falar.

— Apenas se atenha à história — pede Pressia.

— Diga-nos o que você realmente acha — diz Partridge.

— Certo — responde Bradwell. — Eis o que eu acho. O homem com quem sua mãe teve uma filha, ele estava por dentro de tudo o que os japoneses estavam fazendo, ou tentando desfazer. Resistência à radiação. Sua mãe lhe passava informações. Concordo com a decisão dela quanto a isso. Na minha opinião, alguns dos japoneses eram os mocinhos, na verdade. Meus pais também pensavam assim. — Ele hesita por um instante. — Eu mal consigo me lembrar do rosto de meus pais. — Olha para Partridge. — Por que você não recebeu mais codificação? Por que não era um espécime plenamente desenvolvido?

— Eles tentaram me dar mais codificação. Eu era resistente. Não pegou — diz Partridge simplesmente.

— Como seu papai reagiu a isso?

— Não o chame assim.

— Aposto que ficou maluco — ironiza Bradwell.

— Veja, eu odeio meu pai mais do que ninguém. Sou filho dele. Posso odiá-lo de um jeito que ninguém mais pode.

O quarto fica em silêncio.

— Odeio a condescendência de meu pai — diz Partridge —, a sisudez dele. Odeio o fato de nunca tê-lo visto rir alto ou chorar. Odeio a hipocrisia dele. Odeio sua cabeça, o balanço constante, como se ele estivesse sempre me reprovando. Odeio o modo de ele olhar para mim, como se eu não valesse nada. — Partridge olha à sua volta. — Então ele ficou feliz por meu corpo rejeitar a codificação? Não. Não ficou.

— Porque...? — responde Bradwell.

— Porque ele acha que minha mãe teve algo a ver com isso.

— Ele a subestimou — diz Bradwell. — Acho que ela sabia tudo da Operação Fênix, assim como a pessoa que deu o pingente a ela. Essa pessoa adotou Fênix como um apelido, talvez reaproveitando-o de alguma forma. Ela, com certeza, sabia o que o marido e a equipe

dele tinham em mente: destruição em massa, sobrevivência do Domo, e depois, com o tempo, depois que a Terra se regenerasse o suficiente, o surgimento de sua superespécie. E talvez ela tenha dito ao outro lado o que ele estava fazendo. A mulher-cisne se tornou uma mensageira alada, não é? Eles tentaram impedir o plano, salvar algumas pessoas. Mas em algum momento ela soube que não teriam tempo... Não acho que Willux se importaria se ela estivesse viva; ele já a deu como morta uma vez. Será que ele se arrepende de não tê-la matado? É disso que se trata tudo, vingança? Ele está disposto a usar seu único filho para garantir que a esposa esteja morta? Ou será que a sobrevivência dela significa que ela sabe de algo, alguma informação que ele quer?

— Você não o conhece — diz Partridge, mas sua voz soa tão baixa que tem o tom da rendição.

Bradwell olha para o chão e balança a cabeça.

— Veja o que ele fez conosco, Partridge. Somos nós que podemos odiá-lo de um jeito que você não pode.

Pressia olha para o punho de cabeça de boneca, um lembrete da infância que ela nunca teve de verdade.

— O que isso tem a ver comigo?

Ela não consegue pensar com clareza. Sente a cabeça latejar. Ela sabe que sua vida está prestes a mudar, mas não sabe como. Observa a linha de cílios de plástico da boneca, o pequeno buraco nos lábios dela. Sente o rosto arder. Todos à sua volta sabem de algo. Eles não querem dizer. Será que ela mesma já não sabe?

Está tudo ali, na historinha, mas ela não consegue enxergar.

— Por que a OBR e o Domo queriam que eu encontrasse Partridge? — pergunta ela. — Como eles sequer sabem que eu existo?

Partridge enfia as mãos nos bolsos e olha para o chão. Será que ele também já ligou os pontos? Talvez ele seja mais esperto do que Bradwell pensa.

— Você é a garotinha — responde Bradwell. — No conto de fadas. Você é a filha do rei bom.

Pressia lança um olhar intenso para Partridge.

— Você e Partridge — sussurra Bradwell.

— Você é meu meio-irmão? — pergunta Pressia. — Minha mãe e a sua...

— São a mesma pessoa — declara Partridge.

Pressia ouve o som do próprio coração. Só isso.

A mãe dela é a mulher-cisne. Ela pode estar viva.

PRESSIA

CHIP

Pressia só consegue pensar em tudo que pode não ser mais verdade — toda a infância que seu avô inventou. Será que seu avô é mesmo seu avô? O rato gigante com luvas brancas na Disney World, o pônei em sua festa de aniversário, o bolo de sorvete, o brinquedo de xícaras, o peixinho no festival italiano, seus pais se casando na igreja, a festa sob uma tenda branca. Alguma dessas coisas é verdadeira?

Mas ela se lembra de um peixe. Não o das histórias de seu avô, enfiado em meio a suas lembranças. Não é o peixe dentro do saco plástico que ela ganhou no festival italiano. Não. Havia um aquário e uma bolsa com franjas, e um duto de calefação debaixo de uma mesa que parecia ronronar. Ela estava embrulhada no casaco de seu pai. Sentava-se nos ombros dele, abaixando a cabeça debaixo de galhos floridos de árvores. Ela sabe que esse era seu pai. Mas a mulher cujos cabelos ela penteava, que tinha um perfume doce, era sua mãe? Ou sua mãe era a mulher no gravador portátil, que cantava sobre a menina na varanda e o garoto que quer que ela fuja com ele? Era por isso que estava gravado — porque ela não podia estar lá? Porque ela teve que voltar para sua família verdadeira, para os filhos legítimos? Alguém tocava aquela música sempre para ela, mesmo quando Pressia já estava cansada de ouvi-la. Uma mulher infértil, foi o que Partridge disse na história da mulher-cisne.

Aquilo nunca foi uma história. É tudo real. A música está na cabeça dela — para a Terra Prometida, e o violão falante, e que ele

fugiria em seu carro com a menina.

As travas são destrancadas por fora e a porta se abre. É a mulher com a vassoura-lança. Ela traz uma garrafa grande de álcool e uma pilha de panos dobrados, gaze, outra tira de couro como a que foi usada para estancar o sangue do mindinho amputado de Partridge, e mais um objeto — provavelmente uma faca — enrolado em tecido. Bradwell pega tudo, e, sem dizer uma palavra, a mulher sai e tranca a porta de novo com uma série de cliques. Pressia fecha os olhos por um instante, tentando se preparar.

— Você tem algum problema com isso? — pergunta Bradwell a Pressia.

— Eu preferiria que outra pessoa pudesse fazer. Não quero mais favores seus.

— Pressia — declara Bradwell —, não é por causa de seu avô que eu vim procurar você. Aquilo foi da boca para fora. Não sei por quê. Mas não é a história completa...

— Vamos resolver isso logo — interrompe-o ela.

Não quer ouvir mais histórias agora, especialmente uma em que Bradwell tenta se redimir.

Deita-se no chão, de bruços, enfiando a jaqueta da OBR embaixo da cabeça.

O sino que ela pegou na barbearia ainda está dentro da jaqueta, formando uma bolsa vazia de ar. Pressia se esquecera dele e agora fica feliz por tê-lo — um lembrete de como ela foi longe. Ela acomoda a cabeça de boneca embaixo do queixo. Fecha os olhos, sente o cheiro do chão — terra, poeira fumacenta, traços sutis de óleo. Bradwell afasta os cabelos dela, expondo a nuca. O toque dele a surpreende — é tão leve, quase como uma pena.

— Está tudo bem. Serei cuidadoso — fica dizendo Bradwell.

— Pare de falar — pede ela. — Faça logo.

— É isso que você vai usar? Meu Deus! — exclama Partridge. Ela imagina todas as facas de açougueiro de Bradwell. — Já passou álcool? — Partridge suspira. — Você precisa manter isso limpo!

É assim que se comporta um irmão mais velho?, pergunta-se Pressia.

Rondando? Protegendo demais?

— Saia da frente da luz — manda Bradwell.

— Não quero assistir — diz Partridge. — Acredite.

Pressia ouve Partridge ir para o canto do quarto apertado. Fica andando de um lado para outro. Também está processando tudo isso, imagina ela. Isso muda a imagem de sua mãe, não é? Uma santa tem um caso e um filho com outro homem?

Ela se pergunta como ele está lidando com essa nova versão de sua mãe. Nesse momento é mais fácil pensar nele do que em si própria, mas os pensamentos a atropelam também. Por que seu avô não lhe contou a verdade? Por que ele mentiu para ela durante todos esses anos? Mas, ao mesmo tempo, ela sabe a resposta.

Ele, provavelmente, encontrou uma garotinha e a acolheu.

Se ela e Partridge têm a mesma mãe, e Partridge é branco, então sua mãe, com certeza, é branca — sua mãe, que foi para o Japão, que se tornou uma traidora, uma espiã? Sua mãe é a mulher da fotografia na praia e a mesma mulher na tela do computador portátil, entoando uma canção de ninar para ela. Será que ela gravou a música porque sabia que estava deixando sua filha? A fotografia — os cabelos esvoaçados de sua mãe, a face queimada de sol, um sorriso que parecia ao mesmo tempo feliz e triste. Então, quem é a mãe que Pressia sempre imaginou — a bela jovem japonesa que morreu no aeroporto?

Seu pai, com certeza, é japonês — o rei bom do conto de fadas —, então, quem é o jovem que ela imaginava que fosse seu pai — o cara de cabelos claros que tinha pés tortos, mas jogava futebol americano no colégio? Era alguém que seu avô amava? O próprio filho perdido dele?

Tudo isso, pensa Pressia, é o que ela deve contar para sua mãe se algum dia a vir, se ela estiver viva de fato — sua vida até o momento do reencontro. Esse desejo não mudou, só que agora ela tem esperança — esperança de verdade — de realmente poder um dia conhecer sua mãe.

Mas ela pode mesmo crer que sua mãe esteja viva? O avô é a única pessoa do mundo em que Pressia sempre confiou de verdade e, mesmo assim, ele mentiu esses anos todos. Se ela não pode confiar nele, em quem pode confiar?

Bradwell passa álcool no pescoço dela. É álcool ou bebida? É frio e provoca arrepios.

— Os chips foram uma péssima ideia — diz Bradwell. — Meus pais tinham uma quantidade suficiente de teorias da conspiração para saber que jamais implantariam um chip em mim. Eles não queriam que um superpoder soubesse onde todos estão em qualquer momento. Poder demais. Os chips transformam as pessoas em alvos.

— Espere — sussurra Pressia.

Ainda não está pronta.

Bradwell endireita as costas.

Ela fica de joelhos.

— O que foi? — pergunta Bradwell.

— Partridge — diz ela em voz baixa.

— Sim?

Ela não sabe ao certo o que quer perguntar. Sua cabeça está cheia de dúvidas.

— O que foi? — pergunta ele. — Respondo o que você quiser. Qualquer coisa.

A voz de Partridge parece desligada do corpo, como se ele não passasse de um sonho, não fosse real, apenas uma recordação. Partridge tem lembranças de sua mãe. Será que Pressia era muito nova para se lembrar? Lembranças são como água, ela se lembra do avô dizendo. Isso agora é mais verdadeiro do que nunca. Ou ela não se lembra porque a mãe não ficou em sua vida muito tempo? Sua mãe era a mulher-cisne que a entregou para a mulher que não podia ter filhos?

— Você se lembra de mim? Chegamos a nos conhecer quando éramos pequenos?

Partridge não responde nada a princípio. Talvez ele também esteja inundado de lembranças, ou pensando se deveria inventar alguma história, assim como fez o avô de Pressia. Será que ele não gostaria de preencher a infância dela, como um irmão de verdade? Ela gostaria de fazer isso por ele.

— Não — diz ele, finalmente. — Não me lembro de você. — Mas logo acrescenta: — Mas isso não quer dizer muita coisa. Éramos

muito novos.

— Você se lembra de sua mãe grávida?

Ele nega com a cabeça e passa a mão nos cabelos.

— Não me lembro.

A cabeça dela está cheia de perguntas. Qual era o perfume de minha mãe?

Como era a voz dela? Eu sou como ela? Sou diferente? Ela me amaria? Ela algum dia me amou? Ela simplesmente me deixou?

— Qual é meu nome? — sussurra ela. — Não é Pressia. Eu fiquei órfã. Meu avô, provavelmente, nem me conhecia. O sobrenome dele é Belze. Não é o meu. E também não seria Willux.

— Não sei seu nome — confessa Partridge.

— Não tenho nome.

— Você recebeu um nome — responde Bradwell. — Alguém sabe qual é. Nós descobriremos.

— Sedge — diz Partridge, e seus olhos ficam cheios d'água. — Eu queria que você o tivesse conhecido. Ele teria gostado de você.

Sedge é o irmão morto dele. O meio-irmão morto dela. O mundo está em ritmo frenético — dando e tirando.

— Sinto muito.

— Está tudo bem — diz Partridge.

É impossível que Pressia sinta falta de Sedge, mas ela sente mesmo assim.

Tinha outro irmão. Tinha outra ligação no mundo. E ele se foi.

Pressia pigarreja. Ela não quer começar a chorar. Precisa ser forte agora.

— Por que você não tem chip, Partridge? — pergunta ela. — Eles não vigiam você?

— Bradwell tem razão sobre essa história de alvo. Meu pai dizia que qualquer filho dele poderia se tornar um alvo a qualquer momento.

— Eles colocaram um dispositivo rastreador simples no cartão de aniversário; talvez existissem outros — diz Bradwell. — Nós queimamos os pertences dele.

— Mas vocês colocaram o dispositivo em um dos ratos — afirma Pressia.

— Como você sabia?

— Deduzi. — Pressia quer resolver o problema agora. Não adianta enrolar.

Ela volta a se deitar de bruços.

— Estou pronta.

Bradwell se abaixa até o chão — quer sussurrar algo para ela? Pressia se vira e apoia o rosto na mão. Mas ele não diz nada. Simplesmente prende os cabelos dela atrás da orelha. É um gesto pequeno — tão delicado quanto o toque suave que ela não achava possível para as mãos grandes dele. Bradwell é apenas um garoto. Um garoto que se criou sozinho. Ele é resistente, forte e bravo — mas também é gentil. E nervoso, ela nota pela agitação das asas nas costas dele.

— Não quero fazer isso, Pressia. Preferia que não precisasse.

— Está tudo bem — sussurra ela. — Tire logo. — Uma lágrima escorre por cima do nariz dela. — Tire.

Bradwell limpa o pescoço dela de novo, e então Pressia sente na pele os dedos dele. As mãos de Bradwell estão trêmulas. Ele deve estar se preparando, porque segura o pescoço dela e hesita.

— Partridge — diz ele —, vou precisar de sua ajuda.

Partridge se aproxima.

— Segure firme — pede Bradwell. — Aqui.

Há um momento de hesitação. E então ela sente a mão de Partridge segurando sua cabeça.

— Com mais força — diz Bradwell. — Mantenha-a firme.

As mãos de Partridge apertam como um tornilho.

Pressia sente Bradwell firmar o joelho nas costas dela. E então sente a mão dele de novo; Bradwell aperta a nuca dela com o polegar e os dedos, agora com firmeza, e então, entre os dedos, enfia uma faca afiada como um bisturi.

Pressia solta um grito, uma voz que ela não sabia que tinha. A dor parece como um animal dentro dela. O bisturi vai mais fundo. Ela não consegue gritar de novo porque seu fôlego se foi. Sem intenção, ela tenta jogar Bradwell para fora de suas costas. E, mesmo sentindo que o animal de dor tomou conta de seu corpo e

que ela se tornou um animal, Pressia sabe que não deve mexer a cabeça agora.

— Pare — pede Partridge.

Mas Pressia não sabe se ele está falando com ela ou com Bradwell. Algo deu errado? Ele poderia deixá-la parálitica. Todos sabem disso. Ela sente o sangue escorrendo pelos dois lados de seu pescoço. Está ofegante agora. Seu próprio sangue está manchando o chão. Ela o vê se acumular, vermelho-escuro. Prepara-se para sentir mais dor. Sente no corpo um calor profundo. Ela se lembra do calor das Explosões, ondas de calor que não cessavam. Ela se lembra da sensação de ficar solta por um instante, uma criança sozinha no mundo. Realmente se lembra disso?

Ou se lembra de tentar se lembrar? Ela vê a japonesa — jovem e bela —, sua mãe que morreu, e ela agora está morrendo de novo porque não é a mãe de Pressia. É uma desconhecida, um rosto consumido pelas chamas. A pele dela derrete. A mulher está caída em meio a corpos, bagagem e carrinhos metálicos tombados. O ar está cheio de poeira, e a onda de calor vem de novo. E então Pressia sente sua mão ser envolvida por outra, seus ouvidos serem inundados pelas batidas de um coração. Ela fecha os olhos, abre, fecha. Pressia tinha um brinquedo, que era um binóculo com um botão que fazia novos cenários aparecerem. Ela abre os olhos e os fecha, depois os abre, na esperança de ver uma nova imagem.

Mas ainda é o chão sujo, a dor, o chão sujo.

— Partridge, sua mãe tinha canções de ninar? — pergunta ela.

— Sim — responde ele. — Tinha.

E isso é algo. Um ponto de partida.

PRESSIA

LESTE

A nuca de Pressia está coberta com um tecido fino, molhado de sangue e preso por uma tira de couro amarrada no pescoço dela como uma gargantilha para manter o curativo no lugar. Ela aplica mais pressão ao ferimento dolorido sentando-se em um dos colchões no chão e pressionando o pescoço na parede.

O chip, sem sangue, é branco. Ele está no chão como um dente caído — algo antes profundamente arraigado dentro dela agora se foi. E, por algum motivo ela não se sente livre daquilo, mas sim como se tivesse perdido outra ligação com alguém no mundo — alguém que estava tomando conta dela —, e que deveria ficar de luto, embora saiba que essa vigilância nada tinha de amor paterno.

Bradwell está se movimentando sem parar em volta dela. As asas dos pássaros em suas costas estão pulsando. Ele pega um cortador de grama e o coloca de volta no lugar. Pega uma colher de pedreiro e fica olhando para o chão.

Partridge se senta ao lado de Pressia no colchão.

— O que ele está fazendo?

— Ele está agitado — responde Pressia. — Acho melhor deixá-lo em paz.

— Você está se sentindo bem? — pergunta ele.

O punho de cabeça de boneca — Pressia o ergue. Os olhos da boneca se abrem. Até as pálpebras estão cobertas de cinzas. Os cílios estão grudados. O pequeno buraco da boca está entupido. Pressia passa a mão boa na cabeça de plástico e sente a mão

perdida lá dentro. É assim que a mãe dela lhe parece agora — uma presença, dormente, existindo sob a superfície.

— Contanto que eu não me mexa...

Ela nem termina a frase. Está brava com Partridge. Por quê? Está com ciúmes? Ele se lembra da mãe e ela, não. Ele entrou no Domo. Ela, não.

— Então era só isso — diz Partridge, indicando com a cabeça o chip no chão. — Tanto problema por algo tão pequeno. — Ele hesita e depois sussurra: — Eu não sabia. Não antes de vocês. Eu nunca esconderia algo assim.

Pressia não consegue nem olhar para ele.

— Eu só queria que você soubesse disso.

Ela confirma com a cabeça. Isso provoca uma dor aguda que sobe de sua nuca até a parte de trás da cabeça.

— O que você acha dela agora? — pergunta Pressia.

— Não sei.

— Ela ainda é uma santa? Ela traiu seu pai — diz Pressia. — Teve uma filha fora do casamento, uma bastarda.

Pressia nunca tinha pensado em si mesma como uma bastarda. Por algum motivo, ela gosta disso. Tem uma espécie de força.

— Eu não vim até aqui à espera de respostas simples — diz Partridge. — Fico feliz por você existir.

— Obrigada — responde ela, sorrindo.

— O estranho é que meu pai, com certeza, sabia. Ele vem observando você esses anos todos, então, sem dúvida, sabia. Eu me pergunto a reação dele com a notícia.

— Não muito boa, aposto.

Pressia fecha a mão boa em torno do chip. Seus olhos ficam cheios d'água.

Ela pensa na palavra mãe — canções de ninar — e pai — casaco quente. A menina tem sido um ponto vermelho em uma tela, pulsando como um coração. Sim, o Domo sabe que ela existe. Eles a têm vigiado, talvez pela vida inteira dela. Mas pode ser que seus pais a estivessem vigiando também.

— Sua mãe ia à igreja? — pergunta Bradwell abruptamente a Partridge.

— Éramos levados todos os domingos, como todo mundo — responde Partridge.

Pressia se lembra da expressão de carteirinha. Foi algo que Bradwell mencionou durante sua miniaula — a convolução de Igreja e Estado. Os frequentadores da igreja tinham um cartão. A presença deles era registrada.

— Nem todo mundo — diz Bradwell. — Não os que se recusaram a ir quando ela foi entregue ao Estado, e que depois foram mortos em suas camas.

— Por que você perguntou? — indaga Pressia.

Bradwell volta a se sentar.

— Porque o cartão de aniversário tinha dizeres religiosos. Como era, Partridge?

— Sempre ande na luz. Siga sua alma. Que ela tenha asas! Você é minha estrela-guia, como aquela que ascendeu no leste e guiou os Reis Magos.

Pressia reconhece a estrela no leste e os Reis Magos da Bíblia. Seu avô decorou trechos inteiros da Bíblia; eram recitados com frequência em funerais.

— Mas isso era típico de sua mãe? — pergunta Bradwell.

— Não sei — responde Partridge. — Ela acreditava em Deus, mas disse que rejeitava o cristianismo sancionado pelo governo porque ela era cristã. O governo roubou o país e o Deus dela. Uma vez ela disse a meu pai: “E você. Eles roubaram você também.” — Partridge endireita as costas como se tivesse acabado de se lembrar disso. — É estranho, isso estava em meu cérebro esse tempo todo. Quase consigo ouvi-la falando.

Pressia gostaria de poder resgatar da memória palavras de sua mãe, uma voz. Se sua mãe era a pessoa com a canção de ninar, então ela tem algo — uma letra de música, palavras de outra pessoa.

— Então talvez seja sincero — diz Bradwell a Partridge.

— E se for sincero? — pergunta Partridge.

— É inútil — responde Bradwell.

— Se for sincero, então quer dizer o que está escrito — corrige Pressia. — Isso não é inútil.

— Agora, é inútil para nós — diz Bradwell. — Sua mãe queria que você se lembrasse de certas coisas. Sinais. Mensagens em código, o colar. Então eu tinha esperança de que isso pudesse nos levar a ela. Mas talvez esse tenha sido o jeito de ela se despedir, de lhe dar conselhos para a vida.

Eles ficam em silêncio por um instante. Pressia se vira e apoia as costas na parede fria. Se isso era um conselho de sua mãe, o que significava? Siga sua alma.

Que ela tenha asas! Sempre ande na luz. Ela imagina sua alma com asas. Imagina que está seguindo sua alma. Mas aonde ela a levaria aqui? Não há para onde ir.

Eles estão cercados pela Terra Derretida e pela Terra Morta. E não existe luz imaculada — tudo está coberto por um véu encardido de cinzas. Pressia imagina o véu no rosto de uma mulher, sendo soprado pelo vento e pela respiração dela — o rosto de sua mãe, escondido. E se sua mãe estiver realmente viva em algum lugar?

Como lideraria alguém, sabendo que o mundo estava prestes a perder todo ponto de referência?

— Você é minha estrela-guia, como aquela que ascendeu no leste e guiou os Reis Magos — repete Partridge. — Vocês acham que ela quer que sigamos para o leste?

Bradwell tira um mapa do bolso interno de sua jaqueta, o mesmo que usaram para encontrar a rua Lombard. Ele o abre no chão. O Domo, é claro, está ao norte, cercado por um terreno árido que acaba em um bosque em formação fora da cidade. A Terra Derretida aparece como comunidades cercadas a leste, sul e oeste da cidade. Então, depois desse círculo, há uma faixa de Terra Morta.

— Essas colinas ao leste eram uma reserva nacional — diz Bradwell.

— E no conto de fadas a mulher-cisne se esconde embaixo da terra. Talvez ela esteja em uma casamata subterrânea naquelas colinas — completa Pressia.

— Então amanhã seguiremos para leste — afirma Partridge.

— Mas nós podemos quebrar a cara — argumenta Pressia.

— Não gosto da expressão quebrar a cara — responde Partridge.

— O leste é tudo que temos — diz Bradwell.

Pressia olha para o rosto de Bradwell. Vê os traços claros dourados nos olhos castanho-escuros dele. Ela nunca havia notado antes. São lindos — como mel.

— É tudo que nós temos? — pergunta Pressia a Bradwell. — Você já quitou sua dívida, está bem?

— Ainda estou dentro — declara ele.

— Só se for porque você quer.

— Então está bem, estou dentro porque eu quero. Tenho motivos egoístas. Isso serve?

Pressia dá de ombros.

Bradwell levanta a mão de Pressia, abre-a, encostando os dedos nos dela, e solta o colar na palma.

— Você deveria usá-lo — diz.

— Não — retruca ela. — Não é meu.

— Mas agora é, Pressia — afirma Partridge. — Ela iria gostar que você o recebesse. Você é filha dela.

Filha — a palavra soa estranho.

— Você quer? — pergunta Bradwell.

— Quero — responde ela.

Bradwell abre o fecho delicado. Ela se vira, levanta os cabelos, tomando cuidado com o curativo. Ele passa as mãos por cima da cabeça dela e segura as duas pontas do colar. Fecha-o. Quando prende as duas partes, ele solta.

— Ficou bonito — diz ele.

Ela levanta a mão e toca o pingente com um dedo.

— Nunca usei um colar de verdade. Não que eu me lembre.

O pingente se acomoda abaixo da gargantilha de couro que mantém o curativo no lugar, na cavidade entre as clavículas. A pedra tem um brilho azul intenso. O colar pertencia à sua mãe. Tocou a pele de sua mãe. E se foi um presente do pai de Pressia? Será que ela algum dia saberá algo sobre seu pai?

— Posso vê-la em você agora — diz Partridge. — O jeito como você inclina a cabeça, seus gestos.

— Sério?

A possibilidade de se parecer com sua mãe a deixa mais feliz do que ela esperava.

— Aí — diz ele —, bem aí, em seu sorriso.

— Gostaria que meu avô pudesse ver isso — diz ela.

Ela agora se lembra de que, quando ganhou os tamancos, ele disse que gostaria de lhe dar algo mais bonito, que ela merecia algo bonito.

Aqui está, um pedacinho de beleza.

PRESSIA

PISTÕES

Partridge é o primeiro a pegar no sono. Ele está deitado de costas, com a mão ferida sobre o peito. Pressia está no outro catre, e Bradwell está no chão; ele insistiu, mas agora Pressia o escuta se mexer, tentando ficar confortável.

— Já chega. Não consigo dormir com você rolando a noite toda — diz ela. — Vou abrir espaço para você.

— Não, obrigado. Estou bem.

— Ah, então você faz todos os favores e também é um mártir? É assim que funciona?

— Eu não vim atrás de você só porque estava em dívida com seu avô. Eu tentei dizer antes, mas você não quis ouvir.

— Agora só estou ouvindo que você dormirá no chão e que eu deveria me sentir culpada.

— Está bem — diz ele.

Ele se levanta e deita ao lado dela no catre.

Ela está de costas, mas Bradwell não pode — os pássaros estão lá, preparando-se para dormir. Ele se encolhe virado para Pressia. Por um instante, ela quase consegue imaginar que eles estão em um campo sob as estrelas, uma noite clara. O quarto está silencioso. Ela não consegue dormir.

— Bradwell — sussurra. — Vamos jogar Eu Me Lembro.

— Você conhece minha história. Eu contei na reunião.

— Pense em outra coisa. Qualquer coisa. Fale. Quero ouvir a voz de alguém.

Ela quer ouvir a voz dele, na verdade. Por mais que ele possa irritá-la, sua voz agora parece grave e calmante. Ela se dá conta de que quer que Bradwell fale porque, concordando ou não, sabe que é sempre sincero e que pode confiar no que ele diz.

E então fica surpresa com a primeira coisa que ele fala.

— Bem, eu menti para você uma vez.

— Mentiu?

— A cripta — diz ele. — Eu a encontrei quando era pequeno, antes de achar o açougue. Passei dias dormindo ali enquanto as pessoas morriam em todos os cantos. E rezei para Santa Wi, e sobrevivi. Então continuei indo lá.

— Você é uma das pessoas que rezam por esperança? — pergunta Pressia.

— Sou.

— Não é uma mentira tão ruim.

— Não. Não é tão ruim.

— As preces funcionaram? Você tem esperança?

Ele esfrega o maxilar.

— Desde que conheci você parece que tenho mais motivos para ter esperança.

Pressia sente o calor subir pelo rosto, mas não sabe ao certo o que ele quer dizer com isso. A esperança dele tem algo a ver com ela? Será que está revelando que gosta dela, agora que confessou a mentira? Ou está falando de outra coisa?

Que ela o fez ver o mundo de um modo diferente?

— Mas não foi isso que você pediu — diz ele. — Você queria uma lembrança.

— Tudo bem.

— Pode dormir agora, então?

— Não.

— Certo, então. Uma lembrança. Precisa ser alegre?

— Não — responde ela. — Prefiro verdade a alegria neste momento.

— Está bem. — Ele pensa um pouco. — Quando minha tia me mandou sair da garagem, eu obedeci. Cutuquei o gato morto dentro da caixa. E então ouvi o motor ser ligado e um grito. Foi o barulho

que meu pai fazia quando machucava a mão ou dava mau jeito nas costas. Fingi que era a voz dele. Fechei os olhos e imaginei meu pai saindo de debaixo do carro com um coração-motor fundido ao peito, como um super-herói. Imaginei que ele voltava a viver.

Pressia consegue visualizar o menino Bradwell com pássaros nas costas, parado em um gramado queimado, com um gato morto dentro de uma caixa a seus pés. Ele fica em silêncio por um instante.

— Nunca contei isso a ninguém. É idiota — continua ele.

Pressia balança a cabeça.

— É lindo. Você estava tentando imaginar algo incrível, algo diferente, outro mundo. Você era apenas uma criança.

— Acho que sim — concorda ele. — Agora me conte alguma coisa.

— Obviamente, não me lembro de muita coisa do Antes.

— Não precisa ser do Antes.

— Certo — diz ela. — Bom, tem uma coisa que eu também nunca contei a ninguém. Meu avô sabe, mas não de verdade.

— O quê?

— Eu tentei cortar fora a cabeça de boneca quando tinha treze anos. Foi o que eu disse a meu avô. Ele me suturou rápido. Mas nunca me perguntou por que eu fiz aquilo.

— Ficou alguma cicatriz?

Pressia mostra o pequeno sinal na parte interna do pulso, onde a boneca encontra o braço. A pele do pulso é marcada por veias azul-claras e tem uma textura um pouco borrachenta.

— Você estava tentando tirar ou...

— Ou — diz Pressia. — Talvez eu estivesse cansada. Eu queria não estar perdida. Sentia falta de minha mãe e de meu pai e do passado, talvez porque eu não tivesse o suficiente em minha cabeça para me fazer companhia. Eu me sentia sozinha.

— Mas você não foi até o fim.

— Eu quis ficar viva. Foi o que descobri assim que vi o sangue.

Bradwell se senta e toca a cicatriz com a ponta do dedo. Ele a encara como se seus olhos estivessem capturando o rosto inteiro

dela, os olhos, as bochechas, os lábios. Normalmente, Pressia desviaria o olhar, mas não consegue.

— A cicatriz é linda — murmura ele.

Ela sente o coração pular. Coloca a cabeça de boneca junto ao peito.

— Linda? É uma cicatriz.

— É uma marca de sobrevivência.

Bradwell é a única pessoa que ela conhece que diria algo assim. Ela se sente ligeiramente sem ar. Consegue apenas sussurrar.

— Você nunca tem medo?

Ela não está falando de tudo que deveria temer — voltar para a Terra Morta amanhã, os Poeiras que surgem daquele chão. Está falando da coragem dele agora, chamando a pequena cicatriz de linda. Se ela não tivesse medo, confessaria que se sente feliz por estar viva porque tem este momento com ele.

— Eu? — pergunta Bradwell. — Fico tão assustado que me sinto como meu tio debaixo do carro, com pistões no peito. Sinto demais. É como uma batucada dentro de mim até a morte. Sabe?

Ela faz que sim com a cabeça. Há um instante de silêncio. Os dois ouvem Partridge murmurando durante o sono.

— Então... — murmura Pressia.

— Então?

— Por que você veio atrás de mim se não foi por causa de meu avô?

— Você sabe por quê.

— Não, não sei. Diga.

Eles estão tão próximos que Pressia sente o calor do corpo de Bradwell.

Ele sacode a cabeça e diz:

— Tenho algo para você. — Ele pega a jaqueta. — Procuramos você em sua casa. Seu avô não estava mais lá.

— Eu sei — diz Pressia. — Eu sei. Ele está no Domo.

— Eles o pegaram?

— Está tudo bem. Ele está em um hospital.

— Mesmo assim — diz Bradwell. — Não tenho certeza...

Ela não quer falar sobre o avô agora.

— O que você tem para mim?

— Encontrei isto.

Ele tira algo do bolso da jaqueta e coloca no ponto arqueado em que as costelas dela se unem.

Uma das borboletas dela.

— Isso me fez pensar — diz Bradwell. — Como algo tão pequeno e bonito assim pode existir ainda?

O rosto de Pressia fica corado. Ela pega a borboleta e a segura no alto para ver a luz fraca passando pelas frágeis asas empoeiradas.

— Todas as perdas se acumulam — diz ele. — É impossível sentir uma e não sentir as que vieram antes. Mas isto aqui parece um antídoto. Não consigo explicar, é como alguém reagindo.

— Elas agora parecem uma perda de tempo. Nem voam. É possível dar corda, e as asas batem, mas é só isso.

— Talvez elas apenas não precisassem ir a lugar algum.

LYDA

CAIXINHA AZUL

Para passar o tempo Lyda refaz sua esteira várias vezes, mas nunca se satisfaz. Ela cantarola a melodia “Brilha, brilha estrelinha”.

Ninguém veio visitá-la, nem sua mãe, nem as médicas. As guardas chegam trazendo bandejas de comida, comprimidos. Só isso.

Quando Lyda acordou na manhã seguinte à mensagem tateada pela ruiva na pequena janela retangular, a menina não estava mais lá. Talvez ela estivesse mesmo louca. Quem pensaria que houvesse tantas pessoas se julgando capazes de sobrepujar o Domo? Diga a ele? A quem, Partridge? Será que a ruiva achava que Lyda podia se comunicar com ele? E por que Lyda lhe diria se pudesse? A ruiva deve estar louca. Algumas pessoas aqui são loucas. É por isso que esses lugares existem, afinal. Lyda é uma exceção, não a regra.

Havia outra menina no lugar da ruiva na manhã seguinte. Uma menina nova, perturbada pelo medo. E, sinceramente, Lyda ficou aliviada. O que ela diria à ruiva depois da mensagem? Se algum dia pretendesse sair daquele lugar, não poderia ser vista confraternizando com malucas, principalmente malucas revolucionárias. Não existiam revolucionários no Domo. Essa era uma das coisas boas ali. Eles não precisavam se preocupar com esse tipo de conflito — como nos tempos anteriores às Explosões —, não mais.

Lyda também não foi levada de volta para a terapia ocupacional. Assim que o privilégio foi concedido, foi retirado. Ela perguntou às

guardas quando receberia permissão de novo. Mas elas não sabiam. Lyda poderia ter pedido mais informações, mas a ideia parecia perigosa. Era como admitir o que ela não sabia.

Lyda quer passar a imagem de que sabe algo.

Mas então duas guardas aparecem hoje antes do almoço e dizem que vão levá-la para o centro médico.

— Chegou minha transferência? — pergunta Lyda.

— Não temos certeza — responde uma das guardas. É uma pessoa diferente. Ela tem uma parceira esperando do lado de fora da porta. — Neste momento, nenhuma informação extra. Só onde devemos deixá-la.

Antes de escoltá-la para fora do quarto as guardas prendem as mãos de Lyda, um laque plástico tão apertado que ela sente a própria pulsação.

Mas então passam por duas médicas no corredor.

— Isso é necessário? — sussurra uma para a outra. — Pense em Jillyce.

Jillyce é o primeiro nome da mãe de Lyda. Parece tão estranho ouvi-las se referirem à sua mãe com tanta intimidade. Elas não querem que ela veja Lyda algemada, que passe por esse constrangimento. Isso significa que ela verá a mãe antes de partir?

Como um ato de compaixão, elas pedem que a guarda corte o laque. Ela é apenas alguns anos mais velha que Lyda. A menina se pergunta se ela frequentou a academia, se as duas já se cruzaram nos corredores. A guarda pega uma grande faca de cabo vermelho, encaixa-a entre o plástico e a parte interna dos pulsos de Lyda. Ela imagina por um instante o que sentiria se a guarda lhe cortasse o pulso.

Ela ainda está usando o macacão branco e o lenço na cabeça. O sangue mancharia o tecido branco com uma cor viva. As guardas pedem que Lyda ande com as mãos cruzadas na frente do corpo, e ela obedece.

Lyda procura pela mãe enquanto saem do centro de reabilitação, mas não a vê.

As guardas a acompanham em um vagão de trem, que para no centro médico, e agora a conduzem por outro corredor. Ela nunca

esteve ali, exceto para retirar as amígdalas e uma vez devido a uma gripe fraca. As garotas da academia não passam pela codificação. Há muito receio de se danificarem os órgãos reprodutores, que são mais importantes que um aprimoramento do cérebro ou do corpo. As chances de Lyda ser aprovada para a reprodução agora são praticamente nulas. Quem é um pouco mais velha e não se reproduz pode ser levada para codificação cerebral aprimorada. Mas ela, provavelmente, também não seria uma boa candidata para isso. Para que aprimorar um cérebro psicologicamente comprometido? Ela também sabe que há uma chance de entrar no Novo Éden ainda em vida. Então, não é verdade que qualquer pessoa capaz de se reproduzir será necessária para o repovoamento, talvez até quem ficou pelo centro de reabilitação, como ela? Lyda ainda tem esperança.

O papel de parede é estampado com flores, como se simulasse o corredor da casa de alguém durante o Antes. Há, inclusive, duas cadeiras de balanço, como se fosse uma cordialidade se sentar por algum tempo e conversar. Isso deve ter o propósito de acalmar as pessoas, supõe Lyda. Diferentemente das outras meninas que vão tão bem nas aulas de conversa fiada, Lyda precisa decorar a lista de perguntas apropriadas simplesmente para conseguir sustentar sua parte na conversa. Ela sempre sente o fardo aterrorizante da conversa, como se o fim do papo marcasse um fim maior. Ela pensa no que Partridge lhe disse quando propôs que eles dançassem. "Vamos fazer o que pessoas normais fazem", disse ele, "para que ninguém suspeite." Ela não é normal. Nem ele.

Mas esses pequenos detalhes artificiais de vida doméstica não enganariam ninguém, não é? Não com as lâmpadas fluorescentes piscando e zunindo no teto.

Não com as portas que às vezes se abrem, revelando uma sala estéril com uma couraça armada em cima de macas com grades dos dois lados. Há alguém dentro da couraça? Lyda nunca consegue saber, não com os funcionários médicos circulando, com suas máscaras, seus jalecos, suas luvas.

Mais adiante, garotos da academia formam uma fila. Lyda passa rapidamente os olhos pelo rosto deles. Alguns a reconhecem; os

olhares se cruzam e se arregalam. Um dos garotos dá um sorriso debochado. Ela se recusa a desviar o olhar. Não fez nada de errado. Ergue a cabeça e firma seu olhar à frente, fixando-o em uma cabine telefônica na parede no fim do corredor.

Ela ouve seu nome, sussurrado. Ouve o nome de Partridge também. Quer lhes perguntar que história eles receberam — algo, qualquer coisa, mesmo a mentira que está sendo espalhada seria melhor que não saber de nada.

As guardas viram no final do corredor, e elas finalmente chegam a uma porta. Na placa ao lado está escrito: ELLERY WILLUX. Lyda arqueja.

— Esperem — diz. — Eu não sabia.

— Se não lhe contaram, era para ser surpresa — responde a guarda que cortou suas amarras.

— Preciso de um minuto — diz Lyda.

Suas mãos estão suadas. Ela as esfrega nas pernas do macacão branco.

A outra guarda bate à porta.

— Chegamos no horário — diz ela.

A voz de um homem soa:

— Entre.

Willux é menor do que ela pensava. Seus ombros são arredondados, curvados para dentro. Ela se lembra dele como alguém robusto. Era ele quem fazia discursos atrás de microfones em comemorações e encontros públicos. Mas agora Lyda se dá conta de que Foresteed assumiu tudo isso há alguns anos sem explicação. Talvez tenha sido porque ele é mais jovem e seus dentes brilham como se ele tivesse engolido a lua, como se ele fosse iluminado por dentro. Willux envelheceu. Muitos dos homens mais importantes do Domo parecem vigorosos, com um aspecto corpulento, enquanto Willux parece frágil, com uma barriga murcha.

Ele gira na cadeira, situada diante de um conjunto de monitores e teclados, e dá um sorriso pequeno. Tira os óculos — são apenas enfeite? Lyda não consegue se lembrar da última vez em que viu óculos. Ele dobra as hastes e os segura junto ao peito.

— Lyda — diz ele.

— Olá — cumprimenta ela, estendendo a mão.

Ele sacode a cabeça.

— Não é necessária qualquer formalidade — declara Willux, mas ela sente que foi rejeitada. Ou repreendida? Ela é impura agora que foi uma paciente do centro de reabilitação? — Sente-se. — Ele aponta para uma banqueta preta. Ela se senta na borda. Ele acena com a cabeça para as guardas. — Conversaremos em particular — afirma. — Obrigado por trazê-la aqui sã e salva!

Elas fazem uma pequena reverência. A guarda que cortou as amarras de Lyda olha para ela, como se tentasse encorajá-la. E então as duas saem, fechando a porta com um clique.

Willux coloca os óculos na beirada da mesa, perto de uma caixinha azul-clara. Caberia um bolinho dentro dela. Lyda se lembra dos bolinhos do baile, da textura esponjosa, de como cada mordida era quase doce demais e de como ela ficou admirada ao ver Partridge comendo bocados tão grandes. Ele comia tranquilo. Lyda se pergunta se há algum tipo de presente na caixa.

— Suponho que você tenha ouvido falar que meu filho desapareceu — diz Willux.

Lyda confirma com a cabeça.

— Você talvez não saiba que ele, na verdade, se foi.

— Ele se foi? — Lyda não sabe o que isso significa. Ele morreu?

— Ele saiu do Domo — responde Willux. — Eu gostaria de garantir o retorno dele em segurança, como você pode imaginar.

— Ah! — murmura Lyda. Até as meninas presas no centro de reabilitação sabiam disso. Ele está lá fora, em algum lugar. Ela deveria parecer mais surpresa? — É claro que o senhor o quer de volta. É claro.

— E dizem que ele gostava muito de você.

Willux ergue a mão e alisa os cabelos ralos. Sua cabeça, quase careca, faz Lyda se lembrar da cabeça de um bebê e da palavra fontanela, a parte macia no topo da cabeça de um recém-nascido onde se pode ver a pulsação e identificar alguma desidratação se o bebê estiver doente. As meninas tiveram muitas aulas sobre cuidados com crianças. Ela sempre achou que a palavra fontanela

tinha mais a ver com algo exótico, como um chafariz italiano. A mão de Willux está tremendo.

Ele está nervoso?

— É verdade? — continua ele. — Partridge sentia algo por você?

— Não posso dizer que conheça os sentimentos de ninguém além de mim — responde Lyda.

— Deixe-me começar com algo mais simples, então — diz ele. — Você sabia dos planos dele?

— Não.

— Você o ajudou a fugir?

— Não que eu saiba.

— Ele roubou uma faca do mostruário com sua permissão?

— Ele pode ter roubado algo quando eu não estava olhando. Não sei. Estávamos juntos na Mostra de Domesticidade.

— Brincando de casinha?

— Não — responde Lyda. — Não sei o que o senhor quer dizer.

— Acho que sabe.

Ele bate na caixa azul com três dedos.

Lyda agora está com medo da caixa.

— Não sei.

Willux se inclina para a frente, abaixa o tom de voz.

— Você está intacta?

Ela sente calor subir pelo rosto. O peito parece apertado. Ela se recusa a responder.

— Posso pedir que uma das mulheres verifique — diz ele. — Ou você pode simplesmente me dizer a verdade.

Lyda fica olhando para o piso de ladrilhos.

— Foi meu menino? — pergunta Willux.

— Eu não respondi à sua pergunta — diz ela. — Nem responderei.

Ele se inclina mais e dá um tapinha no joelho dela, e então deixa a mão ali.

— Não se preocupe — diz ele.

Lyda se sente enojada. Quer chutá-lo. Fecha os olhos; talvez com força. Ele tira a mão do joelho dela. A menina olha para o piso de ladrilhos.

— Se foi meu filho, ainda podemos providenciar para que ele acerte a situação; isto é, se conseguirmos encontrá-lo e trazê-lo para casa.

— Não preciso me casar com ele — declara Lyda —, se é isso o que o senhor está perguntando.

— Mas talvez fosse bom. Quer dizer, afinal de contas, com o que aconteceu a você recentemente, será difícil aloca-la.

— Eu vou sobreviver.

A sala fica em silêncio por um instante.

— Você vai sobreviver?

Lyda sente o coração batendo em seus ouvidos. Percebe que suas mãos estão cruzadas de novo, apoiadas no colo, uma apertando a outra com tanta força que as unhas estão marcando a pele.

— Temos um plano que exige sua participação — diz Willux. — Você vai sair.

— Para onde?

— Do Domo, para o lado de fora.

— Sair do Domo?

É uma sentença de morte. Lyda não vai conseguir respirar aquele ar. Será atacada. Os miseráveis vão se juntar, estuprá-la e matá-la. Fora do Domo, as árvores têm olhos e dentes. O chão engole meninas que tenham qualquer vestígio de forma humana. São queimadas vivas em estacas e devoradas. É para esse lugar que ela vai. Para fora.

— As Forças Especiais vão levá-la para um local do lado de fora, e você atrairá meu filho de volta para nós.

— Tem certeza de que ele está vivo?

— Sim, pelo menos até algumas horas atrás, e não aconteceu nada que indicasse algo diferente.

Ela sente um pequeno alívio. Talvez possa atraí-lo de volta. Talvez Willux até deixe que eles se casem. Mas, é claro, o que acontecerá com ela quando descobrirem que Partridge não a ama? Que ele estava apenas sendo gentil depois que ela o ajudou a roubar a faca?

Willux junta as mãos e chama algum assistente oculto.

— Exibir seção 127: Partridge. — Depois ele diz a Lyda: — Para você ver com os próprios olhos.

A tela do computador pisca e acende, e Partridge aparece. Ele está sujo, exausto, machucado, mas ainda é Partridge. Seus olhos claros cinzentos, os dentes brancos saudáveis — um ligeiramente encavalado no outro. Ele está sendo observado através dos olhos de alguém. Os olhos de uma garota. Lyda pode ver o corpo quando ela olha para baixo e depois novamente para Partridge.

— Eu não sabia — sussurra Partridge. — Não antes de vocês. Eu nunca esconderia algo assim.

Algo assim como?, pergunta-se Lyda. É óbvio que ele conhece bem essa menina. Lyda gostaria de poder ver o rosto dela. A menina não está mais olhando para Partridge. Seu olhar passa pela parede atrás dele, entulhada com máquinas quebradas e desmontadas. Eles estão fora do Domo.

— Eu só queria que você soubesse disso — diz Partridge.

E lá está o rosto dele de novo, e sua mão está junto ao peito dele, enrolada com um curativo ensanguentado. Ele sorri para a menina.

A menina assente com a cabeça; é evidente, pelo balanço do ângulo da câmera.

— O que você acha dela agora? — pergunta Pressia.

Eles estão falando dela? Lyda não consegue evitar a ideia. Por qual outro motivo lhe mostrariam essa gravação?

— Não sei — responde Partridge.

A imagem se apaga e a tela fica preta.

— Ele está machucado — observa Lyda. — O que aconteceu com a mão dele?

— Um pequeno ferimento. Nada preocupante. Podemos corrigir quase qualquer problema aqui.

— Por que o senhor me mostrou isso?

— Apenas para que você visse que ele está vivo e bem! — responde Willux.

Lyda não confia em Willux. Ele mostrou a gravação para deixá-la com ciúmes. A realidade é que ela vem mentindo para eles e para si mesma. Foi ela quem beijou Partridge, não o contrário. Ele nunca

disse que a amava. É tudo mentira. Willux pode tentar deixá-la com ciúmes se quiser. Ela não se importa.

Nunca teve Partridge de verdade, então, não pode perdê-lo de verdade.

Mas também há algo mais. Partridge retribuiu o beijo e, quando ela se afastou, o rosto dele... é inexplicável. Ele parecia surpreso e feliz. Lyda pensa agora no rosto dele e sorri. Que Willux faça o que quiser com todas as suas informações!

Ela volta a lembrar o que Partridge sussurrou: “Vamos fazer o que pessoas normais fazem, para que ninguém suspeite.” Foi ele quem disse isso. Eles estavam apenas fingindo ser normais. Os dois estavam destacados, eram diferentes dos demais.

Aquilo foi um tipo de confissão, um segredo compartilhado.

— Por que você está sorrindo? — pergunta Willux.

— É uma boa notícia. Seu filho está vivo.

Willux a observa e então levanta a caixa azul-clara e a entrega a Lyda.

— Você dará esta caixa a uma oficial — diz ele. Sua mão treme de novo. — Tínhamos esperança de que ela trabalhasse conosco, mas ela já participou da morte e da destruição de um de nossos agentes. — Willux respira fundo e suspira. — Eu fiquei de olho nela durante muitos anos. Um chamariz interessante para alguém que eu esperava que fosse buscá-la um dia. Ela se provou bem inútil.

Um chamariz interessante para que ele pudesse capturar alguém do lado de fora? Quem? Lyda faz uma pergunta mais simples e aceitável.

— Posso perguntar o que há dentro da caixa?

— É claro — responde Willux, e agora ela nota um tremor, muito sutil, a cabeça dele oscilar. — Dê uma olhada. Não acho que significará muito para você, mas a oficial, Pressia Belze, entenderá a mensagem que estamos enviando. Talvez ajude a convencê-la a repensar sua lealdade. Você pode dizer a ela que isso foi tudo que restou.

O que restou do quê?, pensa Lyda, mas não pergunta. Ela não quer abrir a caixa, mas precisa saber. Coloca a mão na tampa e a levanta, remexendo no lenço de papel azul-claro que há lá dentro.

Ela o afasta e, ali, aninhado no papel, há uma ventoinha pequena com o motor quebrado, as hélices de plástico imóveis.

PARTRIDGE

PAUZINHOS

Eles partiram antes do amanhecer. Ainda é cedo e eles já percorreram uma longa distância. Seis mulheres grandes os acompanham, dos dois lados. Muitas das crianças estão dormindo e, portanto, mais pesadas, imagina Partridge. Uma mulher, cuja criança está fundida ao quadril, sustenta a cabeça da filha junto ao peito com uma das mãos e carrega uma faca de açougueiro na outra.

O grupo caminha em silêncio, passando por casas destruídas, fileiras inteiras demolidas, restando apenas a fundação incendiada. Eles então passam por algumas que não passam de esqueletos queimados. Em alguns lugares, parte dos tijolos resistiu. De vez em quando, a casa não está mais lá, mas em seu lugar, como se fosse o cenário de uma peça perturbadora, há uma sala de estar com espuma escurecida, hastes de uma cadeira ou a cuba de uma pia, arrebatadas demais para ter qualquer serventia. Partridge não consegue se concentrar. Ele está tentando se lembrar de seus pais brigando, um momento de ânimos alterados, hostilidade, raiva efervescente. O pai dele sabia que sua mãe tinha uma filha que não era dele.

Com certeza sabia. Ele conhecia a localização de Pressia. Queria que ela encontrasse Partridge. Por quê? Ele tem uma inclinação pela ironia? Ele quer provocar sua mãe com os dois filhos sobreviventes dela? Será possível — mesmo remotamente — que seu pai queira ver sua mãe porque a ama, quer tê-la de volta, precisa dizer que a perdoa? Partridge sabe que isso é um desejo infantil — pais

apaixonados, um lar feliz. Mas não consegue evitar. Seu pai a amou em algum momento, tem de ter amado. Ele sofre ao pensar nela. Partridge já viu isso no rosto dele.

O grupo passa por outros centros comerciais, devastados, saqueados, e por instituições — essas são as piores. O fedor permanece, embora os corpos já se tenham decomposto há muito tempo. As instituições não são nenhum conto de fadas. Partridge não pode decorá-las com uma mulher-cisne ou asas perdidas. Elas são evidências da opressão que precedeu o fim de tudo, o Retorno da Civilidade.

O cheiro é de morte e putrefação. Ele se lembra do odor estranhamente fecundo e doce do corpo que ele encontrou envolvido em junco, a esposa do pastor, toda enrolada. Tenta tirar a imagem da cabeça.

Há outros sobreviventes por aqui. Partridge consegue escutá-los — um assobio, o som de algo se mexendo, o gemido baixo de um animal e, às vezes, as mulheres param e prestam atenção, todas virando a cabeça na mesma direção.

Mas ninguém os ataca.

Quanto mais o grupo avança, menos há para ver. A paisagem é plana, exceto pelas colinas distantes ao leste. A terra tornou-se preta. Sem nenhum obstáculo, o vento sopra forte e levanta nuvens escuras.

As mulheres tiram cachecóis de bolsos escondidos e envolvem o próprio rosto e o das crianças. Partridge já está de cachecol. Bradwell cobre o rosto com o braço. Uma das mulheres dá um cachecol a Pressia.

Partridge está de olho em Pressia. Está preocupado com ela. A menina passou por muita coisa, tudo ao mesmo tempo. Mas ela é forte. Partridge sabe.

Depois de algum tempo a mulher com a cabeça da criança junto ao peito para.

— Só vamos até aqui — diz ela.

Partridge agradeceria, mas ele pagou com o mindinho. Não consegue sentir gratidão.

— Obrigada — diz Pressia.

Bradwell pede que elas agradeçam à Mãe.

— Estamos em dívida — diz ele, e olha para Partridge, que só consegue murmurar: — É.

— Continuem atentos ao chão — avisa a mulher. — Procurem pelos olhos deles.

Os três começam a se despedir, mas então uma das mulheres se aproxima de Partridge. Ela tem longos cabelos grisalhos.

— Se sua mãe estiver viva, diga a ela que eu agradeço — diz a mulher, pegando em seu braço.

— Você a conhecia? — pergunta Partridge.

A mulher confirma com a cabeça.

— Não o reconhece? — indaga ela. E ali, escondido atrás dela, está um menino de uns oito anos. Seus cabelos são compridos e desgrenhados, o rosto marcado de queimaduras. Ele olha atentamente para Partridge. — É Tyndal. Ele não fala.

Partridge encara o menino, depois olha para a mulher.

— Sra. Fareling?

— Achei que você o reconheceria porque, bem, ele não cresceu.

Partridge se sente abalado. Tyndal ainda é um menino, um menino mudo, fundido para sempre à mãe.

— Sinto muito — lamenta Partridge.

— Não — responde ela. — Sua mãe me tirou do centro de reabilitação. Não sei como. Ela mexeu uns pauzinhos, eu acho. E eu fui solta. Alguma determinação. E quando aconteceram as Explosões, eu já estava em casa com Tyndal.

— Tyndal — sussurra Partridge, olhando para o rosto do menino como se ainda procurasse por ele.

O menino faz uma série de acenos curtos e longos com a cabeça, talvez um tipo de código.

— Ele quer lhe desejar boa sorte — diz a sra. Fareling, interpretando aquilo.

— Obrigado — responde Partridge.

E então a sra. Fareling estende o braço, agarra Partridge e o puxa para perto de si. Ela o segura, fechando as mãos na jaqueta dele. Partridge a abraça.

— Ela nos salvou — diz a sra. Fareling, agora chorando. — Espero que ela esteja viva.

— Está — sussurra Partridge. — Eu vou dizer a ela que você sobreviveu. Vou dizer que você está agradecida.

A sra. Fareling solta Partridge. Ela o encara.

— É estranho abraçá-lo assim — diz ela. — Acho que se as coisas tivessem sido diferentes Tyndal estaria do seu tamanho.

— Sinto muito — repete ele, pois não há mais nada a dizer.

Nada pode consertar as coisas. Ele gostaria que seu pai pudesse ver Tyndal Fareling.

— É hora — diz ela. — Fique bem.

Partridge assente com a cabeça.

Ela dá um tapinha no braço dele e Tyndal faz o mesmo com sua mãozinha.

— Obrigado por tudo — agradece Partridge. — Obrigado.

A sra. Fareling e Tyndal fazem uma reverência e se afastam com as outras mães e crianças, de volta para casa.

— Você está bem? — pergunta Bradwell.

— Sim — responde Partridge. — Estou pronto.

Os três sacam facas e seguem em frente. Mas Partridge olha para trás. As mulheres erguem as mãos para acenar. Ele ergue a faca para responder ao aceno. E então uma nuvem súbita de cinzas se ergue, e ele não consegue mais ver as mães.

Eles estão por conta própria agora.

LYDA

ABRIR

As guardas do centro de reabilitação não estão mais lá quando Lyda sai da sala de Willux. No lugar delas, há dois guardas homens. Eles a acompanham a um vagão de trem e a entregam a um terceiro guarda, corpulento, fortemente armado, com uma pequena cicatriz no queixo.

Esse guarda percorre túneis escuros com ela. Ela se acomoda em um dos assentos, com a caixa azul-clara no colo, observando as paredes do túnel escuro passarem pelas janelas. O guarda está de pé, com as pernas afastadas, firmes. Ele ajeita o peso de novo quando o trem muda de trilhos.

O guarda deve saber que ela será levada para o exterior, mas Lyda não sabe se ele conhece o motivo.

— Eu receberei um traje de proteção? — indaga ela.

— Não — responde o guarda.

— E uma máscara?

— E cobrir esse rostinho bonito?

— Você já acompanhou alguém para fora do Domo?

— Uma menina? É a primeira vez.

Ele já acompanhou garotos para fora? Lyda não tem certeza de que acredita nele. Não se sabe de mais ninguém que tenha saído do Domo antes de Partridge.

Por que garotos seriam enviados para fora? Ela nunca ouviu falar de tal ideia.

— Que garotos? — pergunta ela. — Quem?

— Aqueles sobre os quais você nunca mais ouviu falar — diz o guarda.

— E o filho de Willux?

— Qual?

— Partridge, é claro — responde ela, um pouco impaciente. — Ele não saiu por aqui. Saiu?

O guarda ri.

— Ele não estava pronto para sair. Duvido que ainda esteja vivo — responde ele, como se torcesse para Partridge não estar vivo, como se isso provasse algo.

O trem desacelera e para. As portas se abrem diante de um longo corredor recoberto por ladrilhos. Há um intercomunicador na parede de cada câmara. Ele a acompanha pelas três primeiras. Diz a palavra "Abrir", e a porta se abre, eles atravessam, e a porta se fecha.

— Há três outras câmaras. Você passará pelas portas quando elas abrirem. A última se abrirá para o exterior. A plataforma de carregamento está fechada.

— Plataforma de carregamento?

— Não estamos tão isolados quanto você pensa — diz ele.

— O que carregamos?

— Nós descarregamos — corrige ele. — Um dia ela voltará a ser nossa.

Ele está se referindo à própria Terra, e Lyda receia por um instante que ele inicie um discurso sobre como eles são os herdeiros legítimos do paraíso, temporariamente deslocado. Mas ele diz apenas:

— Somos abençoados.

— Sim, abençoados — concorda ela, mais por hábito que qualquer outro motivo.

— Alguém estará esperando por você — diz ele. — Forças Especiais.

— Forças Especiais são mandadas para fora do Domo?

— Eles não são humanos; são criaturas. Não se surpreenda com a aparência deles.

Lyda já viu as Forças Especiais, com uniformes brancos impressionantes, uma pequena tropa de elite; não eram criaturas. Era meia dúzia de jovens fortes.

— Qual vai ser a aparência dessa pessoa?

Ele não responde. Como Lyda pode se preparar se ele não quer dizer o que ela deve esperar? Ele dá um olhar de relance para a caixa do intercomunicador e para o olho afixado no teto. Lyda entende que isso significa que ele não pode contar, não tem permissão.

— Preciso revistá-la — diz ele. — Procedimento padrão. Garantir que você só esteja levando o necessário.

— Está bem — diz, embora odeie isso. — Devo levar a caixa comigo e entregá-la.

— Eu sei. — O guarda lhe apalpa as pernas, os quadris, a cintura. — Levante os braços. — Ele soa ríspido, profissional, e Lyda é grata por isso. Ela fica surpresa quando ele segura seu queixo com as duas mãos e lhe pede para abrir a boca. Olha o interior com uma pequena lanterna.

— Ouvidos — diz ela e vira a cabeça. De novo a lanterna. Analisa uma orelha e depois, quando analisa a outra, ele sussurra, bem baixinho: — Diga ao cisne que estamos esperando.

Lyda não sabe se entendeu o que ele acabou de dizer. O cisne?

— Prontinho! — diz o guarda. — Você está liberada.

Lyda quer perguntar: Esperando o quê? E quem está esperando? Quem é nós?

Mas ela nota pelo tom abrupto dele que não pode fazer perguntas.

— Serão três portas. A última leva ao exterior. — Ele a encara e diz: — Boa sorte.

— Obrigada — responde ela.

Ele se vira para a porta de onde acabaram de vir.

— Abrir — diz.

A porta se abre. Ele a atravessa, deixando Lyda. A porta se fecha.

Ela está sozinha. Vira-se para a porta diante de si.

— Abrir — diz ela.

A porta se abre. Ela a atravessa, e a porta se fecha rapidamente em seguida.

Lyda faz isso mais uma vez e então chega à última porta. Ela não sabe o que esperar. Coloca a caixa azul-clara no chão, tira o lenço branco da cabeça e o coloca na frente da boca e do nariz, amarrando-o na nuca.

Pega a caixa, segura-a com firmeza.

— Abrir — diz.

E bem ali diante dela há uma rajada de vento, terra, céu — e algo cortando esse céu. Um pássaro de verdade.

PARTRIDGE

PEQUENAS COSTELAS

Partridge não gosta de silêncio. Não gosta do modo como o vento parou, nem de Pressia ficar repetindo “Há algo errado” e de como isso deixa Bradwell nervoso.

— Você acha que essa nossa viagem coincidiu com algum frenesi alimentar acontecendo em outro lugar? — pergunta Partridge.

— É, Partridge, talvez os Poeiras estejam ocupados devorando um ônibus escolar cheio de crianças — diz Bradwell. — Seria uma grande sorte!

— Você sabe que não foi isso que eu quis dizer.

O solo começa a ficar macio sob os pés deles.

É então que Partridge vê uma criatura pequena, cor de fuligem, quase do tamanho de um camundongo, mas não é um. Não tem pelos. Está coberta de fuligem arenosa, e as costelas parecem expostas, como se o animal não tivesse pele. Por um instante a criatura corre pelo chão e desaparece nele, absorvida pela terra.

— O que foi aquilo?

— O quê?

— Parecia um camundongo ou uma toupeira. — Partridge olha para a linha indistinta onde a terra vira vegetação que leva às colinas. Ele vê movimento — não é um camundongo nem uma toupeira, mas uma agitação confusa, uma onda inquieta. — Acho que tem mais de um.

E então, em um instante, uma pequena nuvem, de apenas trinta centímetros de altura, se ergue e avança na direção deles.

— Quantos vocês acham que são? — pergunta Pressia.

— Muitos para contar — responde Bradwell.

A tempestade de pequenos Poeiras que se aproxima deles vem acompanhada de um tom agudo — não apenas um grito, mas vários, todos ao mesmo tempo.

O vento volta a soprar. Logo os três estão se esforçando para resistir ao vendaval. Pressia tira duas facas da jaqueta. Partridge está com uma faca e um gancho de carne. Seu dedo amputado lateja, mas ele ainda consegue segurar firme.

Bradwell tem uma pistola atordoadora e uma pequena faca afiada. O chão está vibrando. O ar tem um cheiro denso e pútrido.

— O que vamos fazer? Qual é o plano? — grita Partridge.

— Fique aqui com Pressia! — diz Bradwell, e com isso ele ergue as armas e solta um grito bárbaro. Ele ataca a tempestade de pequenos Poeiras.

Os Poeiras, com seus olhinhos pretos inquietos e esqueletos parcialmente expostos, movimentam-se em grupos. Alguns estão presos uns nos outros, costela com costela, mandíbula com mandíbula. Alguns têm crânios fundidos. Outros estão empilhados uns nos outros. E todos estão ligados à terra. Ela os acompanha quando eles enfrentam Bradwell. Não existem sozinhos. São Grupais e ao mesmo tempo são Poeiras ligados à terra. Com as garras inquietas, eles sobem pelo corpo de Bradwell, levando consigo o que parece ser uma camada de terra, um cobertor de sujeira que podem usar para sufocá-lo.

Tudo acontece muito rápido. Bradwell está cortando o cobertor de terra e corpos pequenos com golpes ligeiros de faca. Os Poeiras caem, mas chegam mais, sempre mais. Bradwell é coberto por eles, como se estivesse preso em um casaco de pequenas criaturas rasteiras fuliginosas.

Pressia começa a correr na direção dele, mas Partridge a empurra com tanta força que ela cai para trás.

— Eu vou.

— Qual é o seu problema? — grita Pressia.

Como a boca está coberta pelo cachecol e os cabelos estão esvoaçando ao redor da cabeça, ela está com a faca na mão, e o

punho de cabeça de boneca está pronto para dar um soco. Essa é a irmãzinha dele. Isso atinge Partridge com tanta força que ele fica atordoado por um momento. Sua irmãzinha.

— Fique aqui! — diz ele.

— Não! — grita ela. — Eu vou lutar.

Não há como impedi-la. Assim que Partridge sai correndo, ela vai atrás. Eles chegam até Bradwell e começam a atacar as criaturas com suas facas e ganchos.

Partridge sente seu corpo profundamente forte e rápido. A codificação deve estar chegando perto do efeito total. Mas ainda há muitos Poeiras pequenos. Ele não consegue manter o ritmo. Bradwell cambaleia para a frente e então perde o equilíbrio. O cobertor de terra envolve suas pernas, imobilizando-o. Ele torce a parte superior do corpo, como um peixe no anzol, mas não adianta.

Os Poeiras também estão sobre Partridge e Pressia agora. Eles têm dentes afiados e garras. Partridge vê as pequenas gotas de sangue aparecendo em sua camisa — na blusa de Pressia também —, e os Poeiras pequenos subiram pelas costas de Bradwell, atacando os pássaros sob sua camisa.

— Não, voltem! — grita Bradwell para Partridge e Pressia.

Mas eles continuam lutando. Chutam e se debatem, cortando Poeiras, tirando-os de cima de Bradwell.

Mas agora a próxima onda de Poeiras está vindo na direção deles, na altura do peito. E, atrás da onda, erguem-se colunas de Poeiras. Eles parecem ter cabeças, chifres, costas com espinhos. Partridge tem certeza de que agora é o fim. Isto é o mais perto que ele chegará de sua mãe.

Mas então Pressia grita por cima do lamento agudo das criaturas.

— Ele está vindo! Eu posso escutar!

— Quem? — indaga Bradwell.

Partridge também ouve outro som estranho, um ronco grave paralelo aos gritinhos — o ruído de um motor, e depois uma buzina estridente.

Um carro, um carro preto milagroso, chega atropelando as ondas de Poeiras, passando por cima deles. Há uma rajada de costelas, dentes, olhos brilhantes. O carro faz um cavalo de pau e para de

lado na frente deles. Partridge mal consegue ver através da nova nuvem de cinzas levantada pelo carro preto, mas ouve uma voz vindo de dentro, gritando:

— Entrem, droga! Entrem!

Ele não sabe se deve confiar na voz, mas não está em posição de ficar escolhendo. Ele se vira e vê Pressia ajudando Bradwell a se levantar.

— Abra a porta! — grita Bradwell para ele.

Partridge corre até a porta e a abre. Bradwell e Pressia pulam para dentro, e ele entra ao lado dela. O carro parte antes de a porta se fechar.

O motorista está perto do volante devido a algo que ele usa nas costas. Ele se vira para Partridge, o rosto desfigurado e queimado.

— É ele, Pressia? — pergunta. — Esse é o Puro?

— É! — grita Pressia. Ela conhece o motorista. — E este é Bradwell.

O motorista gira o volante, acertando um Poeira de frente, criando uma nuvem de cinzas que lança terra e fragmentos no carro. Magro e esguio, ele se movimenta como alguém estimulado pelo temperamento. Partridge se segura no banco. No Domo, todos usam os trilhos. Ele mal se lembra dos carros, e nunca esteve dentro de um, em alta velocidade, conduzido por um maluco.

— Achei que vocês estivessem mortos — diz Pressia.

— Nós também!

— Este é El Capitán! — diz Pressia.

Bradwell aponta para o para-brisa.

— Um bando deles! Meu Deus!

Eles atingem uma série de Poeiras, todos explodindo contra o carro.

— Sabemos aonde temos que ir para encontrar a mãe do Puro? — pergunta El Capitán.

Partridge agarra o banco da frente e se aproxima.

— O que você sabe sobre minha mãe?

Então, do nada, aparece uma cabeça nas costas do motorista. Um rosto — pequeno, pálido e cheio de cicatrizes. Ele abre o pequeno buraco que é sua boca.

— Mãe — diz ele.

— Epa! — exclama Partridge, projetando-se para trás e batendo no encosto do banco traseiro.

O motorista ri e gira o volante com tanta força que Partridge bate a cabeça na janela.

— E esse é Helmud — explica Pressia. — Irmão dele.

Além de todas as mordidas e arranhões no corpo de Bradwell, uma das costuras na parte de trás de sua camisa se rompeu. Pelo rasgo Partridge vê um dos pássaros nas costas dele — asas cinzentas agitadas, algumas manchadas de sangue.

Devem ser apenas três pássaros. Partridge esperava mais devido a toda aquela movimentação. Dois não param de se mexer. O mais calmo, o que ele consegue ver claramente, está com o bico enfiado no músculo e na pele de Bradwell, toda marcada com queimaduras antigas. A pele ao redor do bico vermelho do pássaro é enrugada. Seu olho escuro brilhante é rodeado de penas pretas. Por um instante parece que o pássaro está olhando para Partridge, surpreso — o pequeno olho fixo —, como se quisesse fazer uma pergunta. Ele parece doente e sem forças.

— Um dos pássaros — diz Partridge, com a boca pastosa por causa das cinzas. — Ele está ferido.

— Sua mãe deve ter remédios — diz El Capitán. — É o que o Domo queria que protegêssemos se a encontrarmos. Aposto que ela vai ter algo para seus ferimentos.

— Remédios? — indaga Bradwell, olhando para Pressia.

— Se a encontrarmos, eles não querem que nenhum de seus pertences seja danificado — explica ela.

Partridge se dá conta de que não conhece de verdade esse pessoal. Ele entrou no meio da vida deles, e não passam de estranhos. Ele não os entende, nem entende o mundo em que vivem. Sua mãe também será uma estranha para ele?

Ele olha pela janela. O carro avança rapidamente. A paisagem plana e escurecida é um borrão. Sua mãe está viva naquelas colinas? Ela lhe contou a história para que ele se lembrasse tantos anos depois? Quando foi a última vez que ele sentiu que sabia o que estava fazendo? Partridge olha para o pingente quebrado de cisne

no colar que está no pescoço de Pressia. Ele balança no ritmo do carro, batendo nas clavículas salpicadas de sangue e fuligem de Pressia. O olho azul é pequeno e frágil. Para que ele serve? O que significa?

LYDA

AQUILO

Depois que ela sai do último compartimento e a porta se fecha, Lyda ouve o tranco de uma fechadura pesada. Mas não há ninguém das Forças Especiais para encontrá-la, como o guarda disse que haveria.

Ela olha para a paisagem escura, os redemoinhos de cinzas e poeira e, ao longe, bosques distorcidos e uma cidade — edifícios tombados, rastros de fumaça subindo para o céu, pequenos, mas distintos. Ela está sozinha, segurando a caixa azul-clara.

Lyda se volta para o Domo, observa suas laterais enormes. Bate educadamente à porta, sabendo que não há ninguém do outro lado. Ouve um uivo estranho distante, vindo do bosque. Não se vira. Bate com o punho.

— Não tem ninguém aqui! — grita. — Não tem ninguém aqui para me acompanhar!

Quase começa a chorar, mas se segura. Deixa o punho escorregar pela porta.

Então se vira e nota as marcas de pneus. Elas se interrompem de repente diante do Domo, e Lyda consegue distinguir a grande fenda retangular do que parece ser a porta para a plataforma de carregamento, que o guarda mencionou.

Talvez ele não devesse ter lhe contado algo assim. Agora Lyda sabe que o Domo não é completamente isolado. Eles estão se comunicando com o exterior. Isso contraria tudo o que Lyda aprendeu. Ela não deveria saber da plataforma de carregamento.

Mas talvez o guarda soubesse que não importaria o que ela conhecesse ou não — não se ela nunca mais voltasse.

Lyda anda alguns passos. Seus sapatos escorregam nas pedrinhas. Ela está acostumada aos corredores ladrilhados da academia das meninas, aos caminhos de pedra atravessando o gramado, fixos sob seus pés, e ao piso emborrachado do centro de reabilitação. Lyda encontra-se em um declive, então seu ritmo aumenta naturalmente, e ela se dá conta de que está realmente sozinha, sob o olho do sol verdadeiro, sob um conjunto de nuvens ligadas ao céu, ao universo, sem nenhum limite, e começa a correr. A academia das meninas não tem equipes de atletismo, embora pratiquem exercícios físicos todas as manhãs por uma hora, usando macacões iguais de uma peça — shorts e blusas listradas de mangas curtas que fecham na frente. Lyda odeia os macacões e os exercícios. Quando foi a última vez que ela correu assim? Lyda é rápida. Suas pernas são fortes.

Ela corre por algum tempo, aproximando-se cada vez mais do bosque. E então ouve um zumbido, um pulso elétrico fraco. Vem das árvores atrofiadas, mas ela não sabe dizer de qual direção. Para de correr, mas se surpreende com a sensação de que ainda está em movimento. A batida de seus pés na terra, agora, é a batida dentro de seu peito. Ela passa os olhos pelo bosque e então vê uma figura grande se movimentando com rapidez, cintilando. Não se preocupe, Lyda se lembra do guarda dizendo. São criaturas. Não são humanos.

Isso deveria tranquilizá-la?

— Quem está aí? — grita ela. — Quem é?

A forma cintila de novo, como se sua pele refletisse a luz.

E então aquilo se levanta e começa a andar com pernas longas e musculosas, um movimento quase tão delicado quanto o de uma aranha. Ela conclui que é das Forças Especiais devido ao traje, que é justo e camuflado com uma combinação escura de cores para se misturar à lama e às cinzas. Braços pálidos musculosos sustentam armas pretas e brilhantes cujos nomes Lyda desconhece. As mãos são grandes demais para o corpo, mas se encaixam perfeitamente nas armas. Ela também vê o brilho de facas, e isso a assusta mais,

como se a criatura também estivesse preparada para assassinatos de curta distância.

O maxilar é forte, esguio e masculino, embora Lyda não consiga pensar nele como homem. Os olhos são fendas estreitas, encobertos por uma testa projetada.

Ele a encara e então se aproxima. Lyda não se mexe.

— Você está aqui para me encontrar? — pergunta ela. — Forças Especiais?

Ele fareja o ar ao redor dela e confirma com a cabeça.

— Sabe quem sou eu?

Ele confirma de novo. Se não é humano, o que é? Como foi trabalhar para o Domo? É um miserável que foi reconstituído para proteger o Domo?

— Sabe para onde deve me levar?

— Sim. — A voz é humana. Na verdade, é permeada por um tom de melancolia e nostalgia. — Eu conheço você.

Isso é assustador. Lyda não sabe por quê.

— Eu sou sua responsabilidade — diz ela, na esperança de que ele esteja se referindo a isso. — Ou talvez refém seja uma palavra melhor?

— É claro — responde ele, e então se vira e abaixa. — Eu vou carregar você. É mais rápido.

Lyda hesita.

— Uma carona de cavalo?

Ela fica surpresa por ter usado essa expressão. Não falava isso há anos.

Ele não responde, apenas fica parado.

Lyda olha à sua volta. Não há outra opção.

— Tenho esta caixa — diz ela. — Devo entregá-la.

Ele ergue a mão e pega a caixa.

— Eu a manterei em segurança.

Ela hesita de novo, mas então sobe nas costas dele. Trava os pulsos em torno do pescoço grosso.

— Está bem.

Ele sai, avançando pelo bosque, afastando-se da cidade. Seu passo é rápido, suave e praticamente silencioso. Mesmo quando ele

pula trechos grandes de matagal, aterrissa suavemente. Às vezes ele para de repente, esconde-se atrás de um conjunto de árvores. Lyda ouve o latido agudo de um cachorro vadio, e às vezes alguém cantando. Cantando! Aqui, do lado de fora do Domo, ainda se canta. A ideia a surpreende.

E agora eles estão correndo de novo. O ar frio enche os pulmões de Lyda.

Ela está sem fôlego. Seu cachecol cobre o nariz e a boca, mas também as orelhas, criando barulhentos túneis de vento. Era isso que as pessoas sentiam ao andar a cavalo — vento, árvores e velocidade? Ela está nas costas do soldado — envolvendo o pescoço dele com os braços, as costas com as pernas, como se fosse uma criança. Mas ele não é um soldado. Não é totalmente humano. E ela não é criança. É uma oferenda.

Ela ouve o zumbido elétrico. Está vindo de todas as direções. Ele para, leva a mão à boca e produz algum tipo de chamado que Lyda não consegue ouvir — talvez em uma frequência inaudível para ela. Mas Lyda sabe que é um chamado porque sente nos joelhos a vibração das costelas dele. Ela permanece imóvel.

— Vamos esperar — diz ele, ajoelhando-se para deixá-la descer.

Lyda fica de pé, um pouco atordoada.

— Sabe quem estamos procurando? — pergunta ela.

Ele vira o rosto para ela e lhe dirige um olhar severo, como se estivesse magoado por alguma acusação.

— É claro.

— Desculpe — diz ela.

Eles esperam mais um pouco.

— Como você me conhece? — pergunta Lyda.

Ele a encara com seus olhos estreitos.

— Eu era — diz ele.

— Era o quê?

— Eu era — repete ele. — E agora não sou.

Lyda vê claramente agora que ele não é velho — meia dúzia de anos a mais do que ela, talvez. O rosto não se parece com nada que ela tenha visto antes — a testa larga, o maxilar forte —, mas ele pode ter sido outra pessoa?

— Eu conheço você da academia? Você era aluno?

Ele a encara como se estivesse tentando se lembrar de algo perdido há muito tempo.

— Você era um dos garotos da academia. Entrou para as Forças Especiais. Foi nisso que transformaram você?

Lyda pensa na pequena tropa de elite. Não pode ser que tenham feito isso com eles. Seria absurdamente cruel. Ela ergue a mão. Toca uma das armas. Pode ver o ponto no braço dele onde o metal se encontra com as dobras da pele.

Ele não diz nada, não se mexe. Seus olhos simplesmente fitam o rosto dela.

— E sua família? Eles sabem que você está aqui?

— Eu era — repete ele. — E agora não sou.

PRESSIA

LUZ

Pressia sente-se perdida. A poeira se agita em volta do carro. A paisagem árida estende-se à frente deles. Leste. O que antes havia sido reserva nacional. É tudo que eles têm. E pode nem ser uma pista de verdade. Pode não significar nada.

— Sinais de fumaça poderiam ajudar — diz ela.

Bradwell olha para ela de repente.

— Você tem razão — confirma, como se estivesse pensando na mesma coisa. — Entretanto, o Domo veria os sinais de fumaça, mas precisamos de algo parecido.

— Recite tudo de novo — diz Pressia a Partridge. — O cartão de aniversário.

Desde o começo. El Capitán ainda não escutou.

— É inútil — responde Partridge. — Não há nada aqui. Não há nada mais adiante ao leste a não ser uma colina, e depois dela só tem mais vastidão morta. O que estamos fazendo aqui, além de arriscar nossa vida?

— Recite de novo — diz Bradwell.

Partridge suspira.

— Sempre ande na luz. Siga sua alma. Que ela tenha asas! Você é minha estrela-guia, como aquela que ascendeu no leste e guiou os Reis Magos. Feliz aniversário de nove anos, Partridge! Com amor, mamãe. Pronto!

— Sempre ande na luz — diz El Capitán.

— Na luz — repete Helmud.

— Não pensei em nada — diz El Capitán.

— Nada — repete Helmud.

Pressia tira o colar, sente uma dor cortante na nuca. Ela o contempla na palma da mão, o olho azul de joia. Aproxima-o de seu próprio olho e observa através da pedra, tingindo de azul a terra desolada.

— Como funcionavam os óculos 3-D? — pergunta. — Sabe, aqueles que as pessoas usavam nos cinemas enquanto comiam dos baldinhos de papelão?

— Havia mais de um tipo — responde Bradwell. — Alguns tinham lentes de cores diferentes, uma vermelha e uma azul, e ajudavam a interpretar um filme que na verdade era formado por duas imagens ao mesmo tempo. Outros óculos eram polarizados, e imagens na vertical e na horizontal eram combinadas pelas lentes.

— Seria possível mandar uma mensagem de luz que fosse visível apenas para quem estivesse observando através de determinada lente? — pergunta Pressia, pensando alto.

— No Domo havia um garoto chamado Arvin Weed que mandava mensagens para o dormitório das meninas projetando a luz de uma caneta a laser no gramado da área de convivência — responde Partridge, batendo o punho na janela, olhando para fora como se tentasse imaginar o gramado agora. — Algumas pessoas disseram que ele estava tentando inventar um tipo de laser que só a namorada dele pudesse ver.

— Então, se você quer ser encontrado e não pode usar sinais de fumaça — diz Pressia —, pode usar um tipo de luz que só pode ser visto com uma lente específica.

— O que você sabe sobre fótons, Partridge? — pergunta Bradwell. — Infravermelho ou ultravioleta? Ensinam muito de ciência no Domo?

— Eu não era o melhor aluno. Temos formas muito simples de detectar esses tipos de luz. Mas Weed tinha razão. Há outros níveis de luz. Ele poderia transmitir um feixe direto para sua namorada, da janela dele para a dela, e ela conseguiria vê-lo por uma lente que distingue apenas frequências de luz fora de nosso espectro visível.

Vocês sabem, duzentos e sessenta e dois, trezentos e quarenta e nove, trezentos e setenta e cinco.

Pressia e Bradwell se olham. Não, nenhum dos dois sabe nada disso. Pressia percebe uma careta no rosto de Bradwell. Pensa no quanto ele gosta de saber das coisas. Os dois foram privados da educação a que Partridge não dá importância.

Partridge não percebe.

— E eles precisariam de uma lente para detectá-lo — continua.
— Os feixes também teriam que ser direcionados exatamente para a pessoa com a lente, certo? Porque um laser não dispersa luz.

— É como os cães conseguirem ouvir apitos que estão fora de nosso limiar de audição — diz Bradwell.

— Acho que sim — concorda Partridge. — Nunca tive um cão.

— A luz pode existir em um espectro que só pode ser visto por um tipo de filtro? É isso? — pergunta Pressia.

— Exatamente — responde Partridge.

Pressia sente um arrepio percorrer seu corpo. Segura o olho azul do cisne diante do seu mais uma vez. De novo a paisagem flutua à sua frente, imersa em luz azul.

— E se isto não for apenas o olho azul de um cisne. E se for nossa lente, nosso filtro?

— Sempre ande na luz — diz Bradwell.

Pressia olha para as colinas adiante, e se vira de um lado para o outro. Passa por uma pequena luz branca cintilante, para e volta. A luz parece um farol, como a estrela em cima de uma árvore de Natal no Antes.

— O que é? — pergunta Bradwell.

— Não sei. Uma pequena luz branca. — Ela reajusta a visão e enxerga outra luz branca, tremeluzindo em cima de outra árvore distante na encosta. — Será que é ela?

Se isso é obra de sua mãe, então é a primeira coisa real que Pressia conhece dela — sozinha, sem histórias nem fotografias, e com um passado nebuloso. Sua mãe é uma luz branca tremeluzente pulsando nas árvores.

— Aribelle Cording Willux — repete Bradwell, como da última vez, um pouco admirado e perplexo.

— Posso olhar? — pergunta Partridge.

Pressia entrega a joia.

Partridge se acomoda no meio do banco traseiro, bem na beirada. Abaixa a cabeça e olha através da pedra.

— É só uma névoa azul.

— Continue olhando — responde Pressia.

Ela não está louca. Viu a luz. Estava ali, piscando.

E então ele também vê. Pressia sabe que sim.

— Espere — diz ele. — Está lá adiante.

— Se é isso, então, quando estivermos mais perto, não teremos ângulo de visão para que ela nos guie — avisa Bradwell. — Precisamos encontrar algum foco para continuarmos na trilha certa.

— Chegamos tão longe — diz Partridge.

— Talvez tenhamos sorte — responde El Capitán.

Helmud está com a boca aberta, mas suas mãos ainda se movem inquietas atrás das costas do irmão. Há algo em seu olhar que faz Pressia se perguntar se ele não é mais esperto do que parece.

— Sorte — repete Helmud.

PRESSIA

ENXAME

El Capitán estaciona o carro no meio de trepadeiras no pé das colinas. Ele o cobre da melhor forma possível com pedaços de plantas que arranca do chão, com raízes e tudo. Avisa quais plantas eles não devem tocar.

— Aquelas com espinhos nas folhas de três pontas produzem ácido. São cobertas com uma camada fina. Vão causar bolhas. — Ele aponta para um aglomerado de cogumelos brancos. — Esses são venenosos. Se pisarem neles e os romperem, soltarão esporos. — Outro grupo, ele explica, era parte animal. — Vertebrados. Há frutinhas para atrair animais e então sufocar e comer.

Pressia anda logo atrás de Partridge, que anda atrás de El Capitán, evitando as plantas mais venenosas.

Bradwell insiste em andar atrás de todos, “para vigiar”, mas Pressia se pergunta se ele está preocupado com ela. A menina se lembra do toque em seu pescoço antes de ele remover o chip, e do dedo suave delicado na cicatriz em seu pulso. E seus olhos, as manchas douradas. De onde vieram? Foi como se elas tivessem aparecido de repente. Beleza, é possível encontrá-la aqui se procurar o bastante. De vez em quando, em um rápido lampejo, Pressia se lembra de como ele olhou para ela, observando todo o seu rosto. Só de pensar, ela fica nervosa, a mesma sensação de ter um segredo que espera que ninguém descubra.

Eles estão atravessando a vegetação, subindo o barranco por entre arbustos e trepadeiras espinhosos, tentando prosseguir na

direção da luz branca. Pressia sente-se instável, como se tivesse as pernas de um potro recém-nascido. O chão é imprevisível, com cascalho solto. Ela ouve o suave ruído das facas batendo umas nas outras enquanto eles andam. El Capitán bufa, e Helmud às vezes faz barulhinhos nas costas dele, pequenos cliques e murmúrios. Todos escorregam de vez em quando. O vento é duro e frio. Ajuda a mantê-la alerta. Atrás deles, a Terra Derretida se contorce.

Pressia agora tem mais consciência de seu corpo. Sua visão ainda está um pouco embaçada, a audição, abafada. Os ferimentos na cabeça e no pescoço latejam.

Se ela encontrar a mãe, isso não significará a morte dela? Se, de alguma forma, conseguirem levá-la para um lugar seguro e não a entregarem ao Domo, eles se tornarão alvos, todos eles. E se falharem, e as Forças Especiais capturarem a mãe dela antes, Pressia não terá mais serventia e será morta.

Ela sente um poço de terror na barriga. Deveria estar feliz por existir uma chance de que sua mãe esteja viva em uma casamata nas colinas. Mas, se é esse o caso, por que ela não veio encontrar Pressia? A casamata não fica do outro lado do mundo. Fica logo ali. Por que ela não deixou o esconderijo para procurar a filha e trazê-la de volta? E se a resposta for simples: Nunca valeu o risco? E se a resposta for: Eu não a amava o bastante?

Partridge para de forma tão abrupta que ela quase colide com ele.

— Esperem — pede ele.

Todos param e ficam em silêncio.

— Ouvi alguma coisa.

É um zumbido fraco. O som fica mais alto.

Uma névoa dourada desce até eles por entre as árvores, e, de repente, há asas batendo ao redor da cabeça deles. El Capitán golpeia o ar. Pressia ataca o que parece um enxame de abelhas enormes com carapaças bem duras, como besouros.

O zumbido preenche a cabeça dela, o peito. Vibra pelas árvores que os cercam. Os insetos são como uma colmeia girando ao redor da cabeça de Pressia. Partridge acerta algumas, que caem nos arbustos.

Mas então Pressia vê um dos bichos — apenas um, imóvel no chão. Parece Frido, mas sem a ferrugem e as manchas. Ela o pega do chão, cobrindo-o com a mão para que ele não voe. Na mesma hora reconhece a sensação. Um inseto gordo e brilhante caminhando em sua mão. As asas dobradas junto ao corpo, como uma cigarra, mas feita de metal filigranado, leve e enfeitada. Tem costelas finas de arame e engrenagens que se movem devagar, um ferrão de vespa — uma agulha dourada que parece uma cauda — e pequenos olhos dos lados da cabeça.

— Esperem. Esses são bons — diz Pressia.

O inseto então solta um clique e um ronrom familiares.

— Como você sabe? — pergunta Partridge.

— Tive um desses como bicho de estimação quase a vida inteira.

— De onde veio o seu? — pergunta Bradwell.

— Não sei. Sempre esteve lá.

— O cartão de aniversário — diz Partridge. — Siga sua alma. Que ela tenha asas!

— Você acha que ela as mandou? — pergunta Pressia.

— Se foi, então ela sabe que estamos chegando — responde Bradwell. — Não é possível.

— De que outra forma poderíamos saber exatamente para onde ir aqui nas colinas? Esses bichos estão aqui para nos guiar pelo resto do caminho — diz Partridge. — É parte do plano. Só levou muito tempo para acontecer.

— Mas qualquer um poderia ter encontrado esse colar e olhado por ele — responde Bradwell. — Esses insetos poderiam levar o inimigo até ela.

A cigarra se debate na mão de Pressia. Ela se abaixa e abre a mão apenas o suficiente para ver por entre os dedos.

As engrenagens aceleram. O inseto ergue a cabeça. E um de seus olhos emite um feixe de luz para o olho esquerdo de Pressia. Ela pisca. Seus olhos lacrimejam. O bicho tenta de novo.

— Um inseto mecânico com leitor de retina — diz Partridge.

— É das antigas — observa Bradwell. — Mas não parece reconhecer as retinas de Pressia.

Pressia a entrega a Partridge.

— Tente você. Se foi ela que mandou, reconhecerá você.

Uma peça no centro do tórax do inseto cintila. As asas tremem.

— Ela sabe quem você é — diz Bradwell.

O bicho começa a bater as asas.

Partridge abre a mão e o levanta.

— Vamos ver para onde ele vai.

Se esses insetos foram enviados por sua mãe, será que Frido foi um presente dela?

O inseto, agora iluminado, voa e mergulha entre os galhos.

PARTRIDGE

PULSOS

Todos os insetos se dispersaram, exceto o que fez as varreduras de retina. É uma sensação estranha, ser reconhecido pela retina. Partridge supõe que sua mãe tenha preparado isso antes das Explosões, que tenha feito planos e registrado a assinatura das retinas do filho. O que mais poderia ser? A especificidade do plano dela o inquieta. Se ela pôde fazer tanto para se preparar, por que não foi capaz de manter a família unida? Partridge quer saber o que aconteceu nos últimos dias.

Mas o plano dela também parece vago, aleatório. Houve tantos momentos em que a trilha poderia ter sido perdida que o menino se pergunta se sua mãe realmente acreditou que ele desvendaria todas as charadas. Quando ele era criança, não havia vezes em que ele precisava da ajuda dela para resolver uma charada e encontrar um presente? Ele presume que o plano seja fruto de desespero. Ela se virou com o que tinha, sofrendo limitações que ele não é capaz de imaginar.

O inseto está logo adiante, voando rápido por entre as árvores, muito mais rápido que eles. É estranho ver alguém tão bruto como El Capitán seguindo um delicado inseto voador, como se fosse um caçador de borboletas.

Bradwell, Pressia, El Capitán e o irmão dele — esses são seus amigos agora, seu próprio rebanho. Partridge pensa no rebanho dos garotos da academia quando ele os viu pela última vez, despedindo-se no centro de codificação. Vic Wellingsly, Algrin Firth, os gêmeos

Elmsford — ombros largos, vozes graves. Empurraram-se uns aos outros e foram cada um para um lado. De repente, Partridge sente saudade de Hastings. Será que ele chegou a almoçar com Arvin Weed, como Partridge disse? Ou tentou se juntar ao rebanho? Será que, desde então, algum deles pensou muito em Partridge? Ele se pergunta que história lhes foi contada para justificar seu desaparecimento. Talvez pensem que ele tinha um contador e que alguém apertou o botão para acabar com seu sofrimento, como imaginavam.

El Capitán para na frente. Ele levanta um dedo e aponta para o bosque.

Todos ficam paralisados e olham. Partridge estreita os olhos para enxergar nas sombras. Vê uma luz se mover muito rápido. Um galho balança. Folhas farfalham.

Mas não há ninguém ali.

— São eles — diz El Capitán. — Forças Especiais. É assim que eles se comunicam entre si. Sente a eletricidade? É como ecolocalização.

— Forças Especiais? — indaga Partridge.

— Mas como eles podem saber que estamos aqui? — pergunta Bradwell.

— O chip foi removido — diz Pressia. — Isso não faz sentido.

Um pulso elétrico faz sua pele formigar e crepita como eletricidade estática.

Há um zumbido no ar. Partridge tenta seguir o pulso, que se move em ondas.

— Eles são parte animal, parte máquina — esclarece El Capitán. — Podem farejar vocês.

— Mas não a quilômetros de distância — argumenta Pressia. — Foram avisados.

Partridge olha para Pressia.

— Seus olhos — diz. — A varredura de retina deveria ter identificado seus olhos, como fez com os meus. Quer dizer, ela provavelmente nos registrou, não é?

— Não sei.

— Interferência — diz Partridge. — Essa é a razão.

Agora há uma série rápida de pulsos cruzando o bosque.

— Do que você está falando? — pergunta Bradwell.

— Onde você esteve? — pergunta Partridge a Pressia. — Quer dizer, aquele carro. Aquilo não resistiu às Explosões. Veio do Domo. Então também há outras coisas do Domo aqui. Certo? O que fizeram com você?

— Na sede da OBR eles me deram roupas, comida, tentaram me fazer atirar em pessoas, e depois de um tempo, quando fui levada à casa de fazenda, eles me envenenaram.

— Envenenaram?

— Não sei muito bem o que aconteceu. Desmaiei, eles me sedaram com algum tipo de éter, e eu acordei depois no carro. Tive dor de cabeça e me senti perdida. Tudo estava embaçado, e meus ouvidos pareciam abafados.

— Você está grampeada — diz Partridge.

— Como assim? — pergunta Bradwell.

— Os olhos, os ouvidos dela. Meu Deus! — exclama Partridge. — Eles viram tudo que ela viu, ouviram tudo que ela disse.

Ele olha para Pressia e se pergunta, por um momento, se seu pai o está vendo agora. Imagina-se olhando através dos olhos dela e vendo o interior do Domo.

— Meu chip foi removido à toa? — sussurra Pressia.

— Não — responde Bradwell. — Isso é temporário, certo? Podemos tirar isso dela, não é?

— Não sei — responde Partridge.

— Os pulsos elétricos estão ficando mais fortes — avisa El Capitán —, o que quer dizer que eles estão se aproximando bem rápido.

— Tudo bem, vamos manter a calma — diz Bradwell. — Ela está grampeada. Só isso.

— É pior, na verdade — diz Partridge. Ele não quer falar o restante, mas é preciso. — Sua dor de cabeça. Você tem algum corte ou hematoma?

— Acho que bati a cabeça enquanto estava lutando com Ingership.

Partridge pensa em Hastings e no medo que ele sentia dos contadores.

Partridge disse que isso não existia, que era um mito. Não é.

— O que foi? — pergunta Bradwell. — Qual é o problema? Diga.

Os pulsos estão ainda mais rápidos agora. O zumbido e a crepitação da eletricidade parecem ricochetear pelas árvores em volta deles.

— Ela está com uma bomba na cabeça — diz Partridge.

— Que diabos isso significa? — pergunta Bradwell.

Pressia olha para o chão como se estivesse lembrando o que aconteceu na casa de fazenda, juntando as peças.

— Eles têm um botão e, se o apertarem, a cabeça dela vai explodir — responde Partridge.

Todos olham para Pressia. Por um instante Partridge se pergunta se ela vai começar a chorar. Ele não a criticaria. Em vez disso, ela os encara solenemente, com os olhos tranquilos, como se aceitasse a situação. Partridge percebe que ainda resiste à ideia de que os humanos sejam capazes de tanta maldade.

Pressia olha barranco acima. Sua visão capta alguma coisa.

— Parou. Está flutuando.

E lá está a cigarra, fazendo um pequeno círculo sobre um local específico.

El Capitán corre até o bicho e começa a cavar com as próprias mãos. Ele revela uma vidraça espessa em formato de meia-lua.

— É aqui.

Partridge se aproxima e deita de bruços para olhar o interior. É escuro, mas há um brilho distante vindo de algum lugar no fundo da terra.

— É aqui! — diz. — Peguem uma pedra. Podemos tentar quebrá-la para entrar.

Os pulsos estão quase contínuos. O zumbido elétrico chia e alcança um tom mais agudo. Não há tempo para buscar uma pedra.

Os corpos surgem, um a um, do meio das árvores, até que aparecem cinco deles. São grotescos — coxas monstruosas e peitos estufados; seus braços, cheios de músculos, são fundidos com arsenal, e seus rostos são distorcidos, os crânios cheios de ossos

alongados e salientes. Será que esses soldados um dia foram garotos da academia, esbarrando-se pelos gramados e assistindo às aulas de Welch diante do projetor de arte, ouvindo os apartes perigosos de Glassings? O Domo fez isso a quantos deles? É o que iriam fazer com Sedge? Esse futuro foi parte do motivo pelo qual ele se suicidou?

Um deles derruba El Capitán com uma cotovelada no rosto. Ele cai com tudo. Helmud recebe o maior impacto da queda. O soldado arranca o fuzil das mãos dele.

Outro aparece, parcialmente escondido por um tecido branco volumoso.

Mas Partridge então percebe que o branco é de uma roupa, um macacão. Uma figura pequena, de cabeça raspada, com o rosto coberto por um lenço branco. Uma mulher. O soldado — se é que ele pode ser chamado assim — a segura pela cintura. Ele remove o lenço.

É Lyda — suas delicadas bochechas agora sujas de cinzas, seus olhos azuis impressionantes, seus lábios e o nariz delicado.

— Por que você está aqui? — indaga Partridge, espantado, mas ele sabe a resposta, pelo menos em parte.

Ela é uma refém. Está ali para forçá-lo a tomar uma decisão. Mas qual?

— Partridge — sussurra ela, e o menino vê que ela traz nas mãos uma caixa azul.

Ele se pergunta por um momento se ela veio até aquele lugar para lhe dar algo que havia esquecido antes — uma flor de lapela para o baile? Sabe que essa ideia não tem lógica, mas não consegue se desvencilhar dela.

Lyda ergue a caixa.

— É para alguém chamada Pressia Belze — diz ela, olhando para todos à sua frente.

Pressia dá um passo adiante e vai até Lyda. Ela claramente não pretende pegar a caixa.

Lyda também hesita.

— Você é o cisne? — pergunta.

— O que você disse? — pergunta Partridge.

— Quem aqui é o cisne? — insiste Lyda.

— Alguém lhe contou algo sobre um cisne? — pergunta Partridge.

— Eles estão esperando pelo cisne — responde Lyda, e então ela põe a caixa nas mãos de Pressia. — Isso é tudo que sei.

Ela quer se livrar do presente. Está com medo dele.

Pressia olha para Lyda e então para os soldados à sua volta. As luzes vermelhas da mira das armas estão apontadas para seu peito. Suas mãos tremem.

Ela abre a caixa, mexe em um lenço de papel. Olha o que está dentro, e Partridge percebe que, à primeira vista, aquilo não faz sentido para ela. Mas ela então olha para cima e deixa a caixa cair no chão. Seu rosto está pálido. Ela cambaleia para trás e cai de joelhos.

Lyda tenta ir até ela, ou talvez até à caixa, mas o soldado a puxa de volta.

— Levante! — grita o soldado.

Pressia olha para cima. O soldado está mirando um ponto vermelho de luz na testa dela. E então ele fala com uma voz mais baixa:

— Levante. Vamos. Está na hora.

E é nesse tom mais suave — talvez no ritmo das palavras — que Partridge ouve a voz de seu irmão, falando com ele do jeito que fazia quando Partridge era apenas um garoto sonolento acordando, chutando os lençóis.

Levante. Vamos. Está na hora.

Sedge.

PRESSIA

TÚNEL

Primeiro Pressia diz para si mesma que seu avô não está morto. Eles retiraram a ventoinha, consertaram seu pescoço e o suturaram. Ela ainda está de joelhos. Não consegue se levantar. Olha para o rosto da garota. Uma Pura. Alguém que Partridge conhece. Alguém que ele chama de Lyda.

— Ele não morreu — diz Pressia.

— Pediram para eu lhe dizer que isso é tudo o que restou — diz Lyda gentilmente.

As pequenas pás da ventoinha parecem ter sido polidas, como se alguém tivesse dedicado tempo naquilo. O avô de Pressia está morto. É o que isso significa.

E o que significa a luz do outro lado da janela em forma de meia-lua incrustada na terra: que sua mãe está viva? É assim que o mundo funciona: ele dá e tira sem parar? É cruel.

Ainda de joelhos, Pressia apanha um punhado de terra.

Há uma bomba em sua cabeça. O Domo vê o que ela vê, ouve o que ela ouve. Eles ouviram toda a conversa com Bradwell na noite passada — ele confessando a mentira, falando do desejo de ver o pai com um motor no peito, ela falando da cicatriz. Sente que sua privacidade foi roubada. Ela olha para Bradwell; seu belo rosto parece angustiado. Ela fecha os olhos. Recusa-se a deixá-los ver qualquer coisa. Tampa os ouvidos com a cabeça de boneca e a mão suja. Ela os privará — os inimigos, as pessoas que mataram seu avô, que poderiam matá-la explodindo sua cabeça por controle remoto.

Mas isso só é pior. Ela está punindo a si mesma para punir outra pessoa. Matem-me, ela quer sussurrar. Façam logo — como se pagasse para ver o blefe. O problema é que não é um blefe.

Ela olha para Bradwell de novo. Ele a encara como se quisesse desesperadamente ajudá-la. Diz o nome de Pressia, mas ela balança a cabeça. O que ele pode fazer? Eles mataram Odwald Belze, e então alguém teve o trabalho de polir a ventoinha que estava no pescoço dele e embrulhá-la em um lenço de papel azul-claro e encontrar a caixa perfeita. As pessoas que fizeram isso estão dentro da cabeça dela. Esses fatos são simples e imutáveis.

Pressia se levanta, ainda segurando a terra na mão fechada. Ela chora em silêncio. As lágrimas descem pelo seu rosto.

Partridge parece atordoado. Sua expressão é uma combinação estranha de medo e, talvez, ansiedade. Ele olha para a garota, Lyda, e para o soldado ao lado dela.

As criaturas que Pressia viu com El Capitán apenas alguns dias atrás eram soldados. Um dia foram humanos, garotos. Ela localiza a cigarra. Está com as asas recolhidas, empoleirada em uma folha peluda. Sua luz se apagou.

O primeiro soldado que chegou anda na direção de Partridge. Pressia tenta escutar, tenta prestar atenção. Seus ouvidos estão apitando.

— Traga sua mãe — diz o soldado. — Não danifique as acomodações dela. Entregue-a para nós. Entregaremos a garota para você. Senão, mataremos a garota e pegaremos sua mãe.

— Está bem — responde Partridge rapidamente. — Faremos isso.

— Eu não consigo passar por essa janela — diz Bradwell.

— Nem eu — diz El Capitán. — Não com isto aqui. — Ele aponta para Helmud.

Um dos soldados vai até a janela, que é ligeiramente inclinada para cima para seguir o barranco. Bate o joelho contra o vidro, abrindo um buraco. Quebra o restante socando com as mãos nuas, mas não sangra.

— Apenas o garoto Willux e Pressia — diz o soldado.

— Ela pode não estar lá — responde Pressia. — Pode estar morta.

O soldado fica sem dizer nada por um momento, como se esperasse a confirmação de ordens.

— Então traga o corpo — ordena enfim.

A janela é uma meia-lua escura, o interior mal iluminado. Partridge entra, os pés primeiro. Tem de encolher um braço para passar pela janela e então cai.

Pressia senta-se na beirada, com o chão coberto de cacos de vidro. Ela enfia as pernas e por um instante as deixa balançando. Então sente as mãos de Partridge nelas. Olha para trás uma última vez. Lá estão El Capitán e Helmud, mexendo os olhos para todos os lados; a garota Pura de cabeça raspada, cercada por soldados monstruosos e enormes. E então Bradwell, com terra e sangue no rosto. Ele olha para ela como se tentasse memorizar seu rosto, como se talvez acreditasse que nunca mais voltaria a vê-la.

— Eu voltarei — diz ela.

Mas ela não sabe se vai cumprir essa promessa. Como alguém pode prometer que irá voltar? Ela pensa na carinha sorridente que ela desenhou nas cinzas da porta do armário. É infantil. Idiota. Uma mentira.

Ela escorrega da borda e cai janela adentro. Mesmo com a ajuda de Partridge, ela aterrissa no chão com força.

Estão em uma sala pequena. O chão e as paredes são de terra. Só há um caminho a seguir: por um corredor estreito coberto de musgo. Pressia olha pela janela acima, mas vê apenas um pouco do céu coalhado de nuvens cinzentas e riscado por alguns galhos.

Ouve-se uma voz masculina vindo do fim do corredor.

— Por aqui! — diz ela.

Uma silhueta alta, de ombros estreitos, aparece ali. Iluminado por trás, suas feições estão escuras demais para que se possa distingui-las. Pressia pensa por um momento na palavra pai. Mas nem percebe. Ela não consegue acreditar. Não acredita em nada.

Ela se vira para Partridge.

— Preciso saber sobre a garota — sussurra, com um tom urgente.

— Lyda.

— Você vai entregar nossa mãe para salvá-la?

— Eu estava ganhando tempo. Lyda sabe de algo. Sabe do cisne. Quem estava esperando pelo cisne? O que aquilo queria dizer?

— Você vai entregar nossa mãe se ela estiver viva? — pergunta Pressia de novo.

— Não acho que a decisão será minha, no final.

Pressia agarra a camisa dele.

— Você faria isso? Faria? Para salvar Lyda? Eu fiz. Sacrifiquei meu avô. Ele está morto.

Ela não poderia tê-lo salvado? Se tivesse seguido as ordens...

Partridge olha para Pressia com atenção.

— E Bradwell?

A pergunta a pega desprevenida.

— Por que você está perguntando algo assim?

— O que você faria para salvá-lo?

— Ninguém está pedindo para entregar minha mãe para salvá-lo — diz Pressia. Ele a está acusando de ter sentimentos por Bradwell?

— Então não importa.

— E se você fosse forçada a escolher?

Pressia não sabe o que dizer.

— Eu preferiria me entregar.

— Mas e se isso não fosse uma opção?

— Partridge — sussurra ela. — Eles podem ouvir isso, ver tudo. Tudo.

— Não me importa mais — responde ele. Seus olhos estão marejados, sua voz, embargada. — Sedge. Meu irmão. Ele não está morto. É um deles.

— Quem?

— Forças Especiais. Ele é um dos soldados lá em cima. Eles o transformaram em... não sei se ele ainda existe de verdade dentro daquilo. Não sei o que fizeram com a alma dele. Não podemos...

Mais à frente ouve-se de novo a voz do homem.

— Por aqui. — Ela é grave e firme. — Chegamos.

Partridge busca pela mão de Pressia, mas, em vez disso, pega a cabeça de boneca. A menina espera que ele se afaste, mas Partridge segura a cabeça de boneca, como faria se fosse a mão verdadeira, e olha para Pressia.

— Preparada?

PARTRIDGE

ABAIXO

O chão de terra do túnel dá lugar a um piso enlameado, os rejuntas pretos.

O ar é úmido, cheira a mofo. Há algumas luzes no fim do corredor. As cigarras voam como mariposas, estalando suas asas de metal. Partridge segura o punho de cabeça de boneca de sua irmã. Isso é parte dela. Não está com ela, é ela. Ele sente a humanidade daquilo — o calor, a movimentação de uma mão verdadeira, viva, sob a pele. Sente um impulso protetor. A situação pode ficar feia a partir de agora.

Partridge sabe que não deveria se sentir tão protetor; Pressia é mais forte que ele.

Já passou por muito mais do que ele é capaz de imaginar.

A mãe deles está ali em algum lugar. Mas será a mesma mãe de quem ele lembra? Praticamente tudo que ele considerava verdade — inclusive a morte dela — revelou-se mentira. Ainda assim, ela deixou todas aquelas pistas. Trouxe-os àquele lugar, o que parece certo, maternal.

O homem no fim do corredor tem ombros curvados e um rosto liso e angular.

— Você é um Puro? — pergunta Partridge, sem pensar.

— Não sou um Puro. Também não sou um miserável — responde ele. — Sobrevivi aqui dentro. Eu diria que sou americano, mas esse termo já não existe mais. Acho que vocês podem me chamar de Caruso.

Ele pergunta se os dois gostariam de ver a mãe.

— Foi por isso que viemos até aqui — explica Partridge.

— Certo — diz Caruso. — Gostaríamos que você não tivesse feito isso.

— Feito o quê? — pergunta Partridge.

— Deixado o Domo. De qualquer forma, sua mãe tinha um plano.

— O que vocês planejavam fazer se eu tivesse ficado lá?

— Tomar o poder, de dentro para fora.

— Não entendo. Tomar o poder de dentro para fora? — pergunta Partridge. — Isso não é possível.

— Não falem muito — lembra Pressia. — Estou grampeada.

— Grampeada? Quem a grampeou?

— O Domo — responde Pressia.

Caruso para e encara Pressia.

— Bem, então, que eles deem uma boa olhada. Que fartem os olhos! O que me importa? Não destruí o planeta. Não tenho nada do que me envergonhar. Vivemos aqui como um ato de rebeldia contra eles. Sobrevivemos apesar de todos os esforços deles. — Ele se vira para Partridge. — Tomar o poder de dentro para fora é possível se houver um líder lá.

— Um líder lá dentro? Ninguém é capaz disso. Quem é esse líder? — pergunta Partridge.

— Bem, era para ter sido você. Até que você saiu.

Partridge sente-se um pouco desequilibrado. Ele passa a mão na parede.

— Eu? Eu era o líder lá dentro? Isso não faz sentido algum.

— Vamos — diz Caruso. — Deixe sua mãe explicar tudo.

Os três seguem pelo corredor. As cigarras agora rodopiam em volta da cabeça deles.

O homem para em frente a uma porta de metal com uma fileira de dobradiças no meio. Ele olha para o chão.

— Cuidado — aconselha. — Aribelle não é mais a mesma. Mas ela sobreviveu por você. Lembre-se disso.

Partridge não tem certeza do que isso significa. Ele olha para Pressia.

— Você está bem?

Ela faz que sim com a cabeça.

— E você?

Ele está aterrorizado. Sente-se como se estivesse à beira de um despenhadeiro. Não parece que vai voltar a ser um filho ou recuperar parte de sua vida antiga. Não. Parece o início de algo imensurável.

— Sim. Estou bem — diz, na esperança de que esteja mesmo.

Caruso aperta um botão e a porta de metal dobra-se para o lado.

PRESSIA

NUVENS

Em alguns aspectos a sala faz Pressia se lembrar das pequenas cenas domésticas retratadas nas revistas de Bradwell. Há uma poltrona bordada de pássaros, um tapete felpudo de lã, uma pequena luminária de chão e cortinas. Mas as cortinas não emolduram uma janela; estão embaixo da terra. Elas escondem mais paredes. É a única possibilidade.

Mas esta não é nenhuma cena doméstica, porque também há uma mesa comprida de metal cheia de dispositivos de comunicação — rádios, computadores, servidores antigos, telas. Nenhum deles está ligado.

E ao longo da parede do outro lado o objeto mais incomum de todos: uma grande cápsula de metal com tampa de vidro. Parece vagamente algo aquático.

Pressia se lembra de seu avô falando de barcos com fundo de vidro, que ele chamava de armadilhas para turistas, barcos que levavam as pessoas pelos pântanos da Flórida, onde dava para ver crocodilos nas margens. É estranho pensar na Flórida agora; é de onde ela supostamente estava voltando quando seu avô a encontrou no aeroporto, no momento das Explosões. Disney, o rato com luvas brancas. Isso nunca aconteceu.

A cápsula de metal com tampa de vidro também lembra Pressia de Santa Wi, a estátua da garota na cripta, o caixão de pedra atrás do acrílico.

E, é claro, lembra seu próprio armário, seu lar.

Sua mãe está ali, naquele lugar?

Algumas cigarras os seguiram e agora circulam pelo teto, e por um instante Pressia se pergunta se Caruso é louco. Não seria tão estranho, tendo vivido confinado esses anos todos. Isto é um funeral? Sua mãe está morta? Será que isso tudo é apenas uma brincadeira cruel?

Partridge deve estar pensando a mesma coisa, porque se vira e encara Caruso, que está parado na porta.

— O que é esta coisa?

— Temos sessenta e duas dessas — responde Caruso. — Nós nos preparamos para a contaminação do ar e a falta de oxigênio. Estão completamente abastecidas de oxigênio. Não tivemos que usá-las para isso, mas vieram a calhar contra a contaminação por vírus e a falência generalizada de órgãos.

— Sessenta e duas?

— Foi o que conseguimos pegar na época. A certa altura tivemos trezentas pessoas aqui. Cientistas. As famílias deles.

— Onde estão agora?

— Só resta sua mãe e eu. Muitos morreram. Outros provocaram cicatrizes em si mesmos para se misturar aos outros sobreviventes e partiram. Ainda se comunicam conosco. Foi como ficamos sabendo de sua fuga. Boatos. Não tínhamos certeza se eles eram verdadeiros até que captamos a luz emitida pela joia.

— Ela mandou luz de volta? — pergunta Pressia.

— Uma refração, sim.

Pressia não está pronta para olhar atrás do vidro. Ela fica um pouco atrás de Partridge, deixando-o ir primeiro. Ele se curva para a frente e respira. Ela não consegue ver seu rosto.

Agora é Pressia que se curva. Atrás do vidro há um rosto sereno de mulher, de olhos fechados. É a mulher da fotografia de Partridge, a mãe deles. Seu cabelo é encaracolado, escuro mas com fios brancos, e repousa no travesseiro em cachos soltos. Ela ainda é bonita, embora sua pele esteja quase tão fina quanto papel e seus olhos pareçam afundados.

Mas, então, ela vê o corpo mutilado.

O pescoço acaba nas clavículas, uma das quais é uma haste de aço que dá em uma engrenagem de metal no ombro. O braço é feito de aço inoxidável. O metal é perfurado como se fosse uma peneira, talvez para que não pese muito. Em vez de dedos, o braço se estreita até uma dobradiça com rolamento no lugar do pulso e termina em uma pinça — duas pontas de metal. O outro braço acaba em uma prótese pouco acima do cotovelo. É de madeira, fina, de um tom marrom-claro. Foi esculpida na forma de um braço de verdade. Os dedos delicados são articulados. Ele é sustentado por correias de couro amarradas em torno do osso nodoso do ombro.

Ela também não tem mais as pernas. Usa uma saia que vai até o meio das canelas. As pernas protéticas são esqueléticas — duas barras que parecem ossos e se encontram nos tornozelos, e no lugar dos pés há algo parecido com pedais. Os dois têm amassados e desgaste de uso.

É difícil explicar, mas Pressia acha bonitos os membros dela. Talvez seja a perspectiva de Bradwell de que há beleza nas cicatrizes e nas fusões porque são sinais de sobrevivência, o que, pensando bem, é algo bonito. Nesse caso, alguém construiu esses braços e pernas para ela, as junções de metal, as costuras nas correias de couro, os parafusos cobertos, o projeto das perfurações. Tudo isso foi feito com delicadeza, cuidado, amor.

A mãe dela usa uma blusa branca com uma fileira de botões amarelados de pérola que combinam com a saia branca, e Pressia não sabe dizer onde terminam as próteses, mas também é assim com sua cabeça de boneca. Não tem início nem fim.

Os botões da blusa de algodão de sua mãe sobem e descem. Em algum lugar dentro dela há um par de pulmões, um coração. Os outros que viviam na casamata estavam aqui na hora das Explosões, mas ela, provavelmente, não estava. Por um momento Pressia se pergunta se sua mãe estava tentando salvar miseráveis — uma santa, como Partridge pensou esses anos todos.

Caruso aperta um botão na beira da cápsula e a tampa se desprende com algum tipo de mecanismo pneumático.

Partridge agarra-se à borda da cápsula para se equilibrar.

Caruso recua.

— Deixarei vocês conversarem.

Pressia pensa: Aribelle Cording, sra. Willux, mãe. Como deve chamá-la?

E então os olhos de sua mãe se abrem. São cinzentos, como os de Partridge, como nuvens de fuligem. Ela vê o rosto de Partridge, que está logo acima do seu.

Estende a mão de madeira e toca a bochecha dele.

— Partridge — diz ela, e então começa a chorar.

— Sim — responde ele. — Estou aqui.

— Aqui — sussurra ela. — Encoste seu rosto no meu.

Ele obedece. Pressia percebe que sua mãe deve querer sentir o toque da pele dele.

Agora os dois estão chorando baixinho. E por um instante Pressia se sente perdida, como se não tivesse sido convidada, como se estivesse se intrometendo.

Partridge se afasta da mãe.

— E Sedge está aqui. Está lá em cima, na superfície.

— Sedge está aqui?

— E Pressia também está aqui.

— Pressia? — pergunta ela, como se nunca tivesse ouvido o nome antes, e talvez não tenha.

Afinal, não é o nome verdadeiro de Pressia. Foi inventado. A menina não sabe seu nome verdadeiro.

— Sua filha — responde Partridge.

Ele estende a mão, pega o braço de Pressia e a puxa para a frente.

— Como? — pergunta sua mãe, enganchando a pinça em uma alça dentro da cápsula para se colocar em posição sentada. Ela olha fixamente para Pressia, confusa. — Não pode ser.

E Pressia abaixa a cabeça. Recua rapidamente, trombando com a mesa de dispositivos eletrônicos. Um dos rádios tomba, fazendo um barulho alto ao bater na superfície metálica da mesa.

— Desculpe — diz Pressia, estendendo a mão normal e o punho de cabeça de boneca para colocar o rádio de volta no lugar. — Eu preciso ir embora. Isto foi um erro.

— Não — diz sua mãe. — Espere.

Ela aponta para a boneca.

Pressia dá um passo à frente.

Sua mãe abre os dedos articulados.

Pressia levanta a cabeça de boneca e a coloca na palma da mão de madeira de sua mãe.

— Natal — diz a mulher. Ela toca o nariz da boneca, a boca. E olha para Pressia. — Seu bebê. Eu a reconheceria em qualquer lugar.

Pressia fecha os olhos. Ela sente como se estivesse rachando.

— Você é minha — murmura sua mãe.

Pressia faz que sim com a cabeça.

Sua mãe abre bem os braços.

Pressia curva-se sobre a cápsula e deixa que sua mãe a puxe para junto do peito. Essa é sua mãe — sua mãe verdadeira. Ela ouve as batidas fracas do coração dela, o subir e descer de seu tórax frágil — viva. Ela quer contar à mãe tudo o que tem guardado — as lembranças que são como contas de um colar. Quer falar de seu avô e da sala dos fundos da barbearia. Lembra-se do sino da barbearia que está no bolso de seu casaco. Ela o dará à mãe. Não é um presente muito bom. Mas é algo para o qual Pressia pode apontar — esta era minha vida, mas agora minha vida mudou.

— Qual é meu nome? — pergunta Pressia.

— Você não sabe seu nome?

— Não.

— Emi. Emi Brigid Imanaka.

— Emi Brigid Imanaka — repete Pressia.

É tão estranho que nem parece um nome, mas sons entrelaçados que se combinam perfeitamente.

Os olhos de sua mãe fixam-se no pingente quebrado.

— Então ele foi útil, depois de tanto tempo — diz ela.

— Você o plantou para que nós encontrássemos você? — pergunta Partridge.

— Plantei muitas coisas. Não podia confiar em que qualquer trilha de migalhas sobrevivesse às bombas, então deixei o máximo possível. E essa funcionou!

— Você se lembra da canção? — indaga Pressia.

— Que canção?

— Aquela da porta de tela batendo e da garota na varanda com o vestido esvoaçante?

— É claro. — E sua mãe então sussurra: — Você está aqui. Você me encontrou. Senti sua falta. Passei a vida sentindo sua falta.

PRESSIA

TATUAGENS

E então tudo acontece rápido.

— Não temos muito tempo — diz Partridge. — Não mesmo.

— Tudo bem — diz Aribelle para Pressia —, tire a capa florida daquela cadeira e, Partridge, levante-me e coloque-me nela.

Pressia faz o que lhe foi ordenado e arranca a capa florida. Embaixo dela há uma cadeira de vime equipada com rodas nos pés. São discos de estanho amassados com borda de borracha. O assento é acolchoado com várias pequenas almofadas de tecido.

— Estou grampeada — diz Pressia. — Olhos e ouvidos.

— O Domo? — pergunta Aribelle.

Pressia confirma com a cabeça.

— O que eles querem? — pergunta Aribelle.

Partridge ergue o corpo frágil de sua mãe da cápsula. Ele a coloca na cadeira. O corpo dela estala.

— Eles querem o que está aqui — diz Partridge.

— Um medicamento, em especial. Achamos que é o que mais interessa a eles — revela Pressia.

Aribelle vira com sua pinça uma manivela do lado da cadeira, e um motorzinho preso atrás dela estala, e então começa a zumbir. A cadeira é motorizada. Pistões expostos começam a bombear.

— Então eles estão se decompondo — diz ela. — Os sinais clássicos são um tremor ligeiro nas mãos e na cabeça, paralisia. Enfraquecimento da visão e da audição. Depois a pele se deteriora, tornando-se fina e ressecada. Com o tempo, ossos e músculos se

desgastam e os órgãos param de funcionar. Chama-se Degeneração Celular Rápida e acontece depois de muita codificação. Sabíamos que isso aconteceria.

— Está acontecendo com meu pai — diz Partridge, como se só tivesse se dado conta disso agora. — Achei que ele só estava com raiva de mim, balançando a cabeça, mostrando quase inconscientemente seu desprezo. Mas é por isso que ele quer tanto esse remédio.

Aribelle fica imóvel por um instante; seu corpo inteiro fica rígido.

— Apesar de todos os relatos, parte de mim sempre acreditou que ele tinha morrido.

— Por quê? — pergunta Partridge.

— Eu tinha minhas razões.

— Quais?

Ela usa a pinça para abaixar a gola da blusa, revelando a pele logo acima do coração. Sob a pele, quase imperceptíveis, vê-se o contorno de seis quadrinhos.

Três deles pulsam. Os outros três não.

— Cada um de nós implantou na pele as batidas dos corações dos outros para que soubéssemos quem estava vivo e quem estava morto. Um tipo de tatuagem pulsante. — Ela aponta para os dois primeiros quadrados imóveis. — Estes dois estão mortos. Este aqui, Ivan, morreu muito jovem, pouco depois de implantarmos as pulsações. Este outro, pouco antes das Explosões, e este é o coração de seu pai — diz ela a Partridge. — Ele parou de pulsar logo depois das Explosões.

— Ele tem cicatrizes no peito — diz Partridge. — Uma vez eu vi. Uma fileira de cicatrizes iguais a essas.

Aribelle respira fundo.

— Ele falou que já não queria mais nada conosco. Estava se livrando de nós.

Foi isso então que ele quis dizer. Cortou-nos fora, com uma faca. Faz sentido. Ele não saberia se estávamos vivos, mas estava disposto a sacrificar isso para nos fazer pensar que ele havia morrido.

— E os sobreviventes? — pergunta Pressia.

Ela aponta para cada um dos quadrados pulsantes.

— Bartrand Kelly. Avna Ghosh. E Hideki Imanaka.

— Meu pai?

Aribelle confirma com a cabeça.

Os olhos de Pressia ficam cheios de água.

— Você acha que ele está vivo.

— O fato de o coração dele continuar batendo ajuda a me manter viva.

— Para que as tatuagens? — pergunta Partridge. — O que uniu todos vocês?

— Idealismo. — Ela vai até a mesa e liga os computadores. As telas se acendem. Os rádios chamam. — Fomos todos recrutados para o programa Melhores e Mais Inteligentes. Dentro desse grupo vinte e dois foram selecionados para lidar com uma situação de fim de mundo. Foi no final de nossa adolescência. Ainda éramos garotos. A partir daquilo, seu pai escolheu uma espécie de grupo interno. Ele era brilhante e estava perdido. Sua mente, mesmo antes dos aperfeiçoamentos, funcionava em um ritmo frenético. Só em retrospecto pude ver o quanto ele sempre foi louco. — Ela volta a olhar para o pingente de cisne. — Pressia, seu pai me deu esse colar. Eu conhecia a inscrição no interior. O cisne era importante para nós no início, para nós sete, era um símbolo. Mas então a Operação Fênix matou o cisne e transformou o símbolo em um pássaro que podia ressurgir das cinzas. Ideia de Ellery Willux. Hideki, ele queria que eu fosse o cisne que se tornaria uma fênix e sobreviveria a tudo que sabíamos que estava por vir. Ele me chamava de sua fênix. — Aribelle fecha os olhos, liberando lágrimas. — Tudo começou com boas intenções. Íamos salvar o mundo, não acabar com ele.

— Mas por que você foi para o Japão, afinal? — pergunta Pressia.

— Imanaka, seu pai, fazia um trabalho ótimo. Os japoneses têm uma história muito íntima com a radiação, com a bomba. Estavam à frente de todo mundo em termos de defesa, de resistência. A pesquisa dele se encaixava em minha área, de reparo de traumas com nanotecnologia biomédica. E Ellery, o pai de Partridge, queria que eu fosse até lá para ver se Imanaka estava tendo algum

progresso na reversão. Ele temia a possibilidade de se degenerar algum dia. Queria essa informação mais do que qualquer outra. Meu palpite é que ele ainda quer. Agora, com mais urgência do que nunca.

Ela olha para Pressia, com plena consciência de que a menina está grampeada.

— Há outros sobreviventes lá fora. Se Ghosh, Kelly e Imanaka ainda estão vivos, então há outros. Ellery não gostaria que essa notícia circulasse pelo Domo. Mas eu sei que deve ser verdade. Não consegui estabelecer contato com ninguém além de um raio de cento e sessenta quilômetros. Ondas de rádio, satélite... nada funciona. O Domo bloqueia todos esses métodos. Mas vivo com esperança.

Pressia pensa em Santa Wi e em Bradwell na cripta, ajoelhando-se diante da pequena estátua atrás do acrílico rachado. Esperança.

— Você dominou a resistência de alguma forma, certo? Quer dizer, você fez algo para me tornar resistente à codificação — diz Partridge.

— Sim, mas não a dominamos rápido o bastante. Não havia nada que pudéssemos fazer para impedir as Explosões, apenas defesa e reparação. Sabíamos que isso não salvaria muitas vidas. Ainda haveria mortes na destruição, uma gigantesca quantidade de baixas. Mas poderíamos poupar os sobreviventes de fusões e envenenamento. Queríamos despejar substâncias resistentes a radiação no suprimento público de água. Mas era muito arriscado. Doses que funcionam em adultos poderiam matar uma criança. Foi por isso que tive que fazer uma escolha com você, Partridge. Não podia torná-lo totalmente resistente. Você só tinha oito anos, e suportaria apenas uma quantidade limitada da substância.

— Você escolheu minha codificação comportamental.

— Eu queria que isso fosse seu. O direito de dizer não, de lutar pelo que é certo. Queria que sua personalidade continuasse intacta.

— E eu? — pergunta Pressia.

Ela respira fundo, com dificuldade.

— Você era um ano e meio mais nova e pequena para sua idade. Era muito arriscado administrar uma dose em você. Foi mantida no

Japão, sob os cuidados de seu pai e da irmã dele. Não podia simplesmente voltar para casa com um bebê. Teria sido mandada para um centro de reabilitação. Teria morrido lá. Descobri o que meu marido planejava: destruição em grande escala; e quando soube que ele estava chegando perto, pedi que a trouxessem. Precisei contar a meu marido. Não tive escolha. Ele ficou furioso. E havia mais. Não posso explicar tudo agora, coisas do passado. Coisas obscuras que eu sabia serem verdade, coisas que ele não queria que eu soubesse. Eu não poderia viver no Domo. Tinha um plano para roubar os meninos dele. Dava para ver que ele estava se apressando, seu cérebro estava febril, e eu sabia que ele tomava decisões precipitadas e tinha um poder absurdo, sem supervisão. Eu precisava ter Pressia aqui comigo, a salvo na casamata. Houve atrasos, problemas com os passaportes. Sua tia estava trazendo você de avião. Supostamente, ainda faltavam semanas para as Explosões.

Aribelle olha para Partridge e continua:

— Mas então, naquele dia, seu pai ligou para mim. Disse que aquele era o dia. Aconteceria antes do planejado. Ele queria que eu entrasse no Domo. Ele implorou. Eu sabia que era verdade. Já havia padrões estranhos no trânsito. Pessoas que haviam sido avisadas estavam entrando. O avião de Pressia finalmente estava chegando. Eu lhe disse não. Falei para ele dizer aos meninos que eu os amaria, todos os dias. Pedi: “Prometa.” Ele desligou o telefone. E eu fui ao aeroporto o mais rápido possível, aterrorizada. Recebi a ligação de sua tia avisando que o avião havia aterrissado. Ainda achava que conseguiríamos voltar para a casamata antes das bombas. Estacionei o carro e estava correndo para a esteira de bagagens. Podia ver você através da vidraça, junto com sua tia... tão pequena e perfeita. Minha menina! Tropecei na calçada, caí de quatro e olhei para cima. Houve um clarão de luz. O vidro estilhaçou. E eu fui fundida ao asfalto, braços e pernas. Algumas pessoas sabiam onde eu tinha ido parar. Procuraram por mim. Quatro torniquetes e uma serra. Fui salva. Além de todas as expectativas, eu sobrevivi.

— Você sabia que eu tinha sobrevivido? — pergunta Pressia.

— Você tinha um chip. Todos os estrangeiros que entravam neste país deviam receber um chip antes de entrar. Depois das bombas, nosso equipamento não funcionava direito mais. Podíamos ver os chips se movendo nas telas, mas não muito bem. Quando localizamos o seu, usei a informação da varredura de sua retina, dados que seu pai havia enviado do Japão. Estava em um dos computadores resistentes a radiação e continuou existindo com pequenos problemas. Eu tinha varreduras de retina dos meninos também. Construí pequenos mensageiros alados. Nossos insetos. Soltei-os, codificados com sua localização, e eles também tinham chips. Mas foram destruídos antes de chegar ao destino. Mas, enfim, um deles conseguiu.

— Eu tinha um chip — diz Pressia. — Você sabia onde eu estava. Poderia ter mandado alguém me buscar e trazer para cá.

— A situação estava horrível aqui. Confinamento, doenças, hostilidade. E como eu poderia tomar conta de você do jeito que eu estava? Não poderia nem segurá-la. — Ela levanta os braços protéticos e aponta para uma tela de computador. É um mapa que Pressia reconhece: o mercado, os Campos de Escombros, a barbearia. — Ao mesmo tempo, o chip era um ponto piscando na tela, e o inseto também estava lá, sempre pairando por perto. Várias vezes os pontos ficavam tão próximos um do outro que não havia outra explicação: você o estava segurando. E seu ponto começou a contar uma história. Ficava parado à noite, sempre no mesmo lugar e no mesmo horário. Acordava e ficava ativo. Perambulava um pouco e voltava ao lugar, para casa. Era a história de uma criança que recebia cuidados, uma criança com uma rotina. Uma criança saudável. Uma criança que estava melhor onde estava. Você estava bem, não é? Alguém cuidou de você, alguém a amou?

Pressia confirma com a cabeça.

— Sim — diz ela, com lágrimas escorrendo pelo rosto. — Alguém cuidou de mim e me amou.

— E então, alguns dias atrás, seu ponto saiu e não voltou mais. Você tem dezesseis anos agora, e eu estava preocupada com a OBR. Ao mesmo tempo, ouvimos boatos sobre um Puro, e então aquele mesmo antigo inseto do primeiro bando voltou. Seu inseto. — Ela

abre uma gaveta do armário embaixo dos computadores. A gaveta está iluminada e quente. É uma incubadora, e, deitado em um pedacinho de tecido, está Frido. — Não havia mensagem alguma. Achei que poderia ser apenas alguma anomalia, mas, com tudo acontecendo ao mesmo tempo, tinha esperança de que fosse um sinal.

— Frido — diz Pressia. — Ele está bem?

— Cansado da viagem, recuperando-se. É idoso. Mas alguém cuidou de todas as delicadas engrenagens dele.

Frido inclina a cabeça e agita uma asa, com uma série de cliques.

— Eu tentei — responde Pressia, tocando as costas dele com um dedo. — Não acredito que ele conseguiu chegar aqui. Meu avô... — A voz dela falha com a palavra. — Ele já se foi. Mas deve tê-lo soltado antes.

— Você precisa deixar Frido aqui — diz Partridge. — Será mais seguro para ele.

Pressia não sabe direito o porquê, mas esse pequeno fato — Frido estar vivo — a preenche com uma estranha sensação de esperança.

— Emi — diz Aribelle. — Acho que preciso dizer algumas coisas que o Domo não pode ouvir.

— Eu vou esperar no corredor. — Pressia então vira-se para Partridge. Toca a manga dele. — Avise a ela — sussurra. — Sedge. Ele não é mais o garoto de que ela se lembra.

— Eu sei.

Pressia anda até sua mãe e beija sua face.

— Não demoraremos — diz Aribelle.

PARTRIDGE

CYGNUS

— Você não tem, não é? — pergunta Partridge.

— A reversão da Degeneração Celular Rápida? — Ela balança a cabeça. — Não. Sabíamos sobre seu pai. Sabíamos que ele havia rompido conosco, que era perigoso.

— Como vocês descobriram?

— Ele me traiu.

— Você também não o traiu? — retruca Partridge, tão rápido que fica surpreso.

Aribelle olha para ele.

— Tudo bem. Mas ele não era a pessoa que havia falado que era.

— Nós nem sempre conseguimos ser a pessoa que queremos ser.

Ele pensa em Sedge. Será que algum dia ele poderá ser recuperado? Será que sua mãe é capaz de salvá-lo?

— Olhe, há algumas coisas que você precisa saber. Seu pai recebeu aprimoramentos cerebrais antes que eles fossem totalmente testados, quando ainda éramos jovens. — Ela olha para o chão. — Antes das Explosões, o cérebro foi totalmente codificado. Ele disse que precisava aprimorar o cérebro para que pudesse fazer esse novo mundo acontecer. Humanos dignos do paraíso, um Novo Éden. Eu não o via muito. Ele me disse que havia parado de dormir. Apenas pensava. Sua mente estava a mil. As sinapses estavam queimando seu cérebro, um disparo minúsculo de cada vez. Mas, ainda assim, ele pensava...

— Em quê?

— O Domo não era apenas um emprego. Domos eram a obsessão de uma vida inteira. Você devia ter visto os sermões dele sobre culturas antigas quando ele tinha dezenove anos... Ele se via sentado no ponto mais alto da civilização humana. E sabia que os aprimoramentos cerebrais cobriam um preço. Ele acreditava que encontraria um meio de consertar isso. Quando conseguisse, ele achava que viveria para sempre.

Partridge balança a cabeça.

— Você disse que antes era responsável pela nanotecnologia biomédica para uso em traumas. Sei o que isso quer dizer. — Ele pensa em Arvin Weed, tagarelando sobre células autônomas. — Por que você não aplicou as drogas em si mesma? Você não tinha a habilidade de estimular as células ósseas a gerarem mais osso? Tecido muscular? Pele? Você não tem essas drogas aqui?

— Claro que tenho. Uma variedade delas. E há algumas que você deve conhecer. Elas são muito poderosas.

Aribelle abre uma gaveta, e lá, acomodadas em uma série de sulcos, estão algumas ampolas.

— Poderosas de que forma?

— São parte da resposta para a reversão. Seu pai precisa do conteúdo destas ampolas, mas também precisa de outro ingrediente, que pode ou não existir. Outra pessoa do grupo trabalhava nisso. E, acima de tudo, ele precisa da fórmula para combinar essas duas peças.

— Essa fórmula existe?

— Existiu, há muito tempo, mas não sei se ainda existe.

Partridge pensa nas armas dos braços de seu irmão, na cabeça de boneca de Pressia, nos pássaros de Bradwell, em El Capitán e no irmão dele.

— Essas ampolas podem desfazer as fusões?

Aribelle fecha os olhos com força, como se sentisse dor, e então movimenta a pinça lentamente. Balança a cabeça.

— Não — responde ela, com raiva. — Elas não separam tecidos. Aderem a eles e geram novos. Seu pai ia dispersar essa nanotecnologia biossintetizadora de propósito no coquetel de bombas, unicamente para fundir os sobreviventes ao mundo, apenas

para criar uma raça sub-humana, uma nova ordem de escravos, para servi-los no Novo Éden quando a Terra fosse rejuvenescida. Eu precisava avisar os outros. Precisava deixá-lo e tentar encontrar formas de salvar as pessoas. Fracassei. Foi por isso que levei você para o Japão, onde reencontrei o pai de Emi... de Pressia, um dos sete. Eu precisava revelar o máximo possível dos segredos de seu pai.

— Mas por que você não usou em si mesma nenhuma dessas drogas?

— Primeiro, porque elas não foram aperfeiçoadas. Elas nem sempre sabem quando parar de agir. Mas também, Partridge, mesmo que as drogas fossem perfeitas, você sabe por que eu não me consertaria.

— Não — nega Partridge, exasperado. — Não sei!

— Isso seria como esconder a verdade. Meu corpo é a verdade. É a história.

— Não precisa ser.

Ela olha para a mão dele.

— O que aconteceu?

— Fiz um pequeno sacrifício — responde Partridge.

— Quer desfazê-lo?

Ele olha para o curativo, a ponta escurecida pelo sangue seco. Balança a cabeça.

— Não.

— Então talvez você entenda. — Ela fecha a gaveta. — Perdi muito tempo na vida me arrependendo. Boa parte disso é minha culpa, Partridge.

Ela começa a chorar.

— Você não pode se culpar — diz Partridge.

— Tive que parar de olhar para o passado. Isso estava me consumindo. Ver você e sua irmã, isso me ajuda a ver o futuro.

— Tem algo mais que meu pai quer.

— E o que é? — pergunta ela, olhando para Partridge.

Seus olhos são muito parecidos com os dele, mas diferentes. Ele sentiu tanto a falta dela que por um momento mal consegue respirar. Precisa olhar para o chão para manter a compostura.

— Ele quer você.

— A mim? Por quê? Não tem servos suficientes para atendê-lo?

— Caruso falou que eu seria o líder lá dentro. O que ele quis dizer com isso?

— Exatamente isso. Você seria nosso líder, o que iria derrubar seu pai e o Domo. Temos células dormentes lá dentro. Uma rede enorme.

— Células dormentes?

— Pessoas dentro do Domo que estavam do nosso lado.

Ela leva a cadeira até a mesa com tampo de metal. Com a pinça, abre uma gaveta e tira uma folha de papel. É uma longa lista de nomes.

— O Domo não pode saber que isto existe. Colocaria vidas em perigo.

Partridge passa os olhos pela lista.

— Os Weed? Os pais de Arvin? E o pai de Algrin Firth? Mas Algrin deve entrar para as Forças Especiais, treinamento de elite. — Ele continua lendo a lista.

— Glassings — diz, e então se lembra da conversa com ele durante o baile. — Ele chamou minha atenção por ter pegado suas coisas dos Arquivos de Perdas Pessoais. Disse que eu poderia falar com ele sobre qualquer coisa que eu precisasse, que eu não estava sozinho.

— Durand Glassings. Ele é importante. Nosso elo mais próximo com você.

— Ele é meu professor de história geral.

— Ele seria o responsável por orientar você.

Partridge está perplexo.

— Mas eu não sou líder — diz. — Eu não seria capaz de comandar células dormentes e tomar o poder no Domo.

— Estávamos esperando um sinal de que você estivesse pronto. E tivemos um.

— Qual foi?

— Ironicamente, sua fuga.

— O que faremos agora? Eles querem que entreguemos você e tudo que está aqui em seus laboratórios.

— E se nos recusarmos?

— Eles têm uma refém. Uma garota chamada Lyda. — A voz dele fica rouca ao dizer o nome.

— Lyda — repete sua mãe. — Ela significa muito para você?

Ele confirma com a cabeça e diz:

— Queria que não significasse tanto.

— Não, não queria.

— Ela arriscou a vida por mim. Estou disposto a arriscar a minha por ela. Mas não pretendo arriscar a sua.

— Talvez possamos dar-lhes o que eles pensam que querem. Posso pegar alguns comprimidos e, até eles descobrirem que não servem para nada, talvez vocês consigam escapar para algum lugar seguro — diz ela. — Ganhamos algum tempo. Mas em algum momento você vai ter que lutar, Partridge.

— Não posso. Não sou Sedge. Ele era o líder. Não eu.

— Era o líder? — pergunta Aribelle. — O que aconteceu com ele?

— Disseram-me que ele tinha morrido. Suicídio. Mas ele está vivo. Está lá em cima. Está do outro lado, é o soldado com a refém. O Domo o transformou em uma máquina, mas também em um tipo de animal. Não consigo descrever. Mas eu sei que é ele, por causa da voz. Eu a reconheceria em qualquer lugar.

— Quero vê-lo.

— Isso significa que você quer subir? Entregar-se?

— Não tenho medo de enfrentar seu pai.

— Mas ele pode matar você.

— Já estou praticamente morta.

— Isso não é verdade.

Há algo em sua mãe que está mais vivo do que qualquer pessoa que Partridge conheça.

— Você consegue, Partridge. Consegue tomar o poder e reconstruir tudo para todos. Um Puro, é assim que o chamam. Mas o que isso significa na verdade?

Ele não sabe responder. Gostaria de saber. Gostaria que as palavras saltassem de sua boca. Mas não há nada.

— Nossa comunicação com os que estão dentro do Domo é muito ruim, e desde sua fuga está totalmente parada. Ajudaria se

soubéssemos que as pessoas lá dentro ainda estão conosco.

— Eles estão — responde Partridge. — Mandaram uma mensagem por Lyda. Era simples: Diga ao cisne que estamos esperando.

— A Cygnus — sussurra ela.

E então ouve-se barulho vindo de cima. As cigarras ficam agitadas e voam inquietas pela sala.

Tiros de metralhadora.

EL CAPITÁN

SUPERFÍCIE

El Capitán está com as mãos na cabeça, assim como Bradwell, que está um pouco mais abaixo no barranco. Eles mandam Helmud pôr as mãos na cabeça também, mas El Capitán diz que não adianta, que ele é um idiota.

— Não tem pensamentos próprios nessa cabeça demente.

— Cabeça demente — diz Helmud.

Os soldados deveriam saber disso. Eles têm observado os dois no bosque, onde pareciam tão elegantes, fortes e estranhamente pacíficos. El Capitán reconhece o que talvez tenha deixado a galinha depenada e os ovos. Tem certeza de que foi o soldado que chegou trazendo a garota de branco — está há tão pouco tempo fora do Domo que sua roupa é mais branca que qualquer tecido que ele já viu desde as Explosões. Aquele soldado é o que às vezes parecia olhar para ele de um jeito humano. Na verdade, El Capitán confiava em todos eles, mas estava errado. Ele e Helmud provavelmente serão mortos aqui no bosque. Todos eles. E será o fim.

Suas armas foram confiscadas. Estão empilhadas como se fossem gravetos.

A garota ficou quieta. Na verdade, El Capitán se pergunta se a menina está em choque. Ela é bonita, de um jeito perigoso. Será que os membros das Forças Especiais têm impulsos sexuais? A garota deveria se preocupar? Ou eles são castrados feito cachorros?

O soldado que apareceu com a garota a solta e vai até o lado de El Capitán.

Ele encontra as costelas de El Capitán acima da coxa de Helmud e cutuca com o cano da arma.

— Não confio neste aqui — diz ele aos outros soldados.

El Capitán se pergunta se isso significa que ele vai matá-lo. Ele se prepara, mas o soldado apenas mantém a arma encostada em suas costelas.

— Ruídos no perímetro — diz o soldado. — Façam um reconhecimento rápido. Manterei tudo sob controle.

Esse é claramente o líder.

Os outros cinco soldados obedecem, partindo imediatamente, em silêncio, para o meio das árvores, em direções diferentes.

Com o arsenal reluzente nos braços, o soldado sussurra para El Capitán:

— Quando eles voltarem, proteja a garota. Busque abrigo.

Ele quer que a garota também ouça.

El Capitán se pergunta o que isso significa. Esse soldado está do seu lado?

— Você fará isso?

Ele vai se voltar contra os outros soldados? Será que El Capitán deve se preparar para pegar uma arma?

— Sim, senhor — responde.

— Sim, senhor — repete Helmud.

Às vezes, quando Helmud repete, parece que o eco vem de um reflexo do próprio cérebro de El Capitán. Helmud não é apenas seu irmão. Eles são um só. El Capitán olha de novo para a garota, dessa vez notando no olhar dela uma ferocidade que não estava ali antes. Se esta é única chance deles, a garota parece estar disposta a morrer por isso.

E Bradwell, que continua com as mãos cruzadas acima da cabeça, exala uma energia enfurecida. Está bufando sem parar. Pronto para qualquer coisa. El Capitán levanta as sobrancelhas, na tentativa de atrair a atenção dele para alertá-lo sobre o plano, mas Bradwell apenas devolve o olhar e mexe a boca como se falasse “Que foi?”.

De forma tão silenciosa quanto no momento da partida, a tropa volta, com alguns segundos de diferença de um soldado para outro.

Não têm nada a relatar.

Nada de OBR. Nada de miseráveis. Nenhuma criatura. Está tudo calmo.

— Verifiquem seus rastreadores — diz o líder. — Sem equívocos. Sem erros.

E enquanto eles olham os equipamentos embutidos nos braços, o líder empurra a garota para os braços de El Capitán. Ele a levanta pelas costelas, dá três ou quatro passos rápidos e se joga no chão. Sedge abre fogo contra os soldados.

Bradwell pula em uma fenda nas rochas, abrigando-se. O peito do soldado que está mais próximo explode. Ele gira e descarrega munição a esmo nos arbustos.

O líder mira as duas armas em seus antebraços com frieza. Dispara. E então miras aparecem em seus ombros, e o coice dos tiros, alternados entre uma arma e outra, joga os ombros para trás, um de cada vez, como se ele estivesse tremendo.

Outro soldado dispara na direção de El Capitán. Os estrondos são quase simultâneos, e um soldado é pego no fogo cruzado, atingido no crânio.

Dois a menos, pensa El Capitán. Ele começa a rastejar em direção a seu fuzil na pilha de armas no chão, mas Lyda o agarra e o força a se abaixar.

— Espere — diz ela.

Bradwell chega às armas primeiro e pega o fuzil de El Capitán e o pente de munição. Ele se vira e começa a atirar contra os outros três soldados. Um deles é atingido no pescoço e cambaleia de lado, para trás de algumas rochas. O líder acerta dois ou três tiros na barriga de outro.

Esse soldado parece entender, enquanto desaba na poeira, que deve atirar em seu líder, que há algo errado. É como se percebesse que precisa ignorar algum tipo de programação. Ele prepara sua arma e dispara, atingindo a coxa do líder. Ele vacila, mas não cai. O soldado ferido na barriga abriga-se atrás de uma árvore.

El Capitán vê que o soldado atingido por Bradwell está recarregando atrás de um enorme pedaço nodoso de tronco. Ele também ignorou sua programação e mira no líder. De sua posição

abrigada El Capitán vê que o soldado está gravemente ferido, mas que não vai se deitar e morrer. O soldado que não havia sido atingido fugiu, e El Capitán tem uma boa noção de que ele não é nenhum desertor. Ele voltará.

— Pegue uma faca para mim — diz Lyda.

El Capitán rasteja até a pilha de armas. Primeiro tira uma faca e a joga para Lyda, que a pega pelo cabo.

Vê Bradwell correndo para dar fim no sujeito atingido no pescoço antes que atire no líder. Bradwell lhe dá um tiro no braço, rasgando o bíceps, sangue cintilando enquanto desaparece no uniforme. O soldado ainda está lutando?

El Capitán tenta pegar outra faca e um gancho de carne, mas antes leva um chute na barriga do soldado ferido no abdome. O chute é tão forte que o levanta do chão. Helmud fica completamente sem ar; ele arqueja.

Bradwell avança contra o soldado que se recusa a morrer. O soldado bate nele com o dorso da mão, derrubando-o. E então agarra Bradwell pela camisa, mas ela está tão rasgada que o soldado se levanta segurando apenas tecido. Bradwell, com o torso nu, caído no cascalho e na poeira, chuta o joelho do soldado, mas ele mal se mexe. Calmamente, ele levanta a pistola alojada em seu braço direito, carrega-a e mira em Bradwell, que se encolhe de lado. Os pássaros em suas costas ficam quietos.

El Capitán ouve um estampido e imagina que Bradwell deve estar morto, mas é o soldado que cai. Ele vê que o líder conseguiu encontrar um ângulo para atirar porque o ataque de Bradwell deu-lhe tempo para mover a perna ferida. Com isso, resta o soldado que segura o abdome ferido. Ele se aproxima de El Capitán, que se arrasta para trás, desarmado.

O líder atira, destruindo as mãos do soldado e inutilizando suas armas.

O soldado urra. As armas em seu ombro se ativam enquanto ele se vira e procura o líder. Balas voam. Uma delas pega de raspão no ombro de Bradwell — o que ainda não tinha sido atingido — e o faz soltar a arma. Ele põe a mão no ferimento e parece atordoado por

causa do sangue e do barulho. Ele fecha bem os olhos e cambaleia para trás de uma rocha.

O líder atira de novo, embora esteja caído no chão e não consiga se levantar, em meio a uma poça de seu sangue. Suas balas perfuram o peito do soldado e as armas nos ombros dele. O homem tenta atirar, mas todas as armas dele estão emperradas. Ele está fraco, girando e mancando. Enlouquecido, com os olhos fixos em Lyda, o soldado avança sobre ela. El Capitán pula nas costas dele, fazendo-o perder o equilíbrio e cair de joelhos. Isso dá tempo para Lyda correr, mas não serve para muito mais nada. O soldado é tão forte que se levanta com esforço.

El Capitán se segura, tentando sufocá-lo.

E então aparecem os braços magros de Helmud. Ele está segurando um pedaço fino de linha, algo que parece ser feito de lã e cabelo. Ele a estica e passa em volta do pescoço do soldado. El Capitán pega na linha também e joga todo o seu peso e o de Helmud para trás. A linha penetra na pele do pescoço do soldado.

Andando de costas, ele tenta arrancá-la com seus cotocos.

E então Lyda surge. Ela o apunhala na parte de baixo da barriga e empurra a faca para cima com toda a sua força.

O soldado cambaleia. Ela puxa a faca para fora, limpa-a no macacão branco, pronta para esfaqueá-lo de novo. Mas não é necessário. O soldado cai para a frente, com El Capitán e Helmud às suas costas.

El Capitán pega a linha e a levanta — está cheia de sangue e com pedaços de carne. Ele se lembra de todas as vezes que mandou Helmud parar de mexer os dedos, aquele movimento agitado que ele fazia atrás do irmão.

— Helmud — diz —, você fez isso para poder me matar?

E dessa vez Helmud não repete as últimas palavras de seu irmão. Seu silêncio significa que sim.

Pela primeira vez desde que ele se lembra El Capitán tem orgulho de seu irmão.

— Caramba, Helmud! Merda! Você estava pensando em me matar!

E então ele ouve ruídos. Todos ficam paralisados e se preparam. Talvez o soldado que fugiu esteja voltando.

Mas não, o barulho vem da janela em forma de meia-lua no chão.

Duas mãos pegam a moldura da janela e então aparece Partridge, subindo como se estivesse saindo de uma sepultura.

PARTRIDGE

BEIJO

Quando Partridge fica de pé, observa a carnificina. El Capitán e Helmud estão ensanguentados e feridos. Bradwell está sem camisa, e agora o outro ombro é o que está sangrando. Ele está de joelhos, cabeça baixa, o peito se movendo. Está rezando? As mãos estão juntas. O macacão branco de Lyda está coberto de respingos e manchas de sangue. Ela está sem fôlego, atordoada. Com seus olhos azuis, ela encara Partridge e depois tudo o que ele vê.

E ele olha para os corpos dos soldados. O peito de um deles explodiu. Outro está com o meio do corpo cortado e tem cotocos sangrentos no lugar das mãos.

Outro levou um tiro no crânio. Há um pequeno buraco na parte de trás da cabeça, mas quando Partridge o contorna vê que ele não tem mais rosto.

— O que é isso? — Ele se sente enjoado, os joelhos fraquejam.
— O que é isso?

E então Partridge vê seu irmão, meio encoberto pela vegetação. Corre para o lado dele e se ajoelha.

— Sedge — diz.

O músculo da perna direita de Sedge foi cravejado de balas. Há sangue debaixo das costelas dele. Mancha as calças de Partridge.

— Deus! — exclama Partridge. — Não, não. — O peito de seu irmão sobe e desce de forma irregular. Partridge se abaixa junto à cabeça de Sedge, o crânio enorme e o maxilar forte. — Você vai ficar bem — sussurra. — Mamãe está aqui. Ela está vindo. Você vai

vê-la. — Partridge grita para os outros: — Tragam minha mãe! Ajudem Pressia a trazer minha mãe aqui!

Pressia já está na superfície. Ela olha para todos os corpos.

— Meu Deus! — exclama ela. — Meu Deus, não!

Bradwell se levanta com dificuldade e corre até ela.

— Pressia — diz, mas ela está obviamente abalada, incapaz de reagir.

— Ajude-me aqui! — grita El Capitán para Bradwell.

Eles dois tiram Aribelle pela janela, o tronco delgado e os membros inúteis.

Caruso a empurra por baixo, mas não a segue até a superfície.

Partridge coloca a mão no peito de Sedge. O sangue está úmido e quente.

Sedge olha para o irmão e sorri.

— Partridge — diz ele —, você é o cara.

— Não — responde o menino —, você que é. Sempre foi.

Partridge chama Pressia mais uma vez:

— Ela está aqui?

Ele se vira e vê Bradwell segurando sua mãe. Ele a leva até Partridge, colocando-a ao lado dos dois filhos. Há fúria no olhar dela.

— Querido, o que aconteceu com você? — Sua voz é irregular e brusca. — Sedge. Olhe para mim. Sedge.

— Veja, Sedge — sussurra Partridge. — É ela. Ela está aqui! Está aqui mesmo!

Sedge fecha os olhos.

— Não — sussurra —, a história que você me contou. O cisne.

— Ela é real — diz Partridge. — Ela está aqui.

Sua mãe pega um frasco de comprimidos com a pinça de metal e o empurra para Partridge.

— Diga a seu pai que ele pode levar o que quiser. Pode levar os comprimidos. Pode me levar. Só não leve isto. Isto não.

Seus olhos marejados observam o corpo de Sedge.

Partridge pega o frasco e quase cai para trás. Seu irmão vai morrer. Ele verá isso acontecer. Não há nada que ele possa fazer.

— Sedge! — chama sua mãe.

Os olhos de Sedge fixam-se nos dela. É como se agora ele a visse de verdade, como se a reconhecesse.

— Sedge, meu querido! — diz ela.

E por um instante Partridge pensa que ela talvez consiga salvá-lo. Há esperança em sua voz.

Sedge sorri e então fecha os olhos.

Partridge vê sua mãe curvando-se sobre o corpo de Sedge. Ela dá um beijo em sua testa, do tipo que ela dava nos dois quando eram pequenos, todas as noites, na hora de dormir.

E então, ativado por um botão distante, a cabeça de Sedge explode e, com ela, Partridge vê o rosto de sua mãe se despedaçar.

O sangue espirra, uma névoa fina que enche o ar.

Partridge não ouve nada. Não vê nada além da névoa sangrenta. Ele tenta alcançá-los, perde o equilíbrio e cai. Levanta-se de novo. Vira-se lentamente. Seu irmão e sua mãe estão mortos.

Pressia está berrando. Ele pode ver a boca da menina aberta, os olhos arregalados de terror, o punho de cabeça de boneca junto ao corpo. Bradwell a segura de pé.

Partridge não ouve nada.

Lyda está a seu lado. Segura-o pelo braço. Os lábios dela estão se movendo.

El Capitán estende as mãos para pegar seus ombros. Partridge cerra o punho e dá um soco. El Capitán se esquiva, fazendo Partridge perder o equilíbrio.

Ele se segura em uma pedra. Lyda está dizendo seu nome — ele consegue ler os lábios dela. Partridge, Partridge. Ele fica de pé. Grita o nome dela:

— Lyda!

Mas não consegue ouvir sua própria voz.

El Capitán também fala com ele. Está falando algo, bem alto. Partridge vê as veias do pescoço dele saltadas. Helmud fecha os olhos, repetindo em murmúrios as palavras de El Capitán.

E então Partridge vê Pressia de novo. Fixa seus olhos nos dela. Pressia está grampeada — seus olhos e ouvidos. O Domo está vigiando; seu pai está ali.

Partridge marcha direto até ela, que ainda está berrando. Ele segura os braços dela.

Pressia fecha os olhos.

— Abra os olhos! — grita ele, e o barulho de sua própria voz inunda seus ouvidos. — Abra esses malditos olhos!

Pressia o encara, e Partridge olha através dela. Olha através das lentes dos olhos dela, dentro dos olhos de seu pai no Domo.

— Sei que você está aí! Vou atrás de você, e vou matá-lo por isso! Se eu pudesse, arrancaria de mim a parte que corresponde a você. Arrancaria você de mim.

Ele olha para o céu. Seu corpo começa a tremer. Ele solta os braços de Pressia. Olha de novo, e lá está o rosto de sua irmã. Ela o encara, com o rosto sujo de terra e de lágrimas. É sua irmã.

A névoa de sangue se dissipa.

PRESSIA

SANGUE

Quando Partridge a solta, Pressia corre até o corpo da mãe. A mandíbula dela se foi. O rosto está coberto de sangue, mas um dos olhos está visível. O olho pisca. Ela ainda está viva. Pressia põe as mãos no peito ensanguentado da mãe; três dos seis quadradinhos ainda pulsam. Será que ela deve massagear o coração?

— Ela está viva! — grita Pressia. — Ela está viva!

Bradwell ajoelha a seu lado e diz:

— Ela está morrendo, Pressia. Acabou. Não vai sobreviver.

Partridge está no meio do bosque. Ela escuta os soluços engasgados.

Aribelle olha para ela.

Pressia escuta a voz de El Capitán dizendo:

— Ela está sofrendo. Isso pode demorar.

Aribelle luta para respirar. O olho pisca furiosamente.

Pressia se levanta. Bradwell também. Ela se vira para El Capitán.

— Você pode lhe dar misericórdia? — pergunta El Capitán. — Você consegue?

Pressia olha para ele e depois para sua mãe, que começa a ter convulsões. A cabeça ensanguentada está batendo na terra e nas pedras.

— Dê-me uma arma.

El Capitán obedece. Pressia ergue o cano, mira em sua mãe, respira, solta metade do ar, e então fecha os olhos. Puxa o gatilho. Sente o coice percorrendo-lhe o corpo.

Pressia está paralisada. Ela olha. O rosto de sua mãe desapareceu. Os três quadradinhos pulsantes estremecem e então param.

— Ela está em paz — diz El Capitán.

Pressia devolve a arma. Ela não olha para trás. Sabe o que quer lembrar. Ela começa a descer o barranco.

— Vamos embora! — grita Bradwell. — Há mais um soldado em algum lugar por aí!

Folhas. Trepadeiras. A terra solta movendo-se aos pés dela.

Estou aqui, pensa Pressia. Estou no próximo momento e no seguinte. Mas quem é ela? Pressia Belze? Emi Imanaka? É neta ou filha de alguém? Uma órfã, uma filha bastarda, uma garota com punho de cabeça de boneca, uma oficial?

Ela desce correndo, os outros seguindo-a de perto. Em sua mente, vê o rosto da mãe desfazendo-se de novo, despedaçando-se, os ossos quebrados, as cabeças — a de Aribelle e a de Sedge — tão cheias de sangue. E então aquilo está em todo lugar — uma camada de sangue nos arbustos, nos brotos de mato, nas plantas espinhosas.

Mas todos eles estão descendo o barranco agora. Correndo a toda.

Pressia quer enterrar os corpos.

Mas, não.

Ainda há um soldado à solta. Ele virá atrás deles.

O avô de Pressia era agente funerário. Ele poderia tê-los ajeitado muito bem. Ele podia virar uma cabeça para disfarçar um crânio rachado. Podia recriar um nariz a partir de um pedaço de osso. Podia esticar a pele. Fazer pálpebras e costurá-las para fechar os olhos. Antigamente havia caixões com forro de seda.

Agora ele também está morto.

Pressia está no pé da colina. Não haverá enterros. Eles serão devorados por criaturas selvagens. São sepultados por sua própria mortalha de sangue.

Lá está o carro, parcialmente coberto pelos arbustos e trepadeiras, que El Capitán arranca e joga no chão. Partridge, Lyda e

Bradwell ficam junto de Pressia, sem fôlego. Bradwell rasgou a perna de sua calça e fez uma atadura com o tecido.

Amarrou-a no ombro. O sangue é escuro. Ele está sem camisa. Seu peito está nu.

Partridge ofereceu a jaqueta, mas Bradwell diz que está morrendo de calor. Os pássaros se alvoroçam, seus bicos coloridos cravados na pele, os olhos mascarados, inquietos. Pressia queria vê-los, e agora aqui estão — as asas cinzentas, os peitos mais claros, os olhos brilhantes, e suas garras delicadas, de um vermelho vivo. Ela gostaria de saber que tipo de pássaros eles são. Imagina Bradwell quando era pequeno, correndo no meio de um bando. Elas alçam voo e há uma luz ofuscante. E os pássaros estão com ele para sempre. Bradwell lhe estende a mão.

— Não — responde Pressia.

Ela tem de andar sozinha.

Ela segura o sino da barbearia que está escondido no bolso de sua jaqueta.

Ela nunca o dará à sua mãe, evidência de uma vida antiga. Não lhe contará todas as histórias que acumulou. Não deu tempo. Ela nem sequer teve a chance de dizer à mãe que a amava.

A garota de branco agora está manchada de vermelho. Lyda. Partridge está ao lado dela. Ela o sustenta mais do que ele a ela.

— Mas queriam minha mãe viva — diz ele. — Queriam interrogá-la. Isso não faz sentido.

Ele segura com força o frasco de comprimidos.

Pressia ainda é olhos e ouvidos para o Domo. Eles veem tudo que ela vê, escutam tudo que ela escuta. Mas ela não entende o que aconteceu. Eles entendem? É o que eles sempre quiseram?

— Vamos — diz El Capitán.

— Vamos — repete Helmud.

Todos entram no carro. Partridge e Lyda ficam no banco traseiro. Pressia e Bradwell vão na frente, com El Capitán ao volante. Helmud olha para o nada no lado de fora. Ele está tremendo.

El Capitán dá ré no carro.

— Para onde?

— Pressia tem que se libertar — diz Bradwell. — Quem quer que tenha feito isso com ela, precisa desfazê-lo.

Eles voltam para a Terra Morta e agora dirigem-se ao sul, circundando as colinas.

— A casa de fazenda — diz Pressia. — Temos que chegar ao outro lado da colina.

— Como pode existir uma casa de fazenda aqui? — pergunta Partridge.

Sua voz parece cansada.

Pressia pensa na esposa de Ingership, no que ela disse, na cozinha, que não colocaria a menina em perigo.

— Eles têm ostras, ovos e limonada, uns lacres automáticos de borracha para bloquear a poeira, um lustre bonito na sala de jantar e empregados trabalhando em plantações — responde Pressia, tentando explicar, mas ao mesmo tempo ela se pergunta se ficou maluca.

Vê o rosto de sua mãe, o beijo que ela dá em seu filho mais velho. Puxa o gatilho, e sua mãe está morta. E isso se repete várias vezes, lentamente, na cabeça de Pressia. Ela se encolhe para a frente, fecha os olhos, abre e fecha de novo. Toda vez que ela os abre há uma cabeça de boneca encarando-a. Foi assim que sua mãe soube que era ela. Esses olhos que estalam e os cílios de plástico, as narinas pequenas e o buraco no meio dos lábios.

Os Poeiras surgem de novo, menos numerosos aqui, onde a terra começa a dar lugar à grama, que a fixa. Ainda assim, eles avançam e os contornam. El Capitán atropela um e os demais recuam.

Bradwell grita que está vendo algo.

— Não é um Poeira. Forças Especiais.

Eles estão perto da lateral da colina. E o soldado salta de uma pedra saliente, caindo com um baque no teto do carro. Pressia olha para cima e vê os dois amassados causados pelas botas dele.

Bradwell pega o fuzil que está no assoalho aos pés de El Capitán, engatilha, aponta para cima e dispara, abrindo um buraco no metal, rasgando-o. O tiro atinge a perna do soldado. Ele bate no teto, mas se segura firme.

El Capitán tenta fazê-lo cair, virando o volante com força para a esquerda e depois para a direita, mas não funciona. O soldado aparece na janela do passageiro e a chuta com a perna boa, estilhaçando o vidro. Ele estende a mão e agarra o pescoço de Partridge, mas o menino tem um gancho de carne e sua velocidade incomum. Ele passa o braço em volta do peito largo do soldado e enfia o gancho entre as escápulas.

O soldado solta um gemido gutural e afrouxa a mão, deixando Partridge cair de volta no assento. O soldado permanece agarrado ao carro. Com a mão livre, tateia as costas e tenta alcançar o gancho. Bradwell abaixa o vidro, põe metade do corpo para fora do carro e engatilha a arma de novo, mas, antes que tenha tempo de disparar, o soldado o vê, avança e o puxa para fora. Eles caem no chão com um baque e rolam até parar.

Pressia quer gritar — não Bradwell. Ela não pode perder mais ninguém. Não permitirá que isso aconteça. Sem mais mortes. Ela pega a maçaneta. A porta está trancada.

— Destranque! — grita ela.

— Não! — retruca El Capitán. — Você não pode ajudá-lo! É muito perigoso!

Ela bate a cabeça de boneca na porta.

— Deixe-me sair!

Partridge se vira no assento, segura os braços dela e a puxa de volta.

— Pressia, não!

— Use a arma — diz Lyda. — Mire.

Pressia pega a arma e põe a parte superior do corpo para o lado de fora.

El Capitán vira o carro para que ela tenha um ângulo melhor.

— Esteja pronta para quando eles se separarem. Você talvez só tenha uma chance.

O soldado está tentando se levantar, mas os músculos de sua perna foram rasgados. Também está se contorcendo de dor por causa do gancho, que ainda está fincado em suas costas. Segura Bradwell pelo pescoço, mas ele chuta o ferimento do soldado, dá uma cotovelada em sua barriga e se levanta às pressas.

Atraído pelo sangue do soldado, um Poeira circula o chão ao redor deles como um abutre do subterrâneo. Colunas de cinzas se erguem e dificultam a visão.

Bradwell chuta o soldado na barriga. Mas ele agarra Bradwell e o derruba. Sua queda é dura, de cara com um Poeira. Bradwell recua devagar. O soldado para e parece avaliar o ferimento da perna.

Bradwell pega o gancho de carne e tenta arrancá-lo das costas do soldado.

Quando o gancho sai, Bradwell voa para trás, e cai com força.

Pressia respira, solta metade do ar e atira.

O soldado gira e cai no chão.

Bradwell se levanta, e, em um movimento rápido — os pássaros em suas costas formam um borrão frenético de asas —, corta o Poeira com o gancho. Ele é bonito, pensa Pressia — os ombros feridos, como se tivesse sido nomeado cavaleiro de forma violenta, o maxilar forte, os olhos intensos.

El Capitán leva o carro até Bradwell e destranca as portas, mas Pressia já saiu pela janela. Ela pega Bradwell e o traz para o carro. Abre a porta. Os dois entram. Ela bate a porta e então olha para Bradwell. Ela estende a mão e toca o corte no lábio inferior dele.

— Não morra — pede Pressia. — Prometa.

— Prometo que tentarei — responde ele.

El Capitán engata a marcha e dá a partida.

Ela olha para o vidro traseiro. Mais alguns Poeiras correm para rodear o soldado. Um deles se ergue e expande as costas como uma naja. O soldado logo é engolido pela terra e desaparece.

Bradwell levanta a mão e alisa os cabelos de Pressia. Ela o abraça e ouve as batidas fortes do coração, fechando bem os olhos. Ela pensa em ficar assim para sempre, deixar que todo o resto se apague.

— Chegamos — diz Bradwell pouco tempo depois.

Ela levanta a cabeça enquanto o carro faz uma curva, e há fileiras de plantações, e depois a pista comprida que leva até a escadaria da varanda de uma casa amarela. Por um instante Pressia imagina que eles estão voltando para casa.

Mas, à medida que se aproximam, ela vê algo pequeno se agitando em uma das janelas — quase parece uma bandeirinha —, uma toalha de rosto com uma faixa vermelho-sangue no meio. Ela enfia a mão no bolso e pega o cartão que a esposa de Ingership lhe deu na cozinha, o sinal. O que significa? Você precisa ajudar a me salvar. Não foi isso que a mulher disse?

PARTRIDGE

PACTO

Sua mãe não morreu. Sedge não morreu. Na cabeça de Partridge, eles não podem estar mortos. Houve um engano, algo que ele pode consertar depois. Às vezes aconteciam enganos também na academia, geralmente erros de percepção, erros humanos. A culpa é do pai dele. Seu pai é humano. Isso é um erro humano.

Ou talvez seja um teste. Seu pai exibiu as plantas, deu a fotografia a Partridge, com a esperança, ou talvez a consciência, de que o filho usasse a informação. Talvez a partir daquele momento, do clarão do flash da foto, tudo tenha sido parte de um plano para medir a força mental e física de Partridge; no final, todos sairão de seus esconderijos, como uma complicada pegadinha ou festa surpresa de aniversário. É uma explicação que mantém sua mãe e Sedge vivos.

Mas, ao mesmo tempo que tenta se agarrar a essa lógica precária, Partridge também sabe que não é verdade. Outra parte de seu cérebro continua lhe dizendo que eles estão mortos, que se foram.

A gaze em sua mão esquerda esconde o mindinho cortado, mas ele começa a sentir uma dor como se ela ainda estivesse ali, latejando, quando Pressia começa a falar da casa de fazenda. Ele não acredita nela. Como poderia? Uma casa de fazenda aqui fora? Um sistema automático para vedar as janelas e portas e impedir a

entrada das cinzas? Um lustre na sala de jantar? Tudo isso cercado por campos nos quais empregados pulverizam pesticidas?

Qualquer ostra — venenosa ou não — seria um milagre da ciência. Mas há laboratórios no Domo dedicados a restabelecer a produção natural de alimentos. A casa de fazenda tem que ser obra do Domo. Os dois mundos estão conectados de formas que Partridge nunca teria imaginado. O carro em que ele está é uma prova disso. Tem que ter vindo do Domo. De onde mais?

Quando Pressia tenta descrevê-la, Lyda diz:

— Vi marcas de pneus no Domo. Há uma plataforma de carregamento. Caminhões devem entrar e sair de lá.

Partridge se pergunta se eles já estão testando a transição para fora do Domo, a volta para o merecido paraíso deles, o Novo Éden. Abençoados. No Domo, eles eram abençoados. Partridge se lembra da voz de sua mãe — uma nova ordem de escravos. A voz dela é como um pedacinho de tecido que roça suavemente na mente de Partridge, e então ele sente uma agitação em seu peito, cheio de fúria.

Ela está ferida, mas Sedge está com ela, e Caruso está cuidando dela, do mesmo jeito que fez da última vez em que ela quase foi deixada para morrer. Erro humano.

Não, mortos. Os dois estão, e Caruso nunca virá à superfície. Ele é o único que restou. Morrerá lá um dia — provavelmente mais cedo agora que o pai de Partridge sabe onde fica a casamata.

A sra. Fareling — ele pensa nela e em Tyndal. O menino não conseguiu repassar à sua mãe a mensagem de que eles sobreviveram. Obrigada. Há tantas coisas que ele não pôde dizer, incontáveis.

Depois que Pressia diz que eles estão se aproximando, Lyda se vira para Partridge e sussurra:

— Há algo que alguém queria que eu contasse a você.

— Quem?

— Uma garota que conheci quando eu estava no centro de reabilitação — responde Lyda, e ela parece constrangida por mencionar que esteve lá, mas é claro que ela esteve.

Foi lá que raspam a cabeça dela. Partridge quer perguntar o que Lyda precisou suportar por causa dele. Queria poder desfazer tudo aquilo. Mas ela não quer falar disso agora. Ele percebe. O que Lyda tem a dizer é importante.

— Ela falou para eu dizer que há muitos como ela que querem sobrepujar o Domo. Ela só conseguiu dizer isso. Você entende?

— Células dormentes — murmura ele.

Lyda está bem no meio. Não é apenas uma refém. É uma mensageira. Será que ela sabe que está trabalhando para o lado da mãe dele agora? Partridge quer lhe contar tudo que sua mãe disse sobre ele ser o líder, mas não consegue. Sua mente está muito confusa.

— Sim — responde enfim. — Entendo.

Eles agora fazem a última curva. El Capitán estaciona o carro atrás de um pequeno pomar de árvores baixas e frondosas, plantadas tão próximas umas das outras que os galhos se enroscam. E lá está — uma casa amarela exatamente como Pressia descreveu, e as fileiras escuras e exuberantes de vegetação em um vale, uma fazenda isolada, cercada pela Terra Morta estendendo-se em todas as direções como um mar de cinzas. Há estufas e um celeiro vermelho com detalhes em branco. Isso perturba Partridge, aquilo aparecendo de repente como se tivesse sido arrancado de outro tempo e lugar e cravado no chão. Não há soldados da OBR trabalhando nos campos, mas há duas escadas encostadas na fachada da casa, com baldes apoiados nos degraus e duas varas compridas no chão.

— Alguém estava lavando a casa? — pergunta Partridge.

— Aquilo que parece com bandeirinha na janela — diz Lyda. — É um sinal. Já o vi antes.

— É da resistência — responde Bradwell. — Meus pais tinham uma bandeira de verdade como aquela, dobrada em uma gaveta. É bem antiga.

— A esposa de Ingership — diz Pressia. — Acho que ela está em perigo.

— Como essa casa chegou aqui? — sussurra Partridge.

— É como uma casa de foto de revista — diz Pressia. — Mas doente, contaminada por dentro.

— Não parece nem um pouco com árabes de antigamente morando em tendas brancas — observa El Capitán.

Pressia se vira para Partridge.

— Bradwell precisa de sua jaqueta.

O calor da batalha já passou, e Bradwell começou a tremer. Partridge vê os ombros dele chacoalhando. Ele tira a jaqueta, que era mesmo de Bradwell, e passa por cima do banco. Bradwell a veste.

— Obrigado — diz ele, mas sua voz parece vazia.

Ou será que é a audição de Partridge que está ruim? Ele não pode confiar em mais nada — nem no que vê ou escuta, nem nas casas que aparecem do nada, nem em névoas de sangue ou nos olhos de sua irmã.

— Podemos entregar o remédio a Ingership em troca da remoção de todas essas coisas em sua cabeça — sugere Partridge.

Ele é o único que conhece a verdade: o remédio é um engodo, com o objetivo de lhes dar mais tempo.

— E a esposa de Ingership? — pergunta Pressia. — Podemos ajudá-la?

— Não foi ela quem sedou você? — diz Bradwell.

— Não sei — responde Pressia.

Aves gordas, quase parecidas com galinhas, andam pela pista. Elas são grotescas, oscilando de forma desajeitada em patas de duas garras. Não têm penas. Em vez disso, parecem cobertas de escamas, como se a pele escamosa em suas patas tivesse crescido e coberto o corpo inteiro. As asas são coisas ossudas que sobem e descem de forma estranha nas laterais.

— Não se veem esses bichos em revistas — diz Bradwell.

Partridge pensa em seu pai, doente por dentro como essa casa.

— Quando nos aproximarmos, segure os comprimidos junto à cabeça — diz ele a Pressia.

— Não — grita Bradwell, estendendo a mão por cima do assento e colocando-a no peito de Partridge. — Isso é demais.

— O quê? — pergunta Partridge. — É assim que ele age. Ele explodiria a cabeça dela, mas não os comprimidos. — Seu pai é um assassino. Partridge fecha os olhos por um instante, como se tentasse clarear a visão. Mas ele sabe que seu pai não apertaria nenhum botão até ver o frasco de comprimidos nas mãos do filho, longe o bastante. — É para proteção dela.

— Ele tem razão — diz Pressia a Bradwell.

Partridge imagina seu pai assistindo a tudo, conhecendo cada palavra, cada gesto. Ele deve estar em contato com Ingership dentro da casa porque, agora, dois soldados jovens com uniformes da OBR saem na varanda. São miseráveis, mas bem armados. Eles andam até a beirada e ficam parados, como sentinelas.

El Capitán estreita os olhos diante do para-brisas.

— Sabe o que me irrita? Eles são meus recrutas malditos. Não sabem nem segurar uma arma direito. Uma vantagem para nós, acho.

— Me irrita — sussurra Helmud com voz rouca.

— Tudo bem — diz Bradwell —, prontos?

Partridge quer falar mais. Quer que eles façam um pacto, aqui no carro, antes de entrar na casa. Mas não sabe que juramento ele pediria.

— Ei — diz El Capitán —, esqueci isso. — Ele tira algo do bolso da jaqueta e ergue o objeto. — Isso pertence a alguém?

É a caixinha de música artesanal da mãe deles, escurecida pela fumaça.

— Fique com ela — diz Pressia.

— Não — responde Partridge. — Pode ficar.

— Ela toca uma música que só vocês dois conhecem de verdade — diz Pressia. — Ela é sua agora.

Partridge a pega e passa o polegar nela. A fuligem granulosa se espalha.

— Obrigado.

Ele sente como se estivesse segurando algo essencial, uma parte de sua mãe que ele pode guardar para sempre.

— Estamos prontos? — pergunta Pressia.

Todos confirmam com a cabeça.

El Capitán engata a primeira e acelera em direção à casa. Os recrutas não atiram. Em vez disso, correm e batem à porta. El Capitán demora um pouco para pisar no freio e acerta os degraus da varanda. Atingidos pelo para-choque, eles se quebram e lascam.

Todos descem do carro. El Capitán está com o fuzil. Partridge e Lyda têm facas e ganchos de carne. Bradwell, uma faca. Pressia segura bem forte o frasco de comprimidos junto à cabeça, os nós dos dedos pressionados contra a têmpora.

— Onde está Ingership? — grita El Capitán.

Os recrutas trocam olhares nervosos, mas não dizem nada. São magros e, mesmo com a pele queimada, parecem ter sido espancados recentemente. Há hematomas e cortes nos braços e rostos expostos.

E, então, uma janela do andar de cima se abre, do lado oposto à janela com a toalha manchada de vermelho. Ingership se inclina para fora, com os braços duros e o queixo levantado. As placas metálicas em seu rosto brilham. Ele sorri.

— Vocês chegaram! — Sua voz soa animada, mas ele parece ter brigado. Na pele exposta da bochecha esquerda dele há uma fileira de arranhões. — Tiveram alguma dificuldade para encontrar o lugar?

El Capitán engatilha o fuzil e dispara. O tiro causa um espasmo no corpo de Partridge. Ele revê a explosão em sua mente — seu irmão, sua mãe, o ar coberto por um borrifo fino de sangue.

— Meu Deus! — grita Ingership, escondendo-se na janela. — Isso não é civilizado!

Reagindo com atraso, um dos recrutas atira na lateral do carro.

El Capitán dispara de novo, dessa vez destruindo uma janela do andar de baixo.

— Pare! — diz Partridge.

— Eu não ia acertar nele — argumenta El Capitán.

— Acertar nele — repete Helmud.

— Está tudo bem agora — tranquiliza Partridge. — Não estamos atirando.

— Seu pai poderia mandar cercarem este lugar — grita Ingership para Partridge. — Ele poderia ter acabado com vocês já. Você sabia disso, garoto? Ele está pegando leve!

Partridge sabe que ele está errado. As Forças Especiais são uma tropa de elite muito nova. Havia seis membros, todos mortos agora. Ele conhece os próximos da fila — os garotos da academia que faziam parte do rebanho. Mas eles certamente não estão prontos para combate como as Forças Especiais. Não houve tempo suficiente para esse tipo de transformação e treinamento.

— Ele quer algo que nós temos — diz Partridge. — É simples assim.

Ingership hesita.

— Vocês têm o medicamento da casamata?

— Você está com o controle remoto que explode a cabeça de Pressia? — replica Bradwell.

— Faremos um acordo — diz Partridge.

Ingership some. Ouve-se algum barulho na janela do andar de cima. Os dois recrutas na varanda mantêm as armas apontadas para eles.

Então um zumbido grave começa na casa, dos lacres automáticos de borracha que impedem a entrada das cinzas se abrindo.

A porta da frente faz um clique e depois se abre.

Na janela do andar de cima com a toalha ensanguentada Partridge vê um rosto branco — a esposa de Ingership? — e então uma mão clara espalmada contra o vidro.

PRESSIA

BARCOS

Eles entram no vestíbulo — o acabamento de madeira, as paredes brancas, o tapete florido e as escadas largas que levam ao segundo andar. Pressia é acometida por uma sensação forte de que está sendo encurralada, emboscada. Ela ainda está com o frasco junto da cabeça, os dedos tensos, o corpo inteiro dolorido.

Ela olha para a sala de jantar; mais uma vez se impressiona com o brilho do lustre tremeluzindo acima da mesa comprida. Ouve passos no teto — a esposa de Ingership? O lustre faz Pressia pensar no avô, na foto dele na cama de hospital. Ela tenta resgatar aquele sentimento de esperança, mas então se lembra da faca em sua mão, das luvas de borracha, da queimação no estômago e de como a maçaneta não girava. Ela apenas clicava, e então esse clique logo se torna o gatilho de uma arma, o coice em seu braço, até o ombro. Pressia fecha os olhos com força por um segundo, e então os abre.

Os dois soldados estão apontando as armas para eles. Ingership aparece no alto da escada e desce para recebê-los. Com os passos meio trôpegos, ele desliza a mão pelo corrimão de mogno. Há marcas de unhas em um dos lados de seu rosto.

Pressia pensa na esposa dele. Será que está presa naquele quarto? Houve uma briga?

— Deixem todas as armas aqui — ordena Ingership. — Meus homens também deixarão. Não somos bárbaros.

— Só se pudermos revistar você também — diz Bradwell.

— Certo. Mas na minha opinião a confiança é um bem pouco valorizado.

— Parece que você estava nos esperando — observa Partridge.

— Há coisas que o Domo escolhe me contar, e eu sou um dos confidentes de seu pai.

— De fato.

Partridge parece desconfiado. E pelo pouco que Pressia sabe de Ellery Willux, ela duvida que ele tenha algum confidente, muito menos que um deles seja Ingership. Willux não parece ser do tipo que faz confidências.

— Todas as armas em cima da cômoda — determina Ingership, apontando para o móvel na parede.

Eles deixam suas armas, facas e ganchos, e os recrutas, nervosos, também.

El Capitán revista seus próprios soldados. Encara-os nos olhos, mas eles desviam o olhar. Pressia presume que ele esteja tentando avaliar a lealdade deles. Não atiraram nele quando El Capitán abriu fogo lá fora. Apenas um deles atirou no carro. Isso significa que sua lealdade está dividida? Se Pressia fosse uma deles, faria o mesmo que eles estão fazendo, que é jogar dos dois lados, na tentativa de sobreviver.

Bradwell revista Ingership. Pressia pensa em perguntar a ele depois qual foi a sensação. O quanto de Ingership é real? O metal na metade do rosto dele se estende pela lateral toda do corpo? É possível, pensa Pressia. Ela se pergunta o que Bradwell acha dela agora. Em sua bochecha continua a memória da pele quente dele, das batidas de seu coração. Seu dedo se lembra do corte nos lábios dele. Ela pediu que Bradwell não morresse, e ele prometeu que tentaria. Será que ele sente por ela o mesmo que Pressia sente por ele — uma urgência impetuosa que acelera o coração? Ela perdeu tanto, e agora só sabe que não pode perder Bradwell.

Nunca.

Os soldados se revezam para revistá-los. Pressia está perto de Lyda. Os soldados passam as mãos pelo corpo delas com rapidez.

— Não gosto que atirem em mim — diz Ingership a El Capitán.

— E quem gosta? — retruca El Capitán.

— E quem gosta? — repete Helmud.

— Os soldados me acompanharão, só por precaução — avisa Ingership —, e as garotas esperarão na sala de estar.

Pressia fica tensa. Olha para Lyda, que balança a cabeça. A sala de estar fica à esquerda. É cheia de cortinas, móveis estofados e almofadas.

— Não, obrigada — diz Pressia.

Ela pensa na sala dos fundos da barbearia, no armário onde ela se escondia.

Nada de continuar se escondendo. Ela pensa na face sorridente que desenhou nas cinzas. Não existe mais, coberta por camadas de cinzas. Pressia não vai voltar a se esconder.

— Esperem na sala de estar! — grita Ingership, tão alto que Pressia leva um susto.

Lyda olha para Pressia e então diz, calmamente:

— Faremos o que quisermos.

A pele de Ingership fica bem vermelha, os arranhões muito marcados. Ele olha para El Capitán, Bradwell e Partridge.

— Bem?

Ele espera que façam algo.

Os três se entreolham.

Bradwell dá de ombros.

— Bem o quê? Elas já responderam.

— Bem — diz Ingership —, não deixarei que a teimosia horrível delas nos abale.

Ele se vira na escada e começa a subir, um degrau por vez. No alto da escada, destranca uma porta com a chave de uma corrente em seu bolso.

Eles entram no que à primeira vista parece uma sala de cirurgia grande e esterilizada. Sob as janelas há um balcão com bandejas de metal, facas pequenas, algodão, gaze e um tanque de algo que provavelmente é um anestésico. Todos se amontoam ao redor de uma mesa cirúrgica. Pressia imagina que seja o local onde lhe colocaram os grampos e o contador. Ela não se lembra de nada — exceto, talvez, do papel de parede. Pressia aproxima dele por um instante a cabeça de boneca, mantendo os comprimidos junto da

cabeça. O papel de parede é verde-claro com barquinhos. Eles são estranhamente familiares. Foi isso que ela viu quando despertou na mesa por um momento, barquinhos com velas infladas?

— Você realiza muitas cirurgias aqui? — pergunta Bradwell.

— Algumas — responde Ingership.

Os soldados parecem ansiosos; eles mantêm os olhos em Ingership e El Capitán, sem saber quem será o próximo a vociferar uma ordem.

— Vá buscar minha bela esposa — ordena Ingership a um deles.

O soldado confirma com a cabeça e desaparece. Ouve-se uma batida a uma porta no corredor, vozes, uma agitação. Uma porta fechando. Ele retorna com a esposa de Ingership. As mãos e o rosto dela ainda estão cobertos pelo colante de peça única, feita de modo a expor apenas os olhos, a boca e uma peruca de cabelos castanho-claros. Ela usa uma saia longa e uma blusa branca de gola alta, manchadas pelo sangue que vazou pelo colante, como manchas escuras de água.

Uma das mãos está rasgada, e os dedos estão expostos. Alguns estão com hematomas azulados, como se tivessem sido torcidos recentemente. Talvez tenha sido assim que surgiram os arranhões de Ingership. O colante também está rasgado de um lado do maxilar dela, revelando uma pele pálida, um hematoma escuro e dois vergões que quase parecem queimaduras recentes. Pressia tenta lembrar o que exatamente a esposa de Ingership lhe disse na cozinha. Não vou colocá-la em perigo. Ela teria ajudado Pressia? Se ajudou, como?

Ingership aponta para um banquinho de couro em um canto afastado. Sua esposa cruza a sala às pressas e se acomoda. Quando ela se senta, Pressia pensa que ela parece um boneco de meia, do tipo usado para representar os Puros.

Crianças gostam de fazê-los às vezes e atear fogo. Mas os olhos estão muito vivos, inquietos e piscando. Ela olha para o rosto de todo mundo. Cruza o olhar com Bradwell, como se o reconhecesse e quisesse que ele a reconhecesse. Mas ele não parece saber quem ela é. Ela então olha para Pressia, apenas um instante, e baixa os olhos de novo.

Pressia gesticula para ela com a cabeça, sem saber como interpretar suas feições inexpressivas.

Ela responde ao gesto. E então logo abaixa o olhar, mantendo-o fixo nos dedos expostos. Pressia deveria salvá-la?

— Isto já foi um quarto de bebê? — pergunta Lyda baixinho, talvez para aliviar a tensão.

— Não devemos nos reproduzir — declara Ingership. — Ordens oficiais. Certo, querida?

Pressia está confusa. Ordens oficiais? Então Partridge e Lyda se entreolham.

Eles devem conhecer bem as regras. Pressia entende que a reprodução é permitida a alguns e proibida a outros.

— A caixa? — pede Ingership à esposa.

Ela se levanta e pega algo que está perto dos instrumentos cirúrgicos, um pequeno recipiente redondo de metal com uma alavanca. O objeto está ligado a uma longa trama de arames saindo de uma tomada na parede. Ela volta a se sentar no banco de couro, com a caixa no colo.

Bradwell avança de repente.

— É isso aí, não é?

O movimento assusta a esposa de Ingership. Ela agarra o dispositivo junto ao peito.

— Calma — recomenda Ingership. — Minha doce esposa tem estado um tanto assustada ultimamente. — Ele abana as mãos perto da mulher, e ela se encolhe. — Estão vendo?

Ela se retrai como o cão que vivia perto dos alpendres, aquele que Pressia às vezes alimentava e que foi morto pela OBR.

— Temos o que você quer — diz Partridge. — Vamos manter a calma.

— Para onde você acha que vai quando sair daqui? — pergunta Ingership a ele. — É isso que não entendo. Não há futuro aqui fora, mas você ainda pode voltar, sabe? Poderia pagar com alguma punição. Seu pai o traria de volta ao grupo. Esses outros não teriam nenhuma utilidade para ele. — Ele gesticula para o resto do grupo com indiferença. — Mas você, você poderia ter uma vida.

— Não quero ser levado ao grupo. Prefiro morrer lutando.

Pressia acredita nele. Ela o subestimou, talvez por ter confundido sua falta de experiência neste mundo com fraqueza.

— Acho que seu desejo será atendido! — declara Ingership, tranquilo.

— Desarme-a logo, Ingership! — grita El Capitán.

— E você — diz Ingership. — Você é o retardado nas costas. O que acontecerá com você? Nunca vencerá. Nada em que você acredita existe de verdade. Seus soldados nem mesmo são seus! O mundo ainda é do Domo, para onde quer que você olhe, até onde a vista alcança.

El Capitán olha de relance para os dois soldados.

— Não perca seu sono por causa disso, Ingership. Você sabe que ficarei bem.

— Bem — repete Helmud.

— Minha esposa tem se comportado mal desde a sua visita, Pressia. Muito mal. Um homem cruel a teria abandonado à própria sorte, ao relento, até morrer. Mas eu fui generoso. Simplesmente apliquei uma punição. E olhe para ela agora, tão educada. Se neste instante eu a mandasse acionar o dispositivo, ela o faria. Embora seja uma criatura muito sensível por natureza, ela é obediente.

Ingership lança um olhar de superioridade para a esposa. Isso tudo é um teatro, mas Pressia não sabe se essa apresentação a um público atento favorece a eles, ao Domo, ou se é algo mais pessoal.

Ingership anda na direção de Pressia, que segura com mais força o frasco junto à cabeça.

— E se eu dissesse que eles estão chegando? Estão a caminho. Forças Especiais. Reforços. E não apenas meia dúzia. Não, uma tropa inteira.

— É mentira — diz Lyda. — Se Willux os quisesse aqui, já os teria mandado.

Pressia não sabe se ela está certa, mas admira sua convicção.

— Está falando comigo? — pergunta Ingership.

Ele vai até Lyda e a esbofeteia com o dorso da mão. Ela gira e se agarra à parede para se equilibrar. Pressia sente um pavio de fúria se acender dentro dela.

Partridge estende as mãos e agarra as lapelas do uniforme de Ingership.

— Quem você pensa que é?

Ele segura tão forte que Ingership não consegue respirar.

Ainda assim, ele olha para Partridge com frieza.

— Você está do lado errado — resmunga ele. Sem olhar para a esposa, ele ordena: — Acione o dispositivo.

— Não! — grita Bradwell.

Os dedos da esposa de Ingership tocam suavemente a alavanca, nervosos — como faria uma criatura delicada.

— Ela ainda é jovem — diz Bradwell com suavidade. — Acabou de perder a mãe. Imagine. Uma criança sem mãe. — Pressia entende o que ele está fazendo. A esposa de Ingership não tem permissão para ter filhos. Mas, uma vez, ela engravidou. Não foi? Por que outro motivo colocariam papel de parede em um cômodo tal como um quarto de bebê? Ele está remexendo nessa lembrança, nessa ternura. — Tenha piedade dela. Você pode salvá-la.

— Acione o dispositivo! — grita Ingership uma última vez.

Ela olha para o marido e então obedece. Aciona o dispositivo. Pressia respira fundo, e Bradwell ataca a esposa de Ingership, derrubando a caixa no chão, quebrando-a. Todos na sala ficam tensos. Não há explosão.

Dentro de seus ouvidos, Pressia ouve um tique surdo — apenas um em cada ouvido —, e então eles não parecem mais tão abafados. As lentes em seus olhos apagam por um instante, e ela não vê nada. Mas isso não dura muito. Antes que ela consiga gritar, sua visão volta e está clara — não mais nublada.

Partridge solta Ingership, empurrando-o contra a parede.

— O que aconteceu? — pergunta.

— Estou viva. Posso ver e ouvir com mais clareza. Na verdade, tudo soa mais alto, até minha própria voz. — Pressia abaixa a mão com o frasco de comprimidos.

A esposa de Ingership se levanta.

— Nunca ativei o contador. Troquei a fiação. Se alguém acionasse o dispositivo, somente desativaria os grampos. Eu disse que não a

colocaria em perigo. Prometi a você. — Ela se vira para Pressia. — Você tem que me levar junto.

— Eles nos matarão por isso — grita Ingership com a esposa. Ele está sem fôlego, escorando-se em uma das paredes — Sabia disso? Eles vão nos matar!

— Por ora, eles pensam que ela está morta — diz a esposa de Ingership. — Temos tempo para fugir.

Ingership olha para a esposa, completamente chocado.

— Você planejou isso?

— Sim.

— Até hesitou antes de acionar o dispositivo enquanto eu estava sendo esganado para que eles pensassem que você não queria matá-la?

— Sou uma criatura sensível.

— Você me desobedeceu! Você me traiu! — grita Ingership.

— Não — responde ela, com uma voz distante e etérea. — Eu nos salvei para que tivéssemos tempo de fugir.

— Fugir para que mundo? Para nos tornarmos miseráveis?

A esposa de Ingership parece tonta. Ela estende as mãos para as cortinas sobre o balcão e se agarra tentando se equilibrar. Seu rosto se contorce sob o colante. Ela grita.

Pressia olha para Lyda, que tem uma marca avermelhada e um corte no rosto causados pelo anel de Ingership.

— Ela me salvou — diz.

Ingership lança-se sobre o balcão e tira uma arma do armário de baixo. Ele se levanta e a aponta para Partridge.

— Eu poderia matar você, e agora, sem olhos e ouvidos, seu papai nunca descobriria. — Ele grita para os soldados: — Peguem-nos!

Mas os soldados não se mexem. Eles olham para El Capitán e depois para Ingership.

— Eles não o respeitam de verdade, Ingership — diz El Capitán —, nem com uma arma na mão. Não é?

Os soldados permanecem imóveis.

— Eu matarei vocês pessoalmente, um por vez — diz Ingership. Ele aponta a arma para o rosto de Bradwell. — Você acha que ele

não sabe quem você é?

— Como assim? — pergunta Bradwell.

— Willux sabe tudo sobre você e sua origem.

Bradwell estreita os olhos.

— Meus pais? O que ele sabe sobre os meus pais?

— Você acha que ele permitirá que um filho deles o desafie?

— O que ele sabe a respeito deles? — Bradwell dá um passo em direção a Ingership e ao cano apontado para seu peito. — Diga-me agora.

— Ele não se importará de adicionar você à coleção dele. Pequenas relíquias. Eu sei que eu, pelo menos, prefiro vê-lo morto.

— Coleção? — pergunta Partridge.

A esposa de Ingership puxa as cortinas frágeis com muita força. Elas se soltam dos ganchos. A mulher cambaleia para trás e quase perde o equilíbrio. Anda para trás do marido, aparentemente enroscada no tecido branco, encasulada, mas há algo reluzente em sua mão.

Um bisturi.

Ela avança, soltando a cortina como se fosse um vestido. Ela finca o bisturi nas costas do marido.

Ingership grita, largando a arma. Ela desliza pelo assoalho. Ingership se curva e cai. Lyda pega a arma e a segura com firmeza, apontada para Ingership, que se contorce com o bisturi enfiado nas costas. Ele se esfrega no próprio sangue.

Bradwell ajoelha-se ao lado dele.

— E meus pais? O que Willux falou deles?

— Mulher! — berra Ingership.

Mas não fica claro se ele está desesperado pedindo ajuda ou se está com raiva.

— Meus pais — grita Bradwell. — Diga-me o que foi que Willux disse sobre eles.

Ingership fecha os olhos com força.

— Mulher! — grita ele de novo.

Ela enfia as unhas no rasgo no maxilar do colante e o arranca. Um berro alto irrompe de seu peito. Ela tira a peruca, exibindo seu cabelo fino ruivo emaranhado.

O rosto é coberto de antigas cicatrizes, sim, mas também há hematomas recentes, e vergões e queimaduras. Pressia vê que ela um dia foi bonita.

— Mulher! Pegue os comprimidos! — grita Ingership, no chão ensanguentado.

— Eles são inúteis — diz Partridge.

Ingership se ergue apoiando-se em um dos ombros.

— Mulher, venha cá! Preciso de você. Estou queimando!

A esposa de Ingership se afasta até a parede. Encosta o rosto nela e acaricia suavemente o papel de parede, apenas um barco, apenas um.

Por um momento este parece o desfecho vertiginoso de tudo. Bradwell se levanta e olha para Ingership. O homem pisca e fita o vazio. Ele está morrendo.

Agora Bradwell não conseguirá nenhuma informação sobre seus pais. Ele vai até Pressia e a puxa para si. Ela encaixa a cabeça embaixo do queixo dele. Bradwell a abraça apertado.

— Achei que ela havia matado você. Achei que a tinha perdido.

Pressia ouve mais uma vez o coração de Bradwell. Parece um tambor suave.

Ele está vivo, e Ingership agora está morto; os olhos dele ficaram inertes. Ela pensa no trabalho de seu avô como agente funerário e sente que deveria fazer uma prece pelo defunto, mas não conhece nenhuma. Seu avô lhe disse que as pessoas cantavam músicas como se fossem preces nos funerais que ele supervisionava.

Disse que as músicas eram para os enlutados, para ajudá-los a superar. Ela não conhece nenhuma daquelas músicas, mas pensa na que sua mãe cantava — a canção de ninar. Há algo neste quarto decorado sem bebê que faz Pressia pensar em sua mãe, na imagem que ela viu na tela, na gravação de sua voz. E Pressia abre a boca e começa a cantar baixinho.

A voz de Pressia não surpreende Partridge. É como se ele tivesse esperado muitos anos para ouvi-la. Ela canta com tristeza, e Partridge demora um pouco para identificar a melodia. Mas então ele lembra. É uma canção que sua mãe cantava para eles à noite. Uma canção de ninar que nada tinha de canção de ninar.

Era uma história de amor. Na voz de Pressia, ele ouve a voz de sua mãe. Ela canta sobre uma porta de tela que bate, um vestido esvoaçante. Ele se lembra da noite do baile, da sensação de Lyda respirando dentro do vestido justo. Ela também deve ter sido tocada pela canção, pois pega na mão dele, a que está enrolada em gaze, parte de um dedo faltando. Partridge sabe que este não é o final da batalha, mas por um instante pode fingir que acabou. Ele se inclina para ela e pergunta:

— Seu pássaro de arame... ele chegou a ser exposto no Salão dos Fundadores?

Lyda quer perguntar o que acontecerá com eles agora. Para onde irão? Qual é o plano? Mas as palavras não querem sair. Ela só consegue pensar agora no pássaro de arame. É um pássaro solitário que balança graciosamente dentro de uma gaiola de arame.

— Não sei — responde ela. — Estou aqui agora.

Não há volta.

O nome da esposa de Ingership é Illia. Ela pensa em seu nome, em ser Illia de novo. Não é a esposa de Ingership porque ele agora está morto. Ela pensa em Mary, a garota da canção, a garota na varanda. Não vá — é o que ela gostaria de dizer à garota. O sangue de seu marido agora está em seus sapatos. Ela toca os barcos no papel de parede do quarto de bebê e se lembra do barco de seu pai, de baldeá-lo quando era pequena. Ela se sente instável, como se estivesse no barco que sacolejava. Ouve seu pai dizendo: "O céu é um machucado. Só uma tempestade pode curar."

El Capitán olha para os soldados. Imagina o que eles têm a lhe dizer. Há outros vivendo aqui, e a pele deles provavelmente está tão machucada quanto a da esposa de Ingership. Eles vivem em algum lugar da propriedade. Não devem ter muito para comer que não seja veneno. Alguns, com certeza, estão morrendo. Ele apoia as mãos no balcão sob a janela para suportar melhor o peso do irmão.

Daquele lugar, pode ver apenas parte dos restos enegrecidos e arrebatados da antiga rodovia. O cemitério do asilo ficava em algum lugar por aqui. Ele esteve lá com sua mãe durante uma tempestade certa vez. Ela ia escolher um jazigo. Ele não entrou. Ficou no portão, debaixo daquela chuva forte, e esperou por ela,

segurando a mão de Helmud porque o irmão estava com medo dos relâmpagos.

Quando voltava para casa, ela disse: “Não vou precisar de um jazigo tão cedo. Morrerei velha. Não fique triste assim.” Mas ela iria para o asilo por causa de seus pulmões. A data estava marcada, e eles não tinham certeza de quando ela voltaria.

“Você está no comando até eu voltar, El Capitán.” E ele tem cuidado de Helmud desde então. Mais do que isso, ele é Helmud. Quando El Capitán odeia Helmud, odeia a si mesmo. E quando ama seu irmão? Funciona da mesma forma? A verdade é que o peso de Helmud não apenas o deixou mais forte. Ele o manteve na Terra, como se, sem Helmud, a esta altura El Capitán já teria flutuado para fora do planeta.

Helmud sente entre os joelhos as costelas de seu irmão, o coração dele batendo na frente do seu.

— Embaixo... rugindo — diz. — No vento... suba.

O coração de El Capitán sempre chegará a qualquer lugar antes do coração de Helmud. É como Helmud passará pelo mundo — o coração de seu irmão, uma batida, e então o seu. Um coração em cima do outro. Um coração liderando. Outro seguindo. Corações gêmeos, ligados.

Bradwell se lembra da canção. Arthur Walrond, o físico bêbado, o informante de confiança de seus pais, costumava ouvi-la em seu conversível. Ele se lembra de passear com Walrond e o cão que Bradwell chamou de Art em sua homenagem, do vento soprando em seus rostos. Wabrond já se foi há muito tempo, assim como os pais de Bradwell. Mas Willux conheceu os pais dele. O que Ingership teria dito se ainda estivesse vivo? Bradwell gostaria de saber. Mas ele não pensa muito nisso porque a voz de Pressia o traz de volta ao presente. A bochecha dela está colada a seu peito, então ele sente a música na pele. A vibração delicada, o movimento da mandíbula de Pressia, os tendões finos do pescoço dela, a laringe — aquele instrumento frágil que pulsa na garganta da menina. Uma memória se formou e ficará em sua pele assim: a respiração rápida e suave, cada nota cantada, a melodia surgindo dos lábios de Pressia, os olhos dela fechados para o futuro. É um luxo pensar no futuro, e ele

não o faria se não fosse por Pressia. E se eles conseguirem combater o Domo e vencer? Ele poderia ter uma vida com ela? Não um conversível, um cão ou um quarto de bebê com barcos no papel de parede.

Mas algo além disso.

Partridge tem de sair. É demais para ele aguentar. Sua mãe está morta. Sua voz é uma canção na garganta de Pressia.

A mão de Lyda acaricia seu braço.

Ele balança a cabeça e se afasta.

— Não.

Partridge precisa ficar sozinho.

Ele sai da sala, atravessa o corredor. Há uma porta. Ele a abre e encontra uma sala de comunicações, toda iluminada, uma enorme tela azul, um console com medidores, cabos, teclado, alto-falantes.

Ouve a voz de seu pai, dando instruções.

— Sim, senhor. Sim — as pessoas respondem a ele.

— Há alguém lá, senhor — alguém diz.

— Ingership — diz seu pai. — Maldito seja! Finalmente.

— Ele está morto — diz Partridge.

O rosto de seu pai aparece na tela sobre o fundo azul, os olhos úmidos agitados, o tique suave da cabeça, suas mãos abertas no console diante dele. Uma delas está em carne viva, um tom rosado-escuro, descamando, como se tivesse sido mergulhada em água fervente. Ele parece pálido e sem fôlego. O peito está ligeiramente afundado. Assassino.

— Partridge — chama seu pai baixinho. — Partridge, acabou. Você é um de nós. Volte para casa.

Partridge balança a cabeça.

— Estamos com seu bom amigo Silas Hastings, e seu camarada Arvin Weed tem sido muito prestativo. Nunca saberíamos no que ele estava trabalhando se não lhe tivéssemos perguntado algumas coisas sobre você. Os dois gostariam de vê-lo.

— Não! — grita Partridge.

— O que aconteceu com Sedge e sua mãe no bosque foi um equívoco — sussurra seu pai com um tom de urgência. — Um

acidente. Foi imprudente. Mas estamos consertando isso agora. Tudo aquilo terminou.

E agora Partridge vê que a pele do pescoço de seu pai também está cauterizada, como se fosse apenas uma fina membrana cor-de-rosa. Sua pele está degenerando? Seria esse outro dos sinais que sua mãe teria reconhecido?

Imprudente?, pensa Partridge. Consertando? Tudo aquilo terminou?

— E eu fiz com que você e sua meia-irmã se encontrassem. Viu isso? Um presente.

Partridge mal consegue respirar. Seu pai providenciou tudo. Ele sabia o que Partridge faria. Ele o tratou como uma marionete.

— Você conseguiu o que nós precisamos aqui. Ajudará muitas pessoas. Você se saiu bem.

— Você não sabe nada?

— O quê? — pergunta seu pai — O que é?

— Este é apenas o começo.

— Partridge. Escute.

Mas Partridge sai da sala e dispara escadaria abaixo. Abre a porta da frente e, sem nenhuma razão consciente, desce correndo os degraus da varanda e sobe no teto do carro preto. Fica de pé e olha o mais longe que sua vista alcança. Ele sente que isso é um começo.

Ele se vira e olha para a casa, aquele volume amarelo enorme, com o peso do céu por trás, e então o simples agito de uma toalha de mão manchada de sangue. O vento, ele ainda o surpreende às vezes.

Quando a canção acaba, há um momento de silêncio. Quanto tempo?

Pressia não sabe. O tempo não se acumula mais. Ele flui e desaparece. Ela caminha até a janela, e Bradwell fica atrás dela, envolve sua cintura com um braço e olha para fora, por cima dela. Nenhum dos dois pode se afastar do outro agora. Embora nenhum dos dois tenha expressado em palavras esse sentimento, eles estão unidos, mais intensamente agora porque chegaram tão perto de perder um ao outro.

E a vida continua, porque é necessário. El Capitán e os soldados levantam Ingership pelos braços e o carregam para fora da sala, arrastando os sapatos dele, deixando manchas de sangue.

Lyda saiu da sala e agora volta correndo.

— Onde está Partridge? Alguém sabe aonde ele foi?

Ninguém sabe, então ela sai de novo.

A esposa de Ingership pega a cortina e a dobra os braços. Ela olha para Pressia e diz:

— Você veio me buscar.

— E você salvou a minha vida — declara Pressia.

— Eu soube desde que a vi pela primeira vez — diz a esposa de Ingership. — Às vezes encontramos alguém e sabemos que a vida será diferente a partir de então.

— É verdade — diz Pressia.

Para ela, isso aconteceu com Bradwell e com Partridge. Ela nunca mais será a mesma.

A esposa de Ingership faz um gesto com a cabeça e olha para Bradwell.

— Você me faz lembrar um garoto que conheci, mas isso foi há muito tempo.

Seu olhar passa através dele, é disperso e distante. Ela acaricia o tecido macio da cortina e sai, percorrendo o corredor.

Isso deixa Bradwell e Pressia sozinhos na sala de cirurgia.

Pressia se vira para ele. Bradwell beija os lábios dela, com ternura, e lá está o calor da pele dele, a pressão de seus lábios macios nos dela.

— É sua vez de prometer que não vai morrer — sussurra ele.

— Vou tentar — diz Pressia.

O beijo já parece um sonho. Aconteceu mesmo? Foi real?

E então ela se lembra do sino mudo. Enfia a mão no bolso e o puxa para fora. Segura-o na palma aberta e entrega para Bradwell.

— É um presente — diz ela. — Sempre achamos que vai dar tempo e depois não dá. Não é muito, mas quero dá-lo.

Ele o pega e chacoalha. Não produz som algum. Ele o coloca junto a um ouvido.

— Ouço o mar.

— Eu gostaria de ver o mar um dia — responde Pressia.

— Escute.

Ele segura o sino junto ao ouvido dela. Pressia fecha os olhos. As janelas deixam passar um pouco de luz do sol; ela sente a claridade através das pálpebras.

Ouve um marulho abafado e oco — o mar?

— Esse é o som que ele faz?

— Não, não exatamente — responde Bradwell. — O som verdadeiro do mar não cabe em um sino.

Pressia abre os olhos e vê o céu cinzento através da janela. O vento se agita com fuligem, e então ela escuta a voz de Partridge gritando o nome deles.

Há um odor forte de fumaça. Alguma coisa pegou fogo.

Epílogo

Eles ficam em um terreno não cultivado, observando a casa queimar.

Arames finos acendem como rachaduras percorrendo a fachada da casa, com um brilho intenso. Cada arame inflama o seguinte. Pressia supõe que a própria casa tinha um contador, e em algum lugar no Domo o botão dele foi apertado.

O fogo é eficiente e rápido. Ele sobe com velocidade em grandes colunas de fumaça e redemoinhos verticais de cinzas. As janelas estilhaçam. As cortinas se incendeiam como sinalizadores; até a toalha manchada de sangue que estava pendurada fora da janela logo é consumida. O calor intenso lembra Pressia de algumas descrições das Explosões. Sol em cima de sol.

Lyda segura com força a mão de Partridge, como se temesse que ele sumisse de novo. Ou é ele quem aperta a dela, na esperança de ficar onde está?

Bradwell e Pressia se apoiam um no outro, olhando para o fogo, como um casal que estava dançando e não consegue se separar, embora a música tenha acabado.

El Capitán levou o carro para longe da varanda. Ele e Helmud assistem pelo para-brisa. Os soldados ficam atrás do carro, deixando-o protegê-los do calor. O corpo de Ingership está na casa. El Capitán gritou ordens para que os soldados o deixassem lá.

— Um funeral fácil! — disse ele com um sorriso, embora Ingership nunca fosse ter um funeral.

A única pessoa que não olha a casa é a esposa de Ingership, Illia, que fica de costas e fixa seu olhar na colina distante. Pressia vê o lado do rosto dela, com cicatrizes e hematomas. O colante agora é um lenço rasgado ao redor do pescoço.

Eles deveriam partir, mas ninguém consegue se mexer. O fogo os mantém ali.

A memória de Pressia sobre este dia vai se apagar. Ela já sente os detalhes conflitando em sua mente — uma lenta perda dos fatos, da realidade.

Por fim, a casa é totalmente consumida. Está em brasas. A fachada ainda está de pé. A porta, escancarada. Pressia dá alguns passos em direção à varanda.

— Não — diz Bradwell.

Mas Pressia começa a correr. Não sabe bem o porquê, mas sente um medo arrebatador de estar deixando algo para trás, um sentimento de perda. Ela não pode salvar algo? Sobe rapidamente os degraus e entra no vestíbulo calcinado.

Vira-se para a sala de jantar. O lustre caiu do teto e atravessou a mesa. Restou um buraco acima e, embaixo dele, o lustre repousa como uma rainha caída em um trono enegrecido.

Da porta vem a voz de Bradwell:

— Pressia, não podemos ficar aqui.

Pressia estende a mão para o lustre. Toca um dos cristais, coberto de cinzas.

Tem o formato de uma lágrima e ainda está quente. Ela o retorce no lustre até soltá-lo. Isso a lembra da sensação de colher frutas de uma árvore. Ela chegou a fazer isso quando era criança? Coloca o cristal no bolso.

— Pressia — chama Bradwell baixinho. — Vamos sair daqui.

Ela vai até a cozinha, que já desabou. Entre os escombros, há algumas faíscas. Ela se vira, e Bradwell está ali. Ele a pega pelos ombros e diz:

— Temos que ir.

E então eles ouvem um estalo baixo, quase como o arranhar das garras de um rato. Veem uma pequena luz brilhando no meio dos destroços. Ouvem um zumbido e um ruído estridente. Pressia pensa no barulho da ventoinha que ficava no pescoço de seu avô. Por um instante ela deseja que ele esteja vivo e voltando para encontrá-la.

Lutando para sair da parte mais profunda dos escombros, onde o chão desmoronou para dentro do porão abaixo, surge uma pequena

caixa preta de metal com braços robóticos e diversas rodas. Ela abre caminho para cima, suas engrenagens emperradas. As luzes em cima da caixa tremulam e então escurecem.

— O que é isso? — pergunta Pressia.

— Talvez uma Caixa-Preta — responde Bradwell. — O tipo de coisa feita para sobreviver a desastres aéreos, um registro do voo e de todos os erros cometidos para que não aconteçam de novo.

As vigas do teto rangem. Bradwell dá um passo em direção à Caixa-Preta.

Ela se arrasta para trás, afastando-se dele.

Venta agora.

— Para onde ela está tentando ir? — pergunta Pressia.

— Provavelmente, tem um dispositivo de orientação com a base.

Dispositivo de orientação com a base. Ela sabe que a Caixa-Preta está tentando voltar para o Domo, mas isso a lembra de que ela não tem mais um lar.

As vigas estalam e chiam. Pressia olha para o teto.

— Vai desabar — diz ela.

Bradwell pula na direção da Caixa-Preta, agarra-a e a ergue junto ao peito.

Eles saem correndo pelos fundos da casa, pulando no mato alto para se proteger e caindo um ao lado do outro. Os dois estão sem fôlego.

A casa range; as tábuas chiam e se partem. Então as vigas cedem e, com uma lufada forte de poeira, o resto da casa, enfim, desmorona.

— Você está bem? — indaga Bradwell.

Pressia se pergunta se ele a beijará de novo. É assim que ela vai viver de agora em diante, imaginando quando ele vai se inclinar na direção dela?

— E você?

Ele concorda com a cabeça.

— Não temos escolha — diz ele. — Temos que ficar bem, certo?

Eles são sobreviventes. Isso é o que eles sabem. Ele se levanta e estende a mão. Pressia a segura e ele a ajuda a ficar de pé.

Eles veem os outros no campo na frente da casa. Está muito frio para que a respiração deles crie nuvens no ar, que mal podem ser vistos em meio à fumaça da casa.

Bradwell sustenta a Caixa-Preta junto às costelas. Ele toca gentilmente o rosto de Pressia com o dorso de seus dedos ásperos e então segura o rosto dela.

— Você supostamente só ia ficar conosco porque queria, por seus próprios motivos egoístas — diz Pressia. — Você disse que tinha um.

— E tenho.

— Qual é?

— Você é meu motivo egoísta.

— Diga que encontraremos algum tipo de lar um dia.

— Sim — responde ele. — Eu prometo.

Ela percebe que pode amar Bradwell de forma tão plena nesse momento porque sabe que o momento não vai durar. Ela se permite acreditar nessa promessa e deixa que ele a sustente. O coração dele é tão inquieto quanto os pássaros em suas costas, e Pressia imagina como a fuligem cobrirá a terra de novo com uma nova camada, uma neve negra, uma bênção de cinzas.

E então há mais movimento debaixo dos escombros da casa, no lugar onde ela desabou para dentro do porão. Outra Caixa-Preta surge, rangendo suas engrenagens, e começa a abrir caminho por entre os destroços com braços articulados finos. E então a madeira incinerada começa a tremer, e, uma a uma, Caixas-Pretas emergem das cinzas.

Créditos



<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=122800260>

Este livro é uma digitalização feita de leitor para leitor.
Não possui fins lucrativos.

Prestigie o autor comprando o livro ;)